UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

O SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS URUGUAIO
DA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL - URUGUAI

Silvia Etel Gutiérrez Bottaro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Neide T. Maia González

São Paulo

2009

***Un homenaje a todas las madres
que por ser madres
se abandonan
a la vida
a la ciencia
al amor...***

A mis padres

A mi hermana Chiqui

A mi hijita, mi cielo, mi sol

A mi compañero de vida

A G R A D E C I M E N T O S

Em especial à minha querida orientadora Neide Maia González, por ter me acolhido sob sua orientação nestes dez anos de pesquisa, pela sua dedicação, paciência, disponibilidade, pelos seus comentários e sugestões e, sobretudo, pela sua compreensão e confiança a mim dispensados.

À Profa. Mirta Groppi, pelas valiosas sugestões e críticas que ajudaram a construir a minha dissertação e agora a minha tese.

Às Profas Marli Quadros Leite, Regina Helena P. de Britto e Rosa Yokota, membros titulares da Banca Examinadora, muito obrigada pela colaboração neste processo.

À minha querida irmã Chiqui e sobrinha Maitecita, pela força e grande ajuda, e, sobretudo pelo seu amor e carinho.

A Regininha, querida colega e amiga, por seu apoio e incentivo constante, e pelos valiosíssimos comentários e sugestões finais.

À minha querida amiga e colega Cris, pela força de sempre e preocupação para comigo, meu trabalho e minha filha, até o último momento.

A Luiza, minha querida amiga, sempre presente desde o começo de tudo, pela sua amizade e força.

À Ana e Marina, pela amizade e carinho e por terem acolhido em muitos momentos a minha filha Aninha para que eu pudesse continuar.

A meus queridos pais, Héctor e Ema, pelo seu eterno amor, apoio e compreensão para comigo e, sobretudo, pelos ensinamentos de garra e luta.

A meus dois grandes amores, minha Anita que nasceu e cresceu junto com esta tese, e meu Paulo querido, por acreditar sempre em mim e pela sua ajuda incondicional a toda hora e em todo momento.

RESUMO

Na presente pesquisa estudamos o comportamento do sujeito pronominal no português uruguaio (PU) falado na região de fronteira entre Brasil e Uruguai (Santana do Livramento–Rivera). Associando alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), mais especificamente o Parâmetro do Sujeito Nulo (*pro-drop*), e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), analisamos uma amostra de língua oral composta de falas de 37 informantes, investigando as seguintes questões: (1) no português uruguaio teríamos uma mudança linguística em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo, de modo que ele venha a se tornar um sujeito pronominal pleno?; (2) quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessa produção e em que direção vai essa tendência, português brasileiro (PB) ou espanhol (E)? A análise dos fatores sociais e linguísticos selecionados permitiu observar que o PU também passa por um processo de mudança paramétrica, ainda que mais lenta, devido ao fato de estar submetido à pressão simultânea de duas línguas, e se apresenta como uma língua em que, em alguns contextos, a realização do sujeito pronominal é plena e, em outros, ainda conserva as características das línguas *pro-drop*. Confirma-se, ainda, que essa disputa não está terminada, embora haja indícios nos dados da geração mais nova de que as regras do espanhol vêm ganhando alguma força, talvez pela pressão da escola e dos meios de comunicação. Tudo indica, então, que a base do PU é o PB, porém algumas características do E estão presentes nesse aspecto da gramática. A análise realizada confirma a maior parte das hipóteses iniciais e dá indícios de que o PU e o PB poderiam configurar-se como duas línguas distintas, da mesma forma que o PB e o PE, como aponta Galves (1998), isto é, tudo parece indicar que, mesmo quando os enunciados superficialmente se parecem, a língua interna (Língua-I) seria diferente e os enunciados dos falantes teriam estatutos diferentes, algo que, no entanto, será necessário demonstrar com um outro modelo de coleta de dados, de natureza mais introspectiva.

Palavras-chave: sujeito pronominal, (parâmetro do) sujeito nulo (*pro-drop*), gramática gerativa, sociolinguística variacionista

ABSTRACT

In this research we study the behavior of the pronominal subject in the Uruguayan Portuguese language (PU) spoken in the border region between Brazil and Uruguay (Santana do Livramento-Rivera). Associating some assumptions from the Theory of Principles and Parameters (CHOMSKY, 1981), specifically the Null Subject Parameter (*pro-drop*), and from the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV and HERZOG, 1968), we analyze a sample of spoken language consisting of 37 informants, in order to investigate the following questions: (1) would we have in the Uruguayan Portuguese language a language change in progress with regard to the Null Subject Parameter, so that it will become a full pronominal subject? (2) what are the linguistic factors and social conditions of production and in which direction will this trend, Brazilian Portuguese (BP) or Spanish (E)? The analysis of social factors and selected language programs suggests that the PU is also undergoing a process of parametric change, albeit slower, due to the fact of being subjected to the pressure of two languages simultaneously, and is presented as a language that, in some contexts, the performance of the pronominal subject is full, and in others it still retains the characteristics of *pro-drop* languages. It is also confirmed that this dispute is not over, although there are indications in the data of the younger generation that the rules of Spanish are gaining some strength, maybe due to the pressure of school and the media. The analysis confirms most of our initial hypothesis and provides evidence that the PU and CP could be framed as two distinct languages, in the same way as the PB and PE, as appointed by GALVES (1998), that is, everything seems to indicate that, even when the statements superficially resemble, the internal language (Language I) would be different and the production of the speakers would have different statutes, something which, however, would just be demonstrated by means of another more introspective model of data collection.

Key-words: subject pronouns, Null subject parameter (*pro-drop*), generative grammar, variational sociolinguistics.

RESUMEN

En este trabajo se estudia el comportamiento del sujeto pronominal en el portugués uruguayo (PU), hablado en la región fronteriza entre Brasil y Uruguay (Santana do Livramento – Rivera). Asociando algunos presupuestos de la Teoría de Principios y Parámetros (Chomsky, 1981) y de la Sociolingüística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), analizamos una muestra de lengua oral compuesta por 37 informantes, investigando lo siguiente: (1) en el portugués uruguayo hay también un cambio lingüístico en curso en lo que se refiere al Parámetro del Sujeto Nulo, de manera tal que venga a tornarse un sujeto pronominal pleno? (2), cuáles son los factores lingüísticos y sociales condicionantes de esa producción y en qué dirección va esa tendencia: portugués brasileño (PB) o español (E)? El análisis de los factores sociales y lingüísticos seleccionados nos permitió observar que el PU también está pasando por un proceso de cambio paramétrico, aunque más lento por el hecho de que está sometido a la presión simultánea de dos lenguas, y se presenta como una lengua en la que, en algunos contextos, la realización del sujeto pronominal es plena y, en otros, conserva aún las características de las lenguas *pro-drop*. Se confirma, aún, que esta disputa no está terminada, aunque los datos de la generación joven sugieren que las reglas del español se están fortaleciendo, quizás por la presión que reciben los niños en la escuela o por el aumento de los medios de comunicación en la región en los últimos años. Todo parece indicar, que la base del PU es el PB, sin embargo, algunas características del E están presentes en ese aspecto gramatical. El análisis realizado confirma la mayor parte de las hipótesis iniciales y sugiere que PU y PB podrían configurarse como dos lenguas diferentes, de la misma manera que el PB y el PE, de acuerdo con Galves (1998), es decir, todo parece indicar que, aun cuando los enunciados superficialmente se parezcan, la lengua interna (Lengua –I) sería diferente, y los enunciados de los hablantes tendrían estatutos diferentes, algo que, deberá demostrarse con otro modelo de recolección de datos, de naturaleza más introspectiva.

Palabras –claves: sujeto pronominal, (parámetro del) sujeto nulo (*pro-drop*), gramática generativa, sociolingüística variacionista.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
1. OBJETIVOS	16
2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
2.1. Os dados coletados	20
2.1.1. A transcrição das entrevistas	21
2.2. A seleção dos dados para análise	22
2.3. Grupos de fatores considerados para a análise dos dados linguísticos e extralinguísticos	22
2.3.1. Fatores linguísticos	22
2.3.2. Fatores extralinguísticos	26

CAPÍTULO I

O Continuo sócio-histórico e linguístico da fronteira

Brasil – Uruguai	29
1. Panorama Sócio-Histórico	29
1.2. Caracterização sociolinguística da região fronteiriça	31

CAPÍTULO II

O continuo lingüístico: mescla, DPU, interlíngua, entreberado, portunhol, brasileiro ou português uruguaio?	33
2. Primeiras incursões no tema: afinal, o que é essa mescla linguística?	33
2.1. O nosso percurso atual no tema: o contínuo linguístico a luz do psicológico e social e a representação do sujeito pronominal no português uruguaio	38
2.1.2. Língua e dialeto	39

CAPÍTULO III

Entrelaçando o social ao psicológico	45
3. Variação e mudança linguística	45
3.1. O programa de investigação da Gramática Gerativa	47
3.1.1. A Gramática Universal	52
3.2. A teoria de Princípios e Parâmetros (TPP)	52
3.3. O Parâmetro do Sujeito nulo no Português Brasileiro	55
3.4. O Parâmetro do Sujeito Nulo no Espanhol	58

CAPÍTULO IV

Análise lingüística dos pronomes sujeito no português

uruguaio	63
4. Os fatores lingüísticos e extralingüísticos	64
4.1. A pessoa gramatical	64
4.2. O modo e o tempo verbais	85
4.3. O sujeito nulo e pleno e as desinências verbais	90
4.3.1. As desinências de morfema zero	92
4.3.2. As desinências distintivas	94
4.4. Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP)	95
4.5. A estrutura do sintagma complementizador (CP)	97
4.6. Presença de elementos entre o verbo e o especificador do sintagma flexional	100
4.7. O sujeito de traço semântico [+/- animado]	103
4.8. As condições de referência	105
4.9. Sujeitos deslocados à esquerda	108
5. Sujeitos de referência indeterminada	109
6. Discussão dos resultados	112
6.1. Os fatores extralingüísticos x os fatores lingüísticos	115
7. Respostas às questões propostas	119
Considerações finais	127

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
-----------------------------------	-----

ANEXOS	135
1. Anexo 1: Mapa da Fronteira Brasil – Uruguai	135
2. Anexo 2: Transcrição das entrevistas	136
3. Anexo 3: Normas para Transcrição (NURC/SP)	217

ÍNDICE DE QUADROS

1. Quadro 1: Grupos de informantes da cidade de Rivera	20
2. Quadro 2: Paradigmas Pronominais e Flexionais do PB	55
3. Quadro 3: Paradigma verbal e flexional do Espanhol	58
4. Quadro 4: Paradigma Pronominal e Flexional do PU	91

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

1. Tabela 1: Pronomes sujeito plenos e nulos	64
2. Gráfico 1: Frequência de pronomes sujeito pleno	65
3. Tabela 2: Sujeito pleno e nulo <i>Eu</i> segundo o grupo idade	68
4. Gráfico 2: Sujeitos nulos e plenos segundo o grupo idade	69
5. Gráfico 2.1: Sujeito <i>Eu</i> segundo grupo idade	69
6. Tabela 2.1: Sujeito <i>Eu</i> segundo o grupo sexo	70
7. Gráfico 2.2 - Sujeito <i>Eu</i> segundo grupo sexo	71
8. Tabela 3. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo idade	73
9. Tabela 3.1. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo sexo	74
10. Gráfico 3. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo	75
11. Gráfico 3.1. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo	75
12. Tabela 4. - Sujeito pleno e nulo de 2ª pessoa singular segundo o grupo idade	77
13. Gráfico 4.1.- 3ª pessoa singular segundo grupo sexo	78
14. Gráfico 5.- Frequência de uso 1ª pessoa plural	80
15. Tabela 5. - Sujeito pleno e nulo de 1ª pessoa plural segundo o fator idade	81
16. Gráfico 5.1. - 1ª pessoa plural segundo fator idade	81

17. Gráfico 5.2. - 1ª pessoa plural segundo fator sexo	82
18. Tabela 6. – A expressão <i>A gente</i> segundo o fator idade	82
19. Tabela 7. – O presente e o pretérito do MI segundo o fator idade	85
20. Gráfico 7.1. – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI	87
21. Tabela 7.2. – O presente e pretérito do MI segundo o fator idade	88
22. Tabela 7.3. – O presente e pretérito do MI segundo o fator sexo	89
23. Tabela 7.4. – O presente e pretérito do MS segundo o fator sexo	89
24. Tabela 8. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero segundo o fator idade	93
25. Tabela 8.1. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero 1ª pessoa plural segundo o fator idade	93
26. Tabela 8.2. – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais segundo o fator idade	94
27. Tabela 9. – O sujeito nulo e pleno e elementos adjuntos (IP) segundo o fator idade	95
28. Tabela 9.1 – O sujeito nulo e pleno e elementos adj. (IP) segundo o fator sexo	96
29. Tabela 10. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator idade	98
30. Tabela 10.1. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator segundo o fator sexo	99
31. Tabela 11. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator idade	101
32. Tabela 11.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator sexo	102
33. Tabela 12. – Os sujeitos indeterminados segundo o fator idade	110
34. Tabela 12.1 – Os sujeitos indeterminados segundo o fator sexo	111
35. Gráfico 12.2 – Frequência de uso do sujeito indeterminado segundo o fator idade	111
36. Tabela 13. Índice de porcentagens e cálculo da DP.....	112

INTRODUÇÃO

O contínuo linguístico observado na região fronteira entre Brasil e Uruguai, como resultado da situação de contato entre o português brasileiro (doravante PB) e o espanhol (doravante E), deu lugar a fenômenos linguísticos que afetam as duas línguas em todos os níveis. Entre os fenômenos que derivaram dessa situação de contato, podemos citar: o bilinguismo, a diglossia, o *code switching* e, sobretudo, a formação de uma variedade híbrida, conhecida popularmente como “brasileiro”, “portunhol”, “entreberado”, “rompidiomas” ou, como é denominada cientificamente, “dialetos portugueses do Uruguai” (DPU) ou “português uruguaio” (PU). Em Gutiérrez Bottaro (2002), na análise dos aspectos gramaticais observamos que o PU apresenta o fenômeno da mescla linguística, devido à variabilidade fonético-fonológica e morfossintática como consequência do contato do PB e E. Atribuímos esta variabilidade presente no PU a diversos fatores, entre eles à situação político-social dessa variedade na comunidade e à base portuguesa que também apresenta variabilidade.

No presente trabalho, procuramos dar continuidade ao nosso estudo da mescla linguística observada no PU falado, especificamente, na cidade de Rivera (Uruguai), fronteira com a cidade de Santana do Livramento (Brasil). Dado que a variabilidade linguística se deve ao uso alternado de parâmetros de duas línguas, nosso estudo nos levou a procurar uma linha de pesquisa mentalista para entender melhor a alternância de parâmetros do PB e do E produzida pelos falantes do PU. Na análise morfossintática que realizamos em estudo anterior, podemos constatar que os falantes do PU alternam mais as formas pronominais, o que nos levou a investigar, à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), as propriedades linguísticas que elas apresentam em posição de sujeito no PU.

Como se sabe, o PB está com uma mudança paramétrica em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito nulo, uma vez que apresenta cada vez mais sujeitos preenchidos em contextos nos quais a ausência de pronomes é obrigatória nas línguas de sujeito nulo prototípicas (como o português europeu, italiano e o espanhol). Partindo de que a base linguística do PU é o PB, nos

perguntamos se o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB e investigamos se no PU há também uma mudança linguística em curso quanto à realização do Parâmetro do Sujeito.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos um panorama sócio-histórico do contínuo linguístico da fronteira Brasil-Uruguai, para entender as causas sociais e políticas que propiciam e favorecem a variabilidade de paradigmas no PU. Nesse mesmo capítulo, descrevemos brevemente a situação linguística atual e o que apontam as pesquisas linguísticas e sociolinguísticas ali realizadas.

No capítulo 2, descrevemos as nossas primeiras incursões no tema, na qual apresentamos uma síntese da nossa investigação a respeito do fenômeno da mescla linguística presente na região. Também nesse capítulo, descrevemos o nosso percurso atual na investigação e adentramos na questão de como classificar a variedade falada na fronteira: trata-se de uma língua ou de um dialeto? Para responder a esta questão, fizemos um levantamento do que apontam diversos autores¹ e concluímos, conforme Carvalho (2003), que a distinção realizada pela maioria dos autores é mais social do que linguística. A partir dessa autora, passamos a classificar o português falado na região como português uruguaio.

No capítulo 3, procuramos entrelaçar o social ao psicológico, descrevendo primeiramente os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOR e HERZOG, 1968), e os conceitos de variação e mudança linguística para, depois, apresentar o programa de investigação da Gramática Gerativa, a Gramática Universal e o quadro teórico dos Princípios e Parâmetros. Em seguida, procuramos verificar como se realiza o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e no E.

No capítulo 4, partimos para a análise linguística da nossa amostra, procurando observar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU. Baseados na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), analisamos o preenchimento e não preenchimento dos pronomes sujeito, determinando quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessas realizações. Na análise quantitativa, utilizamos o programa

¹ Raposo (1984), Alvar (1961), Moreno Fernández (1997), Tarallo & Alkmin (1987) e Dubois et alli (1978).

estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 15* (SPSS®), para calcular as porcentagens e média de uso. Para saber se algum dos fatores extralinguísticos selecionados (idade e sexo) estaria favorecendo a regra do preenchimento ou apagamento do sujeito, aplicamos o Teste ANOVA.

1. OBJETIVOS

Na presente pesquisa, pretendemos dar continuidade ao estudo do português uruguaio, especificamente a variedade falada na cidade de Rivera (Uruguai), que faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento, propondo-nos os seguintes objetivos:

1.1. Objetivo geral

1.1.1. investigar como um dos modelos da Gramática Gerativa, a Teoria de Princípios e Parâmetros, pode explicar a variabilidade de parâmetros presentes na gramática do português uruguaio (daqui em diante PU).

1.2. Objetivos específicos

1.2.1. À luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, investigar que propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU.

1.2.2. Associando alguns pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), investigar se no português uruguaio está havendo também uma mudança linguística em curso no que se refere ao Parâmetro do Sujeito Nulo, de modo a que ele venha a se tornar um sujeito pronominal preenchido.

1.2.3. Analisar, na amostra de língua oral que coletamos, composta de entrevistas feitas pela pesquisadora a 37 informantes, o preenchimento e não preenchimento do sujeito e, assim, determinar quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessa produção e em que direção vai essa tendência (PB ou E).

1.3. Perguntas e Hipótese da Pesquisa

Assumindo aqui que o E é uma língua de sujeito nulo prototípica e o PB uma língua de sujeito nulo parcial (apresenta sujeitos nulos em contextos específicos)², perguntamo-nos:

1. Que tipos de sujeitos apresentam os falantes do PU?
2. Qual dos dois parâmetros está mais presente no PU? Ou haveria nesse português um outro tipo de marcação paramétrica?
3. Partindo de que a base linguística do PU é o PB, e com o resultado da análise dos fatores linguísticos e sociais de que já dispomos, é possível dizer que o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB (conforme atestam estudos aos quais faremos referência mais adiante)?
4. Será que os uruguaios falantes do PU e os brasileiros falam duas línguas distintas?

A nossa hipótese fundamental é de que, mesmo que o PB e o PU apresentem estruturas linguísticas semelhantes, trata-se de duas línguas distintas, pois possuem gramáticas diferentes. Nesse sentido, defendemos que, se o PU parametriza de maneira diferente o sujeito nulo, pode ser considerado como outra língua, distinta das duas línguas (com suas variedades) que lhe deram origem: PB e E.

Galves (1998) defende a tese de que o PB e o PE são línguas diferentes a partir da distinção realizada por Chomsky (1985) de Língua-Externa (Língua-E) e Língua-Interna (Língua-I). Para Chomsky (1985, apud GALVES, 1998:80) a Língua-E é “a totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade de fala”. A Língua-I é “o saber que as pessoas têm da língua, que lhes permite não só falar e entender essa língua”. Para a autora, o que diferencia uma língua de outra seria justamente a língua interna. A autora define a gramática de uma língua como “o estado do saber lingüístico dos falantes que têm essa língua como

² No capítulo teórico deste trabalho definiremos o Parâmetro de Sujeito Nulo e apresentaremos com detalhes as características de uma língua de sujeito nulo prototípica e de uma língua de sujeito nulo parcial.

materna”. O saber linguístico dos falantes é a parametrização da faculdade da linguagem, ou da gramática universal (GU). Assim, segundo Galves, **para que duas línguas internas sejam consideradas distintas**³, na sua parametrização deve haver **pelo menos um parâmetro fixado de maneira diferente**⁴; basta que possuam duas ordens de coerência distintas e que não possam ser produzidas por um mesmo conhecimento linguístico (GALVES, 1998:91).

No caso do PU, conforme constatamos em Gutiérrez Bottaro (2002), os índices de sujeitos preenchidos na 1ª pessoa são altos, próximos aos encontrados no PB. Entretanto, acreditamos que possui uma gramática interna diferente do PB. Como os falantes dos PU são bilíngues e possuem como segunda língua o espanhol, acreditamos que muitos aspectos do parâmetro do sujeito nulo que vêm mudando no PB ainda resistem no PU pelo contato com o espanhol, língua de sujeito nulo prototípica.

³ Grifo nosso.

⁴ Grifo nosso.

2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para cumprir com os objetivos propostos neste estudo, seguimos as seguintes etapas:

1. Revisão bibliográfica dos estudos de aquisição da linguagem à luz do Gerativismo, contemplando a Teoria de Princípios e Parâmetros, e a Sociolinguística Variacionista.
2. Análise quantitativa dos dados coletados, codificados segundo variáveis linguísticas e sociais e submetidos ao pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, SPSS, versão 15.0 para Windows.
3. Análise da diferenças percentuais (DP) para observar o índice de variabilidade quanto ao emprego das formas plenas e nulas junto aos fatores linguísticos analisados. Com esta técnica calculamos a diferença percentual (DP) de emprego de sujeitos nulos e plenos com um mesmo fator lingüístico. Quanto **menor for a diferença percentual (DP), maior será a variabilidade**; e quanto **maior for a DP, menor será a variabilidade**. Por exemplo: registramos 52% de uso de pronomes sujeito plenos e 47% de pronomes sujeito nulo, a diferença percentual será de 6 % ($DP = 53 - 47 = 6\%$). O fator linguístico pessoa gramatical no PU apresentou uma diferença percentual 6% no emprego das formas plenas e nulas. Este índice está mostrando que há uma grande variabilidade no emprego de todas as pessoas gramaticais do paradigma PU (ELIZAINCÍN, BEHARES E BARRIOS, 1987).
4. Análise linguística qualitativa dos sujeitos nulos e plenos que aparecem na amostra de que dispomos.

2.1. Os dados coletados

Contamos com um *corpus* do PU coletado e transcrito, previamente utilizado na nossa pesquisa de Mestrado, a respeito da qual falaremos um pouco mais adiante, de modo a deixar claro de que forma chegamos a formular este trabalho. A amostra do PU, coletada na cidade uruguaia de Rivera, está composta por entrevistas feitas pela pesquisadora com 37 informantes, de ambos os sexos, que foram selecionados segundo três grupos de idade: (A) menos de 25 anos; (B) de 26 a 50 anos; e (C) de 51 anos em diante.

Essa amostra foi coletada por meio de gravações da fala de cada informante durante 15 a 20 minutos, durante os quais a pesquisadora tratou de criar situações que promovessem a narrativa de experiências pessoais e estimulassem ações intergrupais. Para tanto, nos valem de dois questionários: o primeiro para obter os dados pessoais do informante (sua história) e o segundo para fins de conversação e obtenção de informações sobre o uso do “portuñol” e sobre atitudes que o informante tem em relação à língua que fala (no caso dos informantes de Rivera).

A seguir, apresentamos o quadro com o número de informantes da nossa amostra:

Quadro de Informantes da cidade de Rivera

<u>Grupo A</u> (até 25 anos)	<u>Grupo B</u> (26 a 50 anos)	<u>Grupo C</u> (de 51 anos em diante)
6 mulheres 7 homens	6 mulheres 7 homens	7 mulheres 5 homens
(NSE* D e C)	(NSE* D e C)	(NSE* D ,C e B)
Total informantes: 13 GA	Total informantes: 13 GB	Total informantes: 11 GC

2.1.1. A transcrição das entrevistas

Como o PU falado na região não tem um sistema de escrita, a transcrição dos dados foi realizada, em Gutiérrez Bottaro (2002), conforme os estudos já realizados na área por Elizaincín, Behares e Barrios (1987). Transcrevemos em uma grafia aproximada à fonética do PU e marcamos foneticamente somente aqueles sons que resultam da interferência fônica do português ou espanhol ou da articulação específica dos PU:

1. As vogais foram transcritas normalmente, somente transcreveu-se a alternância **o~u** e **e~i**.
2. A consoante **b** alterna com o **v** muitas vezes.
3. O **t** e o **d** palatizados foram transcritos respectivamente: **[tʃi]** **[dʃi]**.
4. As sibilantes foram transcritas somente com **[s]** (surdo ou sonoro, respectivamente). Não se transcreveu com **c** e com **z**. Por causa do fenômeno da variabilidade que apresenta o PU, o **s** pode alternar também com o som de **x**; neste caso, transcrevemos o **s** com **[š]** que é o signo fonético que representa este som (p. ex.: quase = qua**še**).
5. As consoantes pré-palatais fricativas do português **x**, **ch** são transcritas com **š** (p. ex.: deixar = dei**š**ar, fechar = fe**š**ar) e as consoantes **j** e **g** do português e o **ll** e o **y** do espanhol foram transcritos com **[ž]**. Não aparecem o **ll** nem o **y** do espanhol, pois, como se sabe, na região do Rio da Prata (Uruguai e algumas regiões da Argentina) esses fonemas são pronunciados como **[ž]** palatal fricativa sonora.
6. Os sons palatais **[l]** e **[n]** são transcritos como **lh** e **nh**, respectivamente. Por causa do fenômeno da variabilidade, **[l]** pode também alternar com **[x]**, e **[n]** com **[ng]**.
7. A consoante **r** vibrante múltipla transcrevemos como **[r]**.

Cabe ressaltar que, como as entrevistas que realizamos se dão em nível de conversação, optamos também por seguir as normas de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC/SP). (Ver anexo 3).

2.2. A seleção dos dados para análise

Como o nosso principal objetivo é investigar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU, foram selecionados e computados todos os tipos de sujeito de referência definida que aparecem na amostra. Para saber se o PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB, optamos por analisar alguns dos fatores linguísticos que, conforme aponta Duarte (1995, 2003), estariam condicionando o emprego de sujeito pleno no PB. Para conhecer todas as propriedades deste parâmetro no PU, incluímos também os casos de sujeito nulo considerado categórico no PB, como o utilizado em expressões fixas (*sei lá*), nas respostas afirmativas, casos de pronome lexical categórico modificado por um numeral ou quantificador, os sujeitos nulos com verbos epistêmicos ((*eu*) acho), os usos contrastivos e enfáticos e também as ocorrências de sujeito nulo nas orações coordenadas não iniciais com sujeitos correferentes (cf. DUARTE, 1995). Cabe ressaltar que, como no PB as pesquisas têm observado uma tendência na realização dos sujeitos indeterminados com formas pronominais, optamos por verificar se este emprego está ocorrendo também no PU

2.3. Grupo de fatores considerados para a análise dos dados: linguísticos e extralinguísticos

2.3.1. Fatores linguísticos

Dentre os fatores linguísticos, selecionamos para a análise uma **variável dependente** que será cruzada com **nove variáveis independentes** detalhadas a seguir:

A) Variável dependente: analisamos a **presença e ausência** do pronome sujeito, ou seja, a quantidade de pronomes de referência definida ou indeterminada, nulos ou plenos.

B) Variáveis independentes: as ocorrências de pronomes plenos ou nulos serão cruzadas com os seguintes fatores linguísticos:

1) A pessoa gramatical

Neste este, procuramos observar quais pessoas gramaticais apresentam mais sujeitos nulos ou plenos. No quadro abaixo apresentamos alguns exemplos:

Pronomes sujeito no paradigma do PU

EU - eu falava assim **como eu falo** / sempre cv falei en brasileiro né?

TU - tu no não vai perdé de entrá / fala entreberado porque cv estás hablando em espanhol

ELE/A - ele me contó isso
mas cv (ele) me retaba
ah cv me extraña horrible ela šega y se me pega

NÓS - y nós não podemo opiná
nós falamos porque... ža cv estamos acostumbrados
cv falemo en português nós falamos porque... ža cv estamos acostumbrados

ELES/AS - claro porque pasa que cv (eles) se criaron... entonse / eles falam
perfeitamente espanhol
cv (eles) vão na escola y é espanhol/ ah não... eles falava u dialeto

2) O Modo e o Tempo Verbais

O modo e o tempo do PU foram observados a fim de ver se esses fatores são determinantes quanto ao uso do sujeito nulo ou preenchido. Duarte (2003:09) observou no PB que “o presente do indicativo favorece o preenchimento do sujeito”. Este fato, segundo a autora, sugere que “formas verbais com flexões menos salientes constituem um contexto favorável à implementação do uso do sujeito preenchido”.

3) O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais

No paradigma verbal (tempo e modo), procuramos observar a quantidade de morfemas distintivos e verificamos se o paradigma do PU apresenta um número de oposições reduzido conforme o PB ou um sistema flexional rico como o E.

4) Presença/ausência de elementos antes do sujeito pronominal

A presença de elementos antes do sujeito pronominal, como o sintagma complementizador (pronomes relativos e interrogativos) e conjunções subordinativas, favorecem, no PB, o preenchimento do sujeito (cf. DUARTE, 2003). Neste estudo, estamos verificando se também no PU a presença de pronomes relativos e interrogativos e conjunções antes do sujeito favorece o aparecimento do sujeito pronominal.

5) Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional

No PB, a presença de elementos adjuntos ao sujeito (topicalizações e adjuntos adverbiais) favorece o preenchimento do sujeito, enquanto a ausência de elementos favorece a presença de sujeito nulo (DUARTE, 2003).

6) Condições de referencia: referente sintaticamente acessível ou não acessível

Um referente sintaticamente acessível (em função de sujeito) favorece o sujeito nulo, enquanto um referente não acessível favorece o preenchimento. A respeito da expressão do sujeito no espanhol, Luján (1999), afirma que um antecedente distante ou em outra função ocasiona o aparecimento do sujeito pronominal e a manutenção da função favorece o uso do sujeito nulo. No PB também podemos observar este mesmo condicionamento (DUARTE, 2003).

7) O traço semântico do sujeito [+/-animado]

Os estudos do português, tanto do PE quanto do PB, têm mostrado um maior percentual de preenchimento dos sujeitos animados. O mesmo acontece com E, língua de sujeito nulo prototípica. Nesse sentido, observamos se no PU se valem de pronomes plenos com o traço [+/-animado] e se quando empregam o pronome pleno com traço [-animado] o fazem conforme o E ou PB.

8) Sujeitos deslocados à esquerda

A mudança de parâmetro no PB tem trazido algumas conseqüências para outras áreas e, nesse sentido, este tipo de construção seria uma mostra clara de encaixamento lingüístico da mudança em curso. Os sujeitos deslocados à esquerda também são construções típicas do PB e ocorrem sem restrições (DUARTE, 2003). Em línguas de sujeito nulo, esta construção não é possível de ser encontrada. Neste caso, o PB assemelha-se ao francês, língua de sujeito pleno, na qual também é frequente o emprego desta estrutura (PONTES, 1987, BRAGA e MOLICA 1985, 1986, DUARTE, 1987, DUARTE, 2003). Na nossa amostra procuramos observar se o PU produz também este tipo de construções dado que conforme Duarte, 2003 “são exclusivas das línguas não *pro-drop*”.

9) Sujeitos de referência indeterminada

O PB tem apresentado a realização de sujeitos de referencia indeterminada com formas pronominais nominativas, “você”, “a gente”, “eles,” em detrimento do uso de “se” e o baixo emprego das formas “tu” e “nós” (DUARTE, 1995, 2000, 2003). Em relação ao PU, as formas mais usadas são a forma “um” ou “um”, que provêm do espanhol *uno*; ainda se valem muito da forma *se* (índice de indeterminação do sujeito), conforme o paradigma do E, e da forma “a gente” conforme o P.

2.3.2. Fatores Extralinguísticos

As variáveis extralinguísticas, sobretudo as sociais, são capazes de determinar a variação até onde o permite o sistema da língua. As variáveis sociais que exercem uma maior influência sobre a variação lingüística são o sexo, a idade, o nível de escolaridade, o nível sócio-cultural e a etnia. (MORENO FERNANDEZ, 1997)

Para observar o comportamento linguístico dos falantes do PU em relação ao parâmetro do sujeito nulo escolhemos dois fatores sociais como possíveis condicionadores: o sexo e a idade. Com a variável sexo, segundo a sociolinguística, podemos observar o comportamento dos homens e mulheres em relação a uma mudança lingüística. As mulheres, geralmente, são mais sensíveis às normas de prestígio do que os homens. Entretanto, quando se trata de adotar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres têm uma atitude mais conservadora e os homens passam a liderar o processo de mudança. (PAIVA, 2003:36)

López Morales (1992, APUD MORENO FERNÁNDEZ, 1997:37) propôs um princípio geral para interpretar a diferença entre a fala dos homens e das mulheres: “en una estratificación sociolingüística estable, los hombres usan formas que no son estándares con mayor frecuencia que las mujeres, siempre que la variación se produzca en un nivel de consciencia dentro de la comunidad de habla.”

As mulheres tendem a seguir os modelos de prestígio mais do que os homens pela falta de um lugar de destaque na sociedade o que faz com que as mulheres tenham que marcar seu status social através de uma conduta específica; outra razão que alegam os autores é que a educação costuma fazer com que as mulheres desempenhem uma função social seguindo as normas de conduta aceitas pela sociedade (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, APUD MORENO FERNÁNDEZ, 1997: 38).

A variável sexo correlacionada com outros fatores extralinguísticos ajudam a elucidar muitas questões a respeito da mudança linguística. Assim, Kemp (1979 APUD PAIVA, 2003:39), no seu estudo sobre a variação no francês de Montreal, correlaciona o fator sexo com a idade e afirma que os homens e mulheres mais jovens possuem um comportamento lingüístico semelhante, enquanto que os homens e mulheres de mais idade tendem a apresentar mais diferenças entre

eles. Oliveira e Silva & Paiva (1996, APUD PAIVA: 2003) ao correlacionar o fator sexo com a variável mercado ocupacional observaram que este fator atua mais nos homens do que nas mulheres, uma vez que na faixa etária de 15 a 25 anos, os homens apresentam um processo de ajuste sócio-dialetal mais evidente. A variável mídia (a televisão, sobretudo) influencia de maneira mais notável as mulheres (na faixa etária acima de 50 anos) do que os homens. Contudo, conforme afirma Paiva (2003:40) todas essas diferenças entre homens e mulheres devem ser relativizada em função de cada grupo social considerado. Para realizar uma análise da variável sexo, devemos levar em conta também “a dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala”.

A variável idade é o fator social que melhor pode determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. A idade, conforme o tempo vai passando, vai determinando e mudando a personalidade, os hábitos sociais das pessoas, inclusive os comunicativos e os linguísticos. Nesse sentido é possível distinguir na vida linguística de uma pessoa diferentes etapas (MORENO FERNÁNDEZ,1997).

Para o nosso estudo é importante a explicação realizada por Labov (1966, apud MORENO FERNÁNDEZ,1997:43) a respeito de como ocorre a aquisição das “normas da fala” da comunidade. Assim, conforme o autor, a primeira experiência lingüística das crianças, entre os 2 e 3 anos é o exemplo dos pais. Depois, entre os 4 e 13 anos, o modelo de fala passa a ser regulado pelo grupo de pré-adolescentes a que pertence a criança. É neste período que os padrões automáticos de produção lingüística são fixados. Na adolescência, o falante começa a adquirir um conjunto de normas de avaliação até que aos 17 ou 18 anos é consciente de seu próprio modo de falar e dos demais, assim como também os usos de mais prestígio. A aquisição das formas de mais prestígio é tardia, sobretudo nos grupos sociais com baixa escolaridade, e nesse sentido que é possível encontrar falantes de 30 ou 40 anos que ainda procuram reorientar o seu estilo e norma de prestígio e aproximá-los modelo padrão.

Conforme Naro (2003) as pessoas de maior idade são as que costumam preservar as formas mais antigas. Segundo este mesmo autor, em toda língua coexistem “formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo”. (p.43)

Com a variável idade, procuramos observar se realmente está havendo um **processo de mudança** nos falantes do PU (divididos em três faixas etárias) ou uma situação de **variação estável**. Segundo Scherre (1988:427) a variação estável ocorre quando “o ápice das formas de prestígio é encontrado nas faixas etárias intermediárias devido às pressões do mercado de trabalho”. Nesse sentido, se o PU apresenta um **processo de mudança**, o grupo dos mais jovens (Grupo A) tenderá a usar a forma mais inovadora, o grupo dos mais velhos (Grupo C) apresentará um emprego das formas mais conservadoras e o grupo intermediário (Grupo B) tenderá a usar ambas as formas as conservadoras e as inovadoras.

CAPÍTULO I

Doc: de onde eram seus avôs? eles eram do Rio Grande mas este:: não... eu não poso dá a data não me lembro por causa que eu::: cuando eu cunhesí eles eles ãa eram... cuando eu tive cunhesimento de eles eles ãa eram veinhos y algum inclusive tinha o meu avo y dois ermão... eles vierum du brasil... vierum pra pra para Rivera pero pra u interior né? de Rivera campanha y o:::mas não teim nenhum teim... só esiste da mía famia uns primos... que eram fios de uma um primo da mía mãe y fica uma ermã da mía mãe só da mía famia... era uma famia grande tambéim... tenho uns primos moram em Montevideú..

*Doc: o seus pais aprenderam a falar português com seus avôs?
é sim... aquí na mía sona que é da cuarta sesión de de da du departamento de Rivera e...falam más em portinhol né?*

Inf.C10- L.18-31

O CONTÍNUO SÓCIO-HISTÓRICO E LINGUÍSTICO DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI

1. Panorama Sócio-Histórico⁵

A fronteira entre Brasil e Uruguai tem uma extensão aproximada de 1.000 Km. Nessa extensão existem cinco populações integradas por: Artigas-Quaraí, Rivera-Santana do Livramento, Aceguá-Aceguá, Rio Branco – Jaguarão e Chuí-Chuí (Ver mapa no anexo 1).

Santana do Livramento e Rivera têm em conjunto uma população de 160.000 mil habitantes e estão separadas (ou unidas) somente por uma avenida. Como consequência disso, são chamadas de cidades *gemela* (gêmeas), nas quais a integração humana, cultural e linguística é uma constante.

A situação linguística atual da região nos remonta às disputas entre os reinos de Espanha e Portugal quanto ao domínio das diferentes regiões da América do Sul, refletindo-se na constante mudança das fronteiras geopolíticas.

⁵ Este breve panorama é uma síntese do capítulo que trata sobre as raízes históricas da mescla linguística e social realizado por nós em Gutiérrez Bottaro (2002).

No ano de 1494, foi assinado o Tratado de Tordesilhas, aumentando consideravelmente o território concedido aos portugueses, mas deixando a parte correspondente aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná nas mãos dos castelhanos.

Durante os séculos XVI e XVII, as mesmas regiões brasileiras e o nordeste do Uruguai foram dominados pelos portugueses, mediante as bandeiras e invasões da região hoje pertencente ao Uruguai, e culminando com a fundação da cidade de Colônia do Sacramento.

Entre 1816 e 1825, o território uruguaio foi ocupado por portugueses e, depois, por brasileiros. Segundo José Pedro Rona (1963:07),

(...) esto significó no solamente un temporario predominio político sino también cierto grado de colonización puesto que algunos núcleos fueron estableciéndose en estas tierras procedentes, sobre todo del Sur del Brasil.

No século XIX, na década de 20, ocorre a anexação do território uruguaio por parte da Coroa Portuguesa, que passou a ser denominado Província Cisplatina. Em 1825, os portugueses são expulsos e proclama-se a independência do Uruguai.

A região fronteiriça, após a formação da República Oriental do Uruguai (1830), ficou praticamente em mãos dos brasileiros que a povoavam e administravam até juridicamente. Segundo o primeiro censo feito no Uruguai em 1860 (DGE do Uruguai, 1863), a população desse país era de 200.000 habitantes, sendo 40.000 brasileiros, localizados ao nordeste do país.

Segundo o historiador uruguaio Mena Segarra (1977), mais de 48.000 dos aproximadamente 185.000 Km² do Uruguai eram propriedade dos súditos do Império do Brasil, divididos em 430 fazendas localizadas ao norte do Rio Negro.

Como solução para esses fatos, o governo uruguaio decidiu fundar cidades uruguaias em frente às brasileiras já existentes na linha fronteiriça. Estas são Cuareim, atual Artigas; Villa Artigas, atual Rio Branco; e Villa Ceballos, atual Rivera⁶.

⁶ Ver mapa em anexo 1.

A partir disso, a população da fronteira começou a receber colonos uruguaios, italianos e de outras origens, incentivados a isso pelo governo uruaio. Também, a partir de 1880, fundaram-se escolas públicas com o Plano Nacional de Educação.

Segundo Elizaincín, Behares e Barrios (1987), apesar desses fatos, a população atual da região fronteira continua sendo majoritariamente de origem lusitana, o que explica a existência atual dos chamados Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU) e o seu enraizamento.

Com relação à região fronteira do Brasil, esta recebeu, durante o século XIX, uma importante, embora não majoritária, influência das populações castelhanas e uruguaias. No entanto, é uma população tipicamente fronteira rural e fundamentalmente lusitana.

Outro fato histórico que contribuiu à mescla das populações e que devemos mencionar são os frequentes casamentos entre uruguaios e brasileiros, que criaram e continuam criando, dessa forma, laços de integração muito fortes. Também o sistema de compra e venda nessa região, atento às oscilações de câmbio, promove uma interação permanente que favorece os dois povoados e a relação entre eles.

1.2. Caracterização sociolinguística da região fronteira

Como podemos constatar a partir desses fatos históricos, a situação não poderia ter culminado senão nos fenômenos de línguas em contato: bilinguismo, diglossia, mescla de línguas etc.

Os estudos de dialetologia realizados no Brasil referem-se bastante ao português falado do Rio Grande do Sul, e especificamente ao português falado na fronteira com o Uruguai, como uma fala fortemente influenciada pelo espanhol. Segundo os estudos na área, a fala dessa região, chamada também de Português Gaúcho de Fronteira (PGF), não é muito diferente da existente no território uruaio e, conforme mencionado anteriormente, ambas são denominadas por Elizaincín e Behares (1981) como Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU).

O primeiro estudo sistemático da situação sociolingüística da fronteira foi o realizado em 1959 pelo linguista uruaio José P. Rona. Em seu trabalho, Rona

delimitou quatro tipos de variedades do português falado no Uruguai, chamadas de *fronterizas*, as quais ocupariam zonas nitidamente delimitadas da região. Posteriormente, estudos realizados por Elizaincín e Behares (1981), Elizaincín e Behares e Barrios (1987) demonstraram que a descrição realizada por Rona não correspondia à realidade, pois a situação não estaria tão equilibrada e estruturalmente simétrica como pensava Rona.

De acordo com Elizaincín, Behares e Barrios (1987), o uso do termo DPU, sigla de dialetos portugueses do Uruguai, foi adotado por ser o termo “dialeto” o mais neutro. Os autores definem dialeto como a forma de falar peculiar de uma zona determinada do território nacional, justificando o uso do termo no plural, “dialetos”, pela visão que têm do fenômeno como variável. A respeito da adjetivação “portugueses”, esta deve-se à base portuguesa desses falares fronteiriços no marco da teoria da variabilidade lingüística.

Com relação a como se produzem os DPU, segundo Trindade, Behares e Fonseca (1995) estes:

(...) constituem um conjunto de falares caracterizados pela variabilidade e instabilidade estrutural derivadas de dois fatos: - o afastamento do português padrão e, portanto, o desenvolvimento livre das tendências naturais do português falado; - o contato com o espanhol popular padrão, motivado, quanto ao espanhol padrão, pelo uso dessa língua nas escolas uruguaias.

Como vemos, a mescla se produz a partir do contato de uma variante do português que coexiste e se mistura com o espanhol padrão na mesma comunidade. A partir disso, podemos dizer que o bilingüismo na região fronteiriça uruguaia se estabelece com base em uma língua padrão (o espanhol) e um dialeto não padrão de outra língua (os DPU).

Elizaincín (1976), descreve a região como bilíngue e diglósica. A diglossia pode ser entendida como uma situação de uso de duas línguas, na qual existe uma distribuição de funções para cada uma delas. Assim, o espanhol é utilizado como “variedade alta”, para todos os fins formais, e os DPU se utilizam exclusivamente na comunicação intrafamiliar e na comunicação espontânea entre os membros de um mesmo grupo social.

As classes média e alta comunicam-se em espanhol, rejeitam os DPU e, em geral, também não lhes conferem nenhum valor de representatividade

regional. Enquanto isso, nas classes baixas, o uso dos DPU é quase total e os sentimentos acerca de seu uso são ambíguos: ao mesmo tempo em que se sentem inferiorizados por falarem essas variedades, sentem-se leais a sua fala.

CAPÍTULO II

*Doc: qué es eso de portuñol ... cómo es el portuñol?
portuñol que... que hablamos es es todo entreberado asim
claro... pero eu sempre eu sempre tibe que fasé forsa assim pa
falá o espanhol... biste que... si tu vamo suponer agora tu veim
falando espanhol cumigo eu falo pero hay cosa que... não é
beim así o mesmo que as ves eles se rim meu que eu falo no
teléfono que as ves e falam em espanhol y eu empeso o
espanhol mas ža sai o portunhol*

Doc: qué lengua es para ti más cómoda?

O entreberado ... esa língua que inbentemo aqui .

Inf.B13- L71-81

O CONTÍNUO LINGUÍSTICO: MESCLA, INTERLÍNGUA, ENTREBERADO, PORTUNHOL, DPU, BRASILEIRO OU PORTUGUÊS URUGUAIO?

2. Primeiras incursões no tema: afinal, o que é essa mescla linguística?

Na nossa pesquisa de Mestrado (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002) procuramos aprofundar o conhecimento do contínuo linguístico instaurado na fronteira Uruguai - Brasil, desde o século XVII, mais especificamente com relação ao fenômeno da mescla linguística observada nos dialetos falados na cidade uruguaia de Rivera, fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento. Com o objetivo de conceituar essa mescla linguística, partimos dos estudos sociolinguísticos realizados na região e do conceito adotado por Elizaincín et alli (1987), que caracterizam os dialetos portugueses do Uruguai (doravante DPU)⁷ como dialetos bilíngues, isto é, como sistemas intermediários surgidos da situação de contato.

⁷ Em nossa pesquisa de Mestrado (2002) optamos por denominar a mescla linguística como DPU, seguindo os estudos de Elizaincín, Barrios e Behares (1987), uma vez que este é o termo técnico mais empregado pelos sociolinguistas da região. Entretanto, nos dias atuais observamos que ainda não há um consenso entre os estudiosos do tema sobre como denominar a variedade do português falada na região fronteiriça do Uruguai. Carvalho (2003:128), no seu trabalho *Rumo a uma definição do português uruguaio*, nos diz que o referido termo (DPU) passou a ser utilizado na maioria dos estudos que tratam o tema "e mantém a distinção entre dialeto falado por monolíngües de origem rural, e português falado por bilíngües das classes médias urbanas. A condição social do falante, além de seu bilingüismo, é o fator determinante na nomenclatura do dialeto que falam. Esta dicotomia entre português e DPU (ou fronteiriço) se reproduz em vários trabalhos que mencionam a situação linguística do norte do Uruguai (Lastra 1992, Lopez Morales, 1993, Penny, 2000, Silva-Corvalán 1989, Trudgill, 1986), e perpetua a distinção mais social que linguística entre língua e dialeto".

Examinando as propriedades desses sistemas intermediários por meio da análise linguística, deparamo-nos com o fato de que os dialetos apresentam propriedades em comum com outros sistemas intermediários (tais como *pidgins* e crioulos) e, sobretudo, com a interlíngua de aprendizes de língua estrangeira, neste caso no que diz respeito aos mecanismos de que os aprendizes se valem para produzir em língua estrangeira, embora haja diferenças quanto ao resultado final.

A análise linguística feita permitiu observar, naquele momento, que a **instabilidade** e a **variabilidade** são propriedades que caracterizam esses dialetos. Como consequência do emprego dos sistemas fônico e morfossintático das duas línguas em contato, concluímos que a variabilidade presente em algumas áreas gramaticais dos dialetos se deve à confluência de fatores externos e internos.

Dentre os fatores externos que contribuem para que tal fenômeno ocorra, destacamos no trabalho a situação político-social dos dialetos (ausência de uma planificação linguística adequada e o *status* que eles possuem como variedade estigmatizada na sociedade em que são falados) e a sua base portuguesa, que também apresenta variabilidade.

Por outro lado, observamos que os fatores internos que promovem tal variabilidade seriam os mecanismos cognitivos que subjazem ao desenvolvimento dos DPU, como a **transferência**, que intermedeia o contato de ambos os paradigmas, e a **permeabilidade**, que estaria dando conta da variabilidade de intuições dos falantes. Além da presença dessas duas propriedades em comum com a interlíngua de aprendizes, investigamos a possibilidade de outros mecanismos estarem também associados à produção dos dialetos e das interlínguas. Para analisá-los, seguimos em parte a tipologia utilizada por Fernández (1997) no seu estudo sobre a interlíngua de aprendizes de espanhol. Os mecanismos de produção que observamos foram: a **simplificação**, a **hipergeneralização**, a **analogia**, a **mudança de códigos** e a **hipótese idiossincrática**.

Constatamos que a mescla linguística observada nos dialetos falados na região fronteiriça constitui uma espécie de interlíngua por tratar-se de um sistema intermediário que apresenta características semelhantes às da interlíngua dos aprendizes de língua estrangeira, razão pela qual a denominamos interlíngua da mescla (ILM).

Com a análise linguística dos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos⁸ que apresentam variabilidade, além da quantificação dos dados, observamos a tendência de uso de algumas áreas gramaticais que apresentam variabilidade no emprego dos paradigmas de ambos os sistemas (o português e o espanhol). A análise das diferenças percentuais como índice de variabilidade (ELIZAINCÍN ET ALLI, 1987) serviu para identificar também em quais áreas há maior ou menor variabilidade.

Dessa forma, observamos que os falantes do PU podem valer-se ora do paradigma espanhol, ora do português. Tal fato pode ser exemplificado no emprego das conjunções coordenativas adversativas, cujo uso apresentou-se altamente variável: em 50,6% das ocorrências registradas os falantes usaram as conjunções adversativas do espanhol e, em 49,4% dos casos, usaram conjunções do português.

Vejamos um exemplo:

*lá é más fácil de vivé que aqui **pero** como vivemo ao lado nós tudo que ganhemo aqui gastemo lá... não é? Entón nos facilita a nós también... **mas** aqui é meio complicada a cosa (Inf. B2).*

Na análise, vimos que os falantes do PU não só transferem as formas do espanhol que são semelhantes como também transferem as formas gramaticais em que há diferenças marcantes entre ambos os sistemas. Assim, observamos que os falantes empregam formas do espanhol, como por exemplo:

- os complementos oblíquos com função de objeto indireto,
- algumas formas duplicadas,
- os pronomes reflexivos,
- a forma se (pronominal, passivas e impessoais),
- formas verbais irregulares no presente do Modo Indicativo, o verbo *gustar*, etc.

Como já apontamos anteriormente, os falantes alternam o uso das regras de espanhol com as do português em algumas áreas gramaticais. Além disso, observamos que, se por um lado os falantes se valem de algumas formas do

⁸ Cabe ressaltar que não realizamos uma análise sintática dos diferentes tipos de orações, somente fizemos um levantamento dos itens gramaticais do português, espanhol e os que resultam da mescla de ambos.

sistema espanhol, por outro tenderam a usar mais também as formas gramaticais do sistema português que diferem muito das do espanhol, como é o caso de:

- a presença das formas pronominais sujeito,
- emprego de formas retas no lugar dos pronomes oblíquos,
- emprego do SN preposicionado, etc.

A variabilidade no emprego de ambas as gramáticas nos levou ao conceito de permeabilidade apontado por Liceras (1996). A permeabilidade, conforme essa autora, é uma propriedade presente em todas as gramáticas e é a que dá conta da variabilidade de intuições dos falantes. Baseados nesse conceito, concluímos que a gramática dos DPU apresenta um alto grau de permeabilidade, pois os falantes alternam os parâmetros fixados conforme os dois sistemas linguísticos que fazem parte da sua competência gramatical.

A análise morfossintática que realizamos permitiu conhecer como está conformada a mescla da gramática no PU. A análise das diferenças percentuais como índice de variabilidade revelou que 43 itens gramaticais analisados apresentaram diferentes graus de variabilidade, assim desses 43:

- **4 itens gramaticais com alto grau** de variabilidade (os falantes ora os empregam conforme o português, ora conforme o espanhol, o que corresponde a um 9%);
- **39 itens** apresentam **pouca variação**. Dos 39 itens, constatamos que **32 itens** (75%) seguem o paradigma do **português** e **7 itens** (16%) seguem o paradigma do espanhol.

Como podemos observar, esse resultado indica que, mesmo havendo variabilidade em todos os aspectos gramaticais analisados, as porcentagens registradas apontam claramente para a prevalência do sistema português na base linguística do PU.

2.1. O nosso percurso atual no tema: o contínuo linguístico a luz do psicológico e social e a representação do sujeito pronominal no português uruguaio

As conclusões de nossa pesquisa, como todo trabalho científico, apontaram que era preciso continuar, dado que muitas questões ficaram por responder.

A primeira questão que surgiu do nosso estudo anterior é a respeito da classificação desta variedade falada no norte do Uruguai como um dialeto. Por que denominá-la dialeto se compartilha um vínculo sócio-histórico⁹ com a língua portuguesa falada pelos brasileiros do outro lado da linha divisória entre o Brasil e o Uruguai?

Os estudos realizados na região a conceituaram a partir de uma perspectiva sociolinguística, por esta razão sempre a classificaram como um dialeto. Desde o trabalho pioneiro realizado na região pelo linguista Pedro Rona (1965: 7) já se apresenta esta variedade como um *dialecto fronterizo*:

Cuando empezamos a estudiar el español hablado en el Uruguay, no esperábamos en ningún momento encontrar un dialecto portugués en el territorio de nuestro país. En 1958, (...) apenas podíamos informar de la mera existencia de un **dialecto mixto**, con base **aparentemente portuguesa**.¹⁰

Anos mais tarde, os linguistas uruguaios Elizaincín, Barrios e Behares (1987: 20) adotam também o termo dialeto e justificam o uso do termo por ter uma conotação mais neutra. Definem dialeto no sentido **diatópico**¹¹, isto é, como a forma peculiar do falar numa zona determinada do território nacional uruguaio. Os autores caracterizam também os DPU como um **dialeto bilíngue**, isto é, como

⁹ Lembremos que os uruguaios falantes do português são descendentes de brasileiros que por diversas razões históricas moravam ou foram morar no território uruguaio a partir do século XVIII. A respeito dessa situação sócio-histórica, no ano 1845 o deputado brasileiro, Silva Ferraz relatava ao Parlamento brasileiro sobre a situação do Uruguai: “vosotros creéis que allá en la línea o divisa material del Yaguarón adonde termina el imperio de nuestras leyes, al pasar a la otra banda y a pasar al territorio que se dice República Oriental, creéis que váis a encontrar al otro lado de la divisoria material un pueblo completamente distinto de lo que se llama Imperio del Brasil; pero es preciso que sepáis que felizmente no es así! Al pasar al otro lado del río Yaguarón, señores, el traje, el idioma, las costumbres, la moneda, los pesos, las medidas, todo, todo señores, hasta la otra banda del Río Negro, todo, todo señores, hasta la tierra: todo es brasileiro”. (BARRIOS PINTOS 1990:112-113).

¹⁰ Os grifos são nossos.

¹¹ Conforme Tarallo & Alkmin, a definição mais leiga que se tem de dialeto é a de uma variedade linguística associada a um local específico, isto é, uma variedade geográfica de uma dada língua.

“un sistema intermedio que surge como consecuencia de una situación de contacto” (ibid.: 20).

Como se observa, os estudiosos da região têm definido a variedade portuguesa da fronteira numa perspectiva social e, por conseguinte, adotam o termo dialeto. Carvalho (2003:128), a respeito dessa classificação realizada pelos autores aponta que eles fizeram uma “distinção mais social que linguística entre língua e dialeto”.

2.1.2 Língua e dialeto

Para entender melhor a questão que estamos levantando, a respeito da classificação da variedade portuguesa falada na cidade de Rivera, julgamos conveniente, mesmo sabendo que não há consenso entre os linguistas, apresentar algumas definições existentes na literatura da área.

Assim, segundo o dicionário de lingüística de Dubois et alli (1978:183-184), **dialeto** provém do grego *dialektos* e “designava diferentes sistemas usados em toda Grécia, cada um para um determinado gênero literário, e considerados como a língua de uma região da Grécia em que eles deviam recobrir dialetos no sentido moderno do termo regionais ou sociais”. Definem o termo **dialeto** como:

(...) uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua, dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela (...).

No que se refere à definição de **língua**, o dicionário de Dubois et alli (op.cit: 378) a define no primeiro verbete¹² como “no sentido mais corrente, língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos de vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade.”

O lingüista espanhol Manuel Alvar (1961) define **língua** como:

¹² O dicionário apresenta também outras entradas com definições e conceitos proposto pela lingüística teórica como o estruturalismo, segundo F. De Saussure, H. A. Gleason, A. Martinet, etc. e o gerativismo, conforme N. Chomsky.

(...) el sistema lingüístico del que se vale una comunidad hablante y que se caracteriza por estar fuertemente diferenciado, por poseer un alto grado diferenciado, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos de su mismo origen.

Para este mesmo autor (op.cit: 58) **dialeto** é:

(...) un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas simultáneas a otras, que no alcanzan la categoría de lengua.

Se analisarmos as definições que apresentamos, podemos observar que em todas prevalecem conceitos mais de cunho sócio-histórico e político do que linguístico. Os conceitos em comum que as definições apresentam em relação ao termo **língua** são:

- sistema (para Dubois et alli sistema de signos e regras e para Alvar como sistema lingüístico);
- uso ou emprego numa comunidade falante (espaço geográfico);e
- *status* social, cultural e histórico (Dubois et alli se referem aos conceitos de língua oficial, norma culta e língua sistematizada e Alvar ao alto grau e diferenciado, ao alto grau de nívelação e veículo de tradição literária).

Quanto ao termo **dialeto**, as definições compartilham:

- sistema de signos e regras;
- uso restrito ou concreta limitação geográfica (Dubois et alli falam de dialeto regional por oposição à língua); e
- *status* social e histórico (Dubois et alli se referem ao *status* cultural e social diferente do da língua de que se desenvolveu o dialeto e Alvar alude à noção histórica)

Como podemos ver, as definições expostas ilustram, claramente, o que estamos tentando mostrar, ou seja, que a noção que está por detrás dos conceitos de língua e dialeto é, sem dúvida, histórica, social, e política. Nesse sentido, o que aponta Raposo (1984:586) em relação à noção de língua portuguesa, corrobora de alguma forma o que estamos observando:

(...) existem, por um lado, factores subjectivos, de natureza historicista, relativos à tradição filológica clássica, e, por outro lado, **factores objectivos, de natureza política, ideológica e cultural, exteriores à estrutura gramatical da língua**¹³, que se conjugam para favorecer «uma só língua.

Voltando a nossa questão, sobre se a variedade do português uruguaio é um dialeto ou uma língua e se podemos seguir fazendo a distinção social entre língua e dialeto que se vem fazendo na literatura da região, nos perguntamos onde fica o aspecto lingüístico, então? Em outras palavras, o que nos perguntamos é se a linguística pode ajudar a responder quando um dialeto passa a ser uma língua diferente da que lhe deu origem? Conforme Raposo (1984:586), que também se formula a mesma pergunta, nos responde de antemão que:

(...) **a lingüística não pode resolver satisfatoriamente esta questão**¹⁴. E isto porque para a lingüística, não existem 'línguas'. Existem sim sistemas organizados (e extremamente complexos) de formas, regras e representações fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas. Cada um **desses sistemas poderá apresentar vários pontos de contacto com outro ou outros sistemas**, em áreas mais ou menos importantes da sua estrutura gramatical.

O mesmo autor afirma também que “não são as questões linguísticas, gramaticais as que decidem se um determinado sistema é língua ou simplesmente dialecto, mas sim as fronteiras políticas, os interesses culturais, a história comum”. (Raposo, op.cit.:587)

Moreno Fernández (1997:86) também aponta que “desde um punto de vista rigurosamente lingüístico, não existen evidencias que justifiquen la distinción entre lengua y dialecto (...)”

¹³ Grifo nosso.

¹⁴ Grifo nosso.

Como vemos, não há consenso na linguística teórica a respeito da definição desses termos. Para Tarallo & Alkmin (1987:20), o debate entre o social e o psicológico na linguagem “é uma questão envelhecida e desgastada”, mesmo assim, eles retomam a questão e a estudam “à luz do fenômeno da mescla, mostrando, entre outras coisas, que é na complementaridade das duas correntes que devemos buscar a solução para os nossos problemas de análise”. Assim, para esses autores, o debate entre gerativistas e pós-estruturalistas não teria surgido e se estendido se ambas as correntes tivessem respondido antes a pergunta que queriam responder, isto é, o conceito de língua, cada uma da sua perspectiva. O gerativismo, por um lado, busca responder **o que é língua?** Da perspectiva psicológica, e conforme Chomsky, responde:

(...) língua é um conjunto de princípios universais muito específicos, de natureza abstrata, os quais são definidos como propriedades intrínsecas à mente humana e parte do potencial e do dote genético de nossa espécie. (TARALLO & ALCKMIN, OP.CIT.:21)

Os pós-estruturalistas, por outro lado, respondem a pergunta **O que é uma língua?** de uma perspectiva, parcialmente, social, acerca da natureza das línguas particulares, isto é, por exemplo da língua portuguesa, espanhola, etc.

Com base no que apontam Tarallo & Alkmin, acreditamos também que o nosso estudo deve agora entrelaçar as perspectivas social e psicológica para entender essa mescla linguística observada na variante portuguesa do Uruguai.

Carvalho (2003) procura também classificar o português falado nas comunidades bilíngues do norte do Uruguai e questiona o emprego de alguns dos termos que foram utilizados em estudos anteriores para definir essa variedade, entre eles, “dialeto”, “pré-pidgin”, interlíngua e semi-crioulo. A autora propõe que a variedade falada na cidade de Rivera seja vista num **contínuo de difusão dialetal**¹⁵. Em cada extremo desse contínuo estariam duas variantes do português, de um lado do extremo estaria o **português uruguaio rural** e do outro o **português padrão**. O contato desses dois dialetos do português gera “um

¹⁵ A autora se vale do conceito de “difusão dialetal”, conforme Bortoni-Ricardo (1985) no seu estudo sobre a urbanização de dialetos rurais de Brasília. Segundo Carvalho (op.cit:134), “Bortoni-Ricardo propõe que a variedade usada em comunidades rurais e isoladas são variedades altamente focalizadas, contendo variantes não padrão que definem uma distinção clara entre variedades urbanas e rurais. A medida que estes falantes desta variedade entram em contato com a língua padrão, seu dialeto tende a tornar-se mais difuso, e a ocorrência de variantes tipicamente rurais que era categórica passa a ser variável”.

contínuo de variação estilística e social entre as formas locais e não locais” (CARVALHO, op.cit.:135).

A respeito da hipótese de Carvalho (op.cit.) sobre o **contínuo de difusão dialetal**, estamos de acordo em parte, uma vez que o português uruguaio apresenta, sim, características do português rural, conforme pudemos constatar em nossa análise linguística (Gutiérrez Bottaro, 2002). Observamos, por exemplo, a ausência de marca de plural no sintagma nominal e verbal¹⁶, emprego da desinência –emo(s) em lugar de –amo(s) na 1ª pessoa do plural do presente e pretérito perfeito simples dos verbos terminados em –ar, entre outros¹⁷. A seguir vejamos alguns exemplos:

*na forma de se expresá y de tratá cum **aS** pesoa... (B4-L.7-8)*

*é contada **aS** cosa que eu compro uruguaia (B1-L.14-15)*

*bueno pra iso tá nós **somos**... portu/ portunhol... nós não **semo** brasileira neim **semo** uruguaia... nós **temo** acá/aqui nu portunhol” (C2-L.164-66)*

Contudo, mesmo com a presença de alguns aspectos do português rural no português urbano uruguaio, não estamos de acordo com Carvalho (op. cit) em que a variedade falada na cidade de Rivera seja classificada como um dialeto do português rural como ela assim o define:

(...) sugiro que o português de Rivera não se encaixe nas definições anteriormente propostas de dialeto misto, interlíngua, pré-pidgin ou basileto, mas simplesmente consista em um **dialeto do português rural**¹⁸ que como toda variedade em contato, sofre influência (sobretudo lexical) da língua com a qual coexiste.” (CARVALHO, op.cit.:135).

Nesse sentido e baseados em nosso estudo morfossintático realizado em 2002, podemos afirmar que a variedade portuguesa falada na zona urbana de Rivera, que tem estado em contato com o espanhol e o português brasileiro (rural e urbano) desde, aproximadamente, uns 200 anos, deva ser vista nesse contínuo dialetal como o português uruguaio urbano e não como um dialeto do português

¹⁶ A ausência de marca do plural nos substantivos e adjetivos é um fenômeno também registrado no português falado no Brasil por Chaves de Melo (1975), Naro (1981), Scherre & Naro (1991), Kato & Roberts (1993).

¹⁷ O mesmo fenômeno foi registrado por Chaves de Melo (1975), A.Amaral (1920), Elizaincín (1991) no presente e no pretérito perfeito simples no português brasileiro. Groppi e Malcuori (1992) registram também o mesmo emprego de *-emos* no pretérito simples na fala rural do nordeste da cidade uruguaia de Canelones, situada na região sul do Uruguai.

¹⁸ Grifo nosso.

rural. Não estamos de acordo com a idéia de que os habitantes de Rivera falam um dialeto do português rural, pois desse modo significaria dizer que a presença do português urbano brasileiro do outro lado da linha divisória, com o qual os riverenses convivem diariamente com o simples fato de atravessarem uma rua ou através dos meios de comunicação brasileiros (TV e Radio), não estão exercendo nenhum tipo de influência sobre a variedade falada do português de Rivera. A respeito desse contato com o português brasileiro, Carvalho (op.cit.:134) aponta que:

(...) a presença constante deste modelo lingüístico monolíngüe urbano provoca convergência do português local, originalmente rural, através de acomodação lingüística a um grupo de referência ausente. A presença deste modelo tem-se fortalecido devido ao processo de urbanização nos últimos 40 anos, que possibilitou maior exposição ao PBU [português brasileiro urbano] a través da melhoria dos meios de transporte interurbanos, maior acesso ao sistema educacional e aos meios de comunicação, e a abertura de comercio e conseqüente aumento de turismo.

A partir de Carvalho, admitimos que originalmente tratava-se de um português rural, entretanto, se temos que classificá-lo como um contínuo dialetal, ele está mais próximo do português urbano falado no Rio Grande do Sul, do que do rural. Por essa razão, sugerimos que se adote o termo português uruguaio para referir-se à variedade portuguesa falada na cidade de Rivera.

Com base no exposto até então, procuraremos, nos capítulos seguintes, ilustrar melhor esse contínuo lingüístico, à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), investigando os pronomes pessoais em posição de sujeito no português uruguaio.

CAPÍTULO III

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança lingüística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!

F.Tarallo (1985)

ENTRELAÇANDO O SOCIAL AO PSICOLÓGICO

3. Variação e mudança lingüística

A sociolinguística variacionista ou *variacionismo* surgiu nos anos 70 com W. Labov. O objetivo principal da sociolinguística variacionista é estudar a língua no seu contexto social e a mudança lingüística em curso. Conforme Labov (1982, APUD MORENO FERNANDES, 1997:107) “el cambio lingüístico es variación y todo cambio implica la existencia de variación, pero no toda variación ha de desembocar necesariamente en un cambio”.

A mudança lingüística é um processo muito complexo, que envolve fatores de diversas ordens: sociais, geográficos, psicológicos, pragmáticos. Weinreich, Labov e Herzog (1968, APUD MORENO FERNANDEZ, 1997) elencam cinco problemas a respeito do estudo da mudança lingüística:

1. As restrições: determinar quais são os fatores condicionantes que favorecem ou restringem as mudanças.
2. A transição: explicar como se desenvolve a mudança, isto é, procurar dar conta de como se produz a variabilidade da língua numa comunidade.

3. O encaixamento e inserção: determinar como uma mudança linguística em curso se adapta ao sistema linguístico e social.
4. A atitude: descobrir quais atitudes adotam os falantes em relação à mudança e como ela influencia, no desenvolvimento posterior, a mudança.
5. A implementação: explicar por que uma mudança se produziu em espaço e tempo concretos.

Dentre todos os fatores que condicionam ou motivam as mudanças linguísticas, a sociolinguística tem demonstrado um especial interesse sobretudo nas condições sociais dos usos linguísticos.

A mudança linguística pode ser estudada de duas formas diferentes: o primeiro estudo observa os usos linguísticos de grupos de falantes em épocas diferentes e por um período de tempo determinado, neste caso denomina-se em **tempo real**, e o segundo, observa os usos linguísticos em um tempo concreto, para depois avaliar de que maneira podem evoluir as mudanças que estão em curso, este estudo se denomina em **tempo aparente**.

A partir do exposto, faremos um estudo em tempo aparente de uma amostra de língua oral em PU, para observar se também na representação do sujeito nulo dessa variedade está operando a mesma mudança que está ocorrendo no PB. Para isso, nos valem do modelo de análise sociolinguística para descrever estatisticamente um fenômeno linguístico, neste caso o parâmetro do sujeito nulo, que também está em variação no PU. Para isso, correlacionamos fatores internos (variáveis linguísticas) e externos (variáveis sociais), calculando a influência de cada fator selecionado.

Do mesmo modo que Tarallo (1985:83) se pergunta, nós nos perguntamos “uma vez que as regras de nossa gramática serão variáveis, como então incorporar a noção de universais linguísticos em nosso modelo de análise?” O mesmo autor responde que se deve fazer uma aproximação dos universais linguísticos às regras variáveis, uma vez que essa aproximação trará luz à clássica dicotomia “competência e desempenho”. Para terminar, também Tarallo afirma (1985: 84) que:

(...) uma teoria geral de mudança linguística para ser satisfatória deverá dar conta das condições que determinaram o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término

de uma determinada mudança, e, eventualmente, a partir de dados analisados de vários sistemas, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança.

Nesse sentido, nos perguntamos também: uma vez descritos os fatores sociais e linguísticos que promovem a mudança linguística em curso, uma vez implementada a mudança na comunidade linguística, o que acontece com a gramática interna do falante? Como uma mudança paramétrica se processa no cérebro? Para responder a estas questões e interpretar o comportamento do sujeito pronominal no PU, nos valeremos do quadro de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa. Assim, neste estudo em que tentamos enlaçar o social ao psicológico, Duarte (2003: 2) afirma, “essa associação tem permitido interpretar os fenômenos observados no português do Brasil dentro de uma perspectiva interlinguística e distinguir a variação que ocorre no nível superficial daquela que sinaliza mudança na gramática da língua”.

3.1. O programa de investigação da Gramática Gerativa

Em Gutiérrez Bottaro (2002), procuramos saber o porquê da variabilidade presente no português uruguaio e concluímos que esta se deve a **fatores externos** (situação político-social do PU na região) e a **fatores internos** (a base portuguesa também apresenta variabilidade, há mecanismos cognitivos que subjazem ao seu desenvolvimento, como transferência e permeabilidade).

Quanto aos fatores externos, o modelo da sociolinguística serviu para entender melhor os fenômenos de bilinguismo, diglossia, mescla linguística e mudança de código, presentes na região e quanto a presença desses fenômenos afeta ambos os sistemas e, por conseguinte, a variabilidade no PU.

No que se refere aos fatores internos, baseados nos estudos de aquisição/aprendizagem de segundas línguas, observamos, tal como já antecipamos, que o PU¹⁹, apresenta alguns mecanismos cognitivos semelhantes aos das interlínguas de aprendizes de língua estrangeira, como a transferência e permeabilidade.

¹⁹ Cabe ressaltar novamente que na nossa pesquisa de Mestrado adotamos o termo DPU, e que atualmente, a partir de Carvalho (2003) e de nossas reflexões, apontadas no capítulo anterior, passamos a denominar a variedade falada na região fronteiriça de português uruguaio (PU).

A constatação desses mecanismos semelhantes nos levou a questionar-nos como os falantes bilíngues marcam os parâmetros quando adquirem duas línguas, sobretudo tendo uma delas as características que tem o PU. A resposta a essa questão nos levou a procurar uma teoria de natureza biológica e mentalista, uma vez que o nosso objetivo maior é entender como se desenvolve a aquisição desses dois sistemas linguísticos na mente-cérebro dos bilíngues e, mais particularmente, desses bilíngues, que possuem um tipo de bilinguismo muito particular, dado que uma das línguas é uma língua resultante do contato de duas línguas, sendo uma delas muito estigmatizada.

Nesse sentido, acreditamos que o Modelo da Gramática Gerativa e o quadro teórico dos Princípios e Parâmetros possam nos ajudar a responder as perguntas que nos formulamos neste estudo.

Segundo Kato (1997:03), o programa gerativista tem como objeto de estudo “o conhecimento inconsciente da língua”. O homem usa a língua de forma inconsciente porque ele se vale do “conhecimento automático do sistema computacional da língua” e não da “internalização inconsciente de hábitos”, como acreditavam os estruturalistas.

A gramática gerativa, de natureza mentalista, tem como objeto de estudo o sistema de regras e princípios radicados na mente humana. A preocupação com o problema da aquisição da linguagem e o seu aspecto psicológico aparece desde os primeiros estudos de Chomsky (1959), no conhecido trabalho crítico e revolucionário que realiza sobre Skinner (1957). O programa de investigação da Gramática Gerativa, segundo Chomsky, (1988a, apud RAPOSO, 1992:27) pode ser definido por meio de quatro grandes questões:

1. Qual é o conteúdo do sistema de conhecimentos do falante de uma língua particular? O que existe na mente desse falante que lhe permite falar/compreender expressões nessa língua particular e ter intuições de natureza sintática e semântica sobre a sua língua?
2. Como esse sistema de conhecimento se desenvolve na mente do falante? E que tipo de conhecimentos a criança traz para o processo de aquisição?
3. Como o falante usa em situações discursivas concretas o sistema de conhecimentos adquirido?

4. Quais são os sistemas físicos no cérebro do falante que servem de base ao sistema de conhecimentos lingüísticos?

Segundo Raposo (op.cit.: 28:30), a respeito da questão (1) – o que existe na mente do falante que lhe permite falar, compreender e ter intuições de natureza sintática e semântica sobre a sua língua? –, as pesquisas gerativistas, nos últimos vinte anos, têm apontado que a gramática interiorizada possui um **dicionário mental** das formas da língua e um **sistema de princípios e regras** que atuam de uma forma **computacional** sobre essas formas. O sistema de princípios e regras vai construindo representações mentais constituídas por combinações categóricas das formas linguísticas. Essa gramática é considerada como um sistema **autônomo**, uma vez que os seus princípios e representações lhe são próprios. Também é **independente** de outros sistemas conceituais da mente humana, como por exemplo, princípios de conversação, de formação de conceitos, etc. Denomina-se esta forma de organização da mente humana de **modular**, pois esta formada por módulos autônomos com características e representações específicos. Os módulos comunicam-se e interagem entre eles. Desse modo, a mente humana possuiria diversos módulos: o módulo linguístico, o matemático, o musical, o de formação de conceitos, etc.

Para Fodor (1983, apud, LICERAS, 1996), a gramática gerativa representa a linguagem como um módulo autônomo da mente. Para ele, os módulos são sistemas cognitivos especificados a nível inato, com uma informação não intercambiável com outros sistemas. Essa estrutura neuronal está associada com a percepção e com a linguagem, mas não com o pensamento. O pensamento está ligado aos sistemas do cérebro, nos quais os neurônios conectam-se livremente, sem que exista uma associação entre a forma e a função. Karmiloff-Smith (1992, 1994, apud LICERAS, op.cit), ao contrário de Fodor, propõe que a modularidade é uma consequência do desenvolvimento cognitivo e não um *a priori*, isto é, sistemas especificados em nível inato.

A resposta à questão três, conforme Raposo (op. cit.), está relacionada com a distinção que Chomsky (1965) realiza entre **competência** e **performance**. Por competência, entende-se a gramática internalizada, ou seja, o conhecimento

mental puro que o sujeito possui de uma língua particular; por performance (ou desempenho), entende-se o uso concreto da linguagem em situações de fala determinadas. O que o programa procura responder com a questão 3 é descrever como os falantes usam a competência em situações de performance por meio da interação com fenômenos de natureza social, psicológica e discursiva. Raposo (op.cit.:31) exemplifica essa interação dizendo que: “...a atenção e a memória podem provocar *erros* de competência....” Assim como também “...as mudanças de plano discursivo, as hesitações, o gaguejar, etc., são outros fatores que afetam o resultado gramatical das expressões enquanto reflexo da competência.”

No que se refere à questão 4, o programa tem se preocupado em investigar sobre a relação existente entre língua e cérebro, isto é, a relação entre os mecanismos neuronais e o conhecimento gramatical. O estudo das afasias faz parte desta área de investigação. Conforme Raposo (op. cit.), os estudos da mente e do cérebro sem dúvida se complementam, porém estão em planos diferentes e nenhum pode se reduzir ao outro. Nesse sentido nos diz (op. cit: 34):

A mente, nesta perspectiva, é o conjunto de propriedades abstractas dos sistemas físicos do cérebro, e a compreensão destas propriedades passa necessariamente pelo uso de conceitos (em particular o conceito de *representação*) independente dos mecanismos materiais postulados ao nível do cérebro.

A questão 2, conforme Raposo, é fundamental para o programa de investigação gerativista, tanto do ponto vista filosófico/epistemológico como do da teoria gramatical.

Na história do pensamento linguístico, os estudiosos da língua têm se preocupado em responder uma grande questão: em que consiste a aquisição da linguagem e qual é o papel específico da mente e do meio nesse processo? Por um lado, temos a tradição empirista e o behaviorismo norte-americano que entendem que a aquisição é determinada por causas externas, isto é, pelas experiências e interações que as crianças têm com os adultos no seu meio ambiente. O defensor máximo dessa corrente de pensamento é o psicólogo americano Skinner (apud, RAPOSO, 1992:35), para quem a aquisição de uma língua consiste na “aprendizagem de hábitos de **comportamento verbal** através de processos de observação, memorização, generalização indutiva, associação,

etc.” Para essa corrente, a linguagem é um processo de aprendizagem, adquirida pela mente, por meio de práticas externas. O ensino explícito e a prática são essenciais para a fixação dos conhecimentos adquiridos. A mente humana teria um papel secundário no processo de aquisição e possui somente princípios de inteligência gerais que sustentam a capacidade de fazer generalizações e associações; não se acredita que na mente existam estruturas especificamente dirigidas para a aprendizagem das línguas.(RAPOSO, 1992:35).

A corrente racionalista é a que defende o papel central da mente no processo de aquisição da linguagem, cujo representante máximo é N. Chomsky. Segundo Raposo (1992: 35-36), esta perspectiva acredita que:

As propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente lingüístico, as quais funcionam como uma espécie de ‘planta arquitetônica’ no processo de aquisição, dirigindo o desenvolvimento lingüístico num sentido predeterminado. Estas estruturas mentais pertencem exclusivamente à espécie humana e são geneticamente determinadas, ou seja radicam na organização biológica da espécie.

A aquisição depende mais da maturação e desenvolvimento de um órgão mental do que da aprendizagem de hábitos através de práticas externas. Em 1966, Chomsky denominou este conjunto de princípios e estruturas mentais de **Dispositivo de Aquisição da Linguagem** (LAD, *Language Acquisition Device*). Esta seria a base biológica da linguagem; através dela o ser humano se apropria do meio e o representa no cérebro, isto é, na mente.

Como podemos observar, a corrente racionalista propõe uma explicação biológica para aquisição da linguagem, entretanto, não nega a importância do meio ambiente em todo o processo. A fala dos adultos e as interações verbais são determinantes para iniciar o funcionamento do LAD, no entanto, estas, sozinhas, não determinam a direção do desenvolvimento final.

3.1.1. A Gramática Universal

O Programa Gerativista iniciou-se em 1957 e passou por diversas etapas até chegar ao Modelo de Princípios e Parâmetros (1981, 1982, 1986) e, posteriormente, ao Programa denominado Minimalismo. A Gramática Universal (GU) são os princípios linguísticos específicos do ser humano falante que estão geneticamente determinados. A GU é um órgão biológico que evolui como qualquer outro órgão. Para Chomsky (apud RAPOSO, 1992), a GU “é o estado inicial da faculdade da linguagem (S_0), e a gramática do indivíduo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável (S_s) (do inglês *stable stage*).

Conforme Miotto (2005), a GU reflete de forma universal a estrutura e organização da mente humana. Desse modo, como os princípios são universais, não necessitam ser adquiridos, uma vez que estão geneticamente codificados.

3.2. A teoria de Princípios e Parâmetros (TPP)

Chomsky (1981), valendo-se dos resultados teóricos obtidos na TSA e da noção de organização da gramática em módulos autônomos (princípios independentes), propõe uma nova teoria que denomina **Princípios e Parâmetros** (doravante TPP). Neste novo modelo, eliminam-se as regras e prevalecem somente os princípios gerais. A GU está constituída por dois tipos de princípios:

(...) os **princípios rígidos e invariáveis** que qualquer gramática final terá que incorporar, como por exemplo: o princípio que diz que as orações das línguas humanas possuem necessariamente um Sintagma Nominal (NP, do inglês *Noun Phrase*) sujeito e um Sintagma Verbal (VP do inglês *Verbal Phrase*) predicado, etc. e os **princípios abertos**, denominados **parâmetros**, atingem o seu valor definitivo somente no processo de aquisição através de sua fixação em uma de duas posições possíveis, tendo como base a informação obtida no meio. (RAPOSO, 1992: 54)

Através das noções de **princípios** e **parâmetros**, o programa propõe uma solução para o seguinte paradoxo: como explicar a diversidade das línguas se todas resultam do código genético humano, que é o mesmo em toda a espécie?

Os princípios são leis gerais presentes em todas as línguas; os parâmetros são propriedades que as línguas podem ou não ter e são os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Segundo o mesmo autor, quando se formula uma sentença que viola um princípio, nenhuma língua a aceita, quicá isso se deve à forma como a mente funciona; por outro lado, quando uma sentença não está de acordo com uma propriedade paramétrica, a mesma pode ser agramatical em uma língua, mas gramatical em outra. (MIOTO, 2005).

No que se refere à aquisição, a criança adquire a gramática final da sua língua através da aprendizagem do léxico, com as suas propriedades fonológicas e semânticas determinadas pelo dicionário mental e faz a atribuição aos vários parâmetros da GU do valor que possuem nessa língua. As opções possíveis na GU são dadas pelos parâmetros, por esta razão estas são muito limitadas, uma vez que os parâmetros são finitos e possuem por hipótese dois valores, como veremos mais adiante. Após a criança ter fixado todos os parâmetros, ela adquire o que se denomina *gramática nuclear*. Segundo Raposo (op.cit.:55), esta seria “um sistema complexo de conexões entre os princípios universais rígidos e os parâmetros, o qual determina de um modo altamente específico as propriedades de cada língua particular.” Da associação dos princípios da GU com os parâmetros surge, então, uma gramática particular, ou seja uma língua dada.

Como vemos, a criança não é tida mais como um “pequeno linguista” que analisa os dados, pois o processo é inconsciente, conforme Miotto (op.cit.). Para ele (op. cit: 34) o processo “seria mais uma acomodação do sistema aos dados do que qualquer outra coisa, já que o sistema inicial é capaz de dar conta de todo e qualquer dado pertencente às línguas naturais.”

A fixação dos parâmetros em uma dada posição está determinada pelos dados linguísticos primários simples a que uma criança está exposta. Isto significa que a informação dos dados linguísticos vai permitir que a criança opte pela posição que deve atribuir a cada parâmetro.

Nesse sentido, de acordo com Miotto (op.cit.:33), o processo de aquisição é tido como a “formatação” da Faculdade da Linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na GU.” Assim, primeiramente temos, a “filtragem” do *input* por intermédio da GU e depois a “formatação”, através da marcação de cada parâmetro, de um determinado valor. A marcação dos

parâmetros não é casual, ela está determinada pelas evidências do *input*, e, também, da estrutura interna da GU.

Quanto aos parâmetros, como dissemos, num primeiro momento da teoria são considerados binários e possuem dois valores: ou positivo ou negativo. Quando uma criança aciona um determinado parâmetro, ela está fixando um dos dois valores, ou positivo ou negativo, por intermédio das evidências positivas do *input*.

Para ilustrar e entender melhor como ocorre, no processo de aquisição, a fixação dos parâmetros, vejamos alguns exemplos através da aquisição do **Parâmetro do Sujeito Nulo**, um dos parâmetros mais discutidos entre os gerativistas, e, evidentemente, central para o nosso estudo.

A GU contém um princípio “rígido” denominado **Princípio da Projeção Estendido** (EPP - *Extended Projection Principle*), que determina que todas as sentenças devem ter sujeito; entretanto, ela não determina que a posição do sujeito deva ser preenchida com um NP (Sintagma Nominal). Nesse sentido, existem línguas que preenchem foneticamente o sujeito, como inglês e o francês:

- (1) a. **Ils** sont déjà arrivés de l'école.
- b. **They** already arrived from school.

Existem outras línguas, como o espanhol, o italiano, o português europeu e, em parte, o português brasileiro, que podem deixar essa posição vazia. Vejamos alguns exemplos:

- (2) a. ____ já chegaram do trabalho.
- b. ____ ya han llegado del trabajo.

A GU disponibiliza duas opções: a criança tem a possibilidade de escolher entre a **realização fonética obrigatória** ou a **opcional** do sujeito. A criança fixará uma das duas posições, de acordo com o *input* que recebe. Esta é a variação entre as línguas, ou seja, a possibilidade de fixar o parâmetro em uma ou outra posição. Este parâmetro é denominado **Parâmetro do Sujeito Nulo**.

Vimos, também, que os parâmetros são, até um dado momento, tidos como binários e cada uma das opções possui um valor positivo ou negativo. Nas línguas que têm o sujeito obrigatório, como o inglês e o francês, segundo a teoria, o valor é **negativo**, e nas línguas como o espanhol, o português e o italiano, o valor é **positivo**.

3.3. O Parâmetro do Sujeito nulo no Português Brasileiro

Anteriormente, vimos que o parâmetro do sujeito nulo (doravante PSN) no PB, conforme comprovam alguns estudos, está passando por algumas mudanças (DUARTE, 1993, 1995; KATO, 1999). Nesse sentido, atualmente é considerada uma língua *pro-drop* parcial, por apresentar um elevado número de sujeitos preenchidos e um reduzido número de sujeitos nulos na língua falada.

Duarte (1993, 1996) aponta que as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX modificaram-se em função da simplificação do sistema flexivo verbal. Segundo a mesma autora, o percentual de sujeitos pronominais preenchidos no século XIX era de 20% e no final do século XX aumentou para 74%.

No quadro que apresentamos abaixo, conforme Duarte (1995:32), podemos observar as mudanças que o sistema flexivo do PB vem apresentando:

Pess./Nº	Pronomes	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1 ^{st.} sing.	Eu	am o	am o	am o
2 ^{nd.} sing.	Tu	am as	-	-
	Você/Tu	am a	am a	am a
3 ^{rd.} sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1 ^{st.} plur.	Nós	am amos	am amos	-
	A gente	-	am a	am a
2 ^{nd.} plur.	Vós	am ais	-	-
	Vocês	am am	am am	am am
3 ^{rd.} plur.	Eles/Elas	am am	am am	am am

Quadro 2. Paradigmas Pronominais e Flexionais do PB

Como podemos observar no quadro acima, o paradigma 1 apresentava seis formas distintivas, no paradigma 2, quatro formas, e o paradigma 3 apresenta apenas três formas de concordância. Observamos também que as formas “você” e “tu” passaram a ter a mesma desinência, já que a presença de formas em que o “tu” tem concordância de segunda pessoa é mínima, e a forma “a gente” ocupou o lugar da forma “nós”.

A respeito do emprego das formas “você”/“vocês”, Duarte (1995) aponta que o emprego da segunda pessoa “direta” (“tu” e “vós”) pela segunda pessoa “indireta” (“você”, “vocês”), que usa as formas verbais de terceira pessoa, é considerado como a causa principal da perda do sujeito nulo do PB. Cabe frisar aqui, que esta perda no paradigma pronominal, conforme aponta Duarte ocorreu em “quase todo o território nacional”, dado que na região Sul, a segunda pessoa direta ainda é utilizada. (DUARTE, 1995: 32)

Para a mesma autora (1995), o sujeito nulo aparece somente com a 3ª pessoa na língua escrita. Com o paradigma flexional reduzido, não há mais a possibilidade de identificação do pronome nulo *pro* em posição de sujeito. Como consequência disso, o sujeito nulo na 3ª pessoa não é livre, uma vez que no contexto deve haver um referente que possa identificar o *pro* (DUARTE, 1995).

Galves (1993) considera que a mudança no sistema de concordância no PB levará à reestruturação da oração, que está na base de todas as mudanças superficiais desta língua. O que diferencia o sujeito nulo do PB das outras línguas românicas é o fato de que PB apresenta estruturas oracionais típicas das línguas de organização Tópico-Comentário.

O PB perdeu o sujeito nulo referencial e a inversão com verbos de mais de dois argumentos, segundo Kato (1999). A perda do sujeito nulo referencial, para a mesma autora, deve-se ao empobrecimento das distinções de pessoa em seu sistema de concordância e à emergência de um paradigma de pronomes fracos.

A seguir, resumimos algumas das principais mudanças em relação ao emprego do parâmetro de sujeito nulo no PB, conforme mostram as pesquisas:

1. perda do princípio *Evite o pronome* (formulado por Chomsky em 1981) que regula a alternância de uso do pronome nulo e lexical nas línguas [+ *pro-drop*] (DUARTE, 1995);

2. emprego de pronomes plenos em contextos de correferência com o sujeito da oração matriz, mesmo com antecedente [- humano]:
ex.: **[A casa]_i** virou um filme quando **ela_i** teve de ir abaixo. (DUARTE, 1993,1995);
3. construções com sujeitos duplos em que se retoma um referente esperado e próximo;ex: **A Clarinha_i** **ela** cozinha que é uma maravilha.
4. perda de sujeito nulo referencial:
ex.: **Eu** não estou conseguindo.
(DUARTE, 1993, 1995, GALVES,1993, FIGUEIREDO SILVA, 1996);
5. manutenção do licenciamento de sujeitos nulos de terceira pessoa, mas não os de primeira e segunda:
ex: **(Ø)**já **saiu** de casa. (DUARTE, 1993, 1995; KATO, 1999).

O trabalho de Duarte (1995:98) revelou o que aconteceu e de certa forma também prediz o que continua acontecendo com a representação do sujeito pronominal no PB a respeito da perda das principais características de sujeito nulo como consequência da perda do **Princípio Evite o Pronome**. Nesse sentido, apresentamos aqui as conclusões a que chegou a autora no final do seu estudo a respeito da análise dos condicionamentos realizada:

Seguimos o caminho recente da perda progressiva do sujeito nulo obrigatório, passando pelas estruturas que mais rapidamente cederam terreno ao sujeito pronominal pleno, como as que têm material em Spec de CP, e buscando identificar os mais fortes contextos de resistência ao avanço do sujeito, entre os quais estão a terceira pessoa, as sentenças com o pretérito perfeito, a presença de um referente bem estabelecido no contexto discursivo e a correferência entre sujeitos de estruturas subordinadas. A maior resistência por parte desses dois últimos não surpreende, uma vez que se trata de contextos em o sujeito nulo é obrigatório nas línguas *pro-drop*.

3.4. O Parâmetro do Sujeito Nulo no Espanhol

No quadro abaixo, podemos observar o paradigma verbal do espanhol (E), constituído pelos sete pronomes sujeitos e sete desinências.

1ª sing.	Yo	Cant - o
2ª sing.	Tú Vos	Cant - as Cant - ás
3ª sing.	Él/Ella/Usted	Cant - a
1ª plur.	Nosotros	Cant - amos
2ª plur.	Vosotros	Cant - áis
3ª plur.	Ellos/Ellas/Ustedes	Cant - an

Quadro 3. Paradigma verbal e flexional do Espanhol

Devemos destacar que a segunda pessoa *vos* + a sua flexão verbal é uma característica de algumas variedades do espanhol da América e também sofre variações nas diferentes falas, inclusive no que se refere a prestígio. O fenómeno, denominado *voseo*, pode ser encontrado especialmente no Rio da Prata (Argentina, Uruguai e partes do Paraguai), em alguns países do Caribe e América Central e no Chile, com uma extensão de uso bastante diferenciada e aceitabilidade relativa em alguns casos. Em relação ao paradigma verbal do espanhol uruguaio, devemos destacar que no Uruguai, se usa o denominado **voseo híbrido**²⁰, que significa o emprego alternado de duas formas:

1. pronome sujeito **tú** + o **verbo voseado**
tú sos una persona bárbara.

2. pronome sujeito **vos** + **verbo voseado**
Vos sos una persona bárbara.

A língua espanhola licencia a ausência de pronomes sujeitos devido a que

²⁰ Cabe lembrar, que este chamado *voseo híbrido* deve-se ao fato que no Uruguai o *voseo* foi muito combatido e reprimido. Nesse sentido, se explica em parte o *voseo híbrido*. Por outro lado, acreditamos que na região fronteiriça, este *voseo* “tuteante”, como poderíamos também denominá-lo, deve-se atualmente ao contato com a forma *Tu* do PU. Ou seja, que aqui teríamos um hibridismo como consequência do contato de línguas.

possui um sistema flexivo "rico", isto é, as desinências do verbo permitem distinguir as diferentes pessoas do seu paradigma verbal.

Fernández Soriano (1999:1224) afirma que:

El español permite omitir los pronombres de sujeto, esto es, junto a una oración como **Ella ha venido** existe la posibilidad de la paralela sin pronombre, **Ha venido**. Así, nuestra lengua difiere de otras, como el inglés, que sólo permiten, con verbos conjugados, construcciones en que el sujeto aparece expresado (**He saw her**). Esta posibilidad, que se da también en italiano y en otras lenguas no emparentadas, se ha puesto en relación con la riqueza que presenta el paradigma verbal, es decir, con el hecho de que la desinencia flexiva del verbo permita, por sí sola, distinguir entre las distintas personas gramaticales.

A ideia, compartilhada pela gramática tradicional²¹, conforme a mesma autora (1999:1225), é que “(...) en estas oraciones la flexión ‘contiene en sí’ al sujeto, posee sus rasgos. [...]. La naturaleza pronominal de la flexión verbal de persona hace, así, que la aparición de un sujeto expreso no sea necesaria en ciertos casos.” A autora apresenta exemplos de sujeito nulo em todas as pessoas do paradigma verbal espanhol e ressalta que as frases não são impessoais, dado que o sujeito nulo é o argumento predicado pela ação verbal e que possui um conteúdo semântico concreto. Vejamos os exemplos apresentados pela autora (1999: 1224):

Trabajo de nueve a cinco todos los días.

Trabaja de nueve a cinco todos los días.

Trabajaø de nueve a cinco todos los días.

Trabajamos de nueve a cinco todos los días.

Trabajáis de nueve a cinco todos los días

Trabajan de nueve a cinco todos los días.

A respeito do parâmetro *pro-drop*, Fernández Soriano (1999:1225) diz:

En lenguas como el español existen pronombres fonéticamente nulos, cuyo contenido se recupera a través de su relación con un elemento, en este caso afijado al verbo, que contiene rasgos de personas (y quizá otros). Ciertas lenguas permitirán la aparición en posición de sujeto de pronombres vacíos, siempre que se cumplan ciertos requisitos, entre

²¹ Fernández Soriano refere-se a autores que também compartilham a mesma ideia, como Seco (1988), Gili Gaya (1943), RAE (1973) e Fernández Ramírez (1951).

los que está su adecuada identificación. (p.1225)

O espanhol apresenta três tipos de **sujeitos não explícitos** (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999: 1225):

1. **Argumentais.** Sujeitos elididos + um verbo não impessoal; a referencia pode ser indefinida e de quantificação existencial; contrastam com as construções com pronomes expressos (são os mais frequentes):

Llaman a la puerta. / #²² Ellos llaman a la puerta

2. **Quase-argumentais.** São os verbos meteorológicos e outros de terceira pessoa (*terciopersonales*); o sujeito pode materializar-se em expressões idiomáticas, porém nunca aparece como pronome:

Llovieron piedras
Llueve una lluvia finita.

3. **Expletivos ou sem nenhum conteúdo.** São os sujeitos das orações impessoais não meteorológicas. O espanhol não tem pronomes explícitos que funcionam como expletivos tal como o inglês (*it/there*) ou francês (*il*), por esse motivo, não aparece jamais um pronome nessas construções.

Ø hay moscas en el jardín.
Ø es necesario trabajar más.
Ø parece que estamos cansados.

Outra característica dos sujeitos pronominais do espanhol a que se refere a mesma autora é que a flexão verbal de pessoa tem a propriedade de não excluir a referencia de objetos [- animados]. Cabe ressaltar aqui, que **os sujeitos pronominais plenos do espanhol remetem exclusivamente a pessoas**, por esta razão, nesses casos, o pronome sujeito está ausente. No inglês, essa referencia é realizada através de um pronome neutro *it*. Conforme vimos antes, o PB também apresenta este uso, fazendo a referencia a objetos [- animados] por meio de um pronome pleno:

²² O signo [#] está indicando que não é existencial.

*He visto el coche de Juan. **É** tiene un color muy bonito.*

*I have seen John's car. **It** has a very nice color.*

*Vi o carro do João. **Ele** tem uma cor muito bonita.*

Em espanhol, há contextos em que o sujeito pronominal deve estar presente:

- a. quando o **sujeito é foco oracional** e, por conseguinte, deve ter um **acento contrastivo** e não pode recair sobre morfemas flexivos:

- Quién ha sido?

*- He sido **yo**./*²³ He sido.*

- b. não pode haver um sujeito elíptico se há complementos apositivos, adjetivais ou oracionais, neste caso, em que o sujeito pleno é obrigatório, também se aceita como referente um objeto inanimado.

***Tú** solo lo hiciste/* Solo lo hiciste.*

***Él mismo** lo ha resuelto./* Mismo lo ha resuelto.*

***Tú**, que tienes dinero/*, que tienes dinero, podrás venir.*

*Tus **observaciones** son todas **ellas** falsas.*

A maioria dos gramáticos tradicionais coincide em que a presença de um pronome explícito na posição de sujeito é “supérflua” e considera que ela deriva de três fatores: a redundância, a ênfase e a ambigüidade (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999).

Vimos algumas das restrições de aparecimento dos pronomes expressos e, em relação a isso, Fernández Soriano (1999:1227), afirma que “no hay alternancia entre el uso y la omisión de los pronombres sujeto. Pero, además, todo parece indicar que un pronombre tónico no es ‘redundante’, sino totalmente imposible en algunos casos.” Algumas orações que são perfeitas no inglês ou no francês, no espanhol, um falante nativo não as aceitaria:

***Yo** me vestí y después **yo** fui a recoger a mi hijo, pero **yo** llegué tarde.*

²³ O asterisco indica que o pronome não pode faltar.

Para essa autora, não podemos falar de uma livre alternância nem de uma opcionalidade, uma vez que o pronome aparece quando é necessário e essa necessidade deriva muitas vezes da configuração sintática. Ela sugere que os dados devem ser analisados minuciosamente e devem existir fatores estritamente gramaticais que determinem a sua presença. No entanto, quando aparece um pronome tônico em espanhol costuma-se atribuir a sua presença a fatores de natureza mais discursiva, tais como o contraste ou a inviduação:

Tú lo sabías.

Yo ya lo he terminado.

A respeito das propriedades do parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981), tratadas na seção anterior, elas também se aplicam ao espanhol. Vejamos algumas delas, com os seus respectivos exemplos, (LICERAS, 1992):

1. Presença de sujeitos nulos:

___ salieron por aquí.

2. Não requer a presença de expletivos como *él*, tal como ocorre com *il* ou *it* do francês e do inglês, respectivamente:

___ llueve.

3. Ausência de efeito *that-t*: permite relativizar e enfocar como perguntas os sujeitos das orações subordinadas:

¿Quién has dicho que va a ganar?

4. Inversão livre do sujeito em orações simples:

Ha llegado Juan.

5. Possibilidade de mover um elemento através de uma cadeia de subordinação (extração do sujeito a distancia):

El hombre que me preguntó quien (le) había visto.

CAPÍTULO IV

A žente se expresa cum us dois idiomas žunto ... y tein cosas que se entenden y pode falá ao mesmo tempo os dois idiomas... por exemplo... voy no mercado y digo así me dé un quilo de choriso... en bes de disé quilo de salsiša... en bes de disé un quilo de masa eu digo me dé un quilo de fideú

Inf.B5 L41-46

ANÁLISE LINGUÍSTICA DOS PRONOMES SUJEITO NO PORTUGUÊS URUGUAIO

Por meio da análise linguística da amostra em estudo, procuramos observar quais propriedades linguísticas apresentam os pronomes pessoais em posição de sujeito no PU. Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), passamos a analisar o preenchimento e não preenchimento dos pronomes sujeito, assim como determinar quais são os fatores linguísticos e sociais condicionantes dessas realizações. Cabe ressaltar que para a seleção dos fatores linguísticos condicionantes nos baseamos fundamentalmente nas pesquisas realizadas a respeito do Sujeito Nulo do PB e PE realizadas por Duarte (1995, 2003).

Para recordar o já dito na parte dedicada neste trabalho à metodologia, para a quantificação dos dados, realizamos a contagem das ocorrências dos sujeitos nulos e preenchidos. Para o cálculo das porcentagens e média de uso, utilizamos o programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences 15* (SPSS®). Para saber se algum dos fatores extralinguísticos selecionados (idade e sexo) estaria favorecendo a regra do preenchimento ou apagamento do sujeito, aplicamos o Teste ANOVA. Este teste estatístico realiza uma análise de variância, isto é, compara as médias dos grupos em análise, de um fator para uma variável dependente quantitativa em relação a outra variável de fator independente. Com a análise da variância, procuramos observar se as diferenças entre as médias das amostras são estatisticamente significativas.

4. Os fatores linguísticos e extralinguísticos

4.1. A pessoa gramatical

Os falantes do PU apresentaram, na amostra coletada, um total de 869 (53%) ocorrências de pronomes de sujeitos plenos, frente a 774 (47%) ocorrências de sujeito nulo. Na tabela 1, a seguir, podemos observar a distribuição desses sujeitos plenos e nulos de acordo com a pessoa gramatical.

PRONOMES SUJEITO PLENOS	SOMA	%	PRONOMES SUJEITO NULOS	SOMA	%
EU	441	51	EU	357	46,0
TU	56	6,5	TU	25	3,2
ELE	49	5,6	ELE	35	4,5
ELA	44	5,1	ELA	37	4,8
NÓS	104	12	NÓS	114	15,0
ELES	81	9,3	ELES	149	19,2
ELAS	12	1,4	ELAS	18	2,3
A GENTE	26	3	A GENTE	39	5,0
UM-UN	56	6,5	UM/UM		
TOTAL	869	100%	TOTAL	774	100%

Tabela 1. Pronomes Sujeito Plenos e Nulos

Como podemos observar, esse resultado está indicando que no PU há uma grande variabilidade no emprego desse parâmetro. A diferença percentual (DP) entre ambos os usos (plenos e nulos) é de apenas de 7%, com uma pequena tendência a favor do preenchimento dos sujeitos. Esse resultado pode estar indicando que o PU estaria também passando, ainda que mais lentamente, pelo mesmo processo de mudança que o PB, ou apontando também que, mesmo apresentando as mesmas estruturas do PB que favorecem o preenchimento do sujeito, o PU mantém, ainda, algumas propriedades das línguas *pro-drop*, que estariam resistindo à mudança pelo contato com o E. Mas veremos mais adiante o que os dados nós revelam após uma análise mais detalhada e quais fatores linguísticos e sociais são os que estariam favorecendo ou desfavorecendo o processo de mudança.

Iniciando a análise pelos sujeitos plenos, no gráfico a seguir, podemos visualizar a frequência com que eles aparecem na amostra, de acordo também

com a pessoa gramatical em jogo:

Gráfico 1. - Frequência de pronomes sujeito pleno

A pessoa gramatical de sujeito pleno mais utilizada pelos falantes do PU foi o pronome *Eu*, com uma média de uso 12 (441 ocorrências). Este resultado revela a tendência do PU em preencher o sujeito, mesmo junto a uma desinência distintiva, como é o caso da primeira pessoa do singular:

- (1) **eu** trato de me correží pero cuando **eu** falu cum otra persona que fala beim o espanhol **eu** vežo que to:: tremendamente mal...
- (2) sim não é em tudo não é en todas as palabra porque hay cosas que **eu** falo beim pero... cuando **eu** fui trabaiá en Punta del Este mesmo **eu...** **eu** tinha vergonha **eu** ficaba queta y não quiria falá porque **eu** via que **eu** falaba ...(B1- L56-61)

Como podemos observar nos exemplos acima, a mesma informante emprega o sujeito lexical com sujeitos referentes acessíveis. A respeito disso, Duarte (2003:08) aponta que este tipo de sujeito ainda favorece o emprego do sujeito nulo, entretanto, o resultado de dois estudos Painei e Tendência²⁴ realizados pela mesma autora, revelou que “os índices percentuais já se igualam aos obtidos nos casos de referente não acessível”. Se compararmos este resultado com o PB, estudos indicam que as primeiras e segundas pessoas também apresentam um baixo índice de sujeito nulo (cf. DUARTE, 1993,1995). Este dado nos remete também à hierarquia da referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000). As autoras propõem uma escala em que a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas com os traços [+referencial], [+específico] e [+humano] ocupam a posição mais elevada na hierarquia e, por outro lado, o não-argumento (expletivo), cujos traços são [-referencial], [-específico], ocupa a posição mais baixa; vejamos a escala abaixo:

Hierarquia referencial	
não-argumento	proposição [-humano] [+humano]
3p.	3p. 2p. 1p
-específico	+ específico
[-ref]	< ----- > [+referencial]

Escala extraída de Cyrino, Duarte e Kato (2000)

Como podemos observar, as primeiras pessoas estão ocupando, nessa hierarquia, o primeiro lugar, por conter os traços mais [+ humano] e [+ específico]. Quanto maior for a referencialidade (humana e específica), maior será número de sujeitos preenchidos. Por outro lado, a 3ª pessoa com traços [+ humano] e [- humano] e [+ específico] e [- específico] está no extremo esquerdo da escala, por conseguinte, menor a referencialidade e menor o número de sujeitos preenchidos.

²⁴ O estudo do tipo ‘tendência’ se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos de tempo, enquanto o estudo de ‘painei’ consiste no re-contato e na obtenção de uma amostra de fala dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo. (Paiva & Duarte, 2003. p.186)

Se por um lado o PU apresentou um número um elevado de sujeitos de primeira pessoa preenchidos, com 55%, por outro, computamos também um índice de sujeitos nulos de primeira pessoa muito próximo ao de sujeitos plenos, com um 45%, o que significa uma diferença percentual de 10% (ver tabela acima). A respeito desse número elevado, cabe lembrar que para esta análise dos dados não excluimos os nulos categóricos (as expressões típicas [*sei lá*], as respostas afirmativas, os verbos epistêmicos e as coordenadas iniciais com sujeitos com referencia acessível), por acharmos que seria importante computar o universo total de sujeitos preenchidos e nulos no PU. Nesse sentido, se tivéssemos excluído o nulo categórico das estruturas mencionadas anteriormente o sujeito nulo seria um pouco menor do que computamos. Entretanto, mesmo sem haver computado o nulo categórico exclusivamente para poder indicar a frequência de uso, pudemos observar que em muitos casos os falantes empregaram também os sujeitos plenos com nulo categórico:

- (3) claro tras...bue/ falabam muito que teim que us as criansas este:: tinham dificuldade na escritura por por falar u dialeto... mas eu aão que não... (C15-L271-273)

- (4) não sei porque eu aão:: qui sei eu eu aão que é uma manera más educada de conversá (A-L40-41)

- (5) mas que sei žo y aprendí lá nu campo (C3-L36)

- (6) *Doc.:já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o falam?*
²⁵**cv** não
cv não (A4 – L32-35)

- (7) *Doc.: e como é a forma de vida dos brasileiros e dos uruguaios... o que vocês acham? existem diferenças?*
Cv aão que não... não (C1-L12)

O estudo de Duarte (1995:09) a respeito do PE revelou também um baixo índice de sujeitos nulos de primeira pessoa e também um equilibrado uso de sujeitos nulos e plenos. Ochs & Duranti (1979, apud DUARTE, 1995: 09), no seu estudo sobre o italiano oral, afirmam também que os falantes, numa conversação utilizam geralmente sujeitos de primeira pessoa plenos e não somente o

²⁵ **CV= categoria vazia.**

mecanismo de concordância verbo + sujeito. Como observamos, o PU, no emprego da primeira pessoa, apresenta algumas características mais próximas ao PE do que ao PB.

Quanto aos fatores extralinguísticos, o fator idade revelou que os grupos C (41%) e A (32%) empregam mais sujeitos nulos do que plenos, e o grupo de idade B é o que utiliza mais sujeitos plenos (49%) do que nulos (27,2%). No que se refere aos sujeitos plenos, destaca-se o grupo B, com uma média de uso 16 em segundo lugar, vem o grupo C, com uma média de uso de 11; e, por último, o grupo A, com uma média de uso de 7,5. O teste estatístico ANOVA aplicado não revelou nenhuma diferença significativa entre os três grupos analisados. Este resultado sugere que no grupo dos mais velhos ainda prevalece o emprego do sujeito nulo, embora a diferença percentual seja de 12%. No grupo A, isto é, dos mais jovens, os sujeitos plenos e nulos estão quase que equilibrados, pois a diferença percentual é apenas de 1,1%. Neste caso, podemos dizer que o grupo A é altamente variável em relação ao emprego da primeira pessoa plena e nula. Na tabela a seguir, podemos observar o comportamento do grupo idade em relação ao emprego das formas plenas e nulas do pronome *Eu*.

GRUPO IDADE		EU PLENO	EU CV
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	97	114,0
	Média	7,46	8,769
	%	22,0%	31,9%
GRUPO B (26 - 50 anos)	Soma	217	97,0
	Média	16,69	7,462
	%	49,2%	27,2%
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	127	146,0
	Média	11,55	13,273
	%	28,8%	40,9%
Total	Soma	441	357,0
	Média	11,92	9,649
	%	100,0%	100,0%

Tabela 2. Sujeito pleno e nulo *Eu* segundo o grupo idade

Gráfico 2 - Sujeitos nulos e plenos segundo o grupo idade

Gráfico 2.1 - Sujeito *Eu* segundo grupo idade

Quanto ao fator sexo, como podemos observar na tabela abaixo, o grupo masculino apresenta mais sujeitos plenos (58,5%) do que o grupo feminino (41,5%). Este último, ao contrário, apresentou mais sujeitos nulos (43,7 %) do que plenos (41,5%). Entretanto, ambos os grupos apresentaram uma ocorrência equilibrada de sujeitos plenos e nulos, com uma diferença percentual de 2,2%. O teste estatístico da variância também não revelou nenhuma diferença significativa entre estes dois grupos. O fator gênero foi selecionado para observar se está havendo também uma mudança no PU, dado que, conforme os estudos da sociolinguística de variação e mudança, as mulheres são as que utilizam menos variantes estigmatizadas e mais variantes de prestígio do que os homens (LABOV, 1972). No caso do PU, lembremos que esta variedade falada na região é muito estigmatizada, até pelos próprios usuários, isto é, eles sentem muita vergonha da sua própria língua materna. Por essa razão, poderíamos dizer que as mulheres tenderam a empregar menos formas plenas do que os homens, uma vez que, como o espanhol é a variedade de prestígio de que se valem tanto as mulheres quanto os homens em contextos mais formais, poderíamos afirmar que as mulheres estariam sendo mais conservadoras em relação ao emprego do sujeito nulo do que os homens. Contudo, vimos que ambos os sexos empregam mais sujeitos plenos do que nulos. A tabela e o gráfico a seguir apresentam e ilustram claramente o desempenho dos homens e mulheres em relação ao pronome sujeito *EU*.

GRUPO SEXO		EU PRES	EU AUS CV
MASCULINO	Soma	258	201,0
	Média	12,90	10,050
	% da soma total	58,5%	56,3%
FEMININO	Soma	183	156,0
	Média	10,76	9,176
	% da soma total	41,5%	43,7%
Total	Soma	441	357,0
	Média	11,92	9,649
	% da soma total	100,0%	100,0%

Tabela 2.1. Sujeito *Eu* segundo o grupo sexo

Gráfico 2.2 - Sujeito *Eu* segundo grupo sexo

A 3ª pessoa apresentou um **56% de formas plenas** (93 ocorrências para as formas *Ele* e *Ela*, 77 ocorrências para *Eles* e *Elas* e 16 ocorrências para as forma *Eles* plena indeterminada²⁶) frente a um **44% de formas nulas** (72 ocorrências para *Ele* e *Ela* e 114 para *Eles* e *Elas* e 54 para a forma *Eles* indeterminada). Uma vez mais, constatamos uma diferença baixa entre sujeitos plenos e nulos (12%). Ainda assim, de todas as formas nulas da amostra, a terceira pessoa apresentou um índice alto de sujeitos nulos (31%) depois da forma *Eu* (47%). Comparando este resultado com o PB, conforme o estudo de Duarte (1995), a 3ª pessoa é a forma que apresenta o índice mais alto de sujeitos nulos e, também, é a mais resistente à mudança. Apesar disso, a autora observa que “embora mais lentamente, o sujeito nulo de 3ª pessoa também “vai cedendo espaço ao sujeito pronominal lexical” (p.54).

A quantidade de sujeitos plenos de 3ª pessoa na nossa amostra estaria relacionada às condições de referência. Quando o referente não é sintaticamente

²⁶ A forma indeterminada ***Eles*** (plena ou nula) foi acrescentada ao cômputo do índice total para observar melhor qual é frequência de uso desta forma em comparação com as formas de referência definida. Entretanto, ela será analisada à parte, conjuntamente com as outras formas de sujeito indeterminado presentes na nossa amostra.

acessível, como nos casos de contraste ou ênfase, este favorece o preenchimento do sujeito. Esse tipo de sujeito preenchido, numa língua de sujeito nulo, é funcionalmente motivado, afirma Duarte (2003). Registramos muitos casos de contraste utilizando a 3ª pessoa, como se observa nos exemplos (1), (2) e (3):

- (1) *Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em Livramento com o que tu falas?*
ah eu aão qui teim... não sei porque **eles** pronun/pronunsíam palavras assim mais por esemplo *nós* disemo más e **eles** mais eu qui sei né? **Eles** teim ... uma coisa que/una cosa que **eles** não combina muito bem cum o daqui (L.90-93 -INF.A7)
- (2) *é ruim é a mesma cosa ansim que *nós* temo te diñendo como uruguaio, **eles** vão te diñe a mesma cosa* (L142-43 – INF.A14)
- (3) *ah sim hay diferensias sí hay muinta diferensia porque **eles** se espresam corretamente y *nós* não... *nós* entreberemo us idioma* (L.59-60- B5)

Quando temos um antecedente expresso em função de sujeito e não se encontram elementos que obstaculizem a sua identificação, a preferência é o sujeito nulo. Nas línguas *pro-drop*, esse tipo de sujeito é considerado quase um nulo categórico. O estudo de Duarte (2003) revelou que o PB ainda apresenta resistência em preencher esse tipo sujeito, entretanto, índices elevados de sujeitos plenos nesse contexto demonstram que essa parece ser uma opção natural no PB²⁷. Do mesmo modo, O PU também apresentou casos de sujeitos nulos e plenos com um antecedente expresso em função de sujeito, o que indicaria que também o PU estaria no processo de mudança.

- (4) *Al meno foi o que o **Presidente** dise... que **ele** ia tomá medida cuando estabilisasen us presio*
- (5) *porque aquí nu Uruguay te ensinam en espanhol y **esa criansa** entra falando en português y sabe que... **ela** ža fica pa atrás ža* (B7- L61-62)
- (6) ***u uruguaio** é tão ansim que **ele** é... nu: numa partida de fútbol **ele** pode grita no dialecto... mais **ele** é uruGUAIO...* (B14-L120-21)

²⁷ Como exemplo do PB, em que o referente está sintaticamente acessível, Paiva & Duarte (2003) apresentam (...) **Aí meu marido** *i* não gostou porque **ele** gosta *i* muito de bicho. (Lei 00)

- (7) **us žornal uruguaio eles** teim levantado muito u nivel u nível entons entonses eu tenho agora pasado a olhar muito **us uruguaiois** y tenho visto que **eles** im muita coisa as ves ža

não tão tão lonže du:: por esemplo em materia žornalística du brasileiro mas também veim aí otra coisa que ta eu ašo que tá influindo também poquinho mais eles (...) que é por exemplo... **a CNN** através da teve a cabo **ela** ta entrando... y a CNN fala us us este us::.... **us periodistas** da da teve **eles** falam u:: espanhol cum sotaque americano y aí também de a poquinho a žente vai pegando algumas coisinhas que não tão no esquema né? (B14-L241-249)

Quanto aos casos de sujeitos nulos em que há um correferente acessível em função de sujeito, observamos um número elevado de nulos de 3ª pessoa:

- (8) *Doc: e as “maestras” como eram?*
ah:: bueNlismas ... **cv** foram ensinando ansim falá ejemplo ... eso de ta gaguežando falá tudo () respirá y ahí fala as palabra (L61-63-A8)
- (9) **algum algum parente** que moraba aquí que mora por lá puede ser...eses ža falam un poco pero ža cum os anos lá ža **cv** vão perdendo ža esa ese estilo fronteriso (L85-87-A8)
- (10) o uruguaio é más formal que o brasileiro... **brasileiro** é más ...música **cv** festeža tudo **cv** veve na na alegria... nei que **cv** težem morrendo de pobreza **eles** tão sempre na alegria (L79-81- B4)

Em relação aos fatores sociais, o grupo idade que mais emprega sujeitos nulos de 3ª pessoa é o grupo C (44%), depois vem o grupo B (37%) e por último o grupo mais jovem (19%), conforme podemos ver na tabela, a seguir:

GRUPO IDADE		ELE/ELA ELES/ELAS	ELE/ELA ELES/ELAS CV	ELES INDET	ELES INDET CV
GRUPO A (13- 25)	Soma	19	36	2,0	16,0
	%	11%	19%	12,5%	29,6%
GRUPO B (26 -50)	Soma	85	69	8,0	19,0
	%	50%	37%	50,0%	35,2%
GRUPO C (51 anos)	Soma	66	81	6,0	19,0
	%	39%	44%	37,5%	35,2%
Total	Soma	170,0	186,0	16,0	54,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,00%

Tabela 3. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo idade

Sobre os sujeitos preenchidos, o grupo B (50%) e o grupo C (39%) são os que mais se valem dos pronomes plenos e o grupo A é o que menos os emprega, com apenas 11%. Os três grupos apresentaram um comportamento equilibrado de uso entre as formas plenas e nulas. O grupo dos mais velhos é o que lidera, pois apresentou uma diferença percentual de 4%, o grupo A 8 % e o grupo B 13%. Como vemos, os três grupos de idade apresentam índices de preenchimento de 3ª pessoa que estariam indicando que também no PU está ocorrendo o que Duarte (2003:115) denomina a “implementação da mudança em direção ao sujeito foneticamente realizado”.

No que se refere ao fator sexo, os índices revelam que as mulheres tenderam a usar mais do que os homens as formas plenas **Ele** e **Ela**. No emprego das mesmas formas nulas, tanto os homens (54%) quanto as mulheres (46%) apresentaram um número de ocorrências equilibrado. As formas do plural apresentaram um comportamento diferente, ambos os sexos empregam mais as formas nulas, entretanto, os homens apresentaram um número maior de formas nulas e plenas do que as mulheres. (cf. tabela e gráfico abaixo). O teste estatístico ANOVA foi aplicado tanto no fator idade quanto sexo, entretanto nenhuma diferença significativa foi registrada.

GRUPO SEXO		ELE	ELE CV	ELA	ELA CV	ELES	ELES CV	ELAS	ELAS CV
MASCULINO	Soma	22,0	19,0	15,0	20,0	40,0	49,0	5,0	9,0
	%	44,9%	54,3%	34,1%	54,1%	71,4%	65,3%	41,7%	50,0%
	Média	1,100	,950	,750	1,000	2,000	2,450	,250	,450
FEMININO	Soma	27,0	16,0	29,0	17,0	16,0	26,0	7,0	9,0
	%	55,1%	45,7%	65,9%	45,9%	28,6%	34,7%	58,3%	50,0%
	Média	1,588	,941	1,706	1,000	,941	1,529	,412	,529
Total	Soma	49,0	35,0	44,0	37,0	56,0	75,0	12,0	18,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,324	,946	1,189	1,000	1,514	2,027	,324	,486

Tabela 3.1. Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa segundo o grupo sexo

Gráfico 3 - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

Gráfico 3.1 - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

A segunda pessoa do singular **Tu**²⁸ e a forma menos utilizada da amostra, fato que pode ter sido condicionado pelo tipo de respostas solicitadas pela

²⁸ Cabe observar que optamos por transcrever a forma **Tu** sem acento conforme o português, dado que no português do Rio Grande do Sul esta é a forma de tratamento de segunda pessoa mais utilizada. Outras das razões que nos levou a optar por usar a forma **Tu** conforme o PB é que no espanhol uruguaio a forma **Tú** é utilizada muito pouco e, quando é utilizada alterna com a forma **Vos**. Nesse sentido, acreditamos que o **Tu** no PU deve-se mais ao emprego do **Tu** no português gaúcho do que ao seu emprego no espanhol uruguaio.

entrevistadora, que estimulou mais o aparecimento de narrativas e menos a interlocução. Por um lado, computamos todas as formas plenas e nulas que, na sua grande maioria, aparecem condicionadas pelo contexto discursivo, ou seja, quando o falante realiza perguntas buscando aprovação no contexto da argumentação e interação, e, por outro, computamos as ocorrências da forma **Tu** com valor indeterminado plena. Este último **Tu** não será tratado aqui, pois será analisado junto com as outras formas de sujeito arbitrário, como a forma *se, a gente, eles e uno/um/um*.

Das 88 ocorrências registradas da segunda pessoa **Tu**, 68% foram plenas e 32% nulas. Das formas plenas, 18% delas foram formas que apareceram junto aos marcadores conversacionais que podem funcionar como marcador de teste ou busca de apoio para conseguir o assentimento do ouvinte como: *tu sabe, tu sabe que, tu viste que, tu te da conta* etc.:

- (11) y **tu sabe** qui eles faseim di tudo pra tratá de escondé que eles são daqui (B7)
- (12) **tu viste** a volta dus coche brasileiro que dus coche uruguaço que cv venderon na frontera? (L112-B4)
- (13) **tu sabe** o que que eu compro uruguaio? (L14-B1)

As formas nulas registradas também se apresentam junto a esse tipo de construções, o que corrobora a variabilidade do PU nesse aspecto:

- (14) eu tambéim o portunhol... porque um tá más acostumbrado a falá asim **cv biste?** pasa falando todo día ahí asim (L86-A4)
- (15) eu tó em melhor situação de que muitas que teim uma carrera...**cv entendeste?** (L35-36-C13)
- (16) mas mentras esté::: eh eles pasem iso para um sigundo plano este::: y nós este::: na teoria y na dialéctica nós teža integrado/nos estéžamos integrado iso não existe realmente... **cv sabe** por quê? (L278-279-B14)
- (17) eu me sinto más brasileira que uruguaia ... **cv entende?** (B7-L.136-137)
- (18) ...porque um tá más acostumbrado a falá asim **cv biste?**(A4-L.85)

No que se refere aos fatores sociais, na tabela a seguir, podemos observar que o grupo A não emprega nenhuma forma plena junto aos marcadores conversacionais, como as apresentadas nos exemplos (12), (13) e (14). O grupo B é o que mais as emprega, com 64% de ocorrências, seguido pelo grupo C, com 36%. O grupo B também apresentou mais ocorrências nulas nesse mesmo contexto (53,6%), seguido pelo grupo A (32%) e pelo grupo C (14%). Como se observa, neste tipo de estrutura prevalece o emprego da forma nula sobre a plena nos grupos A e B e encontramos um equilíbrio das plenas e nulas no grupo C (ver gráfico abaixo). Acreditamos que, conforme vimos, o nulo se faz más presente nessas estruturas pela desinência distintiva de segunda pessoa, que na maioria dos casos é utilizada com o Pretérito Perfeito (-ste), já seja com verbos do português ou do espanhol. Além disso, independentemente da desinência distintiva, cabe ressaltar que o nulo também se apresentou junto a verbos no Presente do Indicativo com a desinência zero, emprego esse típico da fala do Rio Grande do Sul, que também faz parte do paradigma do PU.

GRUPO IDADE		TU	TU INETER.	TU CV
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	,0	8,0	9,0
	%	,0%	16,3%	32,1%
	Média	,000	,615	,692
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	7,0	25,0	15,0
	%	63,6%	51,0%	53,6%
	Média	,538	1,923	1,154
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	4,0	16,0	4,0
	%	36,4%	32,7%	14,3%
	Média	,364	1,455	,364
Total	Soma	11,0	49,0	28,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	,297	1,324	,757

Tabela 4. - Sujeito pleno e nulo de 2ª pessoa singular segundo o grupo idade

Gráfico 4.1. - 3ª pessoa singular segundo grupo sexo

Em relação à segunda pessoa do plural, não foi observado nenhum tipo de ocorrência, nem da forma *vocês* ou de *ustedes*, do espanhol. Isso provavelmente também se deveu ao tipo de entrevista realizado e às narrativas decorrentes.

Outras formas de tratamento de segunda pessoa, que esperávamos que fizessem parte do paradigma do PU, mesmo em um número reduzido, como as formas ***vos***, ***usted***, ***ustedes*** do espanhol, e ***você*** e ***vocês*** do português, foram descartadas da análise²⁹, em alguns casos por ausência total dessas formas (*usted* e *ustedes*, *você*), e em outros por apresentarem um número muito baixo como foi o caso da forma *vos* do espanhol e *vocês* do português.

A forma ***Nós*** foi a forma mais preenchida pelos falantes do PU depois do pronome ***Eu***, com 12% de ocorrências registradas. Registramos 52% de formas nulas frente a 48% de formas plenas, com uma diferença percentual muito baixa de apenas 4 %. Este número elevado de preenchimento chama muito a atenção

²⁹ Registramos dois casos para a forma *vos*, numa paráfrase e outra como marcador conversacional (*vos ves que*) e duas ocorrências para forma *vocês* no plural, também empregada no discurso indireto. Como exemplo de emprego da forma *vos* apresentamos: "temo acostumbrado a falá y y en espanhol é asada ... e ahí a maestra me dis "inchada tas vos" vo y salto "inçada maestra" y a maestra "no inchada estás vos"... porque não era inchada" (L.108 - A14) e como exemplo de emprego de *você* citamos: " nos somos de la frontera con Brasil ... y si viajamos a Brasil vamos a San Pablo por ejemplo "y ***voses*** de onde são... são este de:::.... baiano...***voses*** são baiano"... nós somos uruguaios... (L147-48- C11)

dado que a forma **Nós** no PU ainda mantém a sua desinência distintiva, apesar de que registramos também alguns casos de desinência zero junto ao pronome **Nós**.

- (20) porque desde que se conhesemo **cv** falemo em espanhol (L133-A2)
- (21) **cv** somo namorado (L136- A1)
- (22) as ves **nos** olhemo as ves não de noite da o Ratinho da ... as ves da Filo qui é “o coitado” teim un monte de programa bom no treše (L95-99- A7)
- (23) *Doc: e pra se divertirem o que vocês fazem?*
- (24) **cv** saimo cum us amigo **cv saimo** coa ... **cv** vamo num baile... (L67-68-A11)

Outro fato relevante é que no momento de fazer o computo das ocorrências, observamos um índice muito alto do pronome **Nós** com referência arbitrária o que nos levou a fazer o levantamento das ocorrências separadamente. Cabe salientar, uma vez mais, que a análise deste tipo de ocorrências não é o objetivo principal do nosso trabalho, no entanto, optamos em codificá-las dado que a representação do sujeito indeterminado também é realizada por uma forma pronominal, seja plena ou nula. Como um dos objetivos deste estudo é elencar as propriedades do sujeito do PU, não podemos deixar de descrever também qual é a forma pronominal que o PU mais emprega para representar o sujeito de referência arbitrário. Duarte (1995, 2000) demonstra que o PB também preenche o sujeito nas construções indeterminadas. As formas mais utilizadas são **Você** e **A gente** e as menos, utilizadas são as formas **Se e Nós**. O PU, conforme vimos anteriormente, emprega **Tu, Nós**, e também, como veremos mais adiante a forma **A Gente** e a forma indeterminada **Um/Un** do espanhol. Este tipo de ocorrências serão analisadas conjuntamente no item (2.0). No gráfico abaixo podemos visualizar bem a frequência de uso das formas plenas e nulas da forma **Nós**:

Gráfico 5. - Frequência de uso 1ª pessoa plural

O fator idade não revelou nenhuma diferença significativa inter-grupos e intra-grupos. Os três grupos tenderam a usar mais as formas nulas do que as plenas. Os grupos C e B apresentaram um uso mais equilibrado de formas plenas e nulas e o grupo A é o que tendeu a empregar mais sujeitos nulos do que os mais velhos. Acreditamos que o grupo dos mais jovens emprega mais o sujeito nulo devido ao contato que têm com o paradigma espanhol nas Instituições de Ensino, lembremos que os falantes dos PU são alfabetizados na língua espanhola e jamais aprenderam a ler e escrever a sua língua materna que é o PU. Na tabela 2.5 e gráfico 1.7, a seguir, podemos visualizar os índices obtidos conforme o fator idade:

GRUPO IDADE		NÓS	NÓS CV	NOS INDET.	NOS INDET. CV
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	13,0	21,0	10,0	15,0
	%	25,5%	32,3%	18,9%	30,6%
	Média	1,000	1,615	,769	1,154
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	19,0	24,0	28,0	20,0
	%	37,3%	36,9%	52,8%	40,8%
	Media	1,462	1,846	2,154	1,538
GRUPO C (51 anos -----)	Soma	19,0	20,0	15,0	14,0
	%	37,3%	30,8%	28,3%	28,6%
	Média	1,727	1,818	1,364	1,273
Total	Soma	51,0	65,0	53,0	49,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,378	1,757	1,432	1,324

Tabela 5. - Sujeito pleno e nulo de 1ª pessoa plural segundo o fator idade

Gráfico 5.1 - 1ª pessoa plural segundo fator idade

Quanto a variável sexo, o grupo masculino tendeu a usar mais as formas nulas do que as plenas e o feminino apresentou um equilíbrio de emprego das formas nulas e plenas (cf. tabela e gráfico abaixo). Uma vez mais, podemos dizer

que as mulheres estão na liderança e tenderam a usar mais do que os homens as formas preenchidas, embora haja uma diferença percentual muito baixa entre as mulheres e os homens.

GRUPO SEXO		NÓS	NÓS CV
MASCULINO	Soma	28,0	41,0
	%	54,9%	63,1%
	Média	1,400	2,050
FEMININO	Soma	23,0	24,0
	%	45,1%	36,9%
	Média	1,353	1,412
Total	Soma	51,0	65,0
	%	100,0%	100,0%
	Média	1,378	1,757

Tabela 6. - Sujeito pleno e nulo de 3ª pessoa plural segundo o fator idade

Gráfico 5.2. - 1ª pessoa plural segundo fator sexo

Nos exemplos, a seguir, podemos observar algumas ocorrências de sujeito

pleno em casos de contraste como em (25) e (26):

- (25) existe sim diferensias porque eles ža falam o idioma deles né? e **nós** ža entreberemo...(L54-55 - B2)
- (26) bueno pra iso tá **nós** somos... portu/ portunhol... **nós** não semo brasileira neim semo uruguaia... **nós** temo acá/aquí nu portunhol (L165-167 –C2)

A maioria das ocorrências registradas de sujeitos plenos apareceu junto a verbos com a desinência distintiva como observamos nos exemplos anteriores. Também constatamos a redução paradigma verbal da 1ª pessoa plural em que os falantes empregaram as formas plenas junto a verbos com desinência zero, comum à primeira e terceira pessoa do singular. No total, registramos 15 ocorrências com desinência zero das quais, somente 2 apareceram com pronomes nulos e 13 com os pronomes preenchidos. O tempo e modo verbal mais utilizado foi o Pretérito Imperfeito do Modo Indicativo, porém registramos 2 ocorrências desse tipo no Presente do Modo Subjuntivo. Foi observado também que este tipo de construção foi produzido pelos grupos de maior idade, B e C, no grupo A não registramos nenhuma ocorrência. Vejamos alguns exemplos:

Com o **Presente do Modo Subjuntivo** como em (27):

- (27) que querem fasé que **nós compre** o gas... uruguaio e sai carlsimo...(L32-33 - B1)

Com o **Pretérito Imperfeito do Modo Indicativo** como em (28) e (29):

- (28) y tinha sonas pra saí a trabalhar recorré e **nós ficaba** im casa com a:: a nosa mãe... com a mãe... ela falava só:: im portunhol (L7-9-C14)
- (29) eu fui fas beim poquinho oiá um jogo Brasil y Uruguai y foi muita žente de Rivera por esemplo entonse a žente de Rivera falaba u dialeto... em Montevideu... entonse a žente/**nós gritaba** pru Uruguai y as pessoas de Montevidéu pensabam que **nós era** brasileiro... (L121-124- B14)

No PU a forma **Nós** alterna com a expressão **A gente**, embora prevaleça a preferência pelo emprego da forma **Nós**. Na tabela, a seguir, podemos observar os índices de emprego conforme o fator idade:

GRUPO IDADE	Soma	%	Média
GRUPO A (13 até 25 anos)	3,0	11,5%	,231
GRUPO B (26 a 50 anos)	10,0	38,5%	,769
GRUPO C (51 anos)	13,0	50 ,0%	1,182
Total	26,0	100,0%	,703

Tabela 6. – A expressão *A gente* segundo o fator idade

Ao contrário do que está acontecendo no PB, em que a expressão ***A gente*** é a mais utilizada, sobretudo pelo grupo jovem, no PU são os mais velhos que empregam mais expressão ***A gente*** do que os mais novos. Cabe ressaltar que os índices apresentados na tabela 2,7 se referem a todas as ocorrências registradas para a expressão ***A gente***, entretanto, dessas 26 somente três são de referencia definida, as outras são de referencia indeterminada que, conforme apontamos anteriormente serão tratadas, mais adiante.

- (30) ***a žente*** pasaba lindo tranQUillo ... agora un veio pra perto é uma correria de loco
(L. 6-7 - C12)
- (31) fiquei ... loca de vergonha capás que digam que é ***a žente*** pero no...me robaron nomás
(67-68 – C12)
- (32) ... ele não quiria que nós ***os filhos*** falase o portunhol mas ele falaba o portunhol y: este pra nós taba como que proibido... y eu aão que como mais proibia mais ***a žente falaba...*** porque a nesiedade de se comunicar era muito más fásil este cum o dialeto (L23-27- B14)

4.2. O modo e o tempo verbais

Na tabela a seguir apresentamos os modos e tempos mais utilizados pelos falantes do PU e o seu emprego junto às formas pronominais plenas e nulas:

		Informe							
GRUPO IDADE		PRESENTE MI	CV PRESENTE MI	PRETÉRITO MI	CV PRETÉRITO MI	PRESENTE ESP. MI	CV PRESENTE ESP. MI	PRETÉRITO ESP. MI	CV PRETÉRITO ESP. MI
GRUPO A (13- 25 anos)	Média	12,000	9,300	2,231	1,846	,231	,231	,154	,231
	Soma	157,0	122,0	29,0	24,0	3,0	3,0	2,0	3,0
	%	24,8%	28,6%	14,1%	11,5%	30,0%	17,6%	50,0%	23,1%
GRUPO B (26 - 50 anos)	Média	24,308	10,769	6,154	5,692	,462	,846	,154	,231
	Soma	316,0	140,0	80,0	74,0	6,0	11,0	2,0	3,0
	%	49,9%	32,9%	39,0%	35,4%	60,0%	64,7%	50,0%	23,1%
GRUPO C (51 anos)	Média	14,545	14,909	8,727	10,091	,091	,273	,000	,636
	Soma	160,0	164,0	96,0	111,0	1,0	3,0	,0	7,0
	%	25,3%	38,5%	46,8%	53,1%	10,0%	17,6%	,0%	53,8%
Total	Média	17,108	11,514	5,541	5,649	,270	,459	,108	,351
	Soma	633,0	426,0	205,0	209,0	10,0	17,0	4,0	13,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7. – O presente e o pretérito do MI segundo o fator idade

Como se pode observar na tabela acima, correlacionamos o modo e o tempo verbais com o grupo idade e também com todos os tempos verbais presentes na amostra e apresentamos aqui somente aqueles que foram mais utilizados. De todas as formas verbais computadas do Modo Indicativo (1517 no Presente e Pretéritos Perfeito e Imperfeito), 56% apresentaram formas plenas, contra um 44% de formas nulas. Mesmo com uma baixa diferença percentual, de 12%, este índice está revelando, por um lado, a tendência do PU em tornar-se uma língua de sujeitos preenchidos e, por outro, a grande variabilidade no emprego de ambas as formas como consequência do contato permanente com outra variedade de sujeito nulo, o espanhol.

O presente do Modo Indicativo (doravante MI) é o tempo mais utilizado pelos falantes do PU na nossa amostra. Registramos um total de 1059 formas no presente do MI. Em 60% dos casos, os falantes apresentaram o sujeito pleno e em 40% o sujeito nulo. Nos pretéritos perfeito e imperfeito do MI o índice registrado foi de 205 formas plenas e 209 formas nulas, isso significa que os

falantes utilizaram 49,5% de formas plenas frente a um 50,5% de formas nulas, com diferença percentual de 1%. Acreditamos que esse resultado se deve a dois fatores: por um lado, o preenchimento estaria sendo favorecido pelo elevado número de verbos no pretérito imperfeito³⁰ presente na nossa amostra, uma vez que o pretérito imperfeito apresenta a desinência zero para as 1ª, 2ª, 3ª pessoas do singular e a 1ª pessoa do plural (**eu falava, tu falava, ele/ela falava, nós falava**); por outro lado, o elevado número de pronomes nulos estaria sendo favorecido pelo emprego do pretérito perfeito, dado que as desinências deste pretérito não têm sofrido nenhum tipo de redução, como consequência da redução do paradigma flexional do PB.

Os falantes do PU empregam também as formas verbais do E pronunciadas conforme a fonética do PB. Trata-se de construções que consideramos idiossincráticas por serem produto da mescla de ambos os sistemas. No presente do MI registramos um 37% (10 ocorrências) de verbos com sujeito pleno frente a um 63% (17 ocorrências) com sujeito nulo. O pretérito apresentou um 23% (4 ocorrências) de verbos com sujeito pleno e 76% (13 ocorrências) de verbos com pronome sujeito nulo. Acreditamos que este resultado está indicando que o paradigma do sujeito nulo do espanhol estaria condicionando o emprego do sujeito nulo com esse tipo de verbos:

- (1) ...era sábado... **cv agarrei** y šamei, daí da casa do lado, **cv šamei** a Marta” (C12-L.69)
- (2) **cv to** sim **cv me jubilei** da manera qui eu taba” (C3-L.26)
- (3) y vão cortá pra lá pro otro lado porque aqui... **nós crusemo** a caže y tá... a non sé **que ele** mande serrá a frontera” (A7-L.114-115)
- (4) **quando eu impesei** a ir nu colé/ na escola o nu coléžio (C10-L.49)

Quanto ao fator condicionador idade, observamos um equilíbrio no emprego do sujeito nulo e pleno com verbos no presente de MI, nos grupo A e C, e o grupo B apresentou mais formas de sujeito preenchidas do que nulas. No emprego do pretérito do MI, os grupos A e B se valeram mais das formas plenas do que das nulas, com uma diferença percentual muito baixa (o grupo B 4% e o

³⁰ Na presente pesquisa não computamos o total de ocorrências do pretérito imperfeito nem do pretérito perfeito simples do espanhol, dado que esperávamos utilizar os índices que registramos na nossa pesquisa anterior (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002). Entretanto, como tivemos que eliminar seis entrevistas pelo fato de que os falantes não empregavam os pronomes sujeito (nulos ou plenos), não podemos nos valer atualmente dos índices registrados na nossa pesquisa de Mestrado. Mesmo assim, podemos observar que na mesma amostra, porém composta por 43 informantes, o pretérito perfeito simples foi utilizado em 325 ocorrências e o pretérito imperfeito em 377 ocorrências.

grupo A, 9,7%). O grupo C foi o grupo que empregou mais formas nulas dos três, porém, da mesma forma que os outros grupos, também apresentou uma baixa diferença percentual de 7,6%. Com as formas verbais do espanhol, observamos que os grupos de maior idade, C e B, empregaram mais formas nulas do que plenas junto a verbos no presente e pretérito do MI; o grupo A, por sua vez, apresentou um número equilibrado de ocorrências das formas plenas e nulas, tanto no presente como no pretérito. No gráfico a seguir, podemos visualizar o emprego dos pronomes sujeito plenos e nulos junto a verbos no presente e pretérito do MI, e a frequência de uso total por todos os informantes da amostra.

Gráfico 7.1. – Frequência de uso do sujeito pleno e nulo junto ao presente e pretérito do MI

Os tempos do modo subjuntivo (doravante MS) foram pouco utilizados na nossa amostra, acreditamos que os falantes usaram poucas formas no subjuntivo em parte como consequência do tipo de temas tratados nas entrevistas (vida na

fronteira, o contrabando etc.), os quais não exigiram muitas argumentações no subjuntivo por parte dos falantes. Entretanto, das 41 ocorrências registradas, observamos que os falantes do PU tenderam a usar mais as formas nulas do que as plenas no tempo presente, e mais as formas preenchidas junto ao pretérito do MS. (Cf. tabela abaixo). Os grupo de idade C e B apresentaram um maior uso de formas nulas (5 ocorrências ambos os grupos) do que plenas (3 e 2 ocorrências respectivamente) no tempo presente e o grupo dos mais jovens, que vinha apresentando mais formas nulas do que os outros grupos, e curiosamente, apresentou mais formas preenchidas (3 ocorrências) do que nulas (1 ocorrência)

No pretérito, os grupos A e B usaram mais formas plenas e o grupo dos mais idosos apresentou um emprego maior de formas nulas. Como vemos, novamente o grupo C tendeu a usar mais as formas nulas do que as plenas no MS. Neste caso, poderíamos dizer que a geração dos mais velhos, como era de se esperar, mesmo apresentando ocorrências com sujeito pleno, resiste ao total preenchimento e continua apresentando as marcas do parâmetro do sujeito nulo.

Quanto às formas do E registradas, o sujeito nulo, novamente, foi a forma que prevaleceu no presente (5 ocorrências) e no pretérito do MS registramos somente uma ocorrência.

GRUPO IDADE		PRESENTE SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT.	PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT. ESP.	PRETÉRITO SUBJUNT. ESP.
GRUPO A (13 até 25 anos)	Média	,231	,077	,154	,000	,077	,000
	Soma	3,0	1,0	2,0	,0	1,0	,0
	%	37,5%	9,1%	22,2%	,0%	20,0%	,0%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Média	,231	,385	,385	,154	,308	,077
	Soma	3,0	5,0	5,0	2,0	4,0	1,0
	%	37,5%	45,5%	55,6%	28,6%	80,0%	100,0%
GRUPO C (51 anos em diante)	Média	,182	,455	,182	,455	,000	,000
	Soma	2,0	5,0	2,0	5,0	,0	,0
	%	25,0%	45,5%	22,2%	71,4%	,0%	%
Total	Média	,216	,297	,243	,189	,135	,027
	Soma	8,0	11,0	9,0	7,0	5,0	1,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.2. – O presente e pretérito do MI segundo o fator idade

O fator sexo no emprego das formas verbais do MI revelou que tanto o grupo dos homens quanto o das mulheres emprega mais as formas plenas do que as nulas no Presente do MI. Em relação ao pretérito, o índice de ocorrências de

sujeitos nulos e preenchidos é muito equilibrado em ambos os grupos. Quanto às formas do E, no presente do MI as mulheres apresentaram um índice de emprego de formas plenas e nulas equilibrado e os homens utilizaram mais as formas nulas. No pretérito, também observamos que ambos os grupos tenderam a usar mais formas com sujeitos nulos. No MS, os dois grupos usaram mais as formas nulas no tempo presente; no pretérito, o grupo dos homens empregou mais as formas plenas e as mulheres apresentaram o mesmo número de ocorrências de formas nulas e plenas. Com os verbos em espanhol, ambos os grupos usaram mais o sujeito nulo no presente e no pretérito, os homens apresentaram somente uma ocorrência com sujeito pleno.

Como vemos, o emprego do sujeito nulo ou preenchido não estaria condicionado pelo fator sexo, uma vez que comportamento de homens e mulheres é muito equilibrado. Nas tabelas, a seguir, podemos observar os índices registrados segundo o fator sexo.

GRUPO SEXO		PRESENTE MI	CV PRESENTE MI	PRET. MI	CV PRET. MI	PRET. ESP.	CV PRET. ESP.	PRESENTE ESP	CV PRESENTE ESP
MASCULINO	Média	14	11,	6,5	6,6	,100	,500	,100	,450
	Soma	292	234	130	132	2,0	10,	2	9
	%	46,1%	54,9%	63,4%	63,2%	50,0%	76,9%	20,0%	52,9%
FEMININO	Média	20,059	11,294	4,412	4,529	,118	,176	,471	,471
	Soma	341,0	192,0	75,0	77,0	2,0	3,0	8,0	8,0
	%	53,9%	45,1%	36,6%	36,8%	50,0%	23,1%	80,0%	47,1%
Total	Média	17,108	11,514	5,541	5,649	,108	,351	,270	,459
	Soma	633,0	426,0	205,0	209,0	4,0	13,0	10,0	17,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.3. – O presente e pretérito do MI segundo o fator sexo

GRUPO SEXO		PRESENTE SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT.	PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRETÉRITO SUBJUNT.	CV PRESENTE SUBJUNT. ESP.	PRETÉRITO SUBJUNT. ESP.
MASCULINO	Média	,150	,200	,300	,200	,200	,050
	Soma	3,0	4,0	6,0	4,0	4,0	1,0
	%	37,5%	36,4%	66,7%	57,1%	80,0%	100,0%
FEMININO	Média	,294	,412	,176	,176	,059	,000
	Soma	5,0	7,0	3,0	3,0	1,0	,0
	%	62,5%	63,6%	33,3%	42,9%	20,0%	,0%
Total	Média	,216	,297	,243	,189	,135	,027
	Soma	8,0	11,0	9,0	7,0	5,0	1,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.4. – O presente e pretérito do MS segundo o fator sexo

Em relação a outras formas verbais do MI, registramos poucas formas no futuro, apenas onze ocorrências conforme o PB e uma ocorrência conforme o E. No Pretérito M-Q-perfeito composto, registramos três ocorrências, das quais duas apareceram com sujeito pleno e uma com sujeito nulo. Em relação às perífrases verbais, cabe observar que registramos as ocorrências de sujeito nulo ou pleno dependendo de como se apresentava o tempo do verbo auxiliar.

4.3. O sujeito nulo e pleno e as desinências verbais

Duarte (1995), a respeito da mudança do parâmetro do sujeito nulo no PB, alega que a perda gradual dessa propriedade deve-se ao enfraquecimento do sistema flexional verbal que, segundo a autora “chega a permitir a desinência zero em todas as pessoas” (p.56). Entretanto, o trabalho de Huang (1984) revelou que a relação flexão rica e sujeito nulo não seria a única causa, uma vez que línguas como o chinês, que tem um paradigma verbal sem flexões, também apresenta sujeitos nulos. A respeito desta questão que se instaurou sobre o que estaria licenciando o sujeito nulo, Jaeggli e Zaffir (1989) apresentam a hipótese de que o que estaria autorizando o sujeito nulo não seria uma morfologia (*Agr*) rica, mas sim o paradigma verbal da língua que apresenta uniformidade morfológica. Roberts (1993, apud DUARTE, 1995) contribui com a questão dizendo que do mesmo modo que um **paradigma**³¹ **morfologicamente uniforme** atua com formas derivadas (com desinências de número, pessoa, tempo, modo etc.) ou não derivadas (somente com radical), um **paradigma funcionalmente rico** atuaria admitindo a **desinência zero** e um **sincretismo** (presença de formas iguais para diferentes pessoas verbais) que licenciaria e identificaria um sujeito nulo.

No PB, “a perda do Princípio “Evite Pronome” tem como causa última a redução do paradigma pronominal, com a consequente simplificação do paradigma flexional”³², aponta Duarte (1995:32). Esta redução pronominal

³¹ Grifo nosso.

³² Esta redução do paradigma pronominal ocorreu em quase todas as regiões do Brasil. Entretanto, o estudo de Menon (1996) confirma que na região do Sul, ainda coexistem a pessoa direta e a indireta.

aconteceu na mudança do emprego da **segunda pessoa direta**³³, com os pronomes **Tu** e **Vós**, pela **segunda pessoa indireta**, que usa formas de **terceira pessoa**. Outra mudança ocorrida no paradigma verbal do PB é o lento desaparecimento do pronome **Nós** pelo emprego da expressão **A gente**, usada também na terceira pessoa do singular. Como vemos, todas essas mudanças que ocorreram no paradigma pronominal do PB, provocaram também uma simplificação no sistema flexional. Em relação ao PU, podemos dizer que apresenta um sistema flexional reduzido, igual ao PB quanto ao emprego da 2ª pessoa indireta **Tu**, empregada na 3ª pessoa singular. Entretanto, registramos que a desinência **-ste(s)** da 2ª pessoa direta, do pretérito perfeito simples, ainda faz parte do paradigma flexional do PU e o seu uso alterna com a desinência da terceira pessoa (morfema zero) e é utilizada independentemente da idade, conforme veremos mais adiante. Outra simplificação, que já mencionamos anteriormente, é o emprego da 1ª pessoa plural **Nós** com a forma de 3ª pessoa (morfema zero); conforme já apontamos, registramos um baixo número de ocorrências dessa forma e somente nos grupos B e C. No quadro abaixo podemos visualizar o paradigma flexional do PU:

PARADIGMA FLEXIONAL PORTUGUÊS URUGUAIO		FLEXÃO PRESENTE PRETÉRITO	FLEXÃO MODO SUBJUNTIVO
PESSOA/Nº - PRONOME			
1ª. SING.	EU	-o / -i	-e
2ª SING.	TU	-a / -aste (s)	-e (s)
	* (VOCÊ)	-a / -o (u)	
3ª SING.	ELE/ELA		-e
		- a / -o (u)	-e
1ª. PLUR.	NÓS	-mo (s) -a	- mo(s) -e
	A GENTE UM/UN/ UNO	-a	
2ª PLUR.	VOCÊS	-m	-m
3ª PLUR.	ELES/ELAS		

Quadro 4. - Paradigma Pronominal e Flexional do PU

³³ Os grifos são nossos.

Baseados nos nossos dados e nas pesquisas sociolinguísticas realizadas na região sobre o PU (HENSEY, 1972, ELIZAINCÍN, 1992, ELIZAINCÍN et alii, 1987), elaboramos o quadro anterior com o paradigma pronominal e flexional do PU. Como se observa, o sistema apresenta um paradigma com cinco formas distintivas (**Eu**, **Tu** forma indireta no presente e direta no pretérito, **Ele/Ela-(Você)**³⁴, **Nós**(-mos e -a) alterna com **A gente** e **Um/Un/Uno**, e **Eles/Elas – Vocês**). Optamos por incluir a flexão do pretérito perfeito, dado que, como já dissemos, os falantes do PU empregam a 2ª pessoa indireta no presente do Modo Indicativo e a direta no pretérito perfeito do MI.

4.3.1. As desinências de morfema zero

Quanto à correlação entre as desinências e o sujeito nulo no PU, registramos todas as ocorrências das formas verbais com a sua desinência distintiva ou se apresentava morfema zero.

Nas tabelas abaixo (3.3. e 3.4) podemos ver que os falantes do PU tenderam a usar mais as formas plenas (57,3%) do que as nulas (43%) junto às desinências de morfema zero, ou formas homógrafas (de 1ª e 3ª pessoa singular utilizadas no Imperfeito do Modo Indicativo ou Modo Subjuntivo, no Presente do Modo Subjuntivo e o Futuro do Pretérito³⁵), com uma diferença percentual não muito alta de 14,3%. Dos três grupos de idade, o grupo C e B apresentaram mais formas plenas do que o grupo A, que por sua vez, apresentou um emprego maior de formas nulas do que preenchidas. No que se refere a forma **Tu** indireta, também prevaleceu o emprego das formas plenas com 54% frente as formas plenas com 46%, com uma diferença percentual de 7,7%. Como esperávamos as formas **Um/Un/Uno** e **A gente**, apresentaram um 72% de ocorrências junto às formas plenas e um 28% de ocorrências com formas nulas. Para a forma **Nós** utilizada com o morfema zero registramos 16 ocorrências de sujeitos plenos contra 5 ocorrências com sujeito nulo. Dos três grupos de idade, o grupo B se destaca com um 81,3% (13 ocorrências), o grupo C usou um 18,8 % (com 3

³⁴ O pronome **você**, conforme pudemos constatar na nossa amostra apenas é utilizado. Pesquisas sobre o Português Gaúcho também revelam que na região do Rio Grande do Sul, a forma **Tu** prevalece sobre **Você**, embora em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o emprego de **Você** alterne com a forma **Tu** (cf. MENON, 2002, AMARAL, 2003).

³⁵ No Futuro do Pretérito registramos somente quatro ocorrências.

ocorrências apenas) e o grupo A não apresentou nenhuma ocorrência. Como podemos observar, estes índices estão revelando que no emprego de desinências verbais com morfema zero, prevalece o emprego das formas plenas sobre as nulas, embora o índice de formas plenas também seja elevado. Com base neste resultado, podemos lançar a seguinte hipótese: que também no PU assim como no PB o preenchimento do sujeito deve-se a redução do paradigma flexional no emprego da 2ª pessoa **Tu** indireta e também, no emprego da forma **Nós** com a desinência morfema zero.

O SUJEITO NULO E PLENO E AS DESINÊNCIAS VERBAIS

GRUPO IDADE		MORFEMA ZERO (1a - 3a sing) IMPF./MI/MS - PR./MS - FUT. PRET.	CV MORFEMA ZERO (1a - 3a sing) IMPF. (MI/MS) PR(MS) FUT. PRET.	MORFEMA ZERO (TU+desin 3a + sing.) PRMI	CV MORFEMA ZERO (TU+desin 3a sing.) PRMI	MORFEMA ZERO (UM/UNO/A GENTE) PRMI	CV MORFEMA ZERO (UM/UNO/A GENTE) PRMI
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	14,0	16,0	8,0	2,0	29,0	21,0
	%	14,3%	21,9%	21,6%	6,3%	31,5%	58,3%
	Média	1,077	1,231	,615	,154	2,231	1,615
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	42,0	26,0	10,0	28,0	43,0	15,0
	%	42,9%	35,6%	27,0%	87,5%	46,7%	41,7%
	Média	3,231	2,000	,769	2,154	3,308	1,154
GRUPO C (51 anos ---)	Soma	42,0	31,0	19,0	2,0	20,0	,0
	%	42,9%	42,5%	51,4%	6,3%	21,7%	,0%
	Média	3,818	2,818	1,727	,182	1,818	,000
Total	Soma	98,0	73,0	37,0	32,0	92,0	36,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	2,649	1,973	1,000	,865	2,486	,973

Tabela 8. – O Sujeito nulo e pleno e morfema zero segundo o fator idade

GRUPO IDADE		NÓS MORFEMA ZERO	CV NÓS MORFEMA ZERO
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	,0	,0
	%	,0%	,0%
	Média	,000	,000
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	13,0	5,0
	%	81,3%	100,0%
	Média	1,000	,385
GRUPO C (51 anos---)	Soma	3,0	,0
	%	18,8%	,0%
	Média	,273	,000
Total	Soma	16,0	5,0
	%	100,0%	100,0%
	Média	,432	,135

Tabela 8.1. – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais
1ª pessoa plural segundo o fator idade

4.3.2. As desinências distintivas

No paradigma verbal do PU registramos também as ocorrências de sujeito nulo ou pleno junto a formas verbais que apresentam a sua desinência distintiva. Desse modo, registramos que no emprego da desinência de 2ª pessoa **–ste**, prevalece o emprego do sujeito nulo (13 ocorrências) frente ao sujeito pleno (4 ocorrências). Este baixo índice de emprego da desinência **–ste**, como vemos, está revelando a tendência do PU em empregar mais as formas de 2ª pessoa indireta, inclusive com o pretérito perfeito do MI. Quanto ao emprego da desinência **–mo(s)** da 1ª pessoa plural, registramos que os falantes tenderam a usar mais as formas nulas, com 56%, do que as plenas, com 44%. Mesmo assim, uma vez mais a diferença percentual no emprego das formas plenas e nulas é baixa, com apenas 12%. Por último, registramos o emprego da desinência distintiva da 3ª pessoa plural **–m/n**, que aparece com duas formas, como no PB e no E. Registramos que os falantes tenderam a usar mais as formas nulas, com 64% de ocorrências, frente a um 35% de ocorrências com sujeito pleno.

Dos três grupos idade, o que emprega mais as formas nulas é o grupo A, seguido pelo grupo C e, por último, do grupo B, que apresenta um comportamento mais equilibrado no emprego de ambas as formas. A seguir, apresentamos a tabela com todos os índices registrados segundo o fator idade:

GRUPO IDADE		DESIN. -STE 2a. PESSOA	DESIN. CV -STE 2a. PESSOA	DESIN. -MO(S) 1a. PESSOA PL. (PRES-PRET)	CV DESIN. -MO(S) 1a. PESSOA PL. (PRES-PRET)	DESIN. -M/N 3a PESSOA PLURAL	CV DESIN. -M/N 3a PESSOA PLURAL
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	,0	7,0	15,0	31,0	5,0	28,0
	%	,0%	53,8%	18,8%	30,1%	7,2%	22,6%
	Média	,000	,538	1,154	2,385	,385	2,154
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	4,0	4,0	41,0	42,0	35,0	41,0
	%	100,0%	30,8%	51,3%	40,8%	50,7%	33,1%
	Média	,308	,308	3,154	3,231	2,692	3,154
GRUPO C (51 anos--)	Soma	,0	2,0	24,0	30,0	29,0	55,0
	%	,0%	15,4%	30,0%	29,1%	42,0%	44,4%
	Média	,000	,182	2,182	2,727	2,636	5,000
Total	Soma	4,0	13,0	80,0	103,0	69,0	124,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	,108	,351	2,162	2,784	1,865	3,351

Tabela 8.2 – O Sujeito nulo e pleno e as desinências verbais segundo o fator idade

Os índices expostos revelam e confirmam a tese de Duarte (1995) de que a redução do sistema flexional conduz ao preenchimento do sujeito, e este seria um

dos fatores que estaria licenciando o sujeito nulo. Resta saber, agora, que outro fator estaria condicionando os casos de sujeitos plenos que são licenciados por uma desinência? Procuraremos responder esta pergunta observando os outros fatores condicionantes que veremos a seguir.

4.4. Presença/ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP)³⁶

A presença e ausência de elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), tais como topicalizações e adjuntos adverbiais, conforme as pesquisas realizadas por Duarte (1995) e Paiva & Duarte (2003) favorece o preenchimento de sujeitos pronominais. Com base nesse resultado, procuramos observar também se esse mesmo tipo de contexto sintático condiciona a realização do sujeito pleno ou não no PU. Conforme podemos observar na tabela abaixo, os falantes do PU apresentaram um índice de 58% de sujeitos plenos frente a um 42% de sujeitos nulos junto a adjuntos adverbiais presentes na amostra.

GRUPO I DADE		ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL	CV ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	13,0	4,0
	Média	1,000	,308
	%	27,7%	11,8%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	19,0	9,0
	Média	1,462	,692
	%	40,4%	26,5%
GRUPO C (51 anos)	Soma	15,0	21,0
	Média	1,364	1,909
	%	31,9%	61,8%
Total	Soma	47,0	34,0
	Média	1,270	,919
	%	100,0%	100,0%

Tabela 9. – O sujeito nulo e pleno e elementos adjuntos (IP)
segundo o fator idade

Como vemos, os falantes do PU tenderam a usar uma vez mais o sujeito pleno, porém com uma diferença percentual baixa, de 16%, entre as formas plenas e nulas. Cabe observar que a maior parte das ocorrências registradas de

³⁶ IP: do inglês *inflectional phrase*.

elementos adjuntos ao IP foram os adjuntos adverbiais, uma vez que no momento de fazer o levantamento das ocorrências registramos um número muito pequeno de topicalizações (5 ocorrências no total, sendo 4 delas de um mesmo informante); por essa razão, optamos por não incluí-las no computo total. Quanto ao fator idade, na tabela abaixo podemos ver que os grupos B e A tenderam a usar mais sujeitos plenos junto ao sintagma flexional do que o grupo C, o qual apresentou mais formas nulas (58%) do que plenas (42%). Nesse sentido, vemos que o grupo dos mais velhos apresentou um comportamento mais conservador do que os outros grupos, porém com uma diferença percentual de apenas 16%. Em relação ao fator sexo, observamos na tabela 5.1 que ambos os sexos apresentam um emprego de mais formas plenas do que nulas. As mulheres (53%) tenderam a usar um pouco mais do que os homens (46,8%) as formas plenas. Nesse sentido, o fator sexo não mostrou nenhuma diferença significativa, dado que o índice de emprego é quase o mesmo entre homens e mulheres da amostra.

GRUPO SEXO		ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL	CV ELEMENTOS ADJ.SINTAG. FLEXIONAL
MASCULINO	Soma	22,0	18,0
	Média	1,100	,900
	%	46,8%	52,9%
FEMININO	Soma	25,0	16,0
	Média	1,471	,941
	%	53,2%	47,1%
Total	Soma	47,0	34,0
	Média	1,270	,919
	%	100,0%	100,0%

Tabela 9.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos adj. (IP)
segundo o fator sexo

Vejamos alguns exemplos de emprego de pronomes plenos e nulos junto ao sintagma flexional:

Exemplos de sujeito pleno

- (1) pero no sur do país tu vai falá por **ahí tu** teim que ficá meio reprimida en falá porque tu teim medo de mete a pata viste?... (L – A14)
- (2) si tu, vamo suponer **agora tu** veim falando espanhol cumigo, *eu* falo... (L – B12)

- (3) sim y **as vese eles** até pidiam *pra que eu falase pra vé u::... u entrebero...* (L- B1)
- (4) eu tenho colegas alí que são amigos que **antes de de nós** sé profesores nós ža era amigos y falaba em dialeto y cada ves que nos vemos seguimo falando dialeto.(L -C14)

Exemplos de sujeito nulo

- (5) é a língua materna não é? du du lugar é a língua que nós aprEndemos a falar **desde que cv** nasemos... (L26-29-C11)
- (6) **entonses cv** asosiaba a bandeira uruguaia a iscola a túnica a maio/uniforme todo cv **ia** falando nu nu dialeto o u português que elas disiam... (L – B14)

Exemplos de Topicalizações

- (7) **a mía mãe, ela** era uruguaia mas ela falava brasileiro... português (C4- L9-10)
- (8) Agora, **us žornal uruguaio, eles** teim levantado muito u nivel u nível... (L- B-14)

4.5. A estrutura do sintagma complementizador (CP)

Outro fator condicionante muito importante para a nossa pesquisa e que, com base no estudo de Duarte (1995), selecionamos como um fator que favorece o preenchimento do sujeito no PB é a estrutura do sintagma complementizador (CP)³⁷. Conforme a gramática gerativa, o sintagma complementizador é uma categoria funcional em que se encontram as conjunções, os pronomes relativos e interrogativos. Segundo Duarte (1995:60), “este é o contexto sintático em que a mudança está mais avançada no português brasileiro: era este o ponto mais vulnerável no sistema e, por ele, o sujeito pronominal pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo”. Por outro lado, se esse contexto sintático

³⁷ CP: do inglês *complementizer Phrase*. Na estrutura do sintagma complementizador (CP) o seu especificador (Spec) pode estar ocupado por pronomes relativos ou interrogativos e o seu núcleo por conjunções subordinativas.

encontra-se vazio, isto é, sem elementos nessa posição, conforme Duarte (2003), no PB favorece o sujeito nulo. O mesmo comportamento foi observado no português europeu, em que as orações relativas, interrogativas indiretas e interrogativas qu- também favorecem o preenchimento do sujeito (cf. DUARTE, 1995).

Quanto ao PU, observamos que os falantes tenderam a usar mais o sujeito pleno quando o sintagma complementizador (CP) estava preenchido por pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Registramos 79% de ocorrências de sujeitos plenos com pronomes relativos e interrogativos contra 19% de sujeitos nulos. No que se refere às conjunções subordinativas, registramos 71% de ocorrências com sujeitos plenos e 29% de sujeitos nulos (cf. tabela 4. e 4.1). Como vemos, no PU da mesma forma que no PB, esse fator estrutural está sem dúvida condicionando o preenchimento do sujeito. Na tabela a seguir, podemos conferir esse emprego correlacionado com o fator idade:

PRESENÇA / AUSÊNCIA DE ELEMENTOS E A ESTRUTURA DO SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR (CP)					
		PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CV PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CONJUNÇÕES. SUBORDINATIVAS	CV CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
GRUPO A (13 - 25 anos)	Soma	16,0	2,0	28,0	11,0
	%	22,5%	10,5%	20,7%	20,0%
	Média	1,231	,154	2,154	,846
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	28,0	9,0	63,0	22,0
	%	39,4%	47,4%	46,7%	40,0%
	Média	2,154	,692	4,846	1,692
GRUPO C (51 anos)	Soma	27,0	8,0	44,0	22,0
	%	38,0%	42,1%	32,6%	40,0%
	Média	2,455	,727	4,000	2,000
Total	Soma	71,0	19,0	135,0	55,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,919	,514	3,649	1,486

Tabela 10. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator idade

Como se observa na tabela acima, o fator idade revela que os três grupos tenderam a empregar mais os sujeitos plenos do que os nulos nesse contexto sintático e as diferenças percentuais revelam uma clara preferência pelo emprego do sujeito pleno nos três grupos.

Quanto ao fator sexo, ambos os gêneros empregaram mais as formas plenas do que as nulas na estrutura de CP. Entretanto, os homens tenderam a usar mais do que as mulheres os sujeitos plenos com pronomes relativos e interrogativos, com uma diferença percentual de 15,4%, e as mulheres valeram-se mais das formas plenas junto às conjunções subordinativas do que os homens, porém a diferença percentual foi de apenas 5,2%. No que se refere às formas nulas, as mulheres tenderam a omitir mais o sujeito do que os homens na posição preenchida pelos relativos e interrogativos, com uma diferença percentual de 47,4%.

PRESENÇA / AUSÊNCIA DE ELEMENTOS E A ESTRUTURA DO SINTAGMA COMPLEMENTIZADOR (CP)					
GRUPO SEXO		PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CV PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS	CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	CV CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS
MASCULINO	Soma	41,0	5,0	64,0	26,0
	%	57,7%	26,3%	47,4%	47,3%
	Média	2,050	,250	3,200	1,300
FEMININO	Soma	30,0	14,0	71,0	29,0
	%	42,3%	73,7%	52,6%	52,7%
	Média	1,765	,824	4,176	1,706
Total	Soma	71,0	19,0	135,0	55,0
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Média	1,919	,514	3,649	1,486

Tabela 10.1. – O sujeito nulo e pleno e a estrutura CP segundo o fator sexo

Exemplos de sujeitos plenos com pronomes relativos e interrogativos:

- (1) u otro día vieron us da inspeção sacaron y levaron oito poço asado **que ela** tinha e žegaron y levaron nomás os oito poço asado porque eran poço brasileiro (L136-141- C9)
- (2) eu não prefiro que meu país se funda por seguí comprando en brasileiro a nesiedade **que nós** temo du salario **nós** leva a comprá lá (L- A14)
- (3) sim não é em tudo não é en todas as palabra porque hay cosas **que eu** falo nós falemo mal porque hay cosas que que palabras **que un** este:: ve que tá horrible... de mal (L-B1)

Exemplos de sujeitos nulos com pronomes relativos e interrogativos:

- (4) Eu tinha uns trinta e pocos ano cuando eu vim pra cá, pra este lugar **que cv** compremo aquí,viemo pra cá (L4-C4)

- (5) y *tu* biste que agora o **que cv** querem fasé não? (L- B1)
- (6) este *eu* tenho... *eu* tenho familiar meu **qui cv** são brasileiro né? meus avo eram brasileiro.. (L12-17 – C10)

Exemplos de sujeitos preenchidos com conjunções subordinativas:

- (7) não sei, **porque eu**::: as ves cruso pelas pesoa tão conver/falando en português vežo alguém conversando en português, qui sei eu... (A7)
- (8) žustamente o que taba te falando...**quando tu** presisa comprá uma coisa brasileira tu vai alí y compra... (L.33- C13)
- (9) si fose más barato aquí não te digo **que eu** não compraria, biste? (B1)
- (10) sim y as vese *eles* até pidiam **pra que eu** falase pra vé u::... u entrebero... (B1)

Exemplos de sujeitos nulos com conjunções subordinativas:

- (11) cuando *eu* falu cum otra persona que fala beim o espanhol *eu* vežo **que cv** to:: tremendamente mal...mas não creio **que cv** vaša a poté... *eu* não creio
- (12) *eu* separava *eu* separava este seim muito esforso y seim me dar conta *eu* este:: falava u espanhol na escola porque sabia **que cv** tinha que falá na escola u espanhol (B14)
- (13) não *eu*... *eu* pensaba **que cv** falaba u português (L95-100 – C11)

4.6. Presença de elementos entre o verbo e o especificador do sintagma flexional

Outro fator também observado no PB por Duarte (1995) e que também selecionamos para observar no PU é a presença de elementos internos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo tais como: **a negação** (não, nunca), **os advérbios** (já, ainda, só, também) e os **pronomes clíticos**. No PB, a presença desses elementos ainda favorece o sujeito nulo. Mesmo assim, e de

acordo com o observado por Duarte (1995) para o PB, também o PU apresentou resistência ao preenchimento nessa posição, entretanto, da mesma forma que no PB, observamos também um número expressivo de sujeitos plenos com elementos nesse mesmo contexto sintático. Como podemos observar na tabela abaixo, registramos um 65% de sujeitos nulos contra 34% de sujeitos plenos nessa posição.

A correlação disso com o fator idade revelou que nos três grupos prevalece o emprego do sujeito nulo sobre o pleno. Dos três, o grupo B foi o que empregou mais sujeitos plenos (60%) e o grupo C foi o que mais empregou sujeito nulo

(70%), seguido pelo grupo A (68%). No que se refere ao fator sexo, observamos que ambos os gêneros também empregam mais as formas nulas, porém, neste caso, as mulheres lideram o grupo a favor do preenchimento e, por conseguinte, da mudança linguística. Os homens apresentaram um total de 77% de formas nulas, contra 23% de formas plenas, com uma diferença percentual de 54%. As mulheres, 54% de formas nulas, contra 46% de plenas, com uma diferença percentual de apenas 8%. Nas tabelas a seguir, podemos observar as ocorrências registradas para os fatores idade e sexo:

GRUPO IDADE		ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	CV ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	16,0	34,0
	Média	1,231	2,615
	%	24,6%	27,4%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	28,0	41,0
	Média	2,154	3,154
	%	43,1%	33,1%
GRUPO C (51 anos--)	Soma	21,0	49,0
	Média	1,909	4,455
	%	32,3%	39,5%
Total	Soma	65,0	124,0
	Média	1,757	3,351
	%	100,0%	100,0%

Tabela 11. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator idade

GRUPO SEXO		ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	CV ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO
MASCULINO	Soma	22,0	74,0
	Média	1,100	3,700
	%	33,8%	59,7%
FEMININO	Soma	43,0	50,0
	Média	2,529	2,941
	%	66,2%	40,3%
Total	Soma	65,0	124,0
	Média	1,757	3,351
	%	100,0%	100,0%

Tabela 11.1. – O sujeito nulo e pleno e elementos entre o especificador do sintagma flexional e o verbo segundo o fator sexo

De acordo com Duarte (1995:74), a presença de elementos nessa posição numa oração de sujeito nulo constituiria “um condicionamento prosódico”, isto é, os elementos e o sujeito pronominal atuariam com se fossem intercambiáveis: *Por exemplo, nós éramos meninas; cv não éramos casada*³⁸.

Vejamos alguns exemplos de ausência e presença de sujeitos no PU:

- (1) si fose más barato aquí **cv não** te digo que **eu não** compraria, biste? (B1)
- (2) **Cv não**, pero **cv ža** tuve *muinto tempo lá*, **cv ža** fiquei... (L10-A1)
- (3) porque:: tein Santana do Livramento ahí oferese muinta eh::... como **cv te** vo disé... u prEsio de comprá o comestible ropa tudo é más barato lá que aquí... entón para nós nos fasilita más (B2)
- (4) Doc: já teve algúm problema na escola por falar o dialeto?
cv no cv nunca nunca (L33-34-B9)
- (5) **cv ža** temo habituada **cv ža** temo acostumada no no idioma (C2)
- (6) Doc: conocés alguna familia que impida el uso del portugués en la casa?
asim que tenha esa regra aquí **cv nunca**... **cv não** vi... **cv não** sei (L119-120-B13)
- (7) porque é melhor é de muin boa cualidade o de lá não... **cv** me acostumei cum o daqui e não poso trabaiá más... (L20-21-B1)

³⁸ Exemplo extraído de Duarte (1995:74).

- (8) eu ažuđo muito meus neto esconómicamente que disé que **eu me** sinto uma pessoa que
- (9) ahí medio entreberado no? pra aprendé... depós um ano dois anos três anos **un ža** domina ža (L40-41-A9)
- (10) sim não pero **eu ža** to acostumada **eu ža** to acostumada (L151-B7)
- (11) *O que é de Livramento, **ele só** fala em português memo. **Cv não** fala o portunhol... é aquí em Rivera que cv falam o portunhol ese.. pero em Livramento **cv só** falam em português* (L105-106- B11)

4.7. O sujeito de traço semântico [+/- animado]

O português europeu e o PB, conforme as pesquisas têm demonstrado, apresentam altos índices preenchimento dos sujeitos animados. Duarte (1995) registrou na amostra do português europeu coloquial um aumento no emprego de sujeitos pronominais plenos com traço [-animado]. No que se refere ao PB, a mesma autora afirma que:

o traço [-animado] é um importante fator quando estão em jogo categorias vazias. Foi ele um importante fator na origem e implementação do objeto nulo no português brasileiro (...); no caso do sujeito, ele se mostra como **um importante contexto de resistência, que começa a ceder**,³⁹ numa clara evidência de perda gradual importante propriedade *pro-drop*. (p.77).

No que se refere ao PU, os dados da nossa amostra revelaram uma ampla preferência pelo emprego dos sujeitos plenos quando se trata de traço [+animado] e uma clara resistência no preenchimento do sujeito quando é [-animado]. Este resultado corrobora a hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), uma vez que, conforme vimos anteriormente, na escala da referencialidade, quando o traço é [-animado/-humano] os sujeitos tenderam a ser sempre nulos com esse tipo de antecedente, como podemos observar nos exemplos (1) e (2). Por outro lado, o resultado do emprego traço [+humano/+

³⁹ Grifo nosso.

animado] também confirma a escala, dado que nesse contexto a realização do sujeito será sempre plena:

(1) Doc: *oportunhol por quê?*

porque **cv** se identifica conmigo no? hay um/existe uma identificação conmigo com esa língua... a minha infância a minha adolescência u u a escola u liseo tudo tudo iso pur iso (B15)

(2) O **contrabando**... la verdad *como eu* le dişe ... **cv** foi bom pru país, foi bom né? (B11)

Contudo, registramos 11 ocorrências com sujeito [-animado], 7 delas pertencentes a um mesmo informante, como ilustramos nos exemplos (3) e (4):

(3) *eu* ašo que **u português** beim falado **ele** é muito lindo inclusive de:: de ouvir das pessoas... u espanhol também y, principalmente, eu:: este tomo como referencia iso este... **a música... a música** brasileira, este, cantada não importa *que cv* sea du Nordeste, não importa *que cv* sea gaúša, não importa *que cv* sea carioca mais a música regionais no importa **ela** é:: é tão lindo, tão rica como a que se... hay cansão muito lindas aqui de Rivera como teim de Tacuarembó como teim de Montevideu y por ejemplo de:: Treinta y Tres como é, os Olimareños *que eles* teim orižem de Treinta y Tres também... entonses *eu* vo muito, este, si **ela** é beim falada, pronto, eu eu ašo **elas** linda, ašo bunita (B14)

(4) Doc: *o que acha do dialeto falado na fronteira?*

bom bom... iso neim não não da pa disé que é bom o ruim é é **ele** esiste **ele** é y portanto não é bom neim é ruim no é nada **ele** é (B15)

Quanto ao fator idade, registramos que o grupo B foi o que empregou mais sujeitos plenos com traço [-animado], com um total de 10 ocorrências, e uma ocorrência foi registrada no grupo C. No que se refere ao fator sexo, todas as ocorrências registradas foram produzidas pelo grupo masculino, o que significa que as mulheres, neste caso, se mantiveram mais conservadoras em relação ao emprego dessa estrutura, devido ao fato de que no paradigma espanhol, língua de mais prestígio, este uso não é aceito.

4.8. As condições de referência

Conforme expusemos anteriormente, o PU apresenta um paradigma verbal reduzido, de cinco e quatro flexões. Temos cinco quando os falantes empregam a segunda pessoa direta com a sua desinência distintiva, e quatro quando os falantes empregam mais a desinência zero, isto é, a 2ª pessoa indireta conjugada na 3ª pessoa singular. Da mesma forma que no PB, acreditamos que esse número reduzido de flexões também levou o PU a valer-se mais das formas de sujeito preenchidas. Como consequência disso, Duarte (2003:120) afirma que “é compreensível que o licenciamento do sujeito nulo passe a depender das condições de referência, ou seja, quanto mais acessível o referente, mais facilmente se licencia e se identifica o sujeito nulo”. Nesse sentido, conforme vimos anteriormente, quando não há um referente acessível, há um favorecimento do preenchimento do sujeito e, ao contrário, quando temos um sujeito sintaticamente acessível, o sujeito nulo é a opção realizada.

Para Calabrese (1986, apud DUARTE, 1995:), que trata das condições de referencias do italiano, para que o sujeito nulo se realize nessa língua, deve ter um referente esperado, por outro lado, a realização do pleno “implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença”.

De acordo com Duarte (2003), no seu estudo da fala popular carioca, a realização do sujeito nulo ou pleno vai depender das condições estruturais de referência, isto é:

1. o referente **sintaticamente acessível** favorece o sujeito nulo se o antecedente está em função de sujeito, sem elementos intervenientes que ameacem a identificação do sujeito, com o qual mantém identidade de referência;
2. o referente **não sintaticamente acessível** favorece o sujeito pleno se o antecedente está em outra função sintática que não seja a de sujeito ou há elementos intervenientes entre o sujeito e seu antecedente ou nos casos de contraste ou ênfase.

Como podemos observar, os contextos de referência são muito importantes para observar a realização ou não do sujeito. Cabe observar, antes de prosseguir, que dadas as características do tipo de amostra com que contamos não pudemos realizar a análise quantitativa que esperávamos fazer em relação ao fator condições de referência. Como se trata de um texto de língua falada, que foi transcrito seguindo as normas de transcrição de Análise da Conversação, no momento de realizar a análise sintática tivemos sérias dificuldades pela sua estrutura que poderíamos classificar de fragmentada em termos de uma sintaxe mais adequada à análise da escrita; o texto apresenta muitas frases truncadas, elipses, inclusive do sujeito, em especial quando se trata da resposta a uma pergunta feita imediatamente antes pela entrevistadora. Nesse sentido, Corrêa

Dias (1999:187), falando a respeito das condições do texto da língua falada, aponta que “a simultaneidade entre o planejamento e a produção do texto deixa suas marcas na sintaxe: desvios, construções fracassadas, interrompidas, excesso de intromissão de elementos extra-estruturais e assim por diante”. Com base no que aponta Corrêa Dias, e pelas dificuldades que enfrentamos no momento de realizar a análise sintática nas 37 entrevistas que compõem a nossa amostra, optamos por não codificar as condições de referência e somente apresentar alguns exemplos de como elas ocorrem no PU.

A seguir, ilustramos alguns exemplos das condições de referência no PU, de acordo com o que aponta Duarte (2003) para o PB.

- **Exemplos nos quais o referente é sintaticamente acessível e o antecedente está em função de sujeito, sem elementos intervenientes:**

(1) *Eu oio é o SBT que dišem... É o que **cv** más oio, as novela, filme. (A 13)*

(2) *porque.... *nós* trabaïemos no Uruguay se **cv** vamo trabaia y se **cv** vamo contrabandeá y **cv** compremo lá y **cv** deišemo o dinheiro lá não tein nenhuma grasa... entonse **cv** compremo lá e **cv** deišemo o dinheiro lá nunca **cv** deišemo aqui... (L.79-83- A1)*

(3) *a **tu** te priva de de entrá numa conversa por **cv** não sabe te expresá beim ...(L125-A14)*

- (4) y **as pessoas** se não contrabandeiam... de que **cv** veven

Conforme Duarte (2003), no PB já se observam ocorrências de pronomes plenos também quando o referente está sintaticamente acessível; também no PU registramos alguns casos desse tipo, como em:

- (5) as ves eu sinto até vergonha porque **eu** gostaria de falá /asim qui sei eu que nós falase tudo em espanhol (L-A7)
- (6) si fose más barato aquí **cv** não te digo que **eu** não compraria biste?..(B1)
- (7) Al meno foi o que o **Presidente** dise... que **ele** ia tomá medida cuando estabilisasen us presio (B4)
- (8) é brabo é como te digo **uma profesora de espanhol** daqui de Rivera que:: sigue a carrera de profesora de idioma espanhol... *ela* erra, numa proba **que ela** erra *ela* ža perde u ano... por qué? por o maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (B7)

- **Exemplos em que o referente não é sintaticamente acessível, pois o antecedente está em outra função sintática que não a de sujeito:**

- (9) eu tenho **uns conhesidos** qui moram en Montevideú né? que agora **cv** estão na situação económica... beim não? y *tu* sabe qui **eles** faseim di tudo pratrata de escondé que **eles** são daqui (B7)
- (10) eu tenho uma amiga que não deiša que **a gurisinha** fale. Reta ela *quando ela* tá falando...(B12)

- **Exemplos em que o referente não é sintaticamente acessível, pois há elementos intervenientes entre ele e seu antecedente:**

- (11) **Brasileiro** é más ...música *cv* festeža tudo. *cv* veve na na alegria... nei que *cv* težem morrendo de pobresa, **eles** tão sempre na alegria (B4)

- (12) Uma **profesora** de espanhol daqui de Rivera que:: sigue a carrera de profesora de idioma espanhol... **ela** erra, numa proba que **ela** erra, **ela** *ža* perde u ano... por qué? por o maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (B7)
- (13) Doc: *claro e:: a tua mãe falava contigo em em dialeto... sempre falou?*
Em dialeto... sempre sempre *cv* falou em dialeto... tanto é assim que era na:: dificuldade de **ela** falá espanhol **ela** imediatamente voltaba a falá o dialeto porque era a manera de nós entender .
- **Exemplos de referente não sintaticamente acessível, casos de contraste ou ênfase:**
- (14) Doc: tu gosta da tua lingua? Não sei **eu** gosto, mas **eu** gostaria de falá espanhol né?
Ah **eu** aão qui teim ... *cv* não sei, *porque* **eles** pronun/pronunsiam palavras assim, mais por exemplo, **nos** disemo “*más*” e **eles** “*mais*”, eu qui sei né? (A7)
- (15) é ruim é a mesma cosa ansim que **nós** temo te dišendo como uruguaio **eles** vão te diše a mesma cosa (L142-43-A14)
- (16) bueno pra iso tá **nós** somos... portu/ portunhol... **nós** não semo brasileira neim semo uruguaia... **nós** temo acá/aquí nu portunhol este:: **nós** somos portunhol (C2)
- (17) ah **eu** penso que:: **eu** me sinto más a vontade cum o dialeto no? cum u dialeto más a vontade (L123-C14)

4.9. Sujeitos deslocados à esquerda

Outro fator linguístico que escolhemos para observar se também no PU favorece o preenchimento do sujeito, são as denominadas construções de sujeitos deslocados à esquerda. Conforme Duarte (2003:11) este tipo de estrutura não é aceita em línguas de sujeito nulo, porém em línguas de sujeito pleno como o francês é muito frequente. O PB apresenta este tipo de construções e, conforme os estudos de alguns pesquisadores brasileiros representam uma evidencia importante de encaixamento de mudança (PONTES, 1987; BRAGA E MOLICA, 1985,1986, BRAGA, 1987 APUD DUARTE, 2003) .

Em relação à presença deste tipo de estruturas na nossa amostra, podemos registramos somente 4 ocorrências e todas pertencem ao mesmo informante. Portanto, podemos dizer que neste contexto o PU ainda resiste a

preencher o sujeito e se comporta como uma língua de sujeito nulo prototípica. A seguir apresentamos as ocorrências registradas na fala do informante:

- (1) eu ašo que u **português**, beim falado, **ele** é muito lindo inclusive de:: de ouvir das pesoas... (B14)
- (2) Agora, **us žornal uruguaio**, **eles** teim levantado muito u nivel u nível...(B14)
- (3) **us periodistas da da teve**, **eles** falam u:: espanhol cum sotaque americano y aí também de a poquinho a žente vai pegando algumas coisinhas que não tão no esquema né? (B14)
- (4) eu ašo que ta faltando muito nu aspecto mais que otra cosa é pulítico porque si si se solucionara u problema pulítico como resultado **nós** vamo ter eh **nós** vamo solusioná u problema cultural também... porque... porque si as cabezas que tão a frente dus Ministerios por exemplo de Educação y Cultural nu Brasil y du Uruguai ašam que debe haber realmente **uma integração**, **ela** vai existí... de hecho y de derecho tá? (B14)

5. Sujeitos de referência indeterminada

Conforme Duarte (2003: 09), a mudança no PB dos sujeitos de referência definida não se realizaria “sem deixar vestígios” ou “efeitos colaterais”. Nesse sentido, a autora aponta que uma das consequências é o aumento do uso de formas pronominais nominativas de referência indeterminada, plenas, em lugar do **Se** indeterminado e passivador, como é utilizado no português europeu. Baseados nessa constatação das autoras, optamos por verificar se também no PU tem aumentado o número de sujeitos preenchidos indeterminados.

Os sujeitos indeterminados plenos prevalecem na amostra e apresentaram um índice de 63%, frente aos nulos, cujo índice foi de 37%. Quanto às formas utilizadas, há uma grande variabilidade no emprego das construções indeterminadas do paradigma espanhol e do PB. A seguir apresentamos os exemplos das formas mais utilizadas na nossa amostra:

- (1) **um** šega y as criansas as veses cv não não falam, cv não te intendem y te tão olhando... (C15)
- (2) si **um** vai pedí trabaio en Santana, não tein trabaio.. (A1)
- (3) **nós** šamamos portunhol porque::: é uma mistura de::: português com espanhol... entonses **cv** šamamos portunhol (C15)
- (4) Quando **tu** presisa comprá uma coisa brasileira **tu** vai alí y compra... (L133 –C13)
- (5) pa na frontera no hay problema porque **se** fala geralmente us tres idiomas aquí ... cualquier um se entenderia (B10)
- (6) bueno hay cosas que lá que lá não é como aqui, **a žente** inbentó, hay palabras que **uno** inbentó, não é ? (B11)

De todas as formas utilizadas, a forma impessoal do espanhol **Um/un/uno** (25%) e **Nós** (23%) aparecem em 1º lugar; em segundo lugar vem a forma **Tu** (21,5%), em terceiro lugar vem a forma **Se** (19%) e, por último, vem a forma **A gente** (11.4%). Na correlação com o fator idade, podemos observar que o grupo A prefere usar a forma **Um/Um/Uno** e os grupos B e C apresentam uma variabilidade muito grande, dado que as diferenças percentuais são mínimas. Entretanto, o grupo B tendeu a usar mais **Nós** (média de 2,1) e **Se** (média de 2,0) e o grupo C tendeu a usar **Tu** (média de 1,4) e **Nós** (média de 1,3. Este resultado indica que os falantes do PU, mesmo preenchendo os sujeitos plenos conforme o PB, empregam mais as formas pronominais sujeito conforme o paradigma espanhol.

GRUPO IDADE		TU	NOS	NOS CV	ELES	ELES CV	SE	A GENTE	UM-UN-UNO	INDET-sing.CV
GRUPO A (13 até 25 anos)	Soma	8,0	10,0	15,0	2,0	16,0	11,0	3,0	22,0	21,0
	Média	,615	,769	1,154	,154	1,231	,846	,231	1,692	1,615
	%	16,3%	18,9%	30,6%	12,5%	29,6%	25,6%	11,5%	39,3%	53,8%
GRUPO B (26 a 50 anos)	Soma	25,0	28,0	20,0	8,0	19,0	27,0	10,0	22,0	18,0
	Média	1,923	2,154	1,538	,615	1,462	2,077	,769	1,692	1,385
	%	51,0%	52,8%	40,8%	50,0%	35,2%	62,8%	38,5%	39,3%	46,2%
GRUPO C (51 anos---)	Soma	16,0	15,0	14,0	6,0	19,0	5,0	13,0	12,0	,0
	Média	1,455	1,364	1,273	,545	1,727	,455	1,182	1,091	,000
	%	32,7%	28,3%	28,6%	37,5%	35,2%	11,6%	50,0%	21,4%	,0%
Total	Soma	49,0	53,0	49,0	16,0	54,0	43,0	26,0	56,0	39,0
	Média	1,324	1,432	1,324	,432	1,459	1,162	,703	1,514	1,054
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 12. – Os sujeitos indeterminados segundo o fator idade

No que se refere ao fator sexo, podemos observar na tabela 7.1 que o grupo masculino tendeu a usar mais a forma **Nós** e **Se** e as mulheres tenderam a usar mais a forma **Tu** e **Um/Un**.

GRUPO SEXO		TU	NOS	NOS CV	ELES	ELES CV	SE	A GENTE	UM-UN-UNO	INDET. CV
MASCULINO	Soma	7,0	35,0	27,0	9,0	35,0	32,0	12,0	29,0	29,0
	Média	,350	1,750	1,350	,450	1,750	1,600	,600	1,450	1,450
	%	14,3%	66,0%	55,1%	56,3%	64,8%	74,4%	46,2%	51,8%	74,4%
FEMININO	Soma	42,0	18,0	22,0	7,0	19,0	11,0	14,0	27,0	10,0
	Média	2,471	1,059	1,294	,412	1,118	,647	,824	1,588	,588
	%	85,7%	34,0%	44,9%	43,8%	35,2%	25,6%	53,8%	48,2%	25,6%
Total	Soma	49,0	53,0	49,0	16,0	54,0	43,0	26,0	56,0	39,0
	Média	1,324	1,432	1,324	,432	1,459	1,162	,703	1,514	1,054
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 12.1 – Os sujeitos indeterminados segundo o fator sexo

No gráfico a seguir, podemos visualizar a grande variabilidade de ocorrências no emprego do sujeito indeterminado no PU segundo o fator idade:

Gráfico 12.2 – Frequência de uso do sujeito indeterminado

6. Discussão dos resultados

Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), procuramos investigar no PU, através da análise de um conjunto de fatores linguísticos e sociais, o seguinte: 1. a variabilidade de parâmetros presente na gramática do PU; 2. as propriedades dos pronomes pessoais em posição de sujeito e 3. se há uma mudança linguística em curso quanto ao parâmetro do sujeito nulo, no mesmo sentido em que essa está ocorrendo no PB.

Na tabela a seguir apresentamos o índice de porcentagens dos 16 condicionantes estruturais analisados, que quantificamos, e o cálculo da DP:

<i>FATORES LINGÜÍSTICOS</i>	<i>SUJEITOS PLENOS%</i>	<i>SUJEITOS NULOS%</i>	<i>DIFERENÇA PERCENTUAL (DP)</i>
A PESSOA GRAMATICAL	53%	47,1%	6% (+)*
MODO VERBAL INDICATIVO	56%	44%	20% (+)
MODO VERBAL SUBJUNTIVO	44%	57%	13% (-)
PRESENTE MI	60%	40%	20% (+)
PRETÉRITOS MI	49.5%	50,5%	1% (-)
PRESENTE MI E	37%	63%	26% (-)
PRETÉRITO MI E	23%	76%	53% (-)
PRESENTE MS	58%	42%	16% (+)
PRETERITO MS	56%	44%	12% (+)
DESINENCIAS VERBAIS MORFEMA ZERO	63%	37%	26% (+)
DESINENCIAS DISTINTIVAS	61%	39%	22% (+)
ELEMENTOS ADJ. SINTAGMA FLEXIONAL (IP)	58%	42%	16% (+)
ELEMENTOS ENTRE ESPECIFICADOR DO SINTAG. FLEXIONAL E VERBO	34,4%	65,6%	31,2 % (-)
PRONOMES RELATIVOS INTERROGATIVOS ESTRUTURA CP	79%	21%	58% (+)
CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS (CP)	71%	29%	42% (+)
SUJEITOS DE REFERENCIA INDETERMINADA	63%	37%	26% (+)
(*) O signo (+) está indicando tendência suj. pleno e (-) tendência sujeito nulo			

Tabela 13 - Índice de porcentagens e cálculo da DP

Conforme podemos observar na tabela acima, os fatores linguísticos que mais apresentaram variabilidade em relação ao preenchimento ou não do sujeito no PU, com um índice DP⁴⁰ inferior a 20%, foram: **os pretéritos do MI (1%), a pessoa gramatical (6%), o modo verbal (MI 12% e MS 13%) o presente do MS (16%), elementos adjuntos ao sintagma flexional (16%) e o presente do MI (20%)**. Como se observa, este resultado está mostrando que onde há um maior índice de variabilidade é no paradigma verbal, isto é, os fatores que apresentam maior variabilidade são os mais afetados pela perda da “riqueza funcional”, conforme Roberts (1993, APUD DUARTE, 1995). Nesse sentido, este resultado corrobora a tese de Duarte (1995) da perda do *Principio “Evite Pronome”* e a de Roberts (1993:126), para quem “a perda da uniformidade funcional de um paradigma verbal atua na possibilidade de expressão do sujeito nulo como um todo, ou seja, não só as formas que perdem a sua desinência distintiva são atingidas por essa perda; ele afeta todo o paradigma”. Essa perda de “uniformidade funcional” se deve ao fato de que o PU também reduziu o seu paradigma flexional, perdendo, ainda que parcialmente, a segunda pessoa direta⁴¹ do MI, substituída pela segunda pessoa indireta, que emprega as formas verbais da terceira pessoa (*Tu sabe o que ele qué*). Além disso, observamos que o PU também está reduzindo gradualmente o emprego da 1ª pessoa **Nós** com a sua desinência distintiva (**-mos**), usando-a também com as formas verbais da terceira pessoa (*Nós falava em brasileiro*). Outro fato é que os falantes também alternam o emprego da forma **Nós** com outras expressões **um/um/uno** e **A gente**, utilizadas também na 3ª pessoa do singular. Contudo, através do índice da variabilidade, vimos que ainda no PU temos um *pro* licenciado com as mesmas características das línguas *pro-drop* românicas. Isto é, os contextos onde também observamos categorias vazias são os mesmos em que o sujeito nulo é obrigatório nas línguas *pro-drop*, neste caso o espanhol. E. A variabilidade vem a confirmar o que estamos mostrando, dado que os itens gramaticais que mais apresentam variabilidade são aqueles em que o PB apresenta também o maior índice de preenchimento de sujeito. Ou seja, podemos dizer que no PU, segundo o que afirma Duarte (1995:33) para o PB, temos também “um sistema defectivo de

⁴⁰ Com esta técnica calculamos a diferença percentual (DP) de emprego de sujeitos nulos e plenos com um mesmo fator linguístico. Quanto menor for a DP, maior será a variabilidade; e quanto maior for a DP, menor será a variabilidade.

⁴¹ Lembremos que mesmo que tenhamos um número reduzido de dados desse tipo, ainda prevalece o emprego da segunda pessoa direta no pretérito perfeito do MI e este alterna com a segunda indireta.

sujeitos nulos, em que sujeitos pronominais nulos e plenos perdem a complementaridade característica das línguas *pro-drop*, passando a ser intercambiáveis.”

A variabilidade também pode ser observada nos outros fatores linguísticos (cf.tabela 8.) com índices de DP acima de 20%. Os condicionamentos estruturais que apresentaram uma menor DP são os elementos à esquerda da oração, isto é, os pronomes relativos e interrogativos na estrutura CP, com uma DP de 58% e as conjunções subordinativas na estrutura de CP, com uma DP de 29%. Esses índices estão mostrando que no PU, da mesma forma que no PB e no PE, no caso das relativas, o contexto favorece o preenchimento do sujeito. Esse resultado confirma, então, o que Duarte (2003: 07) observou: que a presença de elementos à esquerda do sujeito pode dificultar essa acessibilidade ao referente presente no contexto precedente, por essa razão, é favorecido o preenchimento do sujeito.

Em relação ao fator elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), observamos uma variabilidade maior quanto à presença e ausência de pronomes sujeitos, com uma DP de 16%. Esse resultado está indicando que esse contexto também favorece o preenchimento, porém, não podemos afirmar se essa variabilidade se deve ou não ao que Duarte (1995) aponta em relação à perda da “complementaridade”, em que a presença e ausência dos pronomes são intercambiáveis, ou se está realmente operando um mecanismo *pro-drop* do E.

Quanto aos outros condicionantes, que apresentaram um índice de variabilidade menor, como era de se esperar, figuram as formas verbais do E, o presente do MI, com uma DP de 26%, e o pretérito do E, com uma DP de 53%. Mesmo assim, conforme podemos observar, também nesses contextos em que o paradigma verbal do E estaria condicionando, sente-se a lenta implementação da mudança no PU.

Outro contexto que apresentou um índice de variabilidade menor é o fator elementos entre especificador do sintagma flexional e verbo, com uma DP de 31,2% a favor do sujeito nulo. Esse contexto, conforme vimos, também desfavorece o preenchimento do sujeito, porém, tal como no PB, registramos a ocorrência de alguns casos em que o sujeito estava preenchido.

Um fator estrutural que mostrou um índice de variabilidade a favor do preenchimento são os sujeitos de referencia indeterminada, com uma DP de 26%.

Esse resultado é importante, dado que, conforme Duarte (2003:09), “uma mudança em direção aos sujeitos de referência definida lexicalmente expressos não se efetivaria no sistema lingüístico sem deixar vestígios”. A partir dessa afirmação, observamos que também no PU há uma tendência a preencher os sujeitos de referência indeterminada. Conforme mostramos na análise, o PU apresenta uma variabilidade também quanto ao emprego das diferentes formas de indeterminação, dado que a preferência é o emprego da forma **um/un/uno**, própria do E, que alterna com a forma **Nós**. Esse resultado revela o que Duarte (2003) aponta como uma evidência do **encaixamento da mudança** e que se manifesta na mesma estrutura que o PB.

Outro fator que também é uma importante evidencia de encaixamento no PB, e que no PU registramos também, porém com um índice muito baixo, são as construções com sujeitos deslocados à esquerda. Mesmo assim, queremos deixar registrado, que alguns falantes do PU fizeram também uso dessas construções, o que estaria sinalizando uma leve tendência desse uso no PU.

6.1. Os fatores extralinguísticos x os fatores linguísticos

Em relação ao cruzamento das variáveis sociais, isto é, o fator idade e sexo, com as variáveis linguísticas escolhidas que puderam ser quantificadas, o Teste estatístico ANOVA aplicado não revelou nenhum grau de significância no cruzamento entre os grupos.

No emprego da pessoa gramatical, o cruzamento com o **fator idade** revelou que, dos três grupos, **o grupo B** foi o que concentrou o maior emprego das **formas plenas** em quase todas as pessoas analisadas, menos no emprego da expressão **A gente**, forma mais utilizada pelo **grupo C** (cf. tabelas e gráficos correspondentes). Nesse sentido, podemos dizer que, no emprego dos pronomes sujeito plenos no PU, está havendo uma variação estável, uma vez que o grupo B, o intermediário, concentrou o maior número de emprego da forma inovadora, neste caso o preenchimento do sujeito. Lembremos que conforme Scherre (1988) este é o grupo que representa a idade que está em plena atividade e no mercado de trabalho, por conseguinte, poderíamos dizer que é o que tem mais contato com a forma inovadora. Por outro lado, no que se refere ao emprego das **formas**

nulas, o grupo C se destaca por empregar as formas nulas na primeira pessoa **Eu** e na **terceira pessoa** do singular e plural; o grupo B concentrou um maior emprego das formas nulas **Tu** e **Nós**. Em relação ao **grupo A**, ou seja, ao grupo dos mais jovens, cabe observar que no emprego das formas plenas sempre apresentou o menor número de preenchimento dos três e, no que se refere às formas nulas, sempre ocupou o segundo lugar, atrás dos grupos C e B. Este resultado está sugerindo que o grupo dos mais jovens tendeu mais ao emprego das formas nulas do que das plenas. Neste caso, nos perguntamos o que está acontecendo no PU? Será que no PU está começando a haver uma mudança contrária?

Vimos até agora que os resultados indicam que os falantes do PU apresentam uma variação estável, dado que uma das variáveis se concentrou no grupo intermediário, entretanto, vemos que o grupo dos mais jovens também apresentou o emprego das formas plenas, porém tendeu a usar mais as formas nulas. A nossa interpretação desse resultado é de que o grupo dos mais jovens do PU, nessa fase, ainda está exposto à norma padrão da escola, neste caso a língua espanhola⁴², uma vez que muitos deles ainda estavam cursando o 2º grau.

Mas vejamos o que indicam os outros fatores linguísticos que correlacionamos como o fator idade.

No que se refere ao **fator sexo**, observamos no geral um **comportamento equilibrado**. As mulheres tenderam a usar mais a forma plena **Tu** do que os homens e estes, mais a forma plena **Nós** do que as mulheres.

No **modo e tempos verbais**, observamos que o **grupo B**, novamente lidera o emprego das formas plenas, desta vez, apresentando um maior índice no emprego das formas plenas no presente do MI (com o paradigma verbal de P e de E), no presente do MS, conjuntamente com o grupo A, no pretérito do MI, também conjuntamente com o grupo A, e no pretérito do MS (com o paradigma

⁴² Cabe lembrar que os falantes do PU não são alfabetizados na sua língua materna, eles entram na escola e são alfabetizados numa L2, neste caso o espanhol, que é a língua oficial do país. Além disso, quando entram na escola, essas crianças sofrem um estigma muito grande por parte de alguns professores que não aceitam que elas falem o chamado dialeto "portunhol". Nesse sentido, as crianças crescem sentindo o rechaço pela sua própria língua materna e são alfabetizadas na língua de prestígio da região. Outro fato social e político a destacar é que nos últimos 20 anos houve um incremento dos meios de comunicação (TV e rádios FM) na região, isto é, com a TV a cabo, os jovens da cidade de Rivera passaram a ter mais contato com a cultura uruguaia por meio dos canais uruguaios e argentinos que antes não chegavam até a fronteira. A fronteira riverense sempre recebeu muita influência dos meios de comunicação brasileiros, da poderosa televisão brasileira, com as suas novelas, programas de *Talk show* etc. Nesse sentido, os jovens fronteiriços tinham uma carência muito grande de identidade, dado que os jovens que eles viam na televisão não falavam nem tinham a mesma cultura que a deles. Por tudo isso, acreditamos que, com a vinda das TVs uruguaias, os jovens como que recuperaram a sua identidade através da língua espanhola e, na atualidade, procuram falar mais essa língua de prestígio que lhes trouxe a identidade, e, por essa razão, quicá, se resistem a empregar as formas de sujeito pleno. Esse resultado será visto também nos próximos fatores condicionantes linguísticos que analisamos.

verbal do P e do E). Quanto às **formas nulas**, quem lidera novamente é o **grupo C**, que apresentou um maior número de ocorrências no presente e pretérito do MI (paradigma verbal de P e E), no presente do MS, conjuntamente com o grupo B, e no pretérito do MS. Como vemos, esse resultado continua revelando que no PU há uma variação estável, dado que a variável inovadora está concentrando-se no grupo B. O grupo C é o mais conservador dos três grupos, como deveria ser, uma vez que, conforme vimos, segundo Naro (2003), as pessoas de maior idade são as que costumam preservar as formas mais antigas. Em relação ao grupo A, neste fator podemos dizer que a tendência foi a de empregar mais as formas plenas do que as nulas. No que se refere ao **fator sexo**, conforme apontamos na análise, não observamos nenhuma diferença significativa, ou seja, ambos os grupos apresentaram um **comportamento equilibrado**.

Quanto às desinências verbais com morfema zero, o **grupo B** lidera novamente no emprego das formas plenas e apresentou, conjuntamente com o **grupo C**, formas plenas junto ao morfema zero empregado nas 1ª e 3ª pessoas do singular do imperfeito do MI e MS, no presente do MS e no futuro do pretérito e utilizou também formas plenas junto ao morfema zero com uma forma indeterminada **Um/Un/Uno** e **A gente** e também com a forma **Nós**. O grupo C apresentou mais formas plenas no emprego da forma **Tu**. Em relação às formas nulas, o grupo B se destaca também neste fator, dado que apresentou mais formas nulas no emprego da forma **Tu**, conjuntamente com o **grupo A**, e no emprego da forma **Nós** com morfema zero.

No emprego das desinências distintivas, observamos o mesmo padrão que viemos vendo até agora, ou seja, se destaca o grupo B quanto à presença das formas plenas com todas as desinências distintivas. No emprego das formas nulas o comportamento entre os grupos é variado. No que se refere ao fator sexo, novamente não observamos nenhuma diferença significativa no emprego das desinências distintivas e de morfema zero.

Em relação aos **fatores elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP) e na estrutura do sintagma complementizador (CP)**, prevalece novamente o **grupo B** no emprego das **formas plenas** e o **grupo C e B** no emprego das **formas nulas** no mesmo contexto. Em relação ao **grupo A**, cabe salientar que,

nestes dois fatores, também apresentou um **maior número de formas plenas do que nulas**. Quanto ao **fator sexo**, ambos os gêneros empregaram mais as formas plenas do que as nulas em ambos os contextos.

Como podemos observar até aqui, em todos os condicionantes linguísticos que correlacionamos com o fator idade, o **grupo B** lidera no emprego das **formas plenas**. Nesse sentido, podemos dizer que no PU há uma situação de **variação estável**, uma vez que, como já apontamos anteriormente, **quando, na correlação das variáveis, o ápice de uma variante, neste caso a forma plena, se localiza em um grupo intermediário o processo de mudança se estabiliza**. Vimos que o grupo A tendeu a usar mais as formas nulas do que plenas em alguns contextos e, em outros, mais as plenas do que as nulas, por conseguinte, este resultado não confirma o que expusemos anteriormente, de que talvez no PU se estivesse instaurando um processo de mudança inverso, ou seja, que os mais jovens estivessem liderando uma mudança a favor do sujeito nulo.

7. Respostas às questões propostas

Com base nos pressupostos teóricos, na análise linguística e na discussão dos resultados realizada até agora, a seguir, retomamos a hipótese inicial que inspirou nosso estudo e passamos a responder as perguntas de pesquisa que nos fizemos no início deste estudo.

A primeira delas dizia: **Que tipos de sujeitos apresentam os falantes do PU?** Nossa análise permitiu observar que o PU, conforme vimos até agora, apresenta-se, por um lado, como uma língua que ainda conserva as características das línguas *pro-drop*, do mesmo modo que o E, o PE e, por outro, apresenta características das línguas de sujeito nulo parcial, neste caso conforme a sua própria base linguística o PB.

As propriedades ou características das línguas *pro-drop* que apresenta são:

1. O referente do sujeito de terceira pessoa com traço [+ animado] favorece sempre o sujeito pleno, como em (1) e, ainda, o sujeito nulo é obrigatório com referente com traço [- animado] como em (2):

(1) Algumas vês, **algumas amiga** u algo, **elas** sempre ri de mim... (A5)

(2) O **contrabando**... la verdad *como eu* le dişe ... **cv** foi bom pru país, foi bom né? (L B11)

2. O sujeito pleno é obrigatório nos casos de contraste ou ênfase, como em (3) e (4):

(3) ah porque **nós** temos uma costumbre **eles** ein otra né?

(4) são diferentes as nosas costumbres das deles...**nós** semo más seco y **eles** são más alegres **cv** são más ativos asim **cv** são más como é que se dis comunicativos **cv** son (L5-9-B5)

Quanto às propriedades observadas de **sujeito nulo parcial** que verificamos na nossa análise são:

1. Presença/ausência de sujeitos pronominais com desinências de morfema zero, como em (5) e (6):

- (5) pra falá cum **o marido** dela sim ža nós não falemo en espanhol porque **ele** ha cosas **ele** não entende agora fas rato que **ele** tá radicado aquí pero... **ele** muintas cosa **ele** não entende... (L242-247-C2)
- (6) teim sona de frontera como Tacuarembó este::: parte de Salto...que **tu aśa** lugares que falam só dialeto (L163-C14)

2. Perda de sujeito nulo referencial, como em (7) e (8):

- (7) cuando **eu** vou falar cum a maestra ahí sim **eu** falo ... espanhol ..biste? (L84- 85 -B12)
- (8) **eu** taba falando entonses **nós** falabamos escondido nu horario du que **nós** žamábamos u recreio que é u horario entre uma aula y a otra **nós** tinha sinco minutos pra conversá...entonse ningueim ningueim conversaba im:: espanhol (B14)

3. Licenciamento de sujeitos nulos de terceira pessoa, como em:

- (9) porque cuando nós taba na escola entonse a *maestra* ficaba braba e **cv** disia "niños no hablen en portugués" (L25-26-B8)

4. Presença/ausência de pronomes com elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP), tais como adjuntos adverbiais e topicalizações:

- (10) Não ... de ves en cuando lá olham o deš ... que **agora eu** to parando na casa da mía tia né? **então ela** agarra e olha, as ves, né? (A5)

5. Presença/ausência elementos no sintagma complementizador (CP) com pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas:

- (11) por causa que *eu::* **cuando eu** cunhesí eles eles ža eram... **cuando eu** tive cunhesimento de *eles eles* ža eram veinhos (L-C10)

6. Presença de sujeitos de referência indeterminada com: *Tu/Nós/Um/Un/Se/A Gente*:

- (12) claro as criansa teim pero si **um...** toma o problema como uma cosa que não pode sé que teim que deiša de lado...então não pode té oportunidade de correží (L51-C11)
- (13) ah muintos erros por exemplo... palabras que eu confundía...() por... por u portunhol... porque en casa **se falaba** y cv šegaba na escola falaba espanhol... y:: **se falaba** mal ... (L15-17 – B10)
- (14) pra trabaiá? según o trabaio no... por exemplo **nós** aquí não temo problema pero... se fose trabaiá.nu:: Free Shoop o nu comersio ahí nu sentro debería falá beim espanhol... depende da profissão (L43-45-B10)
- (15) pero *eu* ža so acostumada a falá em portunhol na minha casa entonse cv falo em portunhol com ela **a šente** entende espanhol normalmente (A12-L57-58- A)

7. O sujeito nulo não se apresenta como obrigatório e é opcional mesmo com a flexão distintiva, como no caso da primeira pessoa do singular *Eu*, e a primeira do plural *Nós*:

- (16) cuando **eu** vou falar cum a maestra ahí sim **eu** falo ... espanhol ..biste? (L84-85 -B12)
- (17) **eu** taba falando entonses **nós** falabamos escondido nu horario du que **nós** žamábamos u recreio que é u horario entre uma aula y a otra **nós** tinha sinco minutos pra conversá...entonse ningueim ningueim conversaba im:: espanhol (B14)

Todas as propriedades elencadas são os contextos em que observamos realizar-se o sujeito pronominal no PU por meio da nossa análise dos condicionamentos. O PU apresentou também outras construções que já fazem parte do paradigma do PB e que foram de baixa frequência na nossa amostra, como os sujeitos deslocados à esquerda (DE), e o mesmo poderíamos dizer do sujeito com traço semântico [-animado], uma vez que também registramos um baixíssimo índice de ocorrências.

Para entender melhor a variabilidade de parâmetros que observamos no PU, nos perguntávamos **qual dos dois parâmetros está mais presente no PU? Ou se haveria nesse português um outro tipo de marcação paramétrica.** Conforme observamos, podemos dizer que, por um lado, o PU apresenta ainda algumas das propriedades das línguas *pro-drop* em que o sujeito nulo é obrigatório da mesma forma que em E, e, por outro, apresenta algumas das propriedades em que da mesma forma que no PB, a preferência é pelo uso da forma pronominal plena. Acreditamos que o PU continua caminhando lentamente em direção ao preenchimento do sujeito nulo, apesar de a análise sociolinguística, através do cruzamento com o fator idade, ter revelado que há uma variação estável. Conforme este resultado, a mudança estaria estabilizada, dado que a geração dos mais jovens (grupo A) apresentou alguns índices menores do que a geração intermediária (grupo B) e muitas vezes igual ou menor ao de maior idade. Contudo, acreditamos que esse resultado é parcial, uma vez que, para concluir alguma coisa, devemos levar em conta também o índice de variabilidade no emprego do sujeito nulo que, conforme constatamos na nossa análise é bastante elevado. Nesse sentido, o grupo dos mais jovens também apresentou um alto índice de variabilidade em alguns dos fatores linguísticos analisados. Além da variabilidade, cabe salientar, que registramos no grupo dos mais jovens um elevado índice de preenchimento, igual ao dos outros grupos, nas mesmas estruturas em que o PB cedeu espaço ao sujeito pleno. O que respondemos até agora responde também à outra pergunta que nos fizemos no início da nossa pesquisa:

Partindo de que a base linguística do PU é o PB, e com o resultado da análise dos fatores linguísticos e sociais de que já dispomos, é possível

dizer que o sujeito nulo do PU também está passando pelas mesmas mudanças paramétricas que o PB?

A análise que fizemos corrobora uma vez mais que o PU tem como base linguística o PB e o sujeito nulo do PU segue quase os mesmos padrões do PB. Conforme vimos, dada a proximidade do E e dadas as circunstâncias sócio-políticas em que esta variedade vive – ou, para ser mais precisos, tenta sobreviver na região – essa caminhada rumo à mudança termina sendo mais lenta. Mesmo assim, conforme vimos na nossa análise, o sujeito pleno do PB pode ser encontrado também no PU, salvo algumas poucas construções que ainda resistem, como é o caso do **sujeito nulo com traço semântico** [-animado] e as **estruturas com sujeitos deslocados à esquerda**.

Resta-nos agora responder a última pergunta, **será que os uruguaios falantes do PU e os brasileiros falam a mesma língua ou falam duas línguas distintas?**

Na nossa hipótese fundamental no início desta pesquisa, apontávamos de que o PB e o PU seriam línguas distintas, pois as gramáticas que possuem ambas variedades são diferentes. Após ter realizado este estudo e as análises que ele demandou, continuamos acreditando que sim. Claro que, conforme vimos nas propriedades do parâmetro do sujeito nulo, apresentam muitas semelhanças, mas conforme Galves (1998), com “frequências diferentes”. Conforme apontamos anteriormente, segundo Galves (1998), que, a partir da distinção realizada por Chomsky (1985) sobre Língua-E e Língua-I, procura também responder se o PB e o PE são línguas diferentes, a diferencia de uma língua para outra seria a língua interna (Língua-I) isto é, “o saber que as pessoas têm da língua que lhes permite não só falar e entender essa língua, mas (...) atribuir estatutos diferentes”. (CHOMSKY, 1985 apud GALVES, 1998). Segundo Galves (1998: 80), a gramática de uma língua é

- (...) o estado de saber lingüístico dos falantes que têm essa língua como língua materna.
- (...) esse saber corresponde a parametrização da faculdade de linguagem, ou Gramática Universal (GU). É dentro dessa visão da gramática que se coloca na Teoria da Gramática Gerativa a questão das diferenças das línguas. Duas línguas-I serão consideradas diferentes se contêm na sua parametrização pelo menos um parâmetro fixado diferentemente.

Neste caso, sabemos, pelos fatos históricos, que o PU provém do PB e, por esta razão, foi denominado primeiramente como um dialeto *fronterizo* que, anos mais tarde e dada a existência de variedades, passou a ser chamado de dialetos portugueses do Uruguai (DPU). Conforme demonstram os fatos históricos, podemos dizer que esta(s) variedade(s) é/são falada(s) na região há quase mais de 200 anos, e que o PU falado na região sempre esteve mais em contato com o E do que com o PB; apesar de que, cabe lembrar, na cidade de Rivera, o PU também convive com o PB, na variedade desta língua que é falada do outro lado da linha divisória (lembramos que somente uma rua os separa), cujas características, talvez muito particulares em relação às afirmações genéricas sobre o PB, também precisam ser levadas em conta num outro momento de análise deste fenômeno lingüístico, algo que não foi possível fazer neste trabalho.

Mesmo assim, conforme pudemos observar na análise morfossintática que realizamos em Gutiérrez Bottaro (2002), a base linguística continua sendo o PB, isto é, PU e PB apresentam muitas propriedades gramaticais em comum, porém cada uma atribui estatutos diferentes a essas propriedades. Poderíamos elencar, aqui, muitas das áreas gramaticais a que o PB e o PU atribuem estatutos diferentes. Em Gutiérrez Bottaro (2002), registramos que no PU, ao contrario do que ocorre no PB, ainda se conserva o emprego de algumas formas pronominais, como é o caso dos reflexivos ou da forma *se* com valor pronominal. Como se pode ver, esse fato demonstra que essas formas são parametrizadas conforme o modelo E ou como a mescla de E e PB:

- (17) y a piquena **se me** vai os viernes pa lá (C12-L.18)
- (18) sim ... a maioria das cosa sempre más en espanhol que en portunhol né? é que de bes en quando se vai e **se me** escapa o portunhol” (B2-L.10-11)
- (19) o contrabando... la verdad como eu **le** dise... foi bom pru país... (B12-L.112)

Quanto à realização do sujeito pronominal no PU, vimos que, no que se refere aos sujeitos indeterminados plenos, os falantes se valem de várias formas, porém a preferência é pelo emprego das formas **Um/Un/Uno**, seguida das formas **Tu, Nós e A gente**. Também persiste no PU o uso de construções

indeterminadas ou impessoais com **Se**. Vimos também que o PB é considerado uma língua “orientada para o tópico” (PONTES, 1981, apud GALVES 1998), como se pode ver no exemplo de Duarte (1995) *A clarinha **ela** cozinha que é uma maravilha*. Na nossa amostra, somente registramos 4 casos desse tipo, sendo que três deles são de um mesmo informante, razão pela qual ainda não podemos dizer que o PU também está caminhando para língua de tópico; o baixo número de ocorrências que registramos não permite concluir nada ainda.

Com base nas reflexões de Galves (1998), tudo parece indicar que, mesmo quando os enunciados superficialmente se parecem, a língua interna (Língua-I) seria diferente e os enunciados dos falantes teriam estatutos diferentes. Nesse sentido, (1998) quisemos mostrar que se o PU e o PB possuem Língua-I diferente, por conseguinte, suas gramáticas são diferentes, então poderíamos dizer que o PU é hoje em dia uma língua diferente da que a lhe deu origem, o PB. Entretanto, dadas as características da nossa amostra, pois se trata de uma amostra de produção e não de julgamento, no presente estudo não podemos afirmar categoricamente ainda as diferenças do ponto de vista da Língua-I das quais, no entanto, temos fortes indícios. Acreditamos que com outro modelo de coleta de dados, de natureza mais introspectiva, possamos vir a demonstrar as diferenças de estatuto e de interpretação.

Através de tudo que foi apontado até aqui, e das análises que realizamos até agora, já seja a morfossintática (GUTIÉRREZ BOTTARO, 2002) ou a da realização do sujeito pronominal, feita no presente estudo, procuramos aprofundar mais na gramática do PU para observar o que está acontecendo com um parâmetro característico das línguas românicas, como é o do sujeito nulo, numa língua que faz parte de um contínuo linguístico⁴³ onde convive, ou entrecruzando-se ou combatendo-se, com outras duas línguas: o E (língua nacional, cada vez mais fomentada pelas políticas linguísticas e pela escola) e o PB (presença forte, pela proximidade física, pelas relações sociais e comerciais, pelos meios de comunicação). A análise dos fatores extralinguísticos permitiu observar que a variabilidade no emprego dos dois parâmetros (PB e E) no PU no que se refere ao sujeito nulo encontra-se em todas as faixas etárias. Entretanto, conforme vimos, o processo de mudança em direção às modalidades de realização do

⁴³ Adotamos a noção de contínuo linguístico conforme o sociolinguista uruguaio P. Rona (1963:04), que define o contínuo como “dos lenguas que avanza desde puntos distintos hasta encontrarse”.

sujeito encontra-se estável, dado que, conforme vimos, o ápice das frequências encontra-se no grupo intermediário, isto é, o grupo de menor idade e maior idade empregam menos o sujeito pleno do que o grupo intermediário. Esse resultado, como vimos, está indicando que a geração dos mais jovens falantes do PU apresentaram maiores índices a favor do sujeito nulo, conforme o parâmetro vigente no E, mesmo apresentando variabilidade. Ou seja, o que estamos querendo dizer com tudo isso é que o PU ainda apresenta marcas das duas línguas, o que reflete que a disputa não está terminada ainda. O isolamento em que o Uruguai manteve essa região por muitos anos trabalhou a favor de manter esse português, uma vez que é e continua sendo a língua materna de uma boa parte da população fronteiriça, fez com que o PU seja hoje uma língua de mescla. A política linguística para a região, se é que é possível falar que houve alguma política linguística para essa região, ou pelo menos a intenção dos sucessivos governos sempre foi a de fortalecer a língua nacional, ou seja, fazer prevalecer o espanhol ante o avanço do português, que sempre se apresentou como uma ameaça para o país e, nesse sentido o PU, ou *portunhol*, como é chamado pela maioria da população, sempre foi reprimido nas escolas. O resultado da nossa análise está revelando que a política linguística a favor do E, possivelmente mais clara, intensa e efetiva no momento atual, está refletindo-se no PU, sobretudo na geração mais nova. Contudo, cabe ressaltar que, conforme o último diagnóstico da situação linguística da fronteira (BRIAN et alii, 2004), a partir de 2003 se implementou um projeto educativo⁴⁴ de educação bilíngue, em que o português começou a ser ensinado em algumas escolas de período integral na fronteira. Como vemos, esta nova situação trará, talvez, novas consequências para a conformação do PU.

⁴⁴ Conforme o último diagnóstico da situação linguística da fronteira (BRIAN ET ALI, 2004) o projeto educativo com o nome *Programa de Inmersión Dual Español-Portugués* foi implantado em duas escolas no começo e em 2004 se estendeu a 5 escolas. A metodologia de ensino é a imersão, em que o português é ensinado como segunda língua (L2) através dos conteúdos curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo damos seguimento à pesquisa prévia que teve como objeto a mescla linguística presente no PU, especificamente a variedade falada na cidade de Rivera (Uruguai), que faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento.

Com base na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), envolvendo mais especificamente a teoria do Parâmetro do Sujeito Nulo, conjuntamente com a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOR e HERZOG, 1968), a análise dos fatores linguísticos permitiu observar que na realização do sujeito o PU apresenta-se como uma língua que ainda conserva as características das línguas *pro-drop*, do mesmo modo que o E. Por outro lado, o PU também apresenta características das línguas de sujeito nulo parcial, neste caso conforme a sua própria base linguística, o PB.

A análise permitiu observar que os contextos que mais favorecem o preenchimento do sujeito, do mesmo modo que no PB, foram as estruturas que têm um elemento no sintagma complementizador (CP), os pronomes relativos e interrogativos e conjunções subordinativas. As pessoas gramaticais que mais apresentaram preenchimento foram a 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural, mesmo com uma desinência distintiva. Por outro lado, no modo e tempos verbais, vimos que em primeiro lugar a preferência é o presente do MI, seguido pelo pretérito do MI, este último relacionado com a desinência de morfema zero que apresenta o pretérito imperfeito do MI. Em relação à flexão verbal, observamos a tendência de emprego de formas plenas junto a verbos com morfema zero. Este resultado mostra que assim como no PB o PU também poderia estar perdendo a propriedade do sujeito nulo por causa da redução do paradigma flexional.

Dentre as estruturas linguísticas que mais resistem ao preenchimento no PU estão o sujeito nulo de referente [-animado], a presença de elementos entre especificador do sintagma flexional e verbo e os sujeitos deslocados à esquerda.

Com a análise dos fatores extralinguísticos constatamos que também no PU o parâmetro do sujeito nulo está passando por uma mudança linguística. Entretanto, a análise do fator idade revelou que o grupo intermediário (grupo B)

concentrou um número elevado de frequências em relação ao preenchimento do sujeito. O fato de os jovens falantes do PU e as gerações mais velhas usarem menos formas preenchidas sugere que a variação seja estável. Contudo, a análise das DP evidenciou um alto grau de variabilidade nos três grupos, o que significa que o PU ainda apresenta marcas das duas línguas. Quanto ao fator sexo, a análise não apontou nenhuma diferença significativa; no geral, observamos um comportamento equilibrado entre ambos.

A análise realizada serviu também para corroborar, na sua maior parte, o estudo de Duarte (1995, 2003) no que tem a ver com os condicionadores lingüísticos.

Conforme vimos até então, e para fechar este trabalho, reiteramos que a análise realizada confirma a maior parte das hipóteses propostas no presente trabalho. Com relação à nossa hipótese principal, a análise indica que PU e PB poderiam configurar-se como línguas diferentes, da mesma forma que o PB e o PE, como aponta Galves (1998). Porém, como visto anteriormente, essa hipótese necessita ser corroborada através da análise de outros tipos de dados, de natureza mais introspectiva, o que esperamos fazer em estudos futuros. Da mesma forma, estudos posteriores serão necessários para avaliar o impacto das novas políticas educacionais e de integração da questão linguística para a região, tanto por parte do Uruguai quanto por parte do bloco do Mercosul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, M Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. Otra ed.: **Nueva Revista de Filología Hispánica**, Año 15 (1961), pp. 51-60.

Disponível em:

http://www.cervantesvirtual.com/bib_autor/manuelalvar/include/digital.jsp

Acesso em: Janeiro de 2008.

BARRIOS PINTOS, A. **Rivera, Una Historia Diferente**. Tomo I. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1985.

BARRIOS PINTOS, A. **Rivera, Una Historia Diferente**. Tomo II. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1990.

BEHARES, L. (1985) Planificación Lingüística y Educación en la Frontera Uruguay con Brasil. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño (OEA), 1985.

BEHARES, L. e DÍAZ, C. **Os som de nossa terra**, Productos artístico-verbales fronterizos. Montevideo: AUGM e Universidad de la República, 1998.

CARVALHO, Ana Maria (2003). Rumo a uma definição do português uruguaio. **Revista internacional de lingüística iberoamericana 2: 125-150**

CAGGIANI, I. **Sant'Ana do Livramento, 150 Anos de História**. 1º Volume. Santana do Livramento: ASPES, 1983.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira., 2001.

CHOMKSY, N. **Sobre Natureza e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHOMSKY N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Mass: The MIT

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Reglas y Representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

CHOMSKY N. **Knowledge of Language**. New York, Praeger, 1985.

DEMONTÉ, V. **Teoría sintáctica: de las estructuras a la rección**. Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

DUARTE, M. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. Em: Paiva, M. C. & Duarte, M. E. L. **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2003, 115-128 Disponível em:

<http://www.letras.ufri.br/posverna/docentes/61022-1.pdf> Acesso em: Janeiro de 2008.

DUARTE, M. L. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. Em: Roberts e Kato (orgs), **Português Brasileiro: uma viagem Diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p.107-25.

DUARTE, M. L. **Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

ELIZAINCÍN, A **Dialectos en contacto, Español y Portugués en España y América**. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A. & BEHARES, L. Variabilidad Morfosintáctica de los Dialectos Portugueses del Uruguay. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**, XXXI, n.1. 198,1 p.401-417.

ELIZAINCÍN, A. Algunos aspectos de la Sociolingüística del Dialecto Fronterizo. **Temas de Lingüística n. 3**. Montevideo: Universidad de la República (mimeo).

ELIZAINCIN, A. El bilingüismo de la frontera uruguayo-brasileña. In: **Letras de Hoje**, n. 20 p. 65-75. Porto Alegre, 1975.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L., BARRIOS, G. **Nos Falemo Brasileiro. Dialectos portugueses del Uruguay**. Montevideo: Amesur, 1987.

ERVIN, S. & OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, n.49, 1954, p.139-146.

FERNÁNDEZ, S. O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. In: BOSQUE M. I. & DEMONTE B. V. (org.): **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**: Vol. 1, p.1209-1273, Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GALVES, C. **Ensaio sobre as Gramáticas do Português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. M. C. A gramática do português brasileiro. **Línguas e Instrumentos Linguísticos 1**, 1998, p. 79-96.

GALVES, C. Princípios, Parâmetros e Aquisição da Linguagem. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, n.29 p.137-152, 1995.

GONZÁLEZ, N. T. M. **Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos**. Tese de Doutorado. DL/FFLCH-USP, 1994.

GROPPI, M. **Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do**

Uruguai. Tese de Doutorado. Depto. de Filologia e Língua Portuguesa/FFLCH-USP, 1997.

GUTIÉRREZ, B.S.E. **O entreberado esa língua que inbentemo aqui: O contínuo lingüístico na região fronteira Brasil – Uruguai.** Dissertação de Mestrado. DLM/FFLCH-USP, 2002.

HENSEY, F.G. O sócio-lingüismo da Fronteira Sul.” In: **Letras de Hoje**, 3: 107-117. Porto Alegre, 1969.

HENSEY, F. **The Sociolinguistics of the Brazilian -Uruguayan Border.** Mouton: The Hague, 1972.

HUANG, C. T. J. On the distribution and reference of the empty categories. *Linguistic Inquiry*, 15: 531-574, 1984.

JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: ____ *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 1-44.

KATO, M.A. ; NEGRÃO, E. V. (eds) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.** Vervuert- Iberoamericana, 2000.

KATO, M.A. Raízes não Finitas na Criança e a Construção do Sujeito. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, n.29 p.119-136, 1995.

KATO, M.A. Teoria Sintática: de uma perspectiva de “-Ismos” para uma perspectiva de programas. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, vol. 13, n.2 p.275-299, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: Janeiro de 2007.

KATO, M.A. Sintaxe e aquisição na teoria de Princípios e Parâmetros. Porto Alegre: In: **Letras de Hoje**, n.30: p. 57-74, 1995.

KATO, M.A. A evolução da noção de parâmetros. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, n.19.2, p. 309-337, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: Março de 2007.

KATO, M.A. Questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.36 p.11-16, 1999.

LABOV, W. **Modelos Sociolingüísticos.** Madrid: Cátedra, 1983.

LICERAS, J. M. **La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal.** Madrid, Síntesis, 1996.

LOBATO, M.L. **Sintaxe gerativa do português.** Belo Horizonte: Vigília., 1986.

LOPES, R. E. V. Aquisição da Linguagem: novas perspectivas a partir do Programa Minimalista, **DELTA** – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, vol.17 n.2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: Junho de 2007.

LUJÁN, M. Expresión y omisión del pronombre persona. In: BOSQUE, Ignacio & DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española: sintaxis básica delas clases de palabras (vol. 1)**. Madrid: Espasa, 1999. P. 1276-315.

MIOTO, C.; FIGUEIREIDO, M. C. & LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2005.

MORAES, L. Correa Dias de. A sintaxe da língua falada. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 5ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Metodología Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1990.

NARO, A. J. e SCHERRE, M. M. P. Concordância variável em português: a situação no Brasil e em Portugal. Tradução de NARO, A. J e SCHERRE, M. M. P. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: MC WORTER, JOHN., ed. **Language change and Language contact in pidgins and creoles**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 235-255, 2000. Disponível em: <<http://www.cvl.net/sociolinguistica/textos.htm>>. Acesso em abril, 2002.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: Mollica, M.C. & BRAGA, M. L (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: O Tratamento da Variação**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003, v. 1, p. 43-50.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística: O Tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.33-42.

PORTO DAPENA, J. A. **Los pronombres**. Madrid: Edi6. ,1986.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho,1992. Disponível em: <www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/observlingport.pdf> Acesso em: Junho de 2009.

RAPOSO, E. Algumas observações sobre a noção de língua portuguesa.In: **Boletim de Filologia**, Lisboa, 29, 1984,pp.585-592.

ROBERTS, Ian. **Verbs and Diachronic Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1993.

RONA, J. P. El problema de la división del español americano en zonas dialectales. In: **Presente y Futuro de la Lengua Española**. Vol. 1. p.215-226, 1964.

RONA, J. P. **El dialecto fronterizo del Norte del Uruguay**. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias. Publicaciones del Departamento de Lingüística. 45 p. (1ª edición: 1959), 1965.

RONA, J.P. La frontera lingüística entre el español y el portugués en el norte del Uruguay. In: **Suplemento da Revista VERITAS**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1963.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**, Foris Publications, Dordrecht, 1982.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988 (Tese de Doutorado).

SIMÕES, L. (1999) Sujeito nulo na aquisição do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.36: p.105-130.

SIGURÐSSON, Halldór. Argument-drop in Old Icelandic. **Lingua**, 1993,89:247-280.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. e ALKMIN, T. **Falares Crioulos, Línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.

TORIBIO, A.J. "Dialectal Variation in the Licensing of Null Referential and Expletive Subjects", PARODI, C., C. QUICOLI, M. SALTARELLI y M.L.

ZUBIZARRETA (eds.): **Aspects of Romance Linguistics. Selected Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV. March 10-13, 1994**. Washington, D.C.:Georgetown University Press. 1996, 409-432.

WEINREICH, U., LABOV, W & HERZOG, M. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

CALDEIRA, J. *et alii* **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CHAVES DE MELO, G. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

KANY, Ch. E. **Sintaxis hispanoamericana**. Madrid: Gredos, 1976.

HENSEY, F. Spanish, Portuguese, and Fronteirico: languages in contact in northern Uruguay. In: **International Journal of the Sociology of Language** 34, pags. 9-23, 1982.

MAGALHAES, T. M. V. (2006) **O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro**. Tese de doutorado. Unicamp, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TRINDADE, A. e BEHARES, L.,orgs. **Fronteiras, Educação, Integração**. Santa Maria-RS, 1996.

ANEXOS

1. ANEXO: Mapa da Fronteira Brasil – Uruguai

2. ANEXO: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

A seguir transcrevemos as entrevistas que, conforme já apontamos anteriormente, foram guiadas por dois questionários: o primeiro para obter os dados pessoais do informante (sua história) e o segundo para fins de conversação e obtenção de informações sobre o uso e atitudes que o informante tem em relação à língua que fala (questionários anexos 1 e 2). Também utilizamos um roteiro com alguns temas para provocar um registro de conversa livre:

- a integração na fronteira através do trabalho, diversão, arte, educação, esportes, etc.;
- o que significa ser fronteiriço, vantagens e desvantagens;
- forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros;
- contrabando na fronteira.

A transcrição das entrevistas para este trabalho foi realizada com base nas normas de transcrição do Projeto NURC/SP (ver anexo 3).

Entrevista No 1

INF. A1

Nome: L1 (H.D)

Idade: 18 anos

Sexo: maculino

Profissão: estudante

NSE: C

Escolaridade: 2o grau completo

Local da entrevista: Rivera

Tipo de entrevista: diálogo entre dois informantes e a entrevistadora.

INF. A2

Nome: L2 (C.C.)

Idade: 18 anos

Sexo: feminino

Profissão: estudante

NSE:C

Escolaridade: 2o grau completo

1	Doc:	o que vocês acham morar de aqui na fronteira? vocês gostam?
2	L1:	sí
3	L2:	sim eu sim
4	L1:	[
5		é muinto mior que morá... é muinto mior morá na frontera que
6		morá por ejemplo em Montidéu... Montidéu... BUEno pa morá
7		aqui é muinto mior porque Montidéu... aão que eu cunheso
8		Montidéu como é pa morá lá é brabísimo... muinto más brabo que
9		morá aqui...
10	Doc:	tu já morou em Montevideu?
11	L1:	não pero ža tuve... muinto tempo lá ža fiquei...
12	Doc:	e aí como é que era?
13	L1:	pa muy brabo é...
14	Doc:	e bravo em que sentido?
15	L1:	no y que:... por esemplo pra se alimentá aquí é muinto mior que

15 comprá as cosa aquí como em Santana...

16 L2: [clAro as cosa aquí é muinto más barata que em Monteidéu...

17 L1: muinto más barato que em Monteidéu... em Monteidéu é más

18 ažitado que aquí...

19 Doc: é né?

20 L2: claro aquí en Rivera tambéim é más caro pero vai do otro lado y

21 compra

22 Doc: aha... e vocês então por isso preferem morar aqui?

23 L2: Sí::

24 L1: Sí muinto mior morá aquí

25 Doc: e como é a integração com os brasileiros?

26 L1: não habendo partido de fútbol...

27 L2: tamó beim

28 L1: [tamó beim... ah ahí sí ža termina a frontera ((risos))

29 Doc: então o que vocês acham o que significa ser fronteiriço? quais são

30 as vantagens de morar aqui?

31 L1: as vantaže que::... que son ...

32 L2: y na compra das cosa pode comprá aquí como pode comprá lá não tein

33 problema (...)

34 L1: [não tein ese problema de frontera de que... tein que

35 pagá imposto pa entrá en esta frontera como hay en otros países

36 aquí un:: un pasa de lado ža pasa do lado brasileiro un entra pa

37 aquí entra do lado uruguaio... não tein problema... claro iso é uma

38 cosa que é única no mundo porque no mundo no hay una frontera

39 así

40 Doc: isso.. e vocês gostam do Brasil?

41 L2: não... eu não gosto du Brasil

42 L1: não sei porque lado tomar pero...po/ para morá em Brasil eu não

43 gosto... para morá/pa vivé não não gosto du Brasil no

44 Doc: por que vocês não gostam de morar no Brasil?

45 L1: pa... esa é braba... no sé... porque eu me acostumbré a morá nu

46 Uruguai y... não sabría vivir em otro país y Brasil...

47 L2: sí encuentro raro ir pra... pra otro país

48 L1: Montidéu qui é Uruguay não me acostumo menos Brasil

49 Doc: é o que achas de diferente em Montevideú?

50 L1: hay ta lo que taba disendo al principio que... Montidéu é todo día

51 ažitado não para nunca de corré... todo u movimento de sidadi

52 grande... como debe sé como São Paulo otra sidadi de de Brasil

53 Montidéu é capital é sempre tá ažitada todo dia...y tá tein que tá

54 sempre... correndo

55 Doc: e em Livramento vocês morariam?

56 L1: ahí puede sé... en Livramento... tá porque não hay cuaše esa

57 diferencia é aquí...

58 L2: [no hay muinta diferencia porque é aquí... pero pa otra parte du

59 Brasil não... ža é diferente es más diferente

60 Doc: vocês acham que são parecidos os brasileiros do outro lado?

61 L1: ah sí porque ža é uma cidade pra mim ža é uma cidade só não hay

62 frontera

63 L2: [claro porque tão žuntos...

64 Doc: e o que vocês acham do contrabando?

65 L1: eu ašo que ta mal (...)

66 L2: sim ta mal porque muintas personas não pode que vão sempre

67 comprá lá por más barato y tudo... agora não podein... levá nada

68 así ... mesmo mesmo en campanha que não se pode levá nada...

69 Doc: não da pra levar mais nada?

70 L2: não dá pa levá nada
71 Doc: e vocês acham correta essa atitude do Presidente?
72 L2: não... eu não ašo
73 L1: eu ašo correto... sinseramente eu ašo
74 L2: eu não ašo... tá não digo im grandes cantidade que levein pero:...
75 pocos... pero não muinta cantidade
76 L1: eu ašo correto porque:... contrabando se fose só de contrabando de
77 produtos uruguaiois todavía puede sé como vai sé agora... que vão
78 botá preso frontera aquí pra não competí cum us brasileiro... pero
79 comprá cosa brasileira e vim vendé aquí ža... pa iso somo brasileiro
80 y não somo uruguaio porque.... nós trabaio no Uruguay se
81 vamo trabaia y si vamo contrabandeá y compreimo lá e deišemo o
82 dinheiro lá não tein nenhuma grasa... entonse compreimo lá e
83 deišemo o dinheiro lá nunca deišemo aquí... y Rivera hože ta sim
84 trabaio por iso memo... um não consegue trabaio en Rivera
85 porque... não tein... não tão vendendo nada (...)
[
86 L2: claro aquí en Rivera não se vende nada...
87 L1: os Free Shoop memo os Free Shoop não vende nada
88 L2: todo mundo vai a Santana
[
89 L1: todo mundo vai a Santana e se tá terminando u trabaio aquí en
90 Rivera y si um vai pedí trabaio en Santana não tein trabaio...
91 porque nós somo uruguaio impesan a pedí iso e aq/... não dá...
92 Doc: não tem indústrias aquí
93 L1: claro não tein industria tá morrendo Rivera y cada ves... Santana
94 cada ves que baiša u o real... vai liquidando Rivera de a poco...
95 aí que eu so contra/por eso so contra o contrabando
96 Doc: e vocês gostam de morar aquí então?
97 L1: gostamo de morá sim
98 L2: aquí sim
99 Doc: vocês acham que existem muitas diferenças na forma de vida dos
100 brasileiros e uruguaiois?
101 L1: não forma de vivir... como vive o uruguaio... aquí nu Uruguay por
102 lo meno valoram más o trabalhadó que trabaia Brasil eu vežo
103 que no hay eles tien um salário mínimo ganham poco y se pasam
104 trabaio todo o día igual...
[
105 L2: ah sim muinto horario
106 L1: y não šega o dinheiro a fim de mes igual pagan muy poco... en
107 Brasil pero aquí en Uruguay todavía dá:: dá pa se levá igual y
108 vivé... cunheso muinta žente Brasil que ganha salário mínimo y não
109 dá pa...
110 L2: clAro aquí pagam mior... o salário aquí é mior... que:: en Livramento
111 Doc: e quanto está o salário mínimo aqui vocês sabem?
112 L1: o salário mínimo debe tar aquí por mil tresentos mil quinhentos
113 peso debe tá
114 Doc: e com esse salário podem viver aqui as pessoas?
115 L1: vlvé:: ašo que...
[
116 L2: vivé... o mínimo porque não dá muinto
117 L1: sim porque vivé munito mior porque... o mínimo no Brasil é sento...
118 cuarenta debe sé como oitoseitos noventa peso daqui y aquí é
119 mil e algo mil quinientos debe sé aquí
120 L2: sim pero aquí sai tudo más caro
121 L1: claro ese é o problema biste?
122 L2: sim não dá pra vivé cum... só co ese salário não dá
123 L1: pero si se termina u contrabando termina tudo Rivera crese más y
124 hay más lugar pra trabaia
125 Doc: e entre vocês em que língua falam?

126 L2: espanhol
 127 L1: espanhol nomá
 128 Doc: não falam assim como tamo falando?
 129 L1: não português no nunca
 130 Doc: por que vocês não falam entre vocês?
 131 L2: porque desde que se conhesemo falemo im espanhol
 132 L1: em espanhol nomás
 133 Doc: vocês são namorados?
 134 L1: somo namorado
 135 Doc: e nunca falaram em português
 136 L1: não português
 [lá de ves em c... pero muin difísil
 137 L2: muy difísil es debe sé contado
 138 L1: se conheceram falando em espanhol?
 139 Doc: em espanhol sim... eu falo ansim porque meus pais me
 140 L2: acostumbraron pero não me encuentro raro falando ansim...
 141 porque sempre falei ansim desde chiquita pero... encuentro raro falá
 142 ansim
 143 Doc: está beim... ótimo mUito obrigada
 144 L1: bueno

Entrevista No 2

INF. C1

Nome: L1 (M.C.)

Idade: 53 anos

Profissão: Do lar

NSE: C

Escolaridade: 1o grau completo

Local da entrevista: Rivera

Tipo de entrevista: diálogo entre dois informantes e entrevistadora

INF. A3

Nome: L2 (M.F.)

Idade: 21 anos

Profissão: Do lar

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

1 Doc: o que significa pra vocês ser fronteiriço... viver aqui na
 2 fronteira... quais são as vantagens em morar aqui?
 3 L1: a sim... muinta y por... la::
 4 L2: as compra brasileira
 [y::... por todo... por todo... por todo
 5 L1: por todo o quê?
 6 Doc: y la ropa la comida... el calzado...
 7 L1: para fazer as compras então?
 8 Doc: claro para as compra... tudo brasileiro()
 9 L1: e como é a forma de vida dos brasileiros e dos uruguaio... o que
 10 Doc: vocês acham? existem diferenças?
 11 L1: aão que não... não
 12 L2: igual normal
 13 Doc: e o contrabando? vamos falar um pouquinho sobre o contrabando
 14 daqui da fronteira?
 15 L1 e L2: ((risos))
 16 Doc: como está agora... atualmente?
 17 L1: agora atualmente tá difísil né? tá muin difísil porque não se pode
 18 pasá nada... según parese la radio não dá pra pasá nada... que hay
 19 muinto contrabando hay...
 20 Doc: e o que vocês acham das novas disposições do Presidente?
 21 L1: im não deiśá pasá? ah:: ta mal
 22 L2: tá prežudicando muinta pessoa porque hay pessoa que vebein

24 du contrabando... as pesoa que moram... en otros departamentos
 25 vebein diso y agora tudo escondido...porque si no...
 26 L1: tá prežudicando muinta žente... aquí cantidá de žente mesmo qui
 27 vebe diso...
 28 Doc: não estão passando nada?
 29 L1: no pueden
 30 Doc: e vocês que acham dessa atitude?
 31 L1: ah que tá mal... para mí tá mal... porque la gente vive deso... no hay
 32 trabaio (...)
 [
 33 L2: acá en Rivera es muy cara las cosa y el trabajo tá mal...
 34 L1: no hay trabaio... o trabaio desa žente é o contrabando... y seim podé
 35 pasá como veben? no pueden sobrevivir...
 36 Doc: e vocês compram tudo do outro lado?
 37 L1: ah:::... cuaše tudo a mažoría
 [
 38 L2: la mažoría de las cosa son ažá... la ropa... el comestible es más
 39 barato... todo aža
 40 Doc: tudo lá e aqui não compram nada?
 41 L1: muy poca cosa... el pan
 42 L2: aquí se compra pero muy poca cosa a no ser en los almacenes acá

Entrevista No 3

INF.B1

Nome: L1 (L.A)

Idade: 42 anos

Sexo: feminino

Profissão: Auxiliar de serviços

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

Local da entrevista: Rivera

Tipo de entrevista: diálogo entre a informante e entrevistadora.

1 Doc: o que achas da forma de vida dos brasileiros e uruguaios?
 2 L1: a forma de vida?... não sei eu ašo lá más tranquilo é...
 3 aquí parese que é más agitado sim
 4 Doc: é?
 5 L1: porque claro eu tibe a oportunidade de morá lá e aquí e
 6 agora to morando aquí... pero lá eu ašo qui é más tranquilo lá
 7 Doc: e o que tu podes falar sobre o contrabando daqui da fronteira?
 8 L1: bom o que eu ašo do contrabando é que si não fose o contrabando
 9 não sei porque nós contrabandiamo... nós vivimo do contrabando...
 10 imažina que:: eu mesmo cuando vo fasé surtido eu a cada rato to
 11 alí en Santana a cada rato... eu compro tudu lá tudu tudu tudu ...
 12 cuaše tudu compro lá... prácticamente tudu... aquí eu não sei não
 13 me pregunta por produto uruguaio porque eu não sei ... tu sabe o
 14 que que eu compro uruguaio? é contada as cosa que eu compro
 15 uruguaia é:::... como eu trabaio en bolo... eu compro o asúcar de
 16 reposteria eu compro o asúcar uruguaio y o dose:::... durasno que
 17 disen o pesego né? é que é de muin boa qualidade o daqui ... é um
 18 poquinho más caro o asúcar tambéin ... é más caro sim
 19 Doc: e por quê o açúcar uruguaio? é melhor?
 20 L1: porque é melhor é de muin boa cualidade o de lá não... me acostumei
 21 cum o daqui e não poso trabaia más...
 22 Doc: só isso tu compra aqui?
 23 L1: é só iso... não sei que otra cosa... neim ropa a ropa que eu antes

24 compraba aquí eu agora non compro más é MUIN difísil... nós
25 temo comprando... ropa brasileira o aršentina porque hay žente que
26 tras a ropa aržentina o paraguaia y a ropa nosa aquí temo deižando de
27 ver... tudo... si fose más barato aquí não te digo que eu não
28 compraria biste?... si FOse más barato aquí... mas como é tudu
29 caro aquí ... tudu tudu caro até o gas da cusinha tudu compreimo
30 tudu lá... y tu biste que agora o que querem fasé não?
31 Doc: o que querem fazer?
32 L1: que querem fasé que nós compre o gas... uruguaio e sai carlsimo
33 sai carlsimo... si fose más barato até que nós podia comprá (...)
34 querein nos... querein nos matá
35 Doc: querem acabar com isso...né?
36 L1: agora ele qué... que nenhum dos Presidente inbentó iso no? Pero
37 ahora...mas não creio que vaša a podé... eu não creio
38 Doc: aqui nessa fronteira é difícil
39 L1: dis qui in Artigas cortaron... dis que cortaron... pero (...)
40 Doc: é que lá eles têm que atravessar a ponte eles podem fazer barreira
41 mas aqui ...
42 L1: a ponti é pero a žente igual se mete pur os campos por a pobreza fas
43 cualquier cosa
44 Doc: sim de algum jeito né?
45 L1: y aquí não porque tú viste que aquí é... a frontera é tão grande que
46 não... não podi
47 Doc: é não dá não...
48 Doc: *((A continuación a mesma informante responde ao questionário
49 sobre a língua que fala))*
50 Doc: o que tu acha do dialeto falado na fronteira?
51 L1: ah eu não gosto... não gosto porque::... cuando un sai pra fora por
52 ejemplo pro Uruguay é que um pasa trabaio y ve que un fala mAL
53 nós falemo mal porque hay cosas que que palabras que un este:: ve
54 que tá horrible... de mal ...
55 Doc: mas quando tu sai tu fala o espanhol ou o dialeto?
56 L1: eu falo:: espanhol pero falo o espanhol mal... eu trato de me correží
57 pero cuando eu falu cum otra persona que fala beim o espanhol eu
58 vežo que to:: tremendamente mal... sim não é em tudo não é en todas
59 as palabra porque hay cosas que eu falo beim pero... cuando eu fui
60 trabaia en Punta del Este mesmo eu... eu tinha vergonha eu ficaba
61 queta y não quiria falá porque eu via que eu falaba ...
62 Doc: mas tu falavas em espanhol com eles?
63 L1: sim y as vese eles até pidiam pra que eu falase pra vé u::...
64 u entrebero... pidiam me pidiam que eu falase...sí... porque via que::
65 não é neim uma neim otra... eu não falo beim neim a uma neim a
66 otra...é um entrebero
67 Doc: então tem dificuldade pra te expressar só em espanhol?
68 L1: ah sí sí... é
69 Doc: e em português tu te sente bem falando o dialeto?
70 L1: eu falo:: u u asim comum... ma não é uma cosa que se diga qui é
71 correto
72 Doc: e já te sentiu mal falando com pessoas que não o falam?
73 L1: sim... cuando un sai pra fora daqui da da frontera é qui un ve que
74 fala mal
75 Doc: e que nome tu da a essa forma de falar... tu chama de português?
76 L1: não é português... não é é um entrebero é o entrebero...é
77 Doc: com quem tu aprendeu a falar assim?
78 L1: porque a mía mãe falaba in... português também entreberado
79 este... e toda a mía žente toda a mía žente... mía vó meus tíos tudu
80 falam asim...

Entrevista No 4

INF. B2

Nome: L1 (M.S)

Idade: 31 anos

Sexo: feminino

Profissão: Auxiliar de serviços

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

Local da entrevista: Rivera

- 1 Doc: que língua tu fala mais em casa?
2 L1: portunhol
3 Doc: e o espanhol tu fala?
4 L1: falo meio entreberado né?
5 Doc: é?
6 L1: é meia entreberada a cosa
7 Doc: com quem tu fala... o espanhol?
8 L1: bueno tanto cum as criansas como cum o meu marido
9 Doc: com as crianças tu fala só em espanhol com elas?
10 L1: sim... a maioria das cosa sempre más en espanhol que en portunhol
11 né? é que de bes en cuando se vai y se me escapa o portunhol
12 Doc: e por que tu não fala com as crianças em portunhol?
13 L1: non sé é a costume ža me acostumei ža cum meus pais biste? ža
14 falando o portunhol y:: meu pai falaba muito espanhol né? a mía
15 mãe entón se entreberó entón siguimo ansim y::... eu to sempre
16 falando cum eles... no portunhol né?... asim
17 Doc: e tu aprendeu com teus pais a falar em portunhol?
18 L1: sim... é qui en casa meu pai era qui falaba en espanhol y a mía
19 mãe entreberaba ahí biste? então foi por ahí y despós na escola né?
20 na escola tambéin tein muinto portunhol
21 Doc: é? com quem tu falavas?
22 L1: cum os companhero... de clase biste?
23 Doc: ah tá ...e com as "maestras" ?
24 L1: cum as maestra não ... as maestra não
25 Doc: e tu teve alguma dificuldade para aprender o espanhol quando
26 entrou na escola?
27 L1: não dificuldade não tive mas as ves de... conversá co alguem
28 asim ... cun/conversá cum os daqui por exemplo de Rivera... qui un
29 entra num lugar ansim un banco algo as ves se te escapa algo
30 portunhol né?
31 Doc: e tu sente vergonha? como tu te sente falando em potunhol?
32 L1: BUENO fico meio sein žeito né? porque as ves se escapa algo
33 que... não é o espanhol
34 Doc: e tu gosta de falar em portunhol?
35 L1: me acostumei... ža me acostumei
36 Doc: e como chamas a esta forma de falar?
37 L1: de portunhol
38 Doc: por quê tu chama portunhol?
39 L1: porque:: é un:: idioma que aquí na frontera se fala muinto não
40 é?... entreberado de espanhol com o portunhol... com o brasileiro
41 biste? do otro lado da frontera
42 Doc: claro... e o espanhol onde o aprendeu?
43 L1: na escola y en casa cum... desde piquena cum meu pai no es?...
44 depós cuan a mía mãe se separó ža:: fiquemo só cum ela então ža
45 foi diferente
46 Doc: aí só o portunhol
47 L1: só o potunhol ahí foi que se entreberemo más
48 Doc: claro... tá bem e no liceu?

49 L1: ahí siguiu o portunhol né? a non ser cum os maes/cum os
50 profesor que algum u otro fala d'ves en portunhol cum nós...
51 sempre siguimo ansim cum os companhero
52 Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em
53 Livramento e o portunhol?
54 L1: existe sim diferensias porque eles ža falam o idioma deles né?
55 e nós ža entreberemo...
56 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou
57 uruguaiois?
58 L1: o canal cuatro... qui é o canal brasileiro... u des daqui é muin poco
59 muin poco se ve
60 Doc: olham mais os brasileiros então?
61 L1: claro pur as novela iso tudo se oia más os de lá
62 Doc: olha muito as novelas?
63 L1: sim ((risos)) beim sempre que é posible qui não não caia nu horario
64 daqui... a das oito sempre vežo
65 Doc: o que tu achas da forma de vida dos brasileiros e uruguaiois?
66 L1: aquí na frontera ašo que se veve bein não? porque:: tein Santana do
67 Livramento ahí oferece muinta eh::... como te vo disé... u prEsio de
68 comprá o comestible ropa tudo é más barato lá que aquí... entón
69 para nós nos facilita más
70 Doc: gosta de morar aqui na fronteira?
71 L1: gosto
72 Doc: acha que os uruguaiois vivem igual que os brasileiros?
73 L1: não no creio... ašo que não
74 Doc: por quê não?
75 L1: ašo que lá se facilita más a vida pra vivé... lá é más fásil de vivé
76 que aquí... pero como vivemo ao lado nós tudo que ganhemo aqui
77 gastemo lá... não é? entón nos facilita a nós tambéin... mas aquí é
78 meio complicada a cosa
79 Doc: é ? tá complicada aqui ... por quê?
80 L1: y... pra vivé y pra tudo não é? aquí sai más caro as cosa lá sai más
81 barato... nos facilita u... a economía daí que tá ao lado né? é só
82 crusá a caže y temo do otro lado
83 Doc: o que tu achas do contrabando aqui na fronteira?
84 L1: oia dus contrabando piqueno não não não tenho o que disé porque a
85 žente::... contrabandeia más pa dá cumida prus fio né? eu falo más
86 dus contrabando grande... da žente grande
87 Doc: e o que tu acha dos contrabandos grandes?
88 L1: não sei eu ašo qui debia de... de terminá não? (...) esa žente se
89 como é da... dus contrabando grande são us que más se... como é
90 qui vo te disé... BUENO é žente qui TEin posabilidade de vivé
91 bein y qué sempre más y us piqueno sempre são os qui más se
92 prežudican né?

Entrevista No 5

INF. A

Nome: L1 (G.A)
Idade: 15 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

INF. A4

Nome: L2 (C.L)
Idade: 17 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau incompleto

INF.A5

Nome: L3 (J.LR)
Idade 14 anos
Sexo: masculino
Profissão: estudante
NSE: D
Escolaridade: 1o grau completo

- 1 Doc: como você chama a essa forma de falar que estamos falando?
2 L1: portunhol
3 Doc: com quem aprendeu o portunhol?
4 L1: com a žente daí do cerro
5 Doc: e na tua casa falam o portunhol?
6 L1: mía mãe y meu padrasto
7 Doc: e você C. também chama de portunhol a essa forma de falar?
8 L2: sim... šaman brasileiro taméim
9 Doc: com quem aprendeu o dialeto?
10 L2: eu me acostumé asim todo mundo fala asim... aquí en Rivera
11 Doc: e na tua casa falam?
12 L2: tambéim falam sim... todos
13 Doc: e você JL ... como chama ao dialeto?
14 L3: este::.... brasileiro y como é?...
15 L2: portunhol
[
16 L1: portunhol
17 L3: portunhol
18 Doc: e com quem aprendeu?
19 L3: cum meu padrasto... é brasileiro
20 Doc: teu padrasto fala em brasileiro ou em português contigo?
21 L3: ah não ele é brasileiro... mora ahí en Santana
22 Doc: e a tua mãe fala?
23 L3: fala brasileiro taméim ... cuaše toda a mía familia fala brasileiro
24 Doc: que língua vocês falavam quando eram pequenos?
25 L1: uruguaio
26 L2: eu aprendí asim esa forma asim ... desde piqueno ža falaba iso
27 L3: eu aprendí a falá portunhol agora... fas um ano más ou menos
28 cuando mía mãe... se žuntó con meu padrasto
29 Doc: antes não falava? o que falava antes?
30 L3: falaba meio poco né? pero... agora sei más brasileiro por... aprendí
31 cum ele
32 Doc: já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que
33 não o falam?
34 L1: não
35 L2: não
36 L3: eu tampoco por agora não
37 Doc: vocês lembram de alguma situação onde tiveram problemas por
38 estar falando o dialeto?
39 L2: eu ža

40 Doc: já? como foi?
41 L2: cuando fui pa Montividéu lá... ninguéim entendía ...
42 Doc: e aí?
43 L2: e ahí tive que falá asim nomás no uruguaio asim nomás
44 Doc: foi muito difícil falar em espanhol?
45 L2: é porque un não tá acostumbrado... fala sólo el portugués nomás
46 Doc: e com que pessoas tu falavas lá?
47 L2: falaba cum... mías... familia lá
48 Doc: e tu JL?
49 L3: eu não... não tibe... cum ninguéim que eu lembre não
50 Doc: onde aprenderam o espanhol?
51 L1: aquí... Rivera... en el Cerro del Estado
52 Doc: e em que língua falavas com as maestras?
53 L1: uruguaio
54 L2: aprendí na escola que as maestra ensinaban y... no CA tambén...
55 L3: eu aprendí más co a mía vó lá em Corrales y:: y com as maestra
56 ... y bueno y ahí/y aquí no Centro Abierto
57 Doc: tiveram alguma dificuldade na escola quando estavam aprendendo
58 o espanhol por falar o dialeto?
59 L1: as ves sim
60 L2: eu tive alguma dificuldade ahí... para as letra... por falá muito
61 asim... portunhol
62 Doc: e as maestras que faziam?
63 L2: as maestra tentaba intendé asim que eu falaba... despois a žente
64 vai aprendendo um poco más... agora ()
65 Doc: e com você... aconteceu alguma coisa?
66 L3: eu tive:: pa escrevé que eu hay veses escribía seim sé uruguaio
67 escribía em brasileiro y confundía ahí... falta de ortografia
68 Doc: aha confundia então
69 L3: confundía us dois idioma
70 Doc: isso foi quando entrou na escola?
71 L3: cuando era piqueno y depois de grande fui me acostumbrando y ža
72 ža no erraba tanto
73 Doc: vocês têm problemas para se expressar somente em espanhol ?
74 L1: sim
75 L2: eu no... eu me entrebero asim un poco pero falo beim... asim el
76 espanhol falo beim... não me entrebero muito
77 L3: eu não eu tenho/eu:: falo beim uruguaio o beim brasileiro cualquier
78 dos dois eu não me confundo
79 Doc: não mistura?
80 L3: não misturo... se to falando uruguaio sigo en uruguaio si entra
81 en trema brasileiro eu falo só brasileiro
82 Doc: qual das línguas vocês acham que falam melhor... o espanhol o
83 português ou o dialeto?
84 L1: o portunhol
85 L2: eu também o portunhol... porque um tá más acostumbrado a falá
86 asim biste? pasa falando todo día ahí asim
87 L3: eu uruguaio... espanhol
88 Doc: por quê o espanhol?
89 L3: BUENO... porque aquí hay/si un mora aquí im/nu Uruguay teim que se
90 acostumbrá a falá más o espanhol porque... si um dia um vai...
91 L2: [(...)
92 L3: CLArO un día sai por ahí... teim que falá espanhol o idioma
93 daqui da/du noso país né? y si sai pa ahí pru Brasil... si un sabe algo
94 brasileiro fala pero... pa mí espanhol é melhor
95 Doc: claro... que língua vocês acham que é mais útil conhecer hoje na
96 fronteira uruguaio-brasileira?
97 L1: o espanhol é más lindo falá
98 L2: também é... o espanhol es más fácil falá cum as pesoa asim...
99 conseguí emprego o algo

100 Doc: pra conseguir emprego é mais útil?
 101 L2: sim em Rivera
 102 Doc: e em Livramento?
 103 L2: ahí ...
 104 L3: é mais difísil u espanhol... pa conseguí emprego lá... teim que falá
 105 mais brasileiro lá pa... que te entendam beim
 106 Doc: e pra ti qual é mais útil?
 107 L3: espanhol... aquí na frontera dependendo... CLARo o lugar que for
 108 Doc: com que língua vocês se identificam mais... com o português
 o espanhol ou o dialeto?
 109 L1: o portunhol
 110 Doc: é por quê?
 111 L1: todo/todo mundo alí fala o memo
 112 Doc: no bairro?
 113 L1: sim
 114 L2: pa mí é... o espanhol
 115 Doc: por quê?
 116 L2: porque aquí falam más espanhol... más o menos la mitad das... da
 117 žente aquí... em Rivera más o meno a metade assim...é espanhol
 118 L3: eu cu as duas...
 119 Doc: por quê com as duas?
 120 L3: porque moro aquí y aprendí esa língua aquí... y a brasileira este
 121 aprendí cum meu padraсто pero... bueno as duas dá pa identificar
 122 depende o lugar que for... si for lá fala brasileiro y si for aquí
 123 fala uruguaio...
 124 Doc: o que vocês acham de morar aqui na fronteira? como vivem os
 125 brasileiros e os uruguaio? acham que existem diferenças na forma
 126 de vida dos brasileiros e uruguaio?
 127 L2: pra mí é tudo igual porque as pesoa... ninguém é melhor que
 ninguém
 128 Doc: mas na forma de vida o Uruguai é um país e o Brasil é outro
 129 têm culturas diferentes...
 130 L2: sí eh que pasa que en Brasil... teim más dinheiro as pesoa capás
 131 que vivem melhor... que aquí... é um país más grande as pesoa...
 132 teim más trabalho e cosa
 133 Doc: e pra ti JL? acreditas que existem diferenças?
 134 L3: não pa mí son tudo o memo... só::: diferença na na forma de falá
 135 que um aquí fala uruguaio y lá fala:: portunhol... pero en cosa de
 136 trabaio en sim é tudo memo só que lá teim más... más coisas que
 137 aquí de de trabaio y fábricas y co/ y lá é más grande aquí não...
 138 aquí teim poco...
 139 Doc: vocês olham televisão? que programas olham mais brasileiros ou
 uruguaio?
 140 L2: eu gosto más é de canal brasileiro más eu oio Ratinho..novela ... y
 141 é um lugar é::: é melhor é intende más a língua assim brasileiro
 142 Doc: e o canal dez?
 143 L2: não no olio
 144 Doc: e tu?
 145 L3: eu gosto de oliá más todos os canal brasileiro... porque us uruguaio
 146 non dá tanto como dá os brasileiro us brasileiro dá muita cosa
 147 interesante usuruguaio não... dá formativo cosa de fútbol iso us
 148 brasileiro dá novela filme y de tudo eu oio más us brasileiro
 149 Doc: tem mais variedade
 150 L3: teim más variedade... esportes esas cosas
 151 Doc: tem mais canal
 152 L3: teim más canal y us uruguaio não teim... muito
 153 Doc: tem só o canal dez
 154 L3: sinco só quem tenha cable o ...
 155 Doc: e o cinco que tal é?
 156 L3: ah... desastre só žornal y u des também não dá as novela não son

157 muy linda iso como as brasileira...
 158 Doc: então olha novela
 159 L3: sim y us filme iso tudo im brasileiro
 160 Doc: e a rádio? que rádios escutam?
 161 L2: escuto a H.
 162 Doc: escuta mais uruguaias?
 163 L2: sim más uruguaia
 164 Doc: por quê mais uruguais?
 165 L2: porque eu gosto más das... que dá kumbia e iso que kumbia
 166 uruguaias son... porque...
 167 L3: as música daqui son melhor que as brasileira porque expresan más
 168 Doc: é expressam mais o quê?
 169 L3: ah:: o modo de cantá
 170 L2: é más batida ahí en Santana ahí é Samba nomás asim
 171 Doc: não gosta de samba de axé de pagodes?
 172 L2: no não é muito
 173 Doc: a moda aqui é:::
 174 L2: é kumbia discoteca
 175 L3: eu também é só radio uruguaia só uruguaia pelo mesmo motivo que
 176 ele... gosto más de kumbia y y não gosto muito de pagode y esas
 177 cosa brasileira en sí a kumbia é melhor pra cá pra us uruguaio
 178 Doc: o que vocês acham de morar aqui na fronteira? vocês gostam de morar
 179 aqui?
 180 L2: sim tamo acostumado ža... tamo acostumado aquí ža... teim menos
 181 violencia e iso
 (...)
 182 L3: y aquí é más piqueno que Montividéu é uma coisa grande uma
 183 cidade aquí ža é um departamento ža aquí é más piqueno é más perto
 184 de ir nos lugares asim
 185 L2: não não prisisa tomar onimus... se vai a pé igual
 186 L3: claro
 187 Doc: o que vocês acham do que está acontecendo com o contrabando
 188 aqui na fronteira?
 189 L2: o contrabando eh::: bueno a žente trabaia asim pa... é o tipo de
 190 trabaio deles ahí
 191 L3: depos teim o contrabando de comestible porque aquí hay
 192 vese pasaba na aduana lá us comestible brasileiro y::: y sacaban...
 193 y depos sacan de lá y bueno... a maioria ia pa/po lišo lá tiraban tudo...
 194 L1: u šušurero ((risos))
 195 Doc: como é?
 196 L1: šušurero
 198 L3: é o memo basurero... onde tiram o lišo
 199 Doc: o que é "xuxurero"
 200 L3: é o memo basurero
 201 L1: ((risos))
 202 Doc: é chamado assim?
 203 L3: não iso é por nós nomás
 204 Doc: é onde fica esse "basurero"?
 205 L3: fica lá perto du Paso de Castro... lá pa saída da carretera
 206 Doc: e as pessoas aproveitam essas coisas?
 207 L3: pero vai más a žente que ža fica lá que vai todo dia buscá
 208 algo lá
 209 Doc: e vocês já foram?
 210 L2: eu fui só... duas veses
 [
 211 L3: eu ža fui...
 212 Doc: e pegaram muita coisa?
 213 L3: não ma não é tudo dia é cuando pEgam us us contrabando...
 214 claro que ha cosa/ que cuando vense tiran
 215 Doc: ah::: quando estão vencidos os produtos...

216 L3: claro que vense el mes u algo na otra volta tiraron como dois
 217 o tres camión de Coca lá...
 218 Doc: ah é? e a Coca tava vencida?
 219 L3: taba sim... pero todo mundo levo
 [
 220 L2: taba sim pero as pesoa levaban igual
 221 Doc: e que outra coisa mais eles... jogavam?
 222 L3: POžo
 223 L1: žogur... a Conaprole žoga lá
 224 Doc: e por quē a Conaprole...
 225 L3: porque hay ves ta vasando
 [
 226 L1: cigarro tambéin tiran bastante lá... cartera de cigarro
 227 L3: tudo que não sai... ža pa vendé que sai e teim algún defeito
 228 Doc: vocês gostam de:... estudar no CA?
 229 L3: sim no Centro Abierto sim
 230 Doc: o que vocês fazem lá?
 231 L3: estudiemo herrería com E.... depois de tarde eletricidad o
 232 carpintería e ahí cada un se dživide uns pa una clase y otros pa
 233 otra... según a que prefirí
 234 L2: según la que te guste más... que tu ve que vai aprendé algo
 235 Doc: e qual tu gosta mais G.?
 236 L1: a mí me gusta más este:: herrería
 237 Doc: "herrería"? e o que tu faz em "herrería"?
 238 L1: soldá
 239 L3: y bueno en herrería nós fisemo... mesa de dibujo... fisemo us
 240 taburete... tudu cum:: cum E. profesor de lá y despo...bueno...
 241 agora temo por fasé uns žogo pa/pas criansa ahí nu... numa
 242 guardería aquí... na Mandubí alí ...
 243 Doc: aha... que legal
 244 L3: y temo fundindo aluminio... temo fundindo
 245 L2: fundición... aluminio
 246 L3: temo fundición
 247 Doc: e tu C. o que gosta de fazer?
 248 L2: eu gosto de fundí eh:: herrería y de eletricidad no es?
 249 Doc: e eletricidade não é difícil?
 250 L2: no
 [
 251 L3: no
 252 Doc: o que vocês aprendem em eletricidade?
 253 L1: instalá
 254 L2: fasé instalação asim nas casa... na pared...
 255 Doc: e o que vocês pensam em fazer com isso depois?
 256 L2: iso vai serví pa muinta cosa... vai serví pa fasé uma instalação na tua
 257 casa...
 258 L3: dá pa arranžá un trabaio tambéim lá
 [
 259 L1: o pa alqueim que não sabe... dá pa fasé...
 260 L3: dá pa saí daí ža cum... más o meno sabendo... ža como pa entrá...
 261 um tipo de empleado ža
 262 L2: sabendo levá... levá as cosa
 263 Doc: aha... conseguir um emprego né?
 264 L3: um emprego ža
 265 Doc: e o que vocês querem fazer depois?
 266 L3: eu herrería
 267 L2: eu quero aprendé um poco de cada cosa porque vai me serví pa
 268 algo
 269 Doc: e tu G.?
 270 L1: eu tambéim
 271 Doc: tá bem ... e entre vocês como falam? falam assim como tamo

272 falando agora?
 273 L3: sim
 [
 274 L2: sim portunhol
 275 L1: sim
 276 Doc: y en español? vamos a hablar un poquito en español?
 277 con quién hablan en español ustedes?
 278 L1: con los profesores
 279 L2: con los profesores y con las maestras
 280 Doc: y en los comercios hablan en español?
 281 L3: en español porque entienden más español acá que el brasileiro
 282 Doc: y en el barrio?
 283 L3: bueno allá portuñol ... cualquier forma entienden porque son
 284 medio... medio cruzado hablan los dos idiomas ((risos))
 285 Doc: a dónde?
 286 L3: ahí en el Cerro... acá en Rivera casi unos cuantos hablan portuñol
 287 también pero todos se entienden
 288 Doc: todo el mundo se entiende ... muy bien

Entrevista No 6

INF.A7

Nome: L1 (C.C)

Idade 14 anos

Sexo: feminino

Profissão: estudante

NSE: D

Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: que língua tu falas mais na tua casa?
 2 L1: falo o português
 3 Doc: como é esse português? misturado ou na tua casa são brasileiros?
 4 L1: não misturado
 5 Doc: sempre fala em português? e em espanhol?
 6 L1: não sempre o português
 7 Doc: que língua aprendeu primeiro o português o espanhol ou as duas?
 8 L1: português
 9 Doc: e o espanhol?
 10 L1: não
 11 Doc: e na escola ... que língua tu fala na escola?
 12 L1: em espanhol ... com a profesora e tudo
 13 Doc: e com a tua mãe?
 14 L1: em português
 15 Doc: e no bairro com as pessoas?
 16 L1: português
 17 Doc: e os vizinhos contigo?
 18 L1: português também
 19 Doc: e nas lojas com os empregados?
 20 L1: espanhol
 21 Doc: em Santana também?
 22 L1: em Santana ... também eu falo
 23 Doc: e aqui na oficina de costura com os colegas?
 24 L1: em:: português
 25 Doc: e com os professores?
 26 L1: espanhol
 27 Doc: nunca fala em português?
 28 L1: de ves en cuando sim
 29 Doc: tu sabe que aqui na fronteira se fala um dialeto né? que nome tu da

30 a essa forma de falar?

31 L1: português eu aão

32 Doc: tu gosta da tua língua?

33 L1: não sei eu gosto mas eu gostaria de falá espanhol né?

34 Doc: como tu te sente falando a tua língua?

35 L1: eu me sinto beim porque eu me do beim com as pessoas asim...eu

36 me entendo beim com algumas pessoa eu me entendo beim

37 cum us amigo parente

38 Doc: mas tu gostaria de falar o espanhol ... por quê tu gostaria de falar o

39 espanhol?

40 L1: não sei porque eu aão:: qui sei eu eu aão que é uma manera más

41 educada de conversá

42 Doc: aha e aprendeu o espanhol?

43 L1: só nu:: na escola

44 Doc: e atualmente tu falas o espanhol corretamente?

45 L1: eu falo mais ou menos

46 Doc: e por quê? tu não falas o espanhol?

47 L1: não porque que adianta eu não não me adato bem cum meus

48 parente é só aquí que eu falo em espanhol mas cum meus parente

49 e tudo asim não() as ves eu sinto até vergonha porque eu

50 gostaria de falá /asim qui sei eu que nós falase tudo em espanhol

51 Doc: aha a mesma língua ... com que tu aprendeu a falar o dialeto?

52 L1: cum meus pais

53 Doc: já sentiu algum tipo de discriminação por falar o dialeto ou

54 português?

55 L1: ah não só cuando to falando em:: em espanhol

56 Doc: por quê?

57 L1: algumas ves algumas amiga u algo elas sempre ri de mim

58 Doc: por quê elas rim de ti?

59 L1: porque eu to falando em espanhol e sai em português o sempre

60 misturo ... mas em português não

61 Doc: em português tu achas que não misturas?

62 L1: não ... só em espanhol

63 Doc: onde aprendeu o espanhol?

64 L1: na escola

65 Doc: teve alguma dificuldade na escola para aprender o espanhol?

66 L1: não me lembro

67 Doc: qual das línguas você acha que fala melhor?

68 L1: ah ... eu aão que eu falo melhor en português

69 Doc: por quê?

70 L1: por que em português eu não me atrapaio não ... eu não entrebero

71 uma coisa cum a outra mas em espanhol sim

72 Doc: que língua acha mais útil aqui na fronteira?

73 L1: ah eu aão que é português ... aquí en Rivera?

74 Doc: aha na fronteira

75 L1: não aão qui ... MÁS en português eu aão... pra mim né? na mía

76 opinión mas eu não sei

77 Doc: por quê tu achas que é mais útil?

78 L1: não sei porque eu:: as ves cruso pelas pessoa tão conver/falando

79 em português vežo alguém conversando em português qui sei eu

80 pocas pessoa se ve... falando em espanhol

81 Doc: isso no teu bairro?

82 L1: sim todo mundo português

83 Doc: e qual das línguas tu achas mais bonita?

84 L1: o espanhol

85 Doc: por quê?

86 L1: não sei porque parese uma forma más educada más bonita asim

87 que eu aão tão bunito

88 Doc: tu achas que existem diferenças entre o português falado em

89 Livramento com o que tu falas?

90 L1: ah eu aão qui teim ... não sei porque eles pronun/pronunsíam
 91 palavras assim mais por esemplo nós disemo más e eles mais eu
 92 qui sei né? eles teim ... uma coisa que/una cosa que eles não
 93 combina muito beim cum o daqui
 94 Doc: que programas de televisão você olha mais?
 95 L1: brasileiro... eu olho canal trese eu oio é o SBT que disem é o que
 96 más oio... as novela... filme cuando dá oio desenho de manhã ...
 97 mas de manha não olho más porque eu venho aquí né? assim tudo
 98 as ves nós olhemo as ves não de noite dá o Ratinho dá ... as ves dá
 99 Filo qui é "o coitado" teim un monte de programa bom no trese
 100 Doc: e os uruguaiois?
 101 L1: não ... de ves en cuando lá olham o des... que agora eu to parando
 102 na casa da mía tia né? então ela agarra e olha as vês né? o des pra
 103 escutá o informativo algo que dá né? mas de ves en cuando
 104 Doc: e que programas de radio tu escutas mais ... brasileiros ou
 105 uruguaiois?
 106 L1: ah programa espanhol... uruguaiois... escuto kumbia samba ...

Entrevista No 7

INF.B3

Nome: L1 (E.M)
 Idade: 33 anos
 Escolaridade: 2o grau incompleto
 Sexo: masculino
 Profissão: serralheiro
 NSE: C

INF.B4

Nome: L2 (M.)
 Idade: 45 anos
 Escolaridade: 1o grau completo
 Sexo: feminino
 Profissão: empregada doméstica
 NSE: C

1 Doc: como vocês chamam ao dialeto falado aqui na fronteira?
 2 L2: portunhol
 3 L1: sí... portunhol
 4 Doc: por quê potunhol?
 5 L2: porque é um brasileiro entreberado com um castiano
 6 Doc: e faz tempo que tu fala esse dialeto?
 7 L2: desde que nasí ... desde que aprendí a falá
 8 Doc: com quem tu aprendeu a falar o dialeto?
 9 L2: cum meus pai com mía mãe cum meus avô
 10 Doc: e tu E. com quem aprendeu a falar o dialeto?
 11 L1: com meus pais... meu pai fala algo
 12 Doc: e na tua casa falam o dialeto
 13 L1: no no
 14 Doc: com quem tu falas mais o dialeto?
 15 L1: no meu trabalho
 16 L2: cum os de casa falemo... cum os gurí cum os da caže... companhia de
 17 estudio
 18 Doc: e tu falavas quando era pequena?
 19 L2: sim sempre falemo ansim nunca nos ensinaron a falá em castiano
 20 Doc: em castelheano nunca?
 21 L2: no
 22 Doc: e na escola?
 23 L2: ah... na escola sim era obrigatório
 24 Doc: o que tu falavas nas escola?
 25 L2: na escola falaba uruguažo este:: espanhol
 26 Doc: teve alguma dificuldade quando aprendeu o espanhol na
 27 escola?

28 L2: ah... sim bastante
29 Doc: é tu?
30 L1: não porque não moraba aquí moraba en Tacuarembó... pertinho
31 daqui
32 Doc: e quando aprendeu o dialeto?
33 L1: aquí cuando vim pra Rivera
34 Doc: bem vocês lembram de alguma situação em que tiveram problemas
35 por falar o dialeto?
36 L2: ah não
37 Doc: e com as crianças em que língua você fala?
38 L2: en espanhol
39 Doc: e com as "maestras" na escola?
40 L2: y com as maestra en espanhol
41 Doc: você sabe falar o português ?
42 L2: más o menos... é entreberado nomás... falo só o espanhol ou
43 si não o portunhol
44 Doc: e você?
45 L1: no portugués no... portunhol sí
46 Doc: vocês se consideram bilíngües?
47 L2: não... o entreberado sim é bilíngüe porque é o entreberado
48 L1: eu aão o mesmo também... que falo as duas línguas
49 Doc: quais línguas?
50 L1: este::... el entreberado y u o espanhol... un portugués perfeito no
51 L2: eu também... a mesma coisa
52 Doc: e qual das duas línguas vocês acham que falam melhor?
53 L2: ah pra mí o dialeto... é más fácil más cómodo más práctico
54 L1: não eu ža sou mais do espanhol porque como venho de lá de dentro
55 do Uruguay não so daqui da frontera
56 Doc: e em Tacuarembó falam dialeto?
57 L1: no... Tacuarembó no... ža teim seu... este::... su característica ža
58 u... a partir de Tacuarembó pra dentro ža ...
59 [Tacuarembó é a parte más más castiana que hay
60 L1: sí
61 L2: () depois de Tacuarembó... os de Tacuarembó são tudo beim
62 castiano
63 Doc: que língua vocês acham que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
64 L1: pra mí é este:: el entreberado ese... portunhol... sí
65 Doc: por quê?
66 L1: porque::... me parese que:: é más... práctico...
67 L2: é más práctico en todo momento é más práctico o portunhol
68 Doc: por quê é mais práctico?
69 L1: como que tá mais al alcance... de todos... dos dois países
70 Doc: e que língua vocês acham mais bonita?
71 L1: ah o espanhol
72 L2: eu gosto do espanhol também
73 Doc: o que vocês acham da forma de vida dos uruguaiois e dos
74 brasileiros... acreditam que existem diferenças na forma de vida?
75 L1: este... a prinsipal característica a diferencia é a alegría do povo
76 brasileiro... o uruguaio ža es más este::...
77 [más formal
78 L1: más formal mais aprendido mais rígido
79 L2: o uruguaio é más formal que o brasileiro... brasileiro é más ...
80 música festeža tudo veve na na alegría... nei que težem morrendo de
81 pobreza eles tão sempre na alegría
82 Doc: e vocês como fronteiriços acham bom isso?
83 L2: é bom
84 L1: é bom sí
85 Doc: quais são as vantagens e desvantagens de morar numa fronteira?

86 L1: y é::... esta frontera particularmente teim a ... us presos ... teim la
87 gran ventaja de los presos ()
88 L1: a economia é a diferenſia
89 Doc: e isso é bom?
90 L2: iso é bom... porque nu/ tu pasa numa frontera numa caſe pra otra
91 y compra en Santana
92 L1: y::...puede darse tambéim à inversa que cuando a veses ta/teim
93 produtos que posan estar mais baratos aquí no Uruguay se pasa
94 se compra do lado uruguaio
95 L2: sim veim brasileiro a comprá
96 Doc: os brasileiros vêm a comprar aqui atualmente?
97 L1: si eles compram... muinto produto do Free Shoop
98 L2: do Free Shoop... especialmente a láu...ah no inverno a láu as
99 mercaderia de láu
100 L1: compram vinhos... queiſos... este::... algum dose... uisqui
101 Doc: ah tá... é o que vocês podem falar sobre o problema atual do
102 contrabando aqui na fronteira?
103 L1: tá aconteſendo más cum o novo este::...o novo governo um
104 dus principais metas pra/ a combatir es ſustamente u ...
105 L2: a economia du Uruguay
106 L1: a economia du Uruguay
107 L2: sim a economia du uruguaſo porque si un uruguaſo vai nu Brasil
108 u brasileiro corre u uruguaio de lá
109 Doc: ah é?
110 L2: claro
111 Doc: corre como?
112 L2: co/este:: u uruguaſo não pode/tu viste a volta dus coche brasileiro
113 que dus coche uruguaſo que venderon na frontera?
114 Doc: aha
115 L2: y que... mandaron tudo de volta deram não sé trinta dias o sesenta
116 dias pa/ pra devolveren todo pro Uruguay... y u brasileiro y o
117 uruguaio aquí veve dus auto brasileiro entonse... u uruguaio
118 agora... quer faſé... que haiga uma lei que aquí/lá hay ley aquí no
119 hay... aquí non se cumple a ley y eso pasa cum contrabando
120 L1: eh:: o Uruguay é um país muinto muinto aberto as frontera du
121 Uruguay ao ingreso de todo tipo de producto de todos us países es
122 una frontera é um país muito este::... muinto aberto a todo tipo de
123 ingreso así ilegal...
124 L2: y u Brasil não é... u Brasil as leis pra eles são ley y pronto
125 Doc: e com relação as novas medidas que o Presidente adotou para
126 acabar com o contrabando... vocês estão de acordo?
127 L2: por parte está beim y por parte... está más o meno ahí não...
128 porque perjudica a munito piqueno viste?... a muinto piqueno
129 industrial que veve diso... pero ele dis que favoreſendo iso que
130 cortando u contrabando ele pode trasé/podem trasé trabaio pra
131 us uruguaio que na atualidá no hay trabaio pros uruguaſo ta todo muin
132 parado y ao não deiſá entrar mercaderia de lá de Santana de
133 lá du Brasil todo este é o que pode trasé trabaio pro Uruguay
134 L1: claro porque o contrabando aqui ſa tá como uma forma de vida
135 de de entrada económica não é?
136 L2: nós aquí en Rivera não temo ese problema
137 Doc: e vocês acham que ele vai conseguir erradicar o contrabando?
138 L2: ah na frontera não porque ele ſa dise que as frontera...
139 [
139 L1: difícil
140 L2: mientras não estabilisen us presio que não seſen os presio de de
142 que teſen más o meno os presios ahí ...
143 Doc: os precio de Rivera e de Livramento?
144 L2: ah sí... ele é o que ele quer é botá más o meno que fique más o
145 meno igual us presios o que seſe más asesible ao siudadano de

146 Rivera no é?
 147 L1: que não teim separasión por uma ponte nada... é so uma rua uma
 148 linhaimaginaria... tá todo el día este... el/ la pasažeim
 149 de žente tudo
 150 Doc: é uma fronteira aberta
 151 L1: é muinto difísil controlar... não teim como controlar

Entrevista No 8

INF.B5

Nome: L1 (MCV)

Idade: 40 anos

Sexo: feminino

Profissão: do lar

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

1 Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaiois e dos brasileiros
 2 são iguais ou existem diferenças?
 3 L1: ah não são diferentes
 4 Doc: quais seriam as diferenças?
 5 L1: ah porque nós temos uma costumbre eles tein otra né? são
 6 diferentes as nosas costumbres das deles... na forma de este... atuá
 7 de/na comida em tudo... na forma de se expresá y de tratá cum as
 8 pesoa... nós semo más seco y eles são más alegres são más ativos
 9 asim são más como é que se dis comunicativos son
 10 Doc: você se identifica mais com os brasileiros ou com os uruguiois?
 11 L1: eu gosto más das pesoas brasileira pra tratá
 12 Doc: tem muitos amigos brasileiros?
 13 L1: tenho sim... eu tenho uma irmã qui mora lá no Prado y tenho
 14 uns amigos lá sí
 15 Doc: e o que acha do contrabando aqui na fronteira?
 16 L1: ((risos)) mas oia eu pra mim tanto me fas porque é um meio de
 17 trabaio que tein pero yo que sei... as pesoa tein que se defender
 18 como podem pero... eu aão que:: pra sacá o contrabando que nós
 19 temo aquí que tinham que té feito uma fábrica de trabaio pa as
 20 pesoas que fasem ese trabaio
 21 Doc: e atualmente não tem nada
 22 L1: y as pesoas se não contrabandeiam... de que veven... si não tein
 23 trabaio... imposible... tinham que té feito un meio de trabaio pra
 24 eles pa depós sacaren ese trabaio deles
 25 Doc: e você tá de acordo com as novas medidas do Presidente?
 26 L1: eu tó de acordo y não tó de acordo como te dise tein que primero/
 27 ele tinha primero que fasé uma fábrica porque ele prežudica o
 28 contrabando prežudica muinto o país né?... prinsipalmente nu nu
 29 sentro do país... porque a mercadería lá us comestible y tudo iso lá
 30 não sai... sai tudo brasileiro pra nós aquí não porque nós temo numa
 31 frontera né?... pero ahí nu sentro du país eu aão que tinha que té
 32 uma fábrica grandes fábricas pra as pesoa podé... trabalAREN y si
 33 não tein nada ...
 34 Doc: gerar emprego primero pra...
 35 L1: claro... pra depós sacá o contrabando
 36 Doc: ((A continuação transcreveremos algumas respostas da informante ao
 37 questionário aplicado sobre a língua que usa))
 38 Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira
 39 L1: ah:: o portunhol

40 Doc: por quê?
 41 L1: porque a žente se expresa cum us dois idiomas žunto
 42 Doc: aha
 43 L1: y tein cosas que se entenden y pode falá ao mesmo tempo os
 44 dois idiomas... por exemplo... voy no mercado y digo así me dé un
 45 quilo de choriso... en bes de disé quilo de salsiša... en bes de disé
 46 un quilo de masa eu digo me dé un quilo de fideú
 47 Doc: e entendem?
 48 L1: entendem
 49 Doc: eles falam espanhol?
 50 L1: alguns sabem otros no... senão temo qui esplicá o que qui é... mas
 51 dificultá más pra eles que pra nós aquí nós sabemos muito más que
 52 eles ašo
 53 Doc: eles não falam?
 54 L1: eles nunca falarom noso idioma neim sabem falá direito ašo
 55 Doc: e portunhol eles falam?
 56 L1: tampoco não... é só o idioma deles
 57 Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em
 58 Livramento e o dialeto falado na fronteira?
 59 L1: ah sim hay diferensias sí hay muunta diferensia porque eles se
 60 espresam corretamente y nós não... nós entreberemo us idioma

Entrevista No 9

INF.A8

Nome: L1 (SC)
 Idade: 23 anos
 Sexo: feminino
 Profissão: empregada doméstica
 NSE: D
 Escolaridade: 1º grau completo

INF.A9

Nome: L2 (YC)
 Idade: 20 anos
 Sexo: maculino
 Profissão: desempregado
 NSE: D
 Escolaridade: 1º grau incompleto

1 Doc: o que tu achas do dialeto falado aqui na fronteira?
 2 L1: é bom un se integra un pode tratá cum muintas pesoas
 3 Doc: e tu te sente bem falando?
 4 L1: beim ningún problema no pasa nada
 5 Doc: como vocês chamam ao dialeto falado na fronteira e por quê?
 6 L2: rompidioma ((risos))
 7 Doc: como?
 8 L1: en Montideo se žama de portinhol ... portugueis espanhol ah ()
 9 Doc: mas você chama como?
 10 L2: no no ((risos)) rompidioma
 11 Doc: por quê?
 12 L1: sí porque fala meio tudo entreberado un de cada lado
 13 [L2: meio entreberado
 14 Doc: interessante nunca tinha ouvido esse nome e com quem vocês
 15 aprenderam essa forma de falar?
 16 L2: solito... sai ahí pa Santana y se fala en televisão y en tudo
 17 L1: é un poco tambéin a parte dus pais né? que ža falaban ansim ese
 18 portugueis que ža vein... que é mia vó que é (...) entonse un vai
 19 pegando... y depós cuando un crese un ve que tein o espanhol pa ...
 20 de/ pa pa pa:: ... dominá y ahí un vai aprendendo vai na escola
 21 aprendé vai... todo un... fica meio raro o idioma pero ((risos)) dá
 22 pa se entendé
 23 Doc: dá... mas vocês continuam falando esse idioma que aprenderam
 24 quando eram crianças?
 25 L1: ah sí ... claro claro

26 Doc: em que língua a mãe de vocês falava com vocês quando eram
27 pequenos?
28 L1: EM português no? porque... en espanhol eu não me lembro
29 Doc: ela não falava nunca em espanhol com vocês?
30 L2: no
31 L1: ah qui eu me lembre... nós aprendemo ansim né? depos o espanhol
32 dominemo cuando (...)
[
33 L2: cuando piqueno não me lembro
34 L1: só ((risos))
35 Doc: sim mas (...)
36 L2: cla::... isto aprendemo ža veim de familia un vai/ falemo brasileiro
37 brasileiro brasilEIRO português
38 Doc: claro... tiveram problemas para se expressa em espanhol quando
39 entraram na escola?
40 L1: ahí medio entreberado no? ((risos)) pra aprendé... depos um ano
41 dois anos treis anos un ža domina ža
42 Doc: qual das duas línguas é mais fácil para falar?
43 L1: ah... as duas cosa não porque... ašo que português... que un vai
44 ahí no no super mercado e dis voy a žear... ah me da tal cosa é más
45 fásil ((risos))
46 Doc: claro porque vocês compram lá em Santana né?
47 L1: claro
48 Doc: e aqui em Rivera nos "almacén"?
49 L2: aquí? ah nos almasén depende pero::...
50 melhormente é en espanhol... vai na padaria vai no buliše dame tal
51 cosa voy a žear tal cosa... português eles entendem pero en
52 espanhol fica... más ... más cómodo
53 Doc: tiveram problemas pra se expressar em espanhol quando entraram
54 na escola?
55 L1: eu tibe un poco... tibe un poco
56 Doc: que problema?
57 L1: eu gaguežaba ((risos))
58 Doc: ah é? no início gaguejava?
59 L1: eu gaguežaba no inisio sí agora no pero antes sí... eu ia falá algo e
60 ficaba g g y bueno... y deišemo ahí () ((risos))
61 Doc: e as "maestras" como eram?
62 L1: ah:: bueNlismas... foram ensinando ansim falá ejemplo... eso de tá
63 gaguežando falá tudo () respirá y ahí fala as palabra ()
64 Doc: mas hoje está tudo bem?
65 L1: ah não hože tá tudo beim hože até falo... inglés digamos ((risos))
66 Doc: e tu J. teve algum problema pra falar quando entrou na escola?
67 L2: no
68 Doc: que língua acham que é mais útil conhecer hoje na fronteira
69 uruguaio-brasileira?
70 L1: mais útil?... hože en día ah ... hože en día ašo que a maioria fala
71 tudo en português tudo en brasileiro... falam espanhol cuando vão
72 ...en algún comersio alguma ... não sei ... eu qui sei algún local
73 munisipal alguma cosa pero...
74 Doc: é mais útil o português então?
75 L1: ah por un lado seria bom
76 L2: também... pero é más útil aquí nomás né? en Rivera porque pra
77 fora ža no
78 Doc: já tiveram alguma experiência de vigen na qual as pessoas não
79 entendiam vocês?
80 L2: ža y no entendian nada
81 L1: é algún (...)
[
82 L2: a šente de ahí de Tacuarembó () ža não te entende
83 Doc: não tem gente que fale o dialeto lá?

84 L2: es difícil é
85 L1: algum algum parente que moraba aquí que mora por lá puede ser ...
86 eses ža falam un poco pero ža cum os anos lá ža vão perdendo ža
87 esa ese estilo... fronteriso ((risos))
88 Doc: claro... é o que vocês acham de viver aqui na fronteira?
89 L1: pa legal... a nosa forma de frontera é muito muito mior ah beim de
90 beim
91 Doc: por quê é melhor?
92 L1: y:... qué disé un crusa a caže y tein un () é mais barato ((risos))
93 L2: es bueno también
94 Doc: o que vocês acham dos brasileiros? O que vocês mais gostam do
95 Brasil?
96 L2: que eu gosto más dos brasileiros?... carnaval
97 L1: ay tá ... carnaval
98 Doc: pula muito carnaval?
99 L2: eu sim... saia lá sempre... nu escola de samba nus bloco ahí
100 Doc: e como é que é?
101 L2: y é lindo é
102 Doc: é bom sair... qual era a escola?
103 L2: bloco manša verde... Imperio Imperio da Sona Azul
104 Doc: e ganharam algum prêmio?
105 L2: não concorremo a premio
106 Doc: não têm prêmios aqui em Livramento?
107 L1: ter teim pero que pasa que as ves u::: carnaval tá meio pobre
108 tá () entonse faseim bloco ahí pa pa pa non pasá en branco u
109 carnaval
110 L2: claro pa se divertí
111 L1: entonse faseim bloco y a bagasera vai ahí ... no pasa nada é
112 CARnaval
113 Doc: o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
114 L1: y vão cortá pra la pro otro lado porque aquí ... nós
115 crusemo a caže y tá... a non sé que ele mande serrá a frontera
116 ((risos)) sí levante un muro ... vai cortá pra lá pra aquele lado
117 Doc: e como está a vida aqui em Rivera?
118 L1: ah ... tá ahí ahí no?
119 L2: depende si cortan us/de trasé as cosa de lá vamo vivé (...)
120 [
121 L1: ahí sim vamo rabiá... pero tá
122 Doc: e pra ti está difícil conseguir emprego?
123 L2: sim pero tá... agora fas poquinho que deišemo aquí no hay nada en
124 Rivera
125 Doc: que tipo de trabalho tu faz com a "changa"?
L2: ah... agora ahí pa campanha nomás... pero aquí no hay nada

Entrevista No 10

INF.A9

Nome: L1 (WC)

Idade: 13 anos

Sexo: masculino

Profissão: estudante

NSE: D

Escolaridade: 1o grau completo

INF.A10

Nome: L2 (LC)

Idade: 15 anos

Sexo: feminino

Profissão: estudante

NSE:D

Escolaridade: 2o grau incompleto

- 1 Doc: o que vocês acham do dialeto falado aqui na fronteira?
2 L1: é bom... sim es más fácil
3 L2: sim más fácil
4 Doc: que nome vocês dão a essa forma de falar... chamam de português?
5 L2: sim... não é beim un português feñado que pero:: ahí ahí
6 L1: não falemo beim português... falemo meio... entreberado ((risos))
7 L2: falta muinto todavía pra falá en português
8 Doc: como vocês o chamam então?
9 L2: português
10 Doc: com quem vocês aprenderam esse português?
11 L2: cum meus pai
12 L1: eu cum meus pai também
13 Doc: e atualmente os pais de vocês falam com vocês em que língua?
14 L1: português
[
15 L2: português
16 Doc: e na escola tiveram alguma dificuldade para aprender o espanhol?
17 L1: não eu não
18 L2: não
19 Doc: vocês têm problemas para se expressar somente em espanhol?
20 L1: não
21 L2: não... ningún problema
22 Doc: que língua vocês acham mais bonita?
23 L1: português
[
24 L2: português
25 Doc: e que programas de TV vocês olham mais?
26 L1: brasileiro
27 Doc: por quê os brasileiros?
28 L1: pur as novela y pur us filme que dão
29 L2: sim pur as novela... eu olho más pur as novela
30 Doc: olham muito novelas?
31 L1: sim todas
32 Doc: qual vocês gostam mais?
33 L2: ah... Malhasão
34 L1: eu gosto mais de oiá Malhasão
35 Doc: tu me falou que estava indo ao Centro de Línguas... que língua
36 aprendeu lá?
37 L2: francés
38 Doc: em que ano tu estava?
39 L2: primero nomás
40 Doc: e gostou?
41 L1: sim um poco
42 Doc: por quê só um pouco... é difícil?
43 L2: não no era tão difísil porque a mim me daba casi o mesmo ...
44 algumas palabra que eram... ža diferente
45 Doc: e parou por quê?

46 L2: porque como tinha que ir de manhã lá y tinha tinha classe no liseu y
 47 gimnasia entonse non me daba pa tudo... pero eu gostaba ...
 48 Doc: e vocês gostam de morar aqui na fronteira?
 49 L1: sim eu gosto... eu gosto
 50 L2: sí
 51 Doc: o que vocês gostam mais daqui?
 52 L1: tudo... eu gosto tudo
 53 Doc: o que vocês acham da forma de vida dos brasileiros e dos
 54 uruguaiois... somos iguais? acreditam que existem diferenças?
 55 L1: não não somo igual... porque nós tentemo falá portugués y não
 56 sabemo falá beim y eles sabeim falá y ahí tá uma diferença
 57 Doc: e eles vivem como a gente?
 58 L1: não... porque lá teim más asalto que aquí... as cosa lá são más
 59 cara que aquí
 60 L2: algumas cosa
 61 L1: algumas cosa
 62 Doc: lá são mais caras?
 63 L1: más caras que aquí
 64 Doc: mas e a gente não compra lá?
 65 L1: compra ((risos))
 66 L2: ah... pero são más bunitas
 67 Doc: e pra se divertirem o que vocês fazem?
 68 L2: saimo cum us amigo saimo coa... vamo num baile...
 69 L1: al baile
 70 Doc: vão aos bailes daqui?
 71 L1: sim aquí

Entrevista No 11

Grupo A
 Nome: L1 ()
 Sexo: feminino
 Idade: 15 anos
 Profissão: estudante 2o grau
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF. A12

Nome: L2 (IR)
 Sexo: feminino
 Idade: 15 anos
 Profissão: estudante 2o grau
 NSD: C
 Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: qué estudios tenés?
 2 L1: primaria completa el ciclo básico y el primero de bachillerato
 3 Doc: qué otras cosas hacés además de estudiar?
 4 L1: eh... otro estudio afuera así... por ahora no... este ya había hecho
 5 un curso de computación... pero había ganado una beca para irme
 6 al Pomoli pero eso fue en segundo...y por ahora no...no toy
 7 estudiando además del liceo no estudio eh... no hago curso así...
 8 Doc: solamente estudiás... y en tus horas libres qué hacés?
 9 L1: hum...ayudo en mi casa
 10 Doc: a parte de ayudar... qué te gusta hacer?
 11 L1: eh:...no sé
 12 Doc: qué hacés mirás la tele?
 13 L1: sí
 14 Doc: qué programas mirás más en la televisión brasileños o uruguayos?
 15 L1: eh...depende a veces yo miro las novelas brasileñas y las novelas
 16 argentinas
 17 Doc: pero qué se mira más en tu casa la tele brasileña o uruguaya?
 18 L1: e::s mixto... las dos cosas
 19 Doc: y la radio? qué ... escuchás?
 20 [
 21 L1: la radio... uruguaya... mi madre escucha la l. yo escucho C.eh...

22 qué otra?... H. o sino I.
23 o sino as veces la L. y RCC pero muy pocas veces
24 Doc: en qué lengua hablás en tu casa? ... en español, en portugués o en
25 portuñol?
26 L1: en en así en castellano
27 Doc: y hablan "portuñol" en tu casa?
28 L1: a veces mi madre pero muy pocas veces
29 Doc: nunca hablás portuñol?
30 L1: eh... muy pocas veces a veces cuando... tamo las gurisas y tamo
31 en grupo...
32 Doc: qué te parece a ti esa forma de hablar? Cómo la llaman ustedes a
33 esa forma de hablar?
34 L1: entreberado
35 Doc: le dicen "brasileiro"o "portuñol"?
36 L1: sería lo correcto decir "portuñol" no? porque es una mezcla de dos
37 idiomas
38 Doc: y cómo lo encontrás bonito o feo?
39 L1: depende la ocasión
40 Doc: por qué depende de la ocasión?
41 L1: porque si vos estás en el liceo hablando con el profesor y te sale
42 cualquier cosa ya ya es incorrecto ahora si vos estás hablando así
43 con tus amigos... ya no queda tan feo
44 Doc: ((a partir deste momento entrevistamos también a sua colega e
45 ambas respondem às perguntas)) cómo te llamás?
46 L2: I.R.
47 Doc: en qué lengua hablás con ella?
48 L2: en portuñol
49 Doc: venían hablando entre ustedes en portuñol?
50 L2: sí
51 Doc: ((A continuação mudamos de código para induzir à entrevistada
 falar em D.P.U)) e como é esse portunhol poderia falar comigo
 um pouquinho?
54 L2: bem assim como to falando agora
55 Doc: e como é ? é mais cómodo do que o espanhol?
56 L1: a mí me resulta más fácil el español
57 L2: pero eu ža so acostumada a falá em portunhol na minha casa
58 entonse falo em portunhol com ela a šente entende espanhol
59 normalmente
60 Doc: e no liceu?
61 L2: no liseu ... falo meio entreberado porque falo em portunhol
62 na minha casa y šego ahí no liseu y tão falando em espanhol não sei
63 fica quela mescla
64 Doc: e tu tem problemas na escrita? en la clase de Idioma español
65 cuando escriben?
66 L2: pero falta no
67 Doc: y con los profesores en qué lengua hablás?
68 L2: en español pero hay veces que yo hablo en portuñol
69 Doc: en qué lengua hablás con L.?
70 L1: sí yo entiendo y a veces de vez en cuando me sale alguna (...)
71 L2: pero a mí ... pra mim eu não gosto que ela fale em portunhol
72 porque fica diferente porque eu ža to acostumada...
73 [
74 L2: y ela falo sempre em espanhol cumigo entonse cuando ela ... fala
75 em portunhol eu oio pra ela e digo não fala ... fala em espanhol
76 porque si não fica uma cosa diferente
77 Doc: tem muita gente que fala aqui em portunhol?
78 L2: prácticamente todo el liceo
79 L1: no ::
80 L2: sí ::

81 L1: [bien deci r... como hablan entreberado ...
82 Doc: pero en el recreo en el patio del liceo ... en qué hablan?
83 L1: ah ... en el recreo sí pero adentro así ... de la clase
84 Doc: y los profesores en qué hablan?
85 L1: en español
86 Doc: y hay profesores que hablan en portuñol?
87 L1: sólo cuando hacen chistes
88 L2: sí el de dibujo
89 Doc: se acuerdan de algún chiste en portuñol?
90 L1: no
91 L2: [no
92 Doc: cuando van a Santana a hacer alguna compra hablan en portugués?
93 L2: en portuñol
94 L1: no
95 L2: si pero ahora en Santana vos llegás y te dicen así ... hola que
96 querés? y te ofrecen una cosa y dicen ... vamo supor ochenta pesos
97 todo a pesos ... así ... antes llegabas a real y ahora a pesos ... mi
98 madre taba comentando
99 Doc: ah sí ... creen ustedes qué existen diferencias entre la forma de vida
100 de un brasileño y de uruguayo?
102 L1: sí
103 L2: [sí
104 Doc: por qué?
105 L1: no sé porque ... eh::... como ahí en Brasil... como la gente tiene que
106 pagar para estudiar y acá nosotros tenemos como ... la la escuela y la
107 educación secundaria gratuita y la universidad que es lo que uno
108 gasta más ... pero nosotros tenemos ... como ... tenemos que
109 agradecer que tenemos una escuela y secundaria gratuita ... y
110 muchos no valoran eso y los brasileiros ... que son pocos los que
111 pueden estudiar eh ... muchos vienen de ahí de Santana para
112 estudiar acá
113 Doc: hay alumnos brasileiros acá?
114 L1: sí desde la escuela () son brasileiros pero siempre estudiaron acá
115 Doc: y a ti qué te parece?
116 L2: no sé ...
117 Doc: eso con relación a la educación y con relación a la forma de vida ...
118 a la diversión
119 L2: muy diferente
120 Doc: sí ¿por qué?
121 L2: no sé porque ... a mí:: ... allá en casa vamos a supor ... que juega
122 Brasil y Uruguay mismo ... ta jugando tá el país quer ir por
123 Uruguay pero no pero yo estoy siempre para Brasil
124 Doc: aha hinchas por Brasil entonces?
125 L2: sí ...y ese último juego dependía que el ganara pero yo sabía que
126 iba a ganar Brasil porque Uruguay llegó a la final no sé como ...
127 o YO entiendo así pero ... Brasil mismo le gusta el samba ... le
128 encanta así ... porque yo siempre le dije a mí madre me gustaría de
129 salir eh ...así... nu escola de samba brasileira porque es más
130 divertido aquí non teim esas cosa y:: además não sei... porque
131 brasileiro aão que sabe mais se divertí do que o uruguaio mas
132 depende também que diversão sea
133 Doc: claro ... qué hacen los fines de semana?
134 L1: a veces... yo voy a la casa de mis amigas ... pero otras veces quedo
135 en casa
136 L2: me quedo en casa y salgo con mi madre
137 Doc: y qué piensan hacer en el futuro?
138 L2: yo::... PREtendía pero ahora no sé ser Oficial de Policía ir a

139 estudiar a Montevideo pero ahora no sé...
140 Doc: y por qué ahora no sabes?
141 L2: no sé porque... tenés que ver si pasás de cuarto pasas quinto y
142 sexto... porque ahora ta difícil tengo materias bajas entonce (?)
143 Doc: hay que estudiar más ahora no?
144 L1: ahora aprieta más la cosa...
145 Doc: y tú ... que pensás hacer?
146 L1: ah ... yo ... en el fin del año pasado taba pensando en estudiar
147 abogacia pero ahora no sé ... me gusta el inglés y informática
148 L2: y ... mi tía habló que si sigo hablando así en portuñol... llego allá en
149 Montevideo hablando en portuñol no van a entenderme nada
150 pero ... yo le dije a mi tía que a mí me gusta ... que voy hacer ...
151 Doc: claro aprendés
152 L2: sí pero hablar en español ta:: pero me gusta más el portuñol no sé
 porque estoy acostumbrada en mi casa

Entrevista No 12

INF.A13

Nome: L1 (W.M)

Sexo: masculino

Idade 16 anos

Profissão: estudante

NSE: D

Escolaridade: 1o grau completo

Local da entrevista: Rivera

Tipo de entrevista: diálogo entre uma informante e entrevistador.

1 L1: bueno soy nasido ... e:: ... no Brasil
2 Doc: no Brasil... y vivís?
3 L1: em Rivera
4 Doc: vivís en Rivera... y dónde trabajan tus padres?
5 L1: mi padre es fažecido
6 Doc: y tú madre?
7 L1: mi madre es... empleada doméstica
8 Doc: es empleada doméstica e tu trabalhas?
9 L1: trabalhava ... agora sim tou trabalhando
10 Doc: sí:: dónde estás trabajando?
11 L1: no:: Boticário
12 Doc: ah:: é o que tu faz lá?
13 L1: estou fasendu pintura cum... o profesor E.
14 Doc: ah:: tão pintando lá e o que estão pintando?
15 L1 tamo pintando uma luminária... eu ža
16 trabalhei ža vendendo suco
17 Doc: aha... vendendo que suco?
18 L1: suco de laranža ... dese suco que teim... uns
19 carrinhos que parese uns laranžinhas
20 Doc: e foi bom...vender suco?
21 L1: foi... muito bom
22 Doc: me conta como era esse trabalho vendendo suco?
23 L1: ERA ... bastante bom era
24 Doc: caminhava muito ... éh?
25 L1: ah... sim né? teim que caminhá
26 Doc: alguna vez pasó alguna cosa?
27 L1: no
28 Doc: vendías bastante?
29 L1: ()

30 Doc: cuánto ganabas más o menos?
31 L1: eu sacava uns vinte... trinta real por semana
32 Doc: tá bien ... en qué lengua hablás en tu casa?
33 L1: portunhol
34 Doc: con tus padres?
35 L1: sí
36 Doc: y... y tu madre contigo?
37 L1: también
38 Doc: y con tus vecinos?
39 L1: también
40 Doc: también portuñol ... la llamás portuñol a esa lengua?
41 L1: sí
42 Doc: por qué es portuñol
43 L1: porque é::... o entreberado uruguaio cum brasileiro
44 española... con portugués
45 Doc: y en la escuela... cómo hablabas?
46 L1: en la escuela sí hablaba... hablaba español
47 Doc: con quién? con la maestra?
48 L1: con la MAEstra y (...)
49 Doc: y con tus compañeros?
50 L1: con alGUNos compañeros ... con otros ya no era tanto
51 Doc: y en el trabajo en qué lengua hablas?
52 L1: en el trabajo?
53 Doc: aha
54 L1: y hablo::... hablo español porque mi profesor es español y
55 yo hablo español con él ... en el otro trabajo sí yo hablaba ...
56 o sea... el portuñol también
57 Doc: y con la gente... cuando vendías naranjita ... cómo hablabas?
58 L1: brasileño... con algunos né?... si era en español español... si
59 eran brasileños portugueses
60 Doc: y el portuñol?
61 L1: ah ... el portuñol de vez en cuando
62 Doc: qué lengua es más cómoda para ti?
63 L1: portuñol
64 Doc: por quê é mais comoda?
65 L1: porque no hay muito entrebero biste? não teim
66 muito entrebero
67 Doc: em portunhol não tem muito entrevero?
68 L1: não... ža me acostumei ža a falá esa língua ... é mais
69 cómoda
70 Doc: e em português e em espanhol por quê? tu achas (...)
71 L1: cuando é necesario eu falo em espanhol biste? em brasileiro
72 a mema cosa... me sinto mior falando em portunhol... nasí
73 falando as duas línguas porque meu pai é brasi/ meu pai é
74 uruguaio y a minha mãe é brasileira
75 Doc: tu achas que existem diferenças na forma de vida dos
76 brasileiros em comparação com a dos uruguaiois?
77 L1: bueno... en primero lugar como le tinha le dito que o real ...
78 a economia do real que tá baša... a forma de vivé dos brasileiro
79 em relação aos uruguaiois é:: que teim muita žente morando
80 embašo de viaduto o Brasil né?... y no Uruguay não sei si é
81 por causa qui é um país piqueno... mas... não teim... não
82 existe muito esas cosa biste?... por otro lado é a violencia
83 que teim no Brasil...biste? em relação a Uruguay ža é mais
84 calmo a violencia ... não sei
85 Doc: te gusta más la forma de vida uruguaya o brasileña?
86 L1: uruguaia toda vida uruguaia
87 Doc: sí ... tú sos uruguayo?
88 L1: soy uruguayo
89 Doc: aha ... qué hacés en tus horas libres?

90 L1: y bueno... salgo... voy a casa de unos amigos vou na casa
91 dus amigos žogo bola ... žogo bulita converso... gosto bastante de
92 conversá cum us amigos
93 Doc: e ... tu olhas televisão?
94 L1: de ves en cuando... cuando olhio más televisão é de noite ...
95 sim de noite nomás... as ves que eu oio na casa dus
96 amigos de tarde asim biste?
97 Doc: e que programas olhas?
98 L1: que eu olhio? eu olhio... bom... a maioria ...é:: os canal
99 brasileiro ((risos)) bueno... de ves en cuando que eu olio o
100 des biste? mas poca coisa ...
101 Doc: e o dez... que tal é?
102 L1: bueno... o des é um canal... só que as ves cuando tá dando algum filme
103 que eu me esquento por causa de... cuando tá dando um filme
104 asim enseguidinha corta asim... muita propaganda... y bueno
105 que eu olhio más é a Globo a SBT... canal brasileiro biste? que da
106 filme novela ... minha mãe oia a Globo más por causa das novelas
107 e cosa ...
108 Doc: e tu olhas novela?
109 L1: de ves en cuando para não perdé o costume ((risos))
110 Doc: tá bom ... y tu têm amigos brasileiros?
111 L1: uhm... eu aão que não... a pesar que toda a familia da minha
113 mãe mora nu Brasil
114 Doc: ah é ...mora onde?
115 L1: Porto Alegre
116 Doc: em Porto Alegre... já viajou pra lá?
117 L1: o lugar mais lonže que eu saí daqui ... foi pa ... Tran...queras
118 Doc: em que língua falavas em Tranqueras?
119 L1: em Tranqueras? em Tranqueras ža não é:: não pušo muito pa
120 língua espanhola por causa que é uma sidadi muito perto biste? ...
121 bueno falam mas a maioria são os que falam espanhol mas
122 tu encontra como fui na casa de uns primo meu ahí ža falam
123 a mesma língua nosa
124 Doc: teus primos falavam portunhol?
125 L1: não não... falavam espanhol
126 Doc: qué te parece esa forma de hablar en portuñol?
127 L1: me parece que:: no sé... a mí me gustaría o saber hablar en
128 portugués o en español ... el lenguaje portuñol ... no ... no sé?
129 no no... es sólo acá que hablan nomás... en las fronteras ahí
130 que hablan nomás... por causa que en otros países o hablan
131 o español o portugués o inglés

Entrevista No 13

INF.B6

Nome: L1(WM)

Idade: 39 anos

Escolaridade: 2o grau incompleto

Sexo: masculino

Profissão: mecânico

NSE: C

- 1 Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
2 L1: portunhol
3 Doc: e por quê tu chama portunhol?
4 L1: porque são duas língua ... uruguaia e portuguesa
5 Doc: as pessoas o chamam aqui de portunhol?
6 L1: sim se costuma sim se costuma šamá o portunhol
7 Doc: com quem tu aprendeu a falar o portunhol?
8 L1: eh:: cum cum us brasileiro
9 Doc: em que língua tu falava quando era pequeno?
10 L1: nu espanhol... mesclado portunhol
11 Doc: e quem te ensinou?
12 L1: o portunhol se aprende conversando na/cum us brasileiro
13 Doc: em que língua a tua mãe falava contigo?
14 L1: ah no... en espanhol
15 Doc: onde aprendeu o espanhol?
16 L1: na escola
17 Doc: tem problemas para se expressar somente em espanhol ?
18 L1: no... não
19 Doc: fala bem o espanhol?
20 L1: sí sim ... se fala bem o espanhol
21 Doc: e o português?
22 L1: ah não... com um poco de dificuldade não?
23 Doc: tu te considera uma pessoa bilíngüe?
24 L1: ah não porque pa sé bilíngüe teim que estudá más no?... teim que
25 se perfeccioná más
26 Doc: qual das línguas tu acha que fala melhor o espanhol o português
27 ou o dialeto?
28 L1: ah o espanhol
29 Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira
30 uruguaio-brasileira?
31 L1: as duas no?... as duas
32 Doc: por quê as duas?
33 L1: y:: pra se manežá melhor né? si tu entra pru Brasil conversa beim o
34 português e viaža pru Uruguay conversa beim o espanhol
35 Doc: que língua acha mais bonita o espanhol o português ou o dialeto ?
36 L1: não o espanhol
37 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência... brasileiros ou
38 uruguaio?
39 L1: ah us brasileiro
40 Doc: e os uruguaio?
41 L1: muinto pocos
42 Doc: por quê?
43 L1: bueno... una que non había tanta frecuencia de de canal uruguaio
44 não? temo tendo reséin agora temo/que teim... que temo que temo
45 cable não? pero... antes no había só o canal brasileiro
46 Doc: e programas de rádio quais escuta mais?
47 L1: ah ... não é neium espesífico
48 Doc: o que tu achas da forma de vida dos brasileiros e dos uruguaio?

49 L1: ah são beim diferente... são beim diferente
 50 Doc: por quê são?
 51 L1: ah a cultura brasileira é uma y a cultura uruguaia é otra não teim
 52 nada que vé
 53 Doc: e tu te identifica com qual?
 54 L1: ah cum us uruguaio não?... cum us uruguaio sim
 55 Doc: e que acha do contrabando agora na fronteira?
 56 L1: y BUEN... é um problema non... e pra uns é bom para otros é mau
 57 né? pero... não sei... pra quem é bom e pra quem é mau
 58 Doc: e as medidas que o presidente adotou?
 59 L1: ah é muinto forte não?... muinto forte são
 60 Doc: ele está deixando passar coisas?
 61 L1: não... não tá deishando não... não deša não
 62 Doc: e o comercio aqui... como está?
 63 L1: ah... aqui se vai trabaiaando meio cum cum cuidado pero se trabaia
 64 non? pero...
 65 Doc: tem vindo alguém pra fiscalizar?
 66 L1: BUENO todavía non pero andam éh... andam sim
 67 Doc: tem só coisas brasileiras ou (...)
 68 L1: não não ža teim cosa uruguaia também ža teim sim
 69 Doc: tu gosta de morar aqui na fronteira?
 70 L1: gosto
 71 Doc: e como está o trabalho atualmente?
 72 L1: ah tá pobre... tá pobre
 73 Doc: pouca coisa?
 74 L1: tá poca cosa

Entrevista No 14

INF.C 2

Nome: L1 (EM)
 Idade: 54 anos
 Sexo: feminino
 Profissão: do lar
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF.B 7

Nome: L2 (SO)
 Idade: 28 anos
 Sexo: feminino
 Profissão: do lar
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF.A 14

Nome: L3 (AO)
 Idade: 24 anos
 Profissão: do lar
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: que língua fala mais em casa o português o espanhol ou ambas?
 2 L1:portunhol
 3 Doc: que língua aprendeu primeiro português espanhol...
 4 L1: desde que me conhesi falando este::... portunhol
 5 Doc: e em que língua fala com seus filhos?
 6 L1: portunhol
 7 Doc: e seus filhos com a senhora?
 8 L1: portunhol
 9 Doc: e com seu esposo?
 10 L1: portunhol
 11 Doc: seus filhos com seu esposo?
 12 L1: portunhol

13 Doc: tudo portunhol ...com outros parentes?
14 L1: depende os parente porque hay uns que falam em uruguaio e
15 otros falam em portunhol
16 Doc: e seus parentes também
17 L1: também
18 Doc: cum us visinhos?
19 L1: depende também o visinho porque () portunhol e otros em...
20 Doc: e nas lojas?
21 L1: depende a loža também... si é em Livramento em portunhol y
22 aqui espanhol
23 L2: mas a mažoria é em portunhol
24 L3: a maioria compreimo lá
25 Doc: claro...e com os professores do seus filhos?
26 L1: ah en uruguažo
27 Doc: uruguažo
28 L1: espanhol
29 Doc: o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira? O que a
30 senhora acha... dessa forma de falar daqui... é bom é ruim?
31 L1: bueno eu desde que me conhesi com cincuenta e cuatro ano
32 sempre falei en en portunhol que é o idioma que temo na na
33 frontera né?... no país irmão ahí ...
34 L2: pero pras criansa é pEsimo
35 L1: claro pras criansa sim
36 L2: porque elas sofre... hože de manhã elas vão da/eh... faseim
37 primaria secundaria siguen u estudo na faculdade ahí ža é
38 pésimo pas prova pra tudo não? porque teim que sabe escrevé
39 espanhol e teim que sabe pronunsiá o espanhol e se tu erra tu
40 pode perdé todo o ano de estudo só por errá uma palabra
41 nomás...
43 Doc: aha...
44 L2: é pésimo o idioma ... é uma costume de anos e anos
45 tradicional pero... pra o futuro pra o nosos filios é:....
46 Doc: atualmente não não (...)
47 L2: y pra nós mesmo pra mim mesmo quando viažo pro sur du
48 país... é pésimo... primero que tu šega lá ah baianinha ah ((risos))
49 Doc: ah baianinha?
50 L2: claro é uma cosa... qui não é neim espanhol neim portugués é
51 um inbentado não?
52 Doc: claro
53 L2: uma cadera mesmo é:: pra nós aquí fica uma cosa até rural...
54 uma sia... tá é pésimo é?
55 Doc: ah... e falam sia?
56 L2: clAro... cadera é sia... é pésimo pru pru uma criansa
57 futuramente estudá ža cuando impesa en primaria primer ano
58 e tu não trata de ensiná o que tu sabe en espanhol esa criansa
59 vai sofré cuando entre en primaria
60 Doc: uhn
61 L2: porque aquí nu Uruguay te ensinam en espanhol y esa criansa
62 entra falando en portugués y sabe que... ela ža fica pa atrás ža
63 Doc: claro
64 L2: claro porque tu tá nu Uruguay teim que te ensiná us
65 profesores en espanhol y a criansa entra falando en portugués
66 sabe como sofre...
66 [
67 L1 sofre ela y sofre a maestra y os companhero...
68 L2: claro y todos... y a criansa ža perde ža:: meio ano de de clase
69 un ano igual... é pésimo é cómodo é cómodo pra nós que ža
70 temo ža...
70 [
71 L1: ža temo habituada ža temo acostumbrada no no idioma...

72 L2: pero pra... pra este vivé aquí qui é o futuro do Uruguay ža
73 é...
74 L1: desde que... nasemo ža y ža se criemo ža na frontera (...)
75 L2: ah eu eu pra mí mesmo eu cuando vo falá en espanhol eu me
76 sinto ridícula... parese que mía vos é inventada é uma vos
77 grossa é uma vos rural... eu sinto até vergonha de falá en
78 espanhol cu uma pessoa que sabe mesmo... uma pessoa
79 delicada que teim estudo e tudo eu vou falá en espanhol eu
80 sinto até vergonha de me expresá porque eu sei qui en algo
81 vo... vo errá
[
82 L1: eu si tenho que falá en uruguažo eu falo beim uruguažo cum
83 sutaque não u sutaque mesmo do sur noso né? pero:: termino
84 falando en... port (...)
85 Doc: em português
86 L1: en portunhol en portunhol portugués é um não é?
87 Doc: claro
88 L1: portunhol é otro... porque portunhol é o noso uruguaio
89 cum...
90 Doc: claro português
91 L1: claro con português
92 Doc: e tu ža tiveste algum problema na escola?
93 L2: ah sim y muintas pesoas que eu conheso maiores que a minha
94 mãe de oitenta y pico de anos que cuando iam/empesaron na
95 escola... que a maestra preguntaba eh::... sapažo y tu vai y toca
96 uma abóbora ((risos)) ahí tudo mundo ri né?... é brabo é como
97 te digo uma profesora de espanhol daqui de Rivera que:: sigue
98 a carrera de profesora de idioma espanhol... ela erra numa
99 proba que ela erra ela ža perde u ano... por qué? por o
100 maldito portunhol... eu eu pra mí é pésimo (...)
101 L3: ()son diferentes as a::...us costume que nós temo de disé...
102 uma pesa... por ejemplo... um:: uma ferramenta ... vo da um
103 exemplo porque pra mim me pasó en quinto de clase () a
104 maestra preguntó que nombrasen as ferramentas y nós temo
105 acostumbrado a di/inšada pra nós... de carpí.. é inšAda nós
106 temo acostumbrado a falá y y en espanhol é asada ... e ahí a
107 maestra me dis "inchada tas vos" vo y salto "inšada maestra" y a
108 maestra "no inchada estás vos"... porque não era inchada
109 a maestra falou assim?
110 Doc: a maestra falou assim?
111 L3: claro... "no inchada estás vos" no existe inchada lo que es
112 asada ... y ela ela en ves de me explicá ela primero me tomó o
113 pelo primero viste?
114 Doc: não poderia
115 L3: ma como nós temo acostumbrada en falá asim viste?
116 L2: y otra cosa aqui nu Uruguay agora saiu a ley que uma maestra
117 cuando uma criansa entra en primero antes elas tinhan exigido
118 ...elas ensiná aquela criansa a falá u espanhol beim... agora
119 não se a criansa sabe sabe não é obrigação desa maestra...
120 ensiná eles... ža não é como antes que elas tinham obrigação
121 de correží aquella criansa ...
122 Doc: agora elas não corrigem?
123 L2: agora não não teim esa ley ža não (...)
124 L1: agora mías fias ža trataron de correží as filia piquena delas ža
125 ža falando en:: espanhol não é? claro pra ažudá nu coléžio
126 L2: sim pero nunca nunca vai sé un espanhol do sur du país
127 tu entiende? (...) a frontera nós atrapalha sabe?
128 L3: a televisão
129 L2: a televisão biste? a radio...
130 L3: eu tou acostumbrada a oíá a televisão brasileira
131 L2: tudo tudo... tá eu prefiro mil veses asistí un canal brasileiro

132 que un canal uruguaio ((risos)) sein por sento... eu me sinto
133 más brasileira que uruguaia
134 Doc: todas aqui também sentem a mesma coisa e vocês?
135 L1: uhn
136 L2: eu me sinto... pra comprá as cosa pra comé... a bebida pa
137 bebé... a ropa pa vestí... us mueble pra usá... tUdo eu me
138 sinto más brasileira que uruguaia ... entende? agora mesmo hay
139 ese lío du sero quilo... mas eu eu prefiro mil vezes que meu
140 país se funda... mas seguí comprando as cosa lá en
141 Livramento... eu me sinto más é::: brasileira que uruguaia
142 L1: más brasileira porque semo (...)
143 L3: ah eu ža não me sinto assim (...)
144 L2: AH eu me sinto
145 L3: eu não prefiro que meu país se funda por seguí comprando en
146 brasileiro a nesiedade que nós temo du salario nós leva a
147 comprá lá
148 Doc: claro
149 L3: mas não levá a queré a falensia du país por mercadoria lá...
150 eu não
151 L2: sim não pero eu ža to acostumbrada eu ža to acostumbrada
152 L3: y no Uruguay si no Uruguay fose o memo preso as cosa daqui
153 que lá... eu...tranquilamente compraria as mercadoria uruguaia
154 mas o problema é que::... as mercaderia uruguaia comparada
155 com a brasileira cum o preso da brasileira é o doble u triplo
156 Doc: claro
157 L2: ah mas eu ža me acostumei com tudo de Livramento tudo
158 tudo mercadería tudo é um visio que tu pega né?... é desde
159 que tu naseste
160 Doc: é a cultura do fronteriço né?
161 L2: mas nu idioma te digo francamente pra mí...eu vou falá en
162 espanhol e ža ža todo mundo ve que é uma cosa que
163 não é que tu não sabe falá u espanhol...y vo falá brasileiro o
164 português mesmo tampoco sei ...
165 L1: bueno pra iso tá nós somos... portu/ portunhol... nós não
166 semo brasileira neim semo uruguaia... nós temo acá/aquí nu
167 portunhol
168 Doc: na linha
169 L1: claro na linha é portunhol
170 Doc: mas tu acha ruim então o dialeto falado?
171 L2: eu ašo
172 Doc: todas acham ruim
173 L3: tu te priva tu te priva de de entrá numa conversa por não sabe
174 te expresá (...)

175 L2: te expresá...beim
176 L3: porque tu tá acostumbrada cum as palabra que lá não são...as
177 mesma... no sur du país
178 Doc: mas tu te priva de falar com pessoas que não falam o dialeto
179 L3: que não falam o dialeto daqui... claro no sur du país... nós
180 temo nu norte... nu norte cuaše todo é ansim portunhol...
181 pero no sur do país tu vai falá por ahí tu teim que ficá meio
182 reprimida en falá porque tu teim medo de meté a pata viste?
183 L2: porque eles sabem falá beim espanhol e nós não
184 L3: claro
185 L2: eles te te enrolam no espanhol tu vai por ejemplo eh:: em
186 porto Alegre em Porto Alegre te falam beim o português
187 expresam beim como teim que sé as palabra y:: un aquí...
188 un é rural prácticamente un é rural un é um ignorante
189 porque não sabe un tá entre nu meio ahí eu ašo ruim até pra
190 mía filia eu ašo ruim... pésimo () que vai na escola... eu trato

191 de ensiná o espanhol pra ela (...)

192 L3: y pru brasileiro dis que também é ansim não é? os de ahí de

193 Livramento

194 Doc: como é?

195 L3: é ruim é a mesma cosa ansim que nós temo te disendo como

196 uruguaio eles vão te disé a mesma cosa

197 Doc: quando eles vão para Porto Alegre?

198 L3: não não Livramento te digo... porque na televisão se escuta

199 que eles estão... querem ensiná o espanhol e o português

200 beim para não ()ese entrebero

201 L2: otra cosa cuando tu asiste un canal de Montevideu y tu ve un

202 informativo de Montevideu tu ve como esa pessoa se expresa

203 beim y tu asiste un informativo daqui de un canal de aquí de

204 Rivera tu ve que esa persona é daqui de Rivera... o jeito

205 de ela se expresa

206 L4: y aqui casi todos son brasileiro

207 L2: português... tu nota a diferencia lonže...

[

208 L1: este:: nós somos portunhol

209 L2: y te digo por experiencia cuando viaço cum meu marido qui é

210 de Soriano y cuando eu vo cum ele... todo mundo enseguida

211 ve... y no fim até no fundo no fundo eles gosam un poquinho

212 tu sabe?

213 Doc: tu sente que tem um poquinho de (...)

214 L2: sim hay gosasão y noutra cosa... eu tenho uns conhesidos qui

215 moram en Montevideu né? que agora estão na situação

216 económica... beim não? y y tu sabe qui eles faseim di tudo pra

217 tratá de escondé que eles são daqui... trata de escondé o

218 portunhol deles que as pessoa não se deim conta que eles

219 são de Rivera ... tu entende? por u idioma... ()eles tratam de

220 esconde tudo eu aão ruim não sei? tu te reprime

221 Doc: entendo... e a senhora como se sente na sua idade porque elas

222 estão numa idade que estão sentindo tudo isso? e a senhora

223 como se sente hoje?

224 L1: eu me sinto beim perfeta eu ža to acostumbrada ža nu nu

225 ambiente da da du portunhol y so portunhol y aão qui vo

226 morre portunhol né?

227 Doc: e para as netas... as meninas?

228 L1: as menina teim muito estudio por diante ainda né? ela por

229 ejemplo esta que i no liseu ela teim u (...)

230 L4: ((fala a neta)) as ves na escola me equivoco y a maestra ža pa

231 diresão... ela não deixa (...)

232 L1: ela corrize ela ...

233 L2: eu tenho uma subrinha qui teim tres ano y a ela ensinaron/ a

234 minha filia teim tres ano u ano qui veim ela vai pru jardín y esa

235 mía subrinha também no próximo ano vai pru jardín... a mía

236 eu tratei de ensiná ela falá espanhol o poco qui eu sei não?

237 pra al menos que ela ža važa... y esa mía subrinha ensinaron a

238 ela falá só o português o portunhol y tu ve que esa criansa vai

239 patiná na escola... tu ve de lonže

240 Doc: e o portunhol da senhora como é em comparação com o

241 delas?

242 L1: igual é todo o mesmo aqui... semo todas familia elas são todas

243 mias filias as cuatro são filia mía... entonse tudo aquí temo o

244 mesmo idioma... agora pra falá cum o marido dela sim ža nós

245 não falemo en espanhol porque ele ha cosas ele não entende

246 agora fas rato que ele tá radicado aquí pero... ele muintas cosa ele não

247 entende...

248 L2: ah... mas é brabo eu aão qui é brabo u portunhol...

249 L1: eu me sinto orguiosa cum meu idioma ... eu sou portunhola y

250
251

estudié aquí nu colegio daqui mas eu me sinto orguiosa como
eu falo en portunhol

Entrevista No 15

INF. C 3

Nome: L1 (PSB)

Idade: 81 anos

Profissão: peão aposentado

NSE: D

Escolaridade: 0

- 1 Doc: como era seu trabalho em campanha?
2 L1: era pião... era meu serviso que eu tinha depois tinha um capatás ...
3 u patrón andaba alí... mandaba sacá u coro de um animal y eu ia ...
4 mandaba cortá espinha du cardo () eu ia cualquier serviso...
5 completo era tranquilo nomás...
6 Doc: e onde era?
7 L1: era aquí en Cerro Trindade ali trabaiei desoito ano com um com u
8 otro... porque u cerro Trindade () u López venderon... venderon
9 pro () y () entonse um dia mi encontró y me dijo "no querés
10 trabajar conmigo"... digo bueno toy con trabajo... mas... gano poco
11 vamos ver su precio... por un peso o dos no dejo lo que toy porque
12 estoy acostumbrado con él... y el dice: " no yo te pago tanto... te
13 doy tanto te doy la carne"... y me gustó "te doy casa también pa
14 vivir" pero era lejos uno del otro ...
15 Doc: nesse lugar trabalhou por quanto tempo?
16 L1: ali trabaiei dieciocho años... bueno ahora después me enfermé ...
17 me quebré el brazo éste aquí ...
18 Doc: mas foi lá fora?
19 L1: aquí... ža vim cuando eu vim o () ža não pude ir más... y esta
20 perna quebró aquí quebró aquí y aquí tres pedaso y o braso aquí...
21 tres pedaso y o braso aquí... caíu de uns escalón ali saí...sempre
22 loco medio nervoso... medio acostumbrado a bruto nomás... saía
23 porta fora nomás ... me resbalei nua casca de banana... parese qui
24 era...
25 Doc: e hoje está aposentado?
26 L1: to sim me jubilei da manera qui eu taba () falei cum u patrão
27 () "por un año no vas a servir pa nada ... te vamo a jubilar"...
28 yo tenía dieciocho años ... el me dio ocho años sólo que tenía en
29 caja ... ()
30 Doc: e o senhor onde nasceu?
31 L1: nasi ahí en Boca de Batoví ... aža tá la tapera todavía
33 Doc: e seus pais em que língua falavam com o senhor?
34 L1: eu ali me criei até sete oito anos cum um padrinho meu
35 Doc: e ele em que língua falava em português ou espanhol?
36 L1: mas que sei žo... y aprendí lá nu campo
37 Doc: e quantos anos tem o senhor?
38 L1: tenho oitenta e um
39 Doc: nasceu aquí em Rivera?
40 L1: nasí... não sei como era lá na Boca de Batoví ansim... sobre a
41 linha divisoria
42 Doc: e seus pais?
43 L1: meus pais se forom pra Dom Pedrito por lá
44 Doc: eram brasileiros?
45 L1: não eram uruguažo us dois... se forom trabaía en ... () un cunhado
46 dele que trabaiba lá e::: e levó ele...

47 Doc: o que senhor pode me dizer sobre a vida aqui na fronteira ... gosta
48 do Brasil?
49 L1: eu tenho una vida que nunca entrei nu Brasil... agora mesmo
50 despós de... () u trabaio trabaiaaba y não gostaba de () não ()
51 manda otro procurá ... é uma cosa que não me entraba não podía ...
52 da linha pra lá nunca tibe nada neim aquí neim ali... non me
53 animaba entrá nu Brasil... que sei eu uma locura que um teim na
54 cabeça ... de não gostá ... nunca nunca gostei du Brasil
55 Doc: mas o senhor fala português?
56 L1: sim... ah falo... mas pobre veio () saí muin piqueno... me deron ...
57 tempo daquelas guerra dus Flores y Honório Lemos... no sé ...
58 agarraban tudo cavalo y žente y levaban pra guerra... y os veios(...)
59 Doc: mas a guerra era no Uruguay?
60 L1: não nu Brasil era y eu me deišaron eu... eles forom emigraron pra
61 lá y eram lindo y eram lindo y foi o veio ese y dise () tá feio nu
62 Brasil pra voses trabaia tá feio... esperem uns días y me
63 conseguiron nasé ali ... na casa du veio ... "me den ese gurí voses
64 tão mal" y ali nasí ali y ali me deron y ali me criei... meioró a vida
65 du du Brasil y se forom y tinha un cunhado dele... y man/dis que foi
66 ele... me contó iso vou le contá o qui me contaron ... u veio ese
67 me contaba "teus pais se forom pra pra Dom Pedrito"dise "e
68 agora se voltaram ou não voltaram más... tú teim que sé
69 companhero noso... agora"... () fui embora ...
70 Doc: e o seu padrinho era brasileiro?
71 L1: no uruguažo
72 Doc: ah:: e que guerra era essa?
73 L1: que sei eu Flores y Honorio Lemos vivían se tiroteando y comendo
74 carne...
75 Doc: *((a seguir transcrevemos a conversa com o vizinho))*
76 Viz: cómo anda?
77 L1: pero mais ou menos... não poso caminhá... () me paro na žanela
78 L1: me paro na porta ... mas não me animo parese que ža vó me quebra
79 de novo ...
80 Viz: ta con recelo?
81 L1: pa arrasado () entre nomás e empurre a porta y ...
82 Doc: *((o informante continua falando com a entrevistadora))*
83 L1: fui mal criado... não fui na escola... () mas não... teim que
84 aprendé porque a escola ensina não vó disé que vão ensiná una
85 barbaridade mas é pra aprendé a lé e a escrevé e a tratá cum u
86 pesoal ža é uma gran cosa ...
87 Doc: claro... tá bem ... muito obrigada

Entrevista No 16

INF. C4

Nome: L1 (IR)

Idade: 72 anos

Profissão: Profissão: do lar

NSE: D

Escolaridade: 0

Tipo de entrevista: diálogo entre informantes e entrevistadora

INF.A16

Nome: L2 (N)

Idade: 15 anos

Profissão: estudande

NSE: C

Escolaridade: secundaria incompleta

- 1 Doc: onde morava a senhora em campanha?
2 L1: nu Cerro Trindade
3 Doc: passou muitos anos lá fora?
4 L1: ah... sim eu me criei en campanha cum a mía mãe... me casei tudo
5 lá en campanha depós que nós viemo pra acá... eu tinha uns trinta e
6 pocos ano cuando eu vim pra cá pra este lugar que compremo aquí
7 viemo pra cá
8 Doc: e a senhora aprendeu a falar primeiro o espanhol ou o potuguês?
9 L1 a mía mãe ela era uruguaia mas ela falava brasileiro... português
10 como dise
11 Doc: e com os seus filhos em que língua a senhora falava?
12 L1: ah... eu falava assim como eu falo
13 Doc: nunca falou em espanhol com eles?
14 L1: ah não
15 Doc: e eles com a senhora?
16 L1: eles cuando tavam na escola falaria u o uruguaio na escola não é?
17 ésta tá nu liseu ... ésa é neta
18 Doc: e a neta fala com a senhora em português ou espanhol?
19 L1: ela fala en brasileiro
20 Doc: a senhora gosta mais de falar em português brasileiro ou espanhol?
21 L1: sempre falei en brasileiro né? agora sendo/cuando eu ia nu hospital
22 consultá cum as criansa cum u Dotor Guadalupe que ele não
23 gostaba que falase en brasileiro né? AH::: mas me retaba ((risos))
24 Doc: não deixaba falar?
25 L1: ah ele não deišaba ele não gostaba o pobre que ()... ele era bom
26 Dotor pero era maNIAticu... ah::: não gostaba que falase en
27 brasileiro cum ele ...
28 Doc: e a senhora falava en espanhol com ele?
29 L1: eu falava tudo entreverado mas falava ... claro
30 Doc: ele obrigaba a senhora a falar?
31 L1: claro
32 Doc: tá bem ... ((a seguir a entrevistadora dialoga com a neta da
33 informante)) como você chama a essa língua que falam na tua
34 casa?
35 L2: como a žente fala? ... bueno a šente fala en portunhol ... porque não
36 é neim espanhol neim brasileiro... porque... bueno a šente fala
37 assim nomás dependendo
38 Doc: e tu acha que o teu portunhol é igual ao dela?
39 L2: eu ašo que sim
40 Doc: e com a tua mãe tu fala também em portunhol?
41 L2: sim
42 Doc: quantos anos tu tem?
43 L2: quince
44 Doc: e no liceu em que língua tu falas?
45 L2: espanhol ... um poco espanhol ... um poco português porque neim
46 todos falam espanhol não só na hora do recreo ... porque en clase
47 temo que falá en espanhol
48 Doc: e tu teve dificuldades para aprender espanhol quando entrou na
49 escola?

50 L2: aão que sim não sei não me lembro
 51 Doc: não lembra? mas hoje pra te expressa em espanhol (...)
 52 L2: ah agora é más fásil ... porque seis ano na escola y agora za
 53 za to pasando pra cuarto ... agora é más fásil ... bueno neim todas
 54 as palabra asim ... porque:: ... falando en portunhol as vês fica
 55 difísil algumas palavras qui teim

Entrevista No 17

INF.C 5

Nome: L1 (CV)
 Idade: 52 anos
 Sexo: feminino
 Profissão: do lar
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF.C 6

Nome: L2 (EF)
 Idade: 60 anos
 Sexo: masculino
 Profissão: enfermeiro
 NSC: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF.C 7

Nome: L3 (CN)
 Idade: 52 anos
 Profissão: enfermeiro
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF. C 8

Nome: L4 (DA)
 Idade: 72 anos
 Profissão: aposentado
 NSE: D
 Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: em que língua vocês falam normalmente?
 2 L2: aquí somo todos rompidiomas
 3 L1: si temo que falá en espanhol falemo espanhol y si temo que falá ...
 4 en portugués falemo en portugués ...
 5 Doc: e em que língua vocês falam com seu filhos?
 6 L1: bueno eu falo::: por ejemplo si tenho que falá... cuaše sempre
 7 en espanhol ... falemo en portugués... pero si vamo disé una
 8 palabra o algo pra eles en espanhol ... y eles falam
 9 perfectamente espanhol ... claro porque pasa que se criaron
 10 entonse vão na escola y é espanhol y (...)
 11 Doc: e vocês fizeram a escola ... primaria?
 12 L1: sí
 13 Doc: aprenderam o espanhol e depois... continuaram falando o
 14 espanhol?
 15 L1: cuando presisemo é espanhol ... cuando temo que falá cum
 16 uma persona que é espanhol pero si veim en portugués e
 17 falemo en portugués pero si vamo nun lugar asim qui é
 18 espanhol tá ... nós se ubiquemo según ... a idioma pero
 19 falemo en espanhol perfectamente qui é nossa idioma
 20 L2: pero na linha vu/vou na linha e digo me dá un quilo de batata
 21 como andás bien y bo ...
 22 Doc: e fala em espanhol ou em português na linha?
 23 L2: brasileiro... Brasil falo brasileiro e uruguaio
 24 [
 25 L1: eu as ves vo lá ensima e falo en espanhol no me do conta
 26 L2: se aquí se fala cum a persona brasileira e uma castiana não
 27 pode té idioma... teim que se adatá a frontera
 28 Doc: e o que vocês acham dessa forma de falar aqui na fronteira?
 29 L3: ta beim é lindo ...
 30 L1: é lindo porque a šente entende todo mundo... claro... se veim
 espanhol en espanhol e si... en portugués en portugués

31 Doc: e o senhor que acha ... dessa forma de falar daqui da
32 fronteira?
33 L4: porque semo fronteriso e nós criemo aquí
34 Doc: e que língua aprendeu primeiro?
35 L4: como um uruguaio não? espanhol espanhol ... no tempo da
36 escola era:: "si senhora o no senhor" pero vosê saia du
37 coléshio y era asim como temo conversando temo que
38 practicamente conversemo más en ... portugués que...
39 porque sinão não ... cuando é presiso falá en espanhol se fala
40 cuando não cum/ numa cunversa cum todo que a žente conversa que
41 mais e que menos é tudo ...portugués
42 Doc: ta bem ... mas eu gostei do que ele falou "rompidioma"...
43 por quê o senhor falou "rompidioma"?
44 L2: eu... porque no se habla ni ni en espanhol ni en portugués é
45 entreberao ...
46 Doc: foi o senhor que deu esse nome ao ...
47 L2: ao idioma daqui?
48 Doc: aha
49 L2: sí
50 Doc: ou muitas pessoas falam também?
51 L2: não:: é žénerico... rompidioma porque no habla ni en
52 brasileiro ni en uruguažo (...) entreberado
53 [
54 L1: fala entreberado porque estás hablando en espanhol y se sigue
55 en portugués (...)
56 L2: al final no hay idioma ninguno... y yo uso más el brasileiro
57 cuando voy a comprar fiado en Santana (...)
58 [
59 L3: cosa não é brasileiro... coisa sim ... é rompidioma por iso
60 L2: porque uno vai dise uma cosa y não é coisa ni cosa
61 L3: este eu vo nu Brasil ahí pa dentro du Brasil... eu converso
62 asim como to o mesmo brasileiro não me entendem a mim ... y
63 eu não entendo eles... não? o muinta žente que tamo aquí não
64 sabe muinta cosa o nome de verdura brasileira... que teim um
65 nome y aquí teim otro... não entendem neim o que que tão
66 vendendo... é como vendé u "panšo"... el pancho uruguažo ...
67 un cašorro quente ... eu não como cašorro Deus me perdoe ... ((risos))
68 L2: una vuelta ... hace veinte años atrás cuando me vine pa Rivera
69 de aša del sur(...)
70 Doc: morou em Montevideú?
71 L2: uf ... veinte y pico de años... este:: y vine aquí en Santana y
72 entré num mercado ahí ... taba parao mirando ahí y de
73 repente una persona de atrás me dice: "com lisensia" y digo
74 sí toy con licencia sí"... pero no sabía que com lisensia era
75 con permiso... ((risos))
76 Doc: ah::: e o senhor n asceu aqui em Rivera?
77 L2: sí ahí en campanha
78 L3: mas o trabaio do pobre é milico
79 Doc: quem é militar aquí ? o senhor?
80 L3: us dois
81 L2: eu so enfermero militar... jubilado né?
82 Doc: e o senhor?
83 L3: militar retirado ()
84 Doc: e o senhor qual era a sua profissão?
85 L4: trabaiaá... trabajá nada más de que trabajá... porque:::pra:: (...)
86 L2: en lo que venga
87 L4: pa pulisia só pa me levá ... tuve oportunidad de ingresá y ta
88 retirado como eles... nunca gostei da pulisia viu ...
89 Doc: olhe que tem dois aqui militar ((risos))
90 L4: tem dois y eu que tenho que vé cum eles... por mim pode té dois o

90 tres... mas eu não gostei ...nun/... aunque tuve oportunidade ...
 91 oia vou le vou le fasé uma historia... eu fis um casamento pra um
 92 homem ... finado Trota ... não era neim subcomisario ... viste?
 93 eu casei ele ... (): "vamo entrar de milico Domin/" eu não tinha
 94 desoito anos... sacó os documento... vo i de milico dele... digo
 95 pero digo: "Trota perdóneme el milico es solamente para
 96 conducirme lleVARme preso"... pero no puedo ni mirar si
 97 aparecian no po() ni verlo (...)
 98 Doc: não entendi como o senhor casou ele?
 99 L4: eh...
 100 L3: matrimonio fes o matrimonio dele
 101 Doc: quer dizer que o senhor fez que eles se gostassem?
 102 L3: claro ahí va
 103 L4: y o homem šegó ao ponto de:: ((pergunta a L3)) de que ele
 104 morreu?... com que categoria...Trota?... Subcomisario?...
 105 bueno não sei não me lembro... olhe vo le disé a última... eu
 106 tenho um fio com vintecinco ano ahí fas cuatro ano "pai eu vo entrá
 107 de milico"... tu entra meu fio más te manda daqui ... porque
 108 milico pra mí é só pra me prendé (...)
 109 L3: não vai te levá ((risos))
 110 L1: teim medo que levem ele
 111 L4: y eu não não ele non di/bueno entón pai si é ansim eu não entro de
 112 milico... tu no não vai perdé de entrá de milico rapás por tá
 113 morando cumigo ... ()
 114 Doc: e o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
 115 L3: ese é um hábito de trabaio daqui du Uruguai y du Brasil ...
 116 hábito de muintos anos de muintos anos ...
 117 [
 118 L4: y de muinta žente
 119 L3: y nós não podemos opiná porque eu não vivo du contrabando
 120 porque a parte que eu sei um tema (...)
 121 L2: () é a represión de contrabando
 122 L3: pero nós contrabandeando ža temo pateando contra o prego porque
 123 nós memo sabemos o delito... pero sabemos que é o hábito de trabaio
 124 du pobre que vevem diso agora não podem vivé
 125 más... praticamente ža não podem vivé más com presidente noso
 126 ese... cortó as pata de todo pobrerio aquí e du Brasil também ...
 127 L4: mas contrabando qui () não había otro
 128 L3: clARro pero qué disé que iso não é uma cosa... misterio iso é um
 129 trabaio du pobre... da muita mažoria... žente que não teim neim que
 130 comé ... hay muito retirado que também trabaia de:: de paquete de
 131 bagažo... pero... practicamente ža hože ža tá as pata cortada e cada
 132 ves vai sé más... entonse no hay venta ni lá ni venta aquí ... neim
 133 trabaio ni (...)
 134 L2: no hay trabajo
 135 L3: si entrá lá não se pode entrá nu Brasil ... si si trás cosa brasileira não
 136 podem pasá aquí... porque é ansim si agarram lá correm pa acá y
 137 aquí hay que aguentá toda tolerancia de lá (...)
 138 L4: ese alma/ ese bulišinhos que teim por aquí ... não podim té nada
 139 brasileiro como () galinha ...
 140 Doc: produto brasileiro não entra mais
 141 L4: NADA
 142 Doc: vocês tem aqui um "almacén"é?
 143 L1: temo um quiosco...
 144 Doc: e tem algum produto brasileiro?
 145 L1: ah alguma cosa teim sí ... pero que pasa que nós temo que fasé
 146 surtido y pra cumida teim que comprá en Santana
 146 supermercado porque cum soldo que pagan aquí não comemo
 147 des día... agora si pagasen beim ... soldo sí pero eles pagan muito
 148 poco pa queré prohibí ... pagan muinto u soldo é muinto poco

149 agora se pagasen beim sim daría pra comprá aquí porque aquí é
 150 carísimo ... claro um sabão líquido que compremo alí de de cosina
 151 a cuatro peso tá desoito peso aquí nu Uru/aquí ... u soldo e beim
 152 poquinho o soldo é poco no não dá::... ah:: se não fose
 153 comprá nu supermercado en Santana não no daría pra vivé...
 154 s de Montevideu andan locos da vida porque não teim... u soldo
 155 é poco não... e lá vai nu almasén com seim peso e compra duas tres
 156 cosa un litro de leite un quilo de pão y e:: é seim peso ...
 157 Doc: é né?
 158 L1: horrible... teim que trabaia en dois tres lugar diferente y as muier
 159 teim que trabaiaem todo día... não é? qué dise que é só o homem
 160 que trabaia a muier também teim que trabaia porque se não não dá

Entrevista No 18

INF.C9

Nome: L1 (HA)
 Idade 54 anos
 Sexo: masculino
 Profissão: peão rural
 NSE: C
 Escolaridade: 1o grau completo

INF. B 9

Nome: L2 (SAL)
 Idade: 43 anos
 Sexo: masculino
 Profissão: mecânico
 NSC: D
 Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: que língua fala mais atualmente o português o espanhol ou
 2 ambas?
 3 L1: ah eu falo mais assim como to falando en brasileiro... porque
 4 meu patrón é brasileiro
 5 Doc: ah o patrão é brasileiro?
 6 L1: é o dono da Tesaco... () qui é beim brasileiro agora o patrón
 7 sendo como P. nomás () o patrón era beim uruguaio
 8 eu falaba beim uruguaio cum ele
 9 Doc: e que língua aprendeu primeiro espanhol ou português?
 10 L1: as duas
 11 Doc: e você que língua fala mais o espanhol ou o português?
 12 L2: este... entreberado por/haber por ejemplo... cum us gurí
 13 nós agarremo e falemo só en espanhol pero entre a Mabel ...
 14 este () a mía sente sempre falemo português... agora cum
 15 as criansa que tão indo na escola en espanhol
 16 Doc: e que língua aprendeu primeiro?
 17 L2: ah não u português... fuimo agarrá y falá en espanhol cuando
 18 entremo na escola ((risos))
 19 Doc: e o senhor também?
 20 L1: também
 21 Doc: e como vocês chamam a esse português que falam aqui?
 22 L1: pra nós é brasileiro
 23 L2: porque şaman como é... portunhol não é?
 24 Doc: portunhol também
 25 L2: () porque cuando nós taba na escola entonse a maestra
 26 ficaba braba e disia "niños no hablen en portugués"()
 27 Doc: claro... vocês acham muito diferente do português que se
 28 fala em Livramento?
 29 L2: es bastante diferente não é? teim uma bruta diferencia
 30 Doc: é... por quê?
 31 L2: eu aão que por ejemplo este eu aão o tipo... brasileiro y um
 32 português assim como o noso eu aão más lindo u brasileiro

33 ...u brasileiro deles
34 Doc: e o brasileiro daqui de vocês?
35 L2: porque é meio entreberado né?
36 Doc: vocês gostam? como você se sente falando esse português?
37 L1: eu aão eu aão más lindo u espanhol
38 Doc: o espanhol e o dialeto?
39 L2: eu... por ejemplo este:: a donde tenha otra persona falando
40 assim como um... aão até lindo () igual ...
41 Doc: se sente bem falando
42 L1: porque eu fui criado aquí na frontera pero muintas cosa daí
43 du Brasil eu não entendo o qui é eu não sei o qui é... uma
44 ves me pidiron "me alcança uma šave de fenda daí" eu que
45 sabia o que era šave de fenda não? ((risos))
46 Doc: e como vocês se sentem com pessoas que não falam o
47 dialeto?
48 L2: si beim uruguaço nós agarremo e falemo por ejemplo
49 uruguaço nomás en espanhol ...pero agora si ele beim
50 brasileiro si é por ejemplo si u tipo agarra y beim brasileiro
51 mesmo y nós semo portunhol () y conversemo assim en
52 portunhol nomás com ele
53 L1: aqui šega una persona y é uruguaço eu falo en uruguaço como
54 ela não?... não falo en brasileiro não... agora si veim um
55 brasileiro assim como šegó u M. aquí ... nós falemo no noso
56 idioma cum o M.não?
57 Doc: claro... qual das línguas vocês acham que falam melhor?
58 L2: ah u espanhol... porque cum uma persona que fale beim
59 espanhol é lindo né? eu aão lindo sim... se expresá (...)
60 Doc: e vocês têm alguma dificuldade para se expressar somente em
61 espanhol?
62 L2: más o menos... digo por falta de costume
63 Doc: que programas de televisão vocês olham mais?
64 L1: ah eu olho fútbol... é só o fútbol
65 Doc: e quais canais uruguaio ou brasileiros?
66 L1: argentino
67 L3: ele olha qualquer um brasileiro uruguaio castiano... o que seža
68 porque a maioria aquí olhemo os canal brasileiro
69 Doc: e programas de rádio?
70 L2: e::: ...bastante música brasileira tambéim
71 L1: a mí me gusta a música daqui ... sí em espanhol kumbia
72 Doc: e lá fora em campanha que música se escuta?
73 L1: lá é cuaše só kumbia... lá se agarra cuaše só kumbia
74 Doc: o que vocês acham da forma de vida aqui na fronteira dos
75 uruguaio e dos brasileiros?
76 L1: pra mim... aquí ta beim não?
77 L2: aqui tá beim porque nós temo a frontera não é? por ejemplo ...
78 agora vivemo más barato aquí o más barato lá
79 L1: () mas pra fora ali pro lado de Tacuarembó ahí é::: é brabo ahí ...
80 Doc: pra lá tá mais difícil?
81 L2: porque a maneira de se sustentá se compra ... aša en Santana
82 Doc: vocês gostam de morar aqui na fronteira?
83 L1: toda a vida não?
84 [L2: sim
85 L1: si vou si vou ahí pru sentro ...
86 Doc: pro centro de onde?
87 L1: aquí du Uruguay... ahí é brabo de vivé não?
88 Doc: e o que vocês acham do contrabando aqui na fronteira?
89 L1: a iso tá beim du contrabando tá beim
90 Doc: por quê tá bem?
91 L1: sí porque ...hay šente que não precisa y anda contrabandeando não?

92 y uns... como nós é filho de um pobre nos sacan e deišan us rico ...
93 iso tá beim esa ley du contrabando
94 Doc: de cortar os contrabandos grande?
95 L1: () é o único šeito que esa šente du sentro agora vai arrumá e vão
96 trabaia () us mercado e isso...
97 L2: bueno este eu ašo que:: que tá beim porque según as autoridade
98 disem que cortando u contrabando vai aumentá u trabaio ... si é
99 asim... temo loco de contento
100 L1: ... uma otra cosa que tá beim também qui é limpá eses mercado
101 que tá ženo de mercados que teim... teim verdura por/enté por as
102 veredas u caišão... que a žente teim... u peatón que veim de a pé
103 teim que:: šegá en frente deses mercado e teim que saí pra caže ()
104 Doc: ah... eles vão fazer isso?
105 L1: vão fasé sim limpá eses tudo que teim nu mercado u buliše vai
106 sacá tudo da vereda ... levá tudo pa dentro () vão fasé sim não é?
107 L3: sim que vão limpá as vereda sim... us treiler... ahora cuando
108 entrase u novo prefeito que não sei si ža entró o novo Prefeito ...
109 cuando entrase u novo Prefeito vão retirá todo us treiler daqui ...
110 das calçada porque tão ocupando lugar (...)
111 L1: aqueles treiler que tão na Plasa Internacional ali aqueles que tão
112 na vereda ali ... parese que vão botá pa dentro da plasa ali ... pa
113 deišá o... pa dešá as vereda pa u peatón de a pé... eles enšem de sia
114 y de mesa ali y não pode pasa ningueim... por iso que se dá us
115 asidente no es?... tão as vereda tapada de caišão de verdura y
116 mercado... veim um:: uma persona ou uma mulher veia... uma
117 persona veia y y saí pa pa pra caže y não oia prus lado y veim um
118 auto y levanta pra arriba no?
119 Doc: é um perigo
120 L1: seguro qui é... por iso que vão fasé esa... esa limpesa asim não
121 ter más nada en las veredas nunca só pra šente pasá
122 Doc: ah tá e a situação económica aqui em Rivera como está?
123 L2: ah bastante braba tá... eu digo asunto da mercaderia brasileira como
124 estaban sacando dus comersio aquí de Rivera... iso ... este si eles
125 sacam este... por ejemplo us comersiante daqui de Rivera não vão
126 vendé nada ... porque por ejemplo cuantas familias que nós temo/
127 que moram aquí entonse vão ali em Santana y compram y
128 sustentan () agora só unicamente vai peršudicá os que não podem
129 pasá a Aduana ... ahi si não vão (...)
130 L3: pero aquí o Presidente dise que mientras não estabilisasen us presio
131 que más o meno igualasen us presio daqui de Rivera ele não ia ...
132 este... perjudicá u povo de Rivera... al meno foi oque o
133 Presidente dise... que ele ia tomá medida cuando estabilisasen us
134 presio
135 Doc: mas a gente agora vê nos "almacén" produtos só uruguaiois?
136 L1: todo uruguažo... u otro día acá na Presidente Viera tinha uma
137 pobre muier veia ... veio faló cum a televisão ahí ... teim deš
138 fio ... y ela trabaia cum požo al espiedo... u otro día vieron
139 us da inspesão sacaron y levaron oito požo asado que ela tinha e
140 žegaron y levaron nomás os oito požo asado porque eran požo
141 brasileiro ((risos))
142 Doc: ah:: e levaron assado?
143 L1: levaron asado sim ela tinha feito pa mediodia pa pa vendé não?oito
144 pošo al espiedo sacaron ...y taba beim braba esa muier veio faló na
145 televisão ahí que tinha oito fio pa mantener tá beim que::... que não/
146 que disesem pra ela que não vendese más pošo mas que deišasen
147 us pošo para dá prus fio comé com ela e levaron (...)
148 L3: pero esos son probalesidos us aduanero como taban brabo cum u
149 Presidente ...
150 Doc: mas quem é que faz isso ... os "aduaneros"?
151 L2: os que taban sacando eram os da Aduana porque o Presidente dise

152 que iso era cosa da Aduana pra resolvé...
 153 L3: não era cosa da Aduana sim... não era cosa du Presidente... pero
 154 agora fas dois o tres dias que diseron que taban por ahí
 155 desbalijando tambeim não é?
 156 Doc: e as pessoas que viajam?
 157 L1: ah não pode levá nada... sacan tudo tudo
 158 L3: ay alguns quilos de cosa que eles deisham pasar não sendo muinta
 159 cosa...
 160 L2: este us onimu taméim... us onimu taméim...dus onimu teim sacado
 161 cualquier cantidad... por ejemplo este os que vão pra Montevideu
 162 sacan en Manuel Díaz ou sino aquí en Curticeira ...y os que vão pa
 163 Vichadero agarran y sacan aquí na vinteseite no quilometro um

Entrevista No 19

INF. B 9

Nome: L1 (OF)

Idade 44 anos

Sexo: masculino

Profissão: mecânico

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

1 Doc: que língua fala mais português espanhol ou ambas?
 2 L1: as duas
 3 Doc: que língua aprendeu primeiro português espanhol ou ambas?
 4 L1: ah... o espanhol
 5 Doc: o espanhol na escola?
 6 L1: sí sí
 7 Doc: que língua fala com a sua esposa?
 8 L1: eh:... português
 9 Doc: e a sua esposa com você?
 10 L1: também fala en português
 11 Doc: com os parentes?
 12 L1: bueno a mitad en português y a metade espanhol
 13 Doc: e os parentes contigo?
 14 L1: tudo en português... que pasa que tengo muinta subrinha... piquena
 15 y falam espanhol
 16 Doc: com as sobrinhas então em espanhol?
 17 L1: sempre em espanhol
 18 Doc: e como os vizinhos?
 19 L1: português
 20 Doc: com os colegas de trabalho?
 21 L1: todo português
 22 Doc: o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira?
 23 L1: pra nós é bom porque nós temo acostumbrado né? nós... practicamente
 24 se criemo falando ese idioma ... eu aão bom
 25 Doc: como tu te sente falando com pessoas que não falam o dialeto?
 26 L1: eu me sinto beim... eu entendo as pesoa e tudo...
 27 Doc: omo tu chama ao dialeto falado na fronteira?
 28 L1: iso é uma mescla de português cum espanhol
 29 Doc: como tu chama a essa mescla?
 30 L1: un portunhol... claro seria un portunhol
 31 Doc: e com quem aprendeu?
 32 L1: cum us amigo ((risos)) na caže sí cum us pai prinsipalmente não?
 33 Doc: já teve algún problema na escola por falar o dialeto?
 34 L1: no nunca nunca

35 Doc: para se expressar somente em espanhol tem algum problema?
36 L1: no no tengo problema ninguno... as duas beim de beim
37 Doc: qual das línguas acha que fala melhor?
38 L1: bueno como tó acostumbrado pra mí é o dialeto
39 Doc: e fala o português?
40 L1: sí si teim que falá eu falo entendo y si tengo que falá espanhol não
41 tenho problema ningún... tampoco
42 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência, brasileiros ou
43 uruguaiois?
44 L1: brasileiro
45 Doc: você acha parecida a sua forma de falar com algum tipo de
46 programa que você assiste na TV brasileira?
47 L1: du Brasil?
48 Doc: sim
49 L1: no no é diferente
50 Doc: por quê?
51 L1: y não sei ... porque eles teim u sutaque deles não é? y nós temo o
52 noso sotaque
53 Doc: ue programas de rádio escuta com mais freqüência brasileiros ou
54 uruguaiois?
55 L1: ah... cuando escuto é futibol nomás... los partido de fútbol
56 Doc: que tu acha da forma de vida dos brasileiros e uruguaiois?
57 L1: aquí na frontera?
58 Doc: sim
59 L1: uma boa amistad também não?
60 Doc: em muintos amigos?
61 L1: tenho muintos amigos brasileiros tenho... trabalhei muito tempo no
62 Brasil também... sí pa mí somo igual
63 Doc: e o que tu acha do tema do contrabando atualmente?
64 L1: ah... BUEno ((risos)) ahí ese não... nesa parte ahí eu não... não me
65 meto nesa parte ...((risos))
66 Doc: não opina
67 L1: não opino
68 Doc: bem ... tu achas que é bom morar aqui na fronteira... ser fonteiriço?
69 L1: u aão que sí
70 Doc: por quê?
71 L1: porque aquí é um paraíso... por la fronteira e pelos dois países
72 žunto né?

Entrevista No 20

INF. B 10

Nome: L1 (AS)

Idade 33 anos

Sexo: masculino

Profissão: mecânico pintor de carros

NSE: C

Escolaridade: 2º grau completo

- 1 Doc: que língua tu fala mais em casa o português o espanhol ou
2 ambas?
3 L1: be eu e a minha senhora falemo en... en portunhol que não é
4 português neim espanhol... pero cum us gurí sempre se fala en
5 espanhol cum eles... eles todos falam espanhol
6 Doc: com teus filhos?
7 L1: sí
8 Doc: por quê tu não fala portunhol com eles?
9 L1: porque::: por a escola y tudo favorese que eles falem espanhol
10 porque eles...() na escola y podem se desenvolvé melhor...()
11 porque nós cuando era por ejemplo... cuando fumo nu/co na escola
12 ...tivemos muinto problemas por o portunhol...não se entendía y
13 então entonse agora se presisa () falá espanhol cum eles...()
14 Doc: e tu lembra de alguma coisa que te aconteceu na escola?
15 L1: ah muintos error por ejemplo... palabras que eu confundía...() por
16 ... por u portunhol... porque en casa se falaba y šegaba na escola
17 falaba espanhol... y:: se falaba mal ...
18 Doc: e os teus pais falavam em portunhol?
19 L1: sim mia mãe e meu pai todos falaban ... en casa sempre se faló
20 portunhol
21 Doc: e continuam falando?
22 L1: agora cum cum us neto eles tão más falando en espanhol...()
23 todos os neto falam em espanhol
24 Doc: o que tu acha do dialeto falado aqui na fronteira?
25 L1: é:: bom porque todo mundo fala pero... não é neim brasileiro...
26 neim é português ni espanhol eh:::...pero todo mundo fala é bom
27 ... todo mundo se entende
28 Doc: tu acha que é bom... e tá bem que continue assim?
29 L1: no serviría nu nu coléšio... así no nos serviría
30 Doc: qual das duas línguas tu acha que fala melhor o espanhol ou o
31 dialeto?
32 L1: ah espanhol
33 Doc: qual língua tu acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira?
34 L1: pa na frontera no hay problema porque se fala geralmente
35 us tres idioma aquí ((risos)) cualquier um se entendería... não
36 tería problema nus tres idioma aquí na frontera não sentiría
37 problema nenhum
38 Doc: tu acha que os três são uteis então?
39 L1: não se um pudese falá espanhol beim falado y português beim
40 falado sería melhor né? pero u portunhol se entendería us dois
41 igual
42 Doc: mas pra trabalhar hoje qual é mais necessário?
43 L1: pra trabaía? según o trabaio no... por ejemplo nós aquí não temo
44 problema pero... se fose trabaía.nu:: Free Shoop o nu comersio ahí
45 nu sentro debería falá beim espanhol... depende da profissão
46 Doc: que língua tu acha mais bonita?
47 L1: ah espanhol
48 Doc: que programas de televisão tu vê mais... brasileiros ou uruguaiois?

49 L1: no ... cum us cable agora se ve más programa uruguaio... sim
50 porque hay más diversidá de canal uruguaio que cum língua
51 espanhola que língua portuguesa
52 Doc: e tu acha que isso está favorecendo às crianças?
53 L1: ah tá favorecendo sim sim as criansas agora geralmente todos oian
54 ... canales cum... língua espanhola... e antes cuando não tinham
55 cable aquí... se via muinto a Globo era só a Globo prácticamente
56 ... agora teim uma cantidade ahí
57 Doc: o que tu acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros aqui
58 na fronteira?
59 L1: ah tudo... isto aquí... é tudo en amistad porque brasileiro e
60 uruguaio aquí no hay diferencia neiuma por uruguaio entrá pra lá
61 beim e brasileiro fica pra acá beim tranquilo que não sabe se é
62 uruguaio o brasileiro só cuando ele fala ((risos)) ... sólo futbol
63 ((risos)) só na hora de futbol que ahí sim () desavensa...pa
64 ahí teim problema ahí sí
65 Doc: estão bem integrados
66 L1: tão beim integrado sim us dois... as dua sidade tão beim integrada
67 todos se dão beim
68 Doc: e o que tu achas do contrabando aqui na fronteira?
69 L1: o contrabando... pa eu aão que o governo teve beim porque
70 u contrabando tinha um preluiso tremendo para u Uruguai
71 favorecia a pocos... favorecia a pocos y:: pero é um grande
72 problema que teim u Uruguai com contrabando...porque cuanta
73 industria y tudo não trabaia aquí nu Uruguai por u contrabando
74 Doc: então tu achas que as medidas são boas
75 L1: são boas sim
76 Doc: e com relação as medidas aqui com os comercios?
77 L1: para a frontera?
78 Doc: sim
79 L1: pero () medida comersio aquí na frontera não não hove grandes
80 medida... us comersio estão trabaiano todos normal como
81 trabalhavan antes nomás
82 Doc: mas não estão deixando mais vender produtos brasileiros nos
83 comercios
84 L1: más nos du sentro... porque os daqui du bairro aquí trabaian
85 todos beim todos trabaian beim ... nu sentro () nu bairro não
86 pasa nada

Entrevista No 21

INF.B 11

Nome: L1 (ES)
Idade 37 anos
Sexo: masculino
Profissão: pintor de carros
NSE: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

INF.A 15

Nome: L2(PS)
Idade: 20 anos
Sexo: masculino
Profissão: pintor de carros
NSC: C
Escolaridade: 2o grau incompleto

INF.C 10

Nome: L3 (HDS)
Idade 53 anos
Sexo: masculino
Profissão: pedreiro
NSE: C

- 1 Doc: tinha que parar o contrabando? por quê?
2 L1: tinha que parar porque lá nu sentro du sentro ningueim trabaiaaba
3 prácticamente (...)
4 [
5 L2: não contrabando en grande escala ...us camião que pasan
6 L1: as grandes fábricas (...)
7 L3: contrabando furmiga não...
8 L2: pero us camião que levan ... camião cum coca cola camião cum...
9 L1: as empresa...que empresa no Uruguai vos ()que funcionó? todas
10 se fundían ... Montevideú e o sentro todas se fundían trabaiabab ()
11 pero no no não podem trabaia si practicamente (...)
12 L3: u cara que leva deş quilo de asúcar ... sinco quilo de erva ...deş
13 quilo de feizão pra Tacuarembó pra faşer un peso ... ese é u
14 contrabando furmiga ese não ... agora o que leva (...)
15 Doc: mas tão pegando a esse também não?
16 L2: sim ta ese sim
17 L1: agora tão deizando ... liberaron un poco sí
18 Doc: ((a continuação os informantes respondem ao questionário
19 sobre a língua que falam)) que língua vocês falam mais em casa?
20 L1: portunhol
21 L2: eu espanhol
22 Doc: e o portunhol onde tu falas?
23 L2: aquí nu trabaio
24 Doc: só no trabalho?
25 L2: sí no trabaio na caşe por ahí
26 Doc: na tua casa os teus pais não falam em portunhol?
27 L2: falam sim mas nas casas sempre falemo en espanhol
28 Doc: que língua aprenderam primeiro?
29 L1: o:... portunhol ese ... desde dus pai ža aprendemo a falá en
30 portunhol ... desde piqueno foi o portunhol ese
31 L2: eu espanhol
32 Doc: ta bem... e com os vizinhos?
33 L1: en portunhol tambéim porque us vişinho a maioria en portunhol
34 só algún espanhol
35 L2: depende o vişinho ... teim vişinho qui é espanhol... teim vişinho
36 portunhol ... depende depende a pesoa
37 Doc: e com os parentes?
38 L1: cum os parentes ums en portunhol otro en espanhol
L2: espanhol generalmente espanhol
Doc: nas lojas?

39 L1: si é aquí si é nu nu Uruguai en espanhol si é nu Brasil en portugués
40 L2: aquí en Rivera ... espanhol y lá en Santana ... portunhol
41 Doc: e com os colegas de trabalho?
42 L1: portunhol
43 L2: portunhol
44 Doc: bem ... o que vocês ašam du dialeto falado aqui na fronteira?
45 L2: eu ašo qui é fásil de se expresá né?... é más fasil aquí na frontera
46 de se expresá aquí na frontera é u dialeto
47 L1: si desde piqueno um aprendemo a falá ese idioma:: é:: comum
48 falá iso ahí ... não saberia como compará ele cum otro
49 L2: claro generalmente ... u.portunhol dialeto é não é?
50 Doc: uhn
51 L1: é más fásil pa por ejemplo para mí é más fásil falá portunhol que
52 u o propio espanhol ...más difisil falá u espanhol para mim que u
53 portunhol ese
54 Doc: ah:: tá então tu tem problemas pra te expressa em espanhol
55 L1: sim teim que ... não ve que teim que::... traduší mentalmente
56 teim que traduší o que tu vai falá o... espanhol teim que pensá
57 antes de falá espanhol (...)
58 L2: so por influencia do idioma brasileira no?
59 L1: claro... non y se criemo así... só que teim antes de falá teim que
60 pensá antes de dišé para não para não dišé u para não falá u
61 portunhol
62 L2: falá mal o meio ... portunhol y espanhol meio atrabesado
63 Doc: vocês já saíram daqui de Rivera e foram paro o interior?
64 L1: só a paseá nomás
65 Doc: e em que língua falavam?
66 L1: ah lá espanhol no? ... trataba de falá o menos posível então falaba
67 u necesario mesmo sinão ((risos))
68 L2: claro por más que se esfuerza más por falá o espanhol beim ...claro
69 de ves en cuando sale algo meio meio (...)
70 Doc: e as pessoas reconheciam que vocês eram daqui?
71 L1 e L2 reconhesiam
72 L1: u asiento ficaba igual u asiento fica ese portunhol
73 Doc: e sentiam vergonha?
74 L1: não
75 L2: no eso no
76 Doc: bem ... então vocês se sentem bem falando o dialeto?
77 L1: sim ... mas na verdade eu si pudiera yo gustaría de té aprendido a
78 falá u espanhol ... não u portunhol ... beim de beim o espanhol
79 porque o espanhol é o idioma du de um ... semo urguaio é
80 ser espanhol ... seria bom porque adonde fose taba falando o teu
81 idioma e ta falando beim e ese portunhol um não fala muinto beim
82 L2: não é um idioma é um dialeto
83 Doc: teus pais nunca falaram portunhol contigo?
84 L2: entre eles falam pero asim é entre eles nós asim não
85 Doc: qual das línguas vocês acham que falam melhor?
86 L2: y eu acho que u dialeto no? u dialeto y despós u::... espanhol
87 portugués não é ... é ese dialeto mas portugués en si no não falemo
88 beim
89 Doc: qual das línguas vocês acham que é mais útil conhecer aqui na
90 fronteira?
91 L2: ah eu ašo que u dialeto né? dialeto porque um fala cum us brasileiro
92 e fala cum us urguaios y é o que tudo mundo entende
93 L1: aquí tudo mundo entende ese portunhol
94 Doc: têm brasileiros que falam em espanhol com vocês?
95 L1: muinto pocos
96 L2: muy difisil muy difisil ...eu ašo que fica muy difisil pra eles falá em
97 espanhol não sei si será ... u idioma difisil
98 L1: eu ašo pru pru us brasileiros más difisil falá em espanhol ou eles

99 não se importam por falá espanhol ... é más nós us uruguaios daqui
100 de de Rivera que ... que falam que teim que falá em português do
101 que eles dus português tentarem falar espanhol
102 L2: eu tenho visto u brasileiro tentá quere tentá falá en espanhol y no
103 no... sai tudo mal non consegue nada...se ve não sei no sé si será más
104 difícil
105 L1: português mesmo nunca se viu um português falando ese
106 portunhol o que é de Livramento ele só fala em português
107 memo ... não fala o portunhol... aquí em Rivera que falam o
108 portunhol ese ... pero em Livramento só falam em português
109 Doc: e sobre o contrabando aqui na fronteira ... o que vocês podem me
110 dizer?
111 L2: sobre o contrabando?
112 L1: o contrabando ... la verdad como eu le dişe ... foi bom pru país
113 foi bom né? pru país é bom porque (...)
114 L2: mas na frontera afetó muito
115 L1: na frontera até agora ta afetando... pero tinha que seguí así e haşa
116 uma manera otra manera pa arreglá a frontera pero... diría que
117 tinha que seguí trancando u contrabando memo porque é uma
118 manera de du país podé ir pra frente senão?
119 L2: trancando u contrabando faşe fuente de trabaio... aquí na frontera
120 teim muinta familia que que se manteim com iso... contrabando
121 ...contrabando poco no? não é camião... contrabandista piqueno
122 L1: sim o que ta mal é eses camião eses camião que levam ... ou esas
123 camioneta şeia de cosa iso tá mal ... agora ese contrabando como
124 ele disia de bolso... du bolso ese teim que deişa porque... iso é
125 uma cosa que a žente veve diso y o qui é não vai ficá rico levando
126 de un bolso u algo contrabando...
127 L2: () só pra sobrevivé porque... nada más que iso

Entrevista No 22

INF.C 10

Nome: L1 (HLS)

Idade 53 anos

Sexo: masculino

Profissão: pedreiro

NSE: C

Escolaridade: 2o grau incompleto

1 Doc: o que o senhor acha do dialeto falado aqui na fronteira?
2 L1: por iso le digo pra comunicasão... este:: é mior u
3 dialeto...porque tanto nas loġa lá nu Brasil y falemo cum u dialeto
4 eles nos entendem...y eles veim aquí y nos falam dialeto y nós
5 entendemo eles...
6 Doc: como o senhor chama a esse dialeto?
7 L1: portunhol
8 Doc: com quem aprendeu esse dialeto?
9 L1: mire más bien en el trabajo y:: na caže con los otro compañero
10 con los amigo
11 Doc: em que língua falava quando era pequeno?
12 L1: espanhol ...sí porque yo aprendí a hablar en Montevideo
13 Doc: teve dificuldades para aprender espanhol na escola?
14 L1: não não ... não porque como eu cuando entrei na escola eu falaba
15 só espanhol...

16 Doc: veio de Montevideu
17 L1: claro... u português aquí portunhol não entendía nada...tinha catorse
18 ano y não sabia uma palabra... inté que fui trabalha lá... en
19 Santana nu Palasinho... y ahí tibe que aprendé u dialeto... mais ou
20 meno...porque na mía casa...bueno a mía mãe é viva y o finado
21 meu pai ...bueno y todos nós...des irmão sempre espanhol
22 Doc: qual das línguas acha que fala melhor?
23 L1: ah el espanhol no?
24 Doc: qual delas acha que é mais útil conhecer aqui na fronteira?
25 L1: oia... mais útil aquí na frontera é::... o dialeto né? portunhol
26 é más útil más comunicación
27 Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em
28 Livramento e o dialeto falado na fronteira?
29 L1: ah hay diferencia... principalmente de pronunciación...porque
30 nosotros e:::en el dialeto... este:: ... muchas palabras en español
31 la traducimos en brasilero pero no la traducimo bien...por ejemplo
32 aquí el gasoil ... lá es diesel y aquí nós vamo disé disel não
33 disemo... disemo gasoil... é uma palabra que não existe só aquí nu
34 dialeto mesmo entendeu?
35 Doc: o que o senhor acha da forma de vida dos uruguaio e dos
36 brasileiros aqui na fronteira?
37 L1: mire... pra mim ... é algo que existe só nesta frontera uma integração
38 total... tanto cultural como social...porque não teim não teim um ...
39 uruguaio que não tenha um parente brasileiro y não teim um
40 brasileiro que não tenha um parente uruguaio... integración total pra
41 mí é...
42 Doc: ta bem ... e sobre o contrabando aqui na fronteira?
43 L1: y o contrabando é como eu le dise... contrabando teim que cortá u
44 contrabando em grande escala poque fas mal pru país ... pero
45 contrabando furmiga ansí... que levam por ejemplo pra un surtido
46 pra se () o levam de des vinte quilo pra sobrevivé... iso não
47 podeim cortá nunca ... porque ahí tão cortando uma fonte de trabaio
48 y::... también ... por esemplo... aquí em Rivera por
49 esemplo... cortam u u contrabando furmiga ese...Tranqueras
50 Vichadero y Corrales que vevem dis/da mercadería que vai
51 daqui...é um tremendo problema social pra eles porque mientras
52 venha de Montivideu vai pasá um mes o dois mes y ahí que descuentan
53 viste? teim que i pra esas localidades... mercadería brasileira

Entrevista No 23

INF. C 10

Nome: L1 (ES)

Idade 71 anos

Sexo: masculino

Profissão: pintor de carros

NSE: C

Escolaridade: 1o grau incompleto

- 1 Doc: que língua fala mais na sua casa o português o espanhol ou ambas?
2 L1: ambas
3 Doc: que língua aprendeu primeiro?
4 L1: português
5 Doc: em que língua fala com seu filhos?
6 L1: ambas ...espanhol y:: português
7 Doc: e seus filhos com o senhor?
8 L1: más beim falemo portinhol
9 Doc: e com a sua esposa?
10 L1: igual
11 Doc: e com outros parentes?
12 L1: ums este::...teim ums cuantos falam só este castiano y otros
13 falam este::... portinhol inclusive eu tenho uma fia qui é casada
14 cum brasileiro... tenho uns neto que son brasileiro y ela fala en
15 brasileiro... eža taba aqui areseim... ela mora nu Brasil né?...este
16 eu tenho... eu tenho familiar meu qui são brasileiro né? meus avo
17 eram brasileiro...
18 Doc: ah é? de onde eram seus avôs?
19 L1: eles eram du Rio Grande mas este:: não... eu não poso dá a data não
20 me lembro por causa que eu::: cuando eu cunhesí eles eles ža
21 eram... cuando eu tive cunhesimento de eles eles ža eram veinhos y
22 algum inclusive tinha o meu avo y dois ermão... eles vierum du brasil...
23 vierum pra pra para Rivera pero pra u interior né? de Rivera
24 campanha y o:::... mas não teim nenhum teim... só esiste da mía
25 famia uns primos... que eram fios de uma um primo da mía mãe y fica
26 uma ermã da mía mãe só da mía famia... era uma famia grande
27 tambéim... tenho uns primos moram em Montevidéu...
28 Doc: ah... então o seus pais aprenderam a falar português com seus
29 avôs?
30 L1: é sim... aquí na mía sona que é da cuarta sesión de de da du
31 departamento de Rivera e... falam más em portinhol né?
32 Doc: e o que acha do dialeto falado aqui na fronteira ... é bom é ruim?
33 L1: não é bom né? a žente se habituó a ele... nós este se se
34 econtremo cum si fala en castiano este en... vou falá en portinhol o sea en
35 brasileiro pra nós é o mesmo... é o mesmo não não neim
36 diferensiemo no hay diferencia de um a outro no? porque eu falo este 37
37 em brasileiro trato cum us brasileiro diariamente eu faso
38 negoseio compro lá... todos us dias y::: mas tambéim cuando toca
39 a falá aquí eu troco u idioma
40 num pasá... neim conta a žente se dá né? é normal... é asim como
41 to falando ahí... é::: é o mesma cosa de que disé toy hablando
42 aquí ... no es? porque es lo mismo...
43 Doc: dependendo a pessoa... troca
44 L1: () às ves se ta falando cum cum tres pesoa que tão žuntas uma fala
45 im português ou duas y as otra falam este:: im castiano y a žente fala
46 cum um y cum otro no é? nós semo así aquí y neim se dá conta dá
47 diferencia não? é normal natural

48 Doc: e quando fez a escola teve alguma dificuldade para aprender o
49 espanhol?
50 L1: cuando eu impesei a ir nu colé/ na escola o nu coléžio eu tive
51 alguma certa dificuldade por causa que se falaba na sona que eu
51 moraba se falaba muinto poco in castiano... lá na cuarta sesón...
52 lá šamabam La Calera... inclusibe eu nasí ahí... eu morei até onse
53 anos... despós eu vim pra acá
54 Doc: fez escola lá então?
55 L1: não impesei lá y terminei aquí...
56 Doc: qual das línguas acha que é mais útil conhecer na fronteira?
57 L1: bueno pra nós que semo cast/ este uruguaio é lóžico que teim que sé u
58 uruguaio no é? u uruguaio porque que disé nós temo más os noso
59 familiar ža tão morando más nu Uruguai mas como eu tenho familiar nu
60 Brasil as duas línguas son boa... pra mim son boas as duas no?
61 Doc: o que acha da forma de vida dos uruguaio e dos brasileiros?
62 L1: pra mí modo de pensá é bom...não é? porque a žente... este
63 trabalhando tanto lá nu Brasil o tanto aquí a žente veve igual...
64 sempre:: a žente procura como im todo lugar em todo lado... procura
65 donde convéim donde está más más económico donde é más barato
66 Doc: e o que acha do contrabando aqui na fronteira?
67 L1: o contrabando aquí... eh a nosa sidade aquí não teim industria y: a não
68 sé a::... Intendencia que sería a Prefeitura y alguma trabaio de
69 construsão este::... depóis é tudo trabaio é trabaio de campo de
70 šacra não é? este não é não é não teim industria... entonse que dišé
71 que teim mUINta žente... que ve/ mora veve du du de comprá a
72 ves teim queim pasá contrabando grande mas a maioria da žente
73 veve vendendo é poca cosa... levam más pra u interior du Uruguay
74 o o trasem os comersio daqui mesmo tudo é... us armasém daqui
75 cuaše tudo vende más cosa brasileira que uruguaia não é? até que
76 nós taba desacostumado de té muinta cosa uruguaia...
77 Doc: e agora tem né?
78 L1: agora teim mas é:: mas a žente não se habitua igual por causa que nós
79 temo acostumado a comprá im Livramento que:: eu como eu sempre
80 comprei... fis o meu a mía compra de fim de semana u ranšo né? im
81 Livramento sigo comprando a mesma cosa... eu sigo comprando o
82 mesmo

Entrevista No 24

INF. C11

Nome: L1 (WD)

Idade 54 anos

Sexo: feminino

Profissão: professora aposentada

NSE: B

Escolaridade: Estudo superior completo

1 Doc: que língua fala mais em casa... o espanhol o português ou ambas?
2 L1: portunhol portunhol ambas
3 Doc: que língua aprendeu primeiro?
4 L1: primero portunhol...
5 Doc: que língua fala com seus filhos?
6 L1: espanhol
7 Doc: com outros parentes?
8 L1: portunhol
9 Doc: com seus vizinhos?

10 L1: portunhol
11 Doc: nas lojas com os empregados?
12 L1: depende si:: falam portunhol portunhol si hablan espanhol espanhol
13 Doc: com as colegas de trabalho com as "maestras"em que língua
14 falava?
15 L1: ah::...depende si las maestras eran ... conocidas y del barrio...era
16 portuñol aun en la escuela y aun con los inspectores sabés?
17 Doc: ah os inspetores também falavam?
18 L1: sí::...este:: por ejemplo Silvio Cabrera empezábamos en español y
19 terminábamos en portuñol...porque como es la lengua materna de
20 acá ...este uno empieza pero llega un momento que como sabés que
21 aquel otro habla en portuñol y si es posible te dice algo brasileiro...
22 "vamo seguí falando en portunhol"...
23 Doc: claro ... é mais familiar ... integra mais as pessoas
24 L1: claro claro sí sí ... es integradora
25 Doc: e o que você acha do dialeto falado aqui na fronteira?
26 L1: bom ... é/es la lengua é a língua materna não é? du du lugar é a
27 língua que nos aprEndemos a falar desde que nasemos...este é
28 uma cosa que::... é como uma cosa carinhosa é uma cosa que um
29 leva adentro que teim que falá porque:: ...é o que tu aprendeu...
30 Doc: então acha bom?
31 L1: ah eu aão EXElente não aão bom ... eu aão qui é uma cosa qui um
32 teim que defendé... porque muintas criansas nasidas aquí falam
33 asim... en portunhol ...y šegam na escola y:: ... querem que fale
34 u espanhol y EU cum meus alunos... muintos deles comesaba
35 falando portunhol porque era como eu podia šegá más neles ... está
36 más en contato cum eles e pra que eles tivesem a liberdade
37 também de pode falá e se expresá ...du contrario se cerraban y no
38 hablaban nada ...
39 Doc: uhn ... e chegou a alfabetizar a muintos deles... a trabalhar com os
40 primeiros anos?
41 L1: cuaše todos/casi todos los años que trabajé tuve primero y
42 segundo... cuaše todos os anos que eu trabalhei que foram vinte e
43 sete trabalhei espesíficamente com primero y segundo...y o meus
44 alunos... meus alunos eram excelentes lectores... excelentes
45 contadores muinto a leitura...
46 Doc: não discriminava o portunhol então
47 L1: lóšico... y trataba de::... usando u espanhol correží aqueles
48 términos que eles não falaban beim en espanhol
49 Doc: claro... muitos dos entrevistados falaram dos problemas que tiveram
50 na escola
51 L1: claro as criansa teim pero si um... toma o problema como uma cosa
52 que não pode sé que teim que deiša de lado...então não pode té
53 oportunidade de correží
54 Doc: claro... não da pra reprimir a criança
55 L1: claro não dá pra reprimí... ao contrario teim que insentivá que ele
56 use aquela língua que ele se sinta más cómodo pra que ele posa se
57 expresar y ahí tomá como base pra correžir...
58 Doc: claro eles entram e têm como língua materna o portunhol e o
59 espanhol nem conhecem são pequinhos...
60 L1: claro é como um idioma novo que eles teim que comesá a aprendé
61 Doc: e você se sente bem falando o portunhol com pessoas que não o
62 falam?
63 L1: ah sim perfectamente sem problemas... es una língua que yo
64 aprendí y hablar desde que nací pero también cuando incorporé
65 el español lo incorporé en forma así ... se ve que bien porque nunca
66 tuve ningún problema y ni para enseñar ni para hablar ...así como
67 una persona aprende bien el inglés y se siente bien hablando el
68 inglés o el español... también uno se siente bien hablando el
69 español y el portuñol... porque portugués portugués nunca lo

70 aprendí bien
71 Doc: e quando entrou na escola teve problemas para aprender o
72 espanhol?
73 L1: pienso que no... porque una cosa que yo recuerdo... un niño que
74 tiene problemas en en usar el español... en cuarto año cuando el
75 niño empieza a escribir y redactar solo... yo me acuerdo que
76 cuando estaba en cuarto año ... yo hacía mis... redacciones y hacía
77 las de mis compañeros tres o cuatro siempre me pedían que les
78 escribiera algo entonces siempre cosas diferentes... entonces quiere
79 decir que nunca tuve problemas
80 Doc: bem já sentiu algum tipo de discriminação de parte das
81 pessoas que não o falam ?
82 L1: ah sim... sí principalmente los montevideanos... cuando vienen a
83 la frontera y dicen "que horror esa lengua" y muchos este
84 inspectores inclusive... cuando venían a visitarnos que venían de
85 Montevideo decían "no se debe usar... un maestro no puede hablar
86 en portuñol"... pero yo nunca les hice caso porque yo veía que la
87 necesidad de mis alumnos... era de que yo puDIEse conversar con
88 ellos en la forma que ellos se comunicaran ... inclusive había niños
89 que llegaban a la escuela y llegaban y decían "maestra yo quiero
90 que tú me enseñes"... porque ellos sienten como que hay... puede
91 haber algún rechazo no?
92 Doc: claro claro isso é muito bom... e chegou a falar com algum
93 inspector" sobre isso?
94 L1: ah sí yo siempre defendí el dialecto
95 Doc: sempre chamou de portunhol ao dialeto?
96 L1: não eu... eu pensaba que falaba u português... pero despós cuando
97 eu fui crescendo que eu um enfrentá situações de conversá com
98 outras pessoas que falam português um se dá conta que fala
99 cantidade de palavras que não teim nada que vé cum... então ahí me
100 di conta que não era um português era um dialeto... uma língua
101 especial... uma mescla querida...
102 Doc: e com que língua se identifica mais... com o dialeto ou o espanhol?
103 L1: no meu corasão tá u dialeto pero cualquiera de los dos
104 Doc: que língua acha que é mais importante conhecer hoje na fronteira?
105 L1: sempre é bom conheser beim uma língua né?... um se dá conta
106 cuando vai falá cum otra pessoa que fala beim u português que um
107 não sabe o português neim escrevo o português seria bom conhesé
108 beim pra:: podé falá y escrevesemos
109 Doc: mas qual seria hoje de maior utilidade para a fronteira?
110 L1: penso que u dialeto nunca vai ser substituido... não?
111 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência?
112 L1: bueno eu gosto de oiá este de vé programas este ao vivo tanto em
113 português como em espanhol ...
114 Doc: vê programas brasileiros e uruguaiois
115 L1: ah sí brasileiros e uruguaiois
116 Doc: identifica a sua forma de falar com os programas brasileiros?
117 L1: não é como qui ve y esqueceu ... ((risos)) não incorporou nada
118 Doc: o que acha da forma de vida dos brasileiros e uruguaiois aqui na
119 fronteira?
120 L1: ...u uruguaio este::...fala más u português qui u brasileiro u
121 espanhol parese que si eles fosem falá u espanhol eles... só falam si
122 estão siguros... nós falamos porque... ža estamos acostumbrados
123 Doc: e que o dialeto existe aqui e todo mundo está acostumado a
124 falar... né? tá bem... e que me pode falar sobre... o que acha do
125 o contrabando aqui na fronteira atualmente?
126 L1: ah u contrabando é um mal que teim uma raís muinto profunda
127 não?... este sempre se dis que o mal hay que cortar por a raís...
128 pero é um mal ... que não deveria existir ... pero asim como existe
129 o dialecto sempre existiu penso que u contrabando vai sé muinto

130 difísil de (...)
131 Doc: é e mais numa fronteira ...
132 L1: aberta com tantos () frontera seca
133 Doc: e as medidas que o presidente está adotando?
134 L1: eu aão que tá/teim que aplicá porque é uma cosa que... u país perde
135 ... pierde su identidad a travéz del contrabando... pierde pero:.....es
136 es difícil va a ser difícil
137 Doc: tá bem... e o que acha da integração aqui na fronteira?
138 L1: o mior qui teim não? não teim otra cosa mior... nós amamos us
139 brasileiro y tó sigura qui eles nós amam... este eles são simpáticos
140 são... nós cum eles... temos familiares que moram em Livramento
141 familiares brasileiros que moram aquí ... que trabaim lá que eles
142 moram lá trabaim aquí... é uma integrasão grande
143 Doc: você acredita que existe uma identidade fronteiriça?
144 L1: ah sim... claro hay sim... cuando uno viaja para...otros lugares por
145 ejemplo para Buenos Aires y dicen "y ustedes de dónde vienen son
146 del Brasil?" no somos de la frontera con Brasil ... y si viajamos a
147 Brasil vamos a San Pablo por ejemplo "y voses de onde são... são
148 este de:.... baiano... voses são baiano"... nós somos uruguaios...
149 Doc: ah:: baianos... e por quê será que baianos? será pelo sotaque
150 acharam ... acham diferente
151 L1: sotaque puede ser
152 Doc: tá bem então... muito obrigada

Entrevista No 25

INF. C 12

Nome: L1 (CB)

Idade 60 anos

Sexo: feminino

Profissão: empregada doméstica

Escolaridade: 1o grau completo

1 Doc: ((a informante começa contando como era a sua vida quando morava em
campanha)) me tava contando hoje da sua vinda para aquí e que os tempos eram
outros...
2 L1: claro claro eram otros sim...
3 Doc: sim... e como eram os tempos?
4 L1: eram lindos eram na campaña pero era lindo biste?
5 Doc: uhn
6 L1: a šente pasaba lindo tranQUllo ... agora un veio pra perto é uma
7 correría de loco ((risos))
8 Doc: trabalha muito aqui?
9 L1: trabaio bastante ... y depois não é qui é uma coisa y otra biste?
10 Doc: uhn
11 L1: com a gurisada me vežo loca ...
12 Doc: sí... tiene muchos (...)
13 L1: se fose só nós os dois não era nada pero tenho os dois
14 dois guri ...
15 Doc: uhn
16 L1: os gurí grande ... nas casa é...
17 Doc: tiene que cuidar
18 L1: y a piquena se me vai os viernes pa lá

19 Doc: queda queda toda la semana aquí con usted o ella va a visitarla?
20 L1: claro vai sábado o viernes de tarde y se vai domingo cuando
21 fas calor ela se vai viernes de tarde
22 Doc: aha
23 L1: y domingo se veim
24 Doc: y los viernes ... por qué va va a pasear? se queda todo el fin de
25 semana? ... la extraña bastante?
[
26 L1: claro ... ah me extraña horrible ela šega y se me pega
27 Doc: y la madre qué dice?
28 L1: nada ... ela deša que važa nomá
29 Doc: ella descansa
30 L1: claro fica tranquila ... a Paola é grande a Paola se fas as cosa
31 sai não teim que repará tanto ela como a piquena
32 Doc: ah porque a Paola queda con ella
33 L1: claro
34 Doc: Paola que edad tiene?
35 L1: catorse
36 Doc: ah y la chica?
37 L1: nove () nove año que é ()
38 Doc: están en el liceo? Paola está en el liceo?
39 L1: ta em segundo
40 Doc: ah:: y le va bien? es estudiosa como la madre?
41 L1: ah é estudiosa mesmo sabe que... que tá bien adelantada
42 não teim neim uma materia parese ...
43 Doc: sí
44 L1: uhn
45 Doc: a qué liceo va ?
46 L1: o tres
47 Doc: aha ... y la chiquita?
48 L1: tá na escola alí () perto da casa dela ... uhn
49 Doc: o sea que los varones están con usted
50 L1: tão... o grande tá no liseu y u otro ta ()
51 fasendu sexto de escola
52 Doc: claro ... hace mucho que se vino para aquí entonces? cuántos
53 años hace que está ... aquí en Rivera ... en la ciudad?
54 L1: em Rivera sim ... a guría tinha cuatro anos y tá com trinta e cinco
55 vai faser agora em diciembre
56 Doc: ah:: ((a informante conta um roubo que ocorreu na casa onde
57 *trabalha*))
58 L1: eram as seis da tarde terminei de hacer... e ela se paró de conversa...
59 Doc: eso era cuando le robaron aquí?
60 L1: sim as tele... y ahí eu fui... dis pra ela me voy porque voy a mojar las
61 planta... y ela dise... temprano C ...bueno... šeguei aquí eram as
62 seis da tarde tinham robado as cuatro da tarde robaram as televisão ...
63 Doc: y las dos tele?
64 L1: las DOS de color...
65 Doc: y ahí?
66 L1: fiquei ... loca de vergonha capás que digam que é a žente pero no...
67 me robaron nomás ...y ahí tibe que šamá... fui no serradero não taba
68 meu irmão... era sábado... agarrei y šamei daí da casa do lado šamei
69 a M que taba lá nos/ na piscina O... ahí ela veio correndo
70 y Don L () cum toda a milicada... bueno ahí empesaron a buscar
71 pero nunca más ašaron nada
72 Doc: nunca encontraron
73 L1: nunca nunca nunca... y agora a poco... poco não depós
74 diso... pero debe faser um ano y algo eles sairum as seis da
75 tarde mes de enero... forum na casa da irman dele y vierum as sete...
76 pra moiá as planta šegarum aquí havian romp/roto a porta do fundo daí
77 du du sala de estar y a da cozinha...

78 Doc: aha
79 L1: y revolcarum tudo inté () rua pero não levaram aquí ah:: levarum
80 seim pesos que ela tinha dešado pra eu pagá o gás pra mim pagá
81 Doc: ah::
82 L1: só
83 Doc: y entraron por dónde? por el fondo?
84 L1: claro rompieron la puerta... por el muro capás que fue
85 Doc: saltan el muro
86 L1: CLARo... no ve que... ah não eles buscam um jeito sim
87 Doc: ellos si ven que no hay nadie controlan
88 L1: claro claro controlam sim as ves tenho um medo inté cuando
89 venho entrá di noite aquí qui eu venho di lá dos guri... ()
90 mas agora tenho dešado esta lus prendida cuando eu venho
91 tá prendida ahí eu entro... bruto caserón dese né?
92 Doc: claro sí?
93 L1: y eu solita aquí dentro
94 Doc: y de noche así cuando se va nunca le pasó nada cuando va para
95 casa? perto de casa toda a gente semo conhecida y teim lus teim tudo
98 Doc: claro
99 L1: entonse não pasa nada
100 Doc: ah ellos vienen a buscar donde ellos saben que hay alguna
101 cosa...
102 L1: mas claro que sim cosa poca não levam pra lá más que algum
103 animal u algo uma ovejía iso sim pero demás no...()
104 Doc: es tranquilo allá el barrio entonces?
105 L1: beim tranquilo ... por agora não?
106 Doc: ta bien entonces...
107 L1: porque com esas... com esas política empresa a vim... gente de
108 toda laia de lá...
109 Doc: ah ¿sí?
110 L1: otra volta que fiserum... a caravana de quem foi não sei si foi dos
111 blancos...
112 Doc: aha
113 L1: sabe que... nós taba na parada do bonde alí y uma vizinha contó
114 cuarenta y cinco bonde
115 Doc: ah::
116 L1: fora os de a caballo y os auto y moto que vinham
117 Doc: aha
118 L1: y não sei si veio más porque veio o bonde y nós se fumo... y ahí no
119 meio desas para faserem número eles trasem cualquier um...
120 Doc: ah::
121 L1: y entonse veim tudo que serve y o que não serve...
122 Doc: para juntar gente
123 L1: claro y quem gosta fica aquí já depois que ve que é bom aquí
124 pra ... y é assim tão dando toda hora no radio... .
125 Doc: robo y eso
126 L1: claro

Entrevista No 26

INF.B 13

Entrevista realizada na cidade de Rivera.

Nome: ES

Sexo: feminino.

Idade: 35 anos.

Profissão: Do lar

NSE: C

Escolaridade: 2º grau incompleto

- 1 Doc: ¿qué cursos tenés... primaria?
2 L1: ¿terminé primaria y fui un año nomás a secundaria
3 Doc: secundaria incompleta entonces... trabajás?
4 L1: no no en labores nomás
5 Doc: ta bien... labores... en tu casa en qué idioma hablás?
6 L1: portuñol nomás
7 Doc: en portuñol... entonces hablás en portuñol... con tu padre...
8 con tus hermanos ... todos falam portunhol?
9 L1: sim portunhol
10 Doc: qué es eso de portuñol ... cómo es el portuñol?
11 L1: portuñol que... que hablamos es es todo entreberado asim ((risos))
12 Doc: como fala com a M?
13 L1: como falo com a M
14 Doc: e no bairro com as pessoas?
15 L1: também tudo igual tudo a mesma cosa ((risos))
16 Doc: e os vizinhos contigo?
17 L1: também também tudo entreberado não sei ...o sea que no acostumo
18 falar espanhol porque hay cosas que não não me sAi...
19 Doc: não te sai .. en español?
20 L1 claro falo nomás o portunhol inclusibe na escola liseu tinha
21 problema por iso
22 Doc: ah é?
23 L1: claro
24 Doc: por quê ... que problemas tu tinhas?
25 L1: porque em idioma español mismo eu tinha ... bašísimo porque ()
26 confundia as letra e:: por não sabe fala né::? o espanhol direito ...
27 nunca sempre desde piquinininho falemo asim y na escola é um trabaio
28 Doc: claro
29 L1: não é?
30 Doc: e as "maestras"?
31 L1: y claro cum as maestra também problema porque ... cum os
32 companheiro a žente fala asim pero cum a maestra ža teim que
33 empesá a falá espanhol y cosa y as ves num as ves/ pra escrevé y
34 tudo sacaba mal ... não é?
35 Doc: tu falava em português portunhol?
36 L1: claro
37 Doc: porque não sabia como era em espanhol
38 L1: clAro
39 Doc: ah::
40 L1: biste que por esempio silla... biste a žente... não sei porque dis
41 cadera... né::? que eu neim sei si lá disem cadera
42 Doc: cadeira dizem
43 L1: bueno hay cosas que lá que lá não é como aquí a žente inbentó hay
44 palabras que uno inbentó não é ?
45 Doc: claro misturou y saiu outra cosa

46 L1: y saiu otra cosa que as ves não é... muitas cosa são assim ... entonse
47 es el problema biste?
48 Doc: esse foi o problema/
49 L1: claro pra mí tibe ese problema de não sabe:: este me espresá
50 direito... no idioma .
51 Doc: y tu recibias alguma pressão forte por parte das maestras?
52 L1: das maestras as maestra sempre estão insinuando que a žente tEim
53 que falá este... o espanhol... né? inclusibe agora cum as criansas
54 mesmo a maestra me dis que teim que falá espanhol com com meu
55 filho... porque ()
56 Doc: que idade tem?
60 L1: teim onse anos?
61 Doc: e ele fala em que língua contigo?
62 L1: ele fala cumigo ele fala... mesmo portunhol ese...
63 Doc: e na escola?
64 L1: na escola ... cum us companheiros se são/ se falam espanhol
65 ele fala espanhol se são assim... que a maioria é assim como um
66 né?
67 Doc: claro... sim ... a que escola ele vai?
68 L1: na nove
69 Doc: y aquí en tu casa ... aprendieron el portuñol con los
70 padres?
71 L1: claro ((risos)) pero eu sempre eu sempre tibe que fasé forsa asim
72 pa falá o espanhol... biste que... si tu vamo suponer agora tu veim
73 falando espanhol cumigo eu falo pero hay cosa que... não é beim así o
74 mesmo que as ves eles se rim meu que eu falo no teléfono que as ves 75
76 te falam em espanhol y eu empeso o espanhol mas ža sai o portunhol
77 Doc: o portunhol
78 L1: clAro ža sai porque é uma coisa não sei... y tudo semo asim
79 ((risos)) empesemo muy beim espanhol y depos...
80 Doc: qué lengua es para ti más cómoda?
81 L1: o entreberado ... esa língua que inbentemo aquí ...
82 Doc: y cuando salís a hacer compras... en qué lengua hablás?
83 L1: a mesma cosa porque é más lá pro lado de lá de Santana ((risos))
84 Doc: e na escola com a maestra do teu filho?
85 L1: cuando eu vou falar cum a maestra ahí sim eu falo ... espanhol ..
86 biste?
87 Doc: que língua achas mais bonita? espanhol ou português?
88 L1: eu ašo linda as duas espanhol e portugués... bem falado é lindo
89 né?
90 Doc: que língua acreditas que é mais útil conhecer?
91 L1: eu ašo que tein que ser as duas né?... eu ašo... prinsipalmente
92 aquí né? que que uno usa um pouco tá lá um pouco tá aquí y escuta
93 muito programa de lá y tudo né? as duas né? sabé beim... porque
94 isto que nós falemo aquí não é... é um inbento não sei... ((risos)) ...
95 porque hay palabras mesmo que a žente fala pero as veses não é pra
96 escrever não é ... ese el problema
97 Doc: que programas de televisão olhas mais brasileiros ou uruguaio?
98 L1: mais brasileiro
99 Doc: que programas?
100 L1: eu olho novela ... é ... agora to oiando a:: suave veneno
101 Doc: ta boa? que aconteceu ontem ... na novela?
102 L1: ((risos)) que foi que aconteseu ontem? ah:: a Regina que foi presa...
103 que mais foi que pasó... a Regina foi presa por causa que taba
104 cum ... taba cum u motorista:: lá na caže y no sé que y levarum ela
105 presa... por desacato a autoridade ((risos)) este::... y o... como é ...
106 o Renildo é né? Renildo que taba žogando em:: Argentina parese
107 que foi... ganho né? foi iso mais ou meno iso que aconteseu
108 Doc: te gusta?
gosto gosto de oliá novela ((risos)) é que más nesa hora que eu

109 tenho tempo de olia e eu olio... é o programa que eu gosto né?... e de
 110 tarde ... eu olio assim... de ves em cuando cuando me da tempo
 111 tambéim ..no canal argentino... que eu olio este... coisa de entrevista 112
 ambéim de e::...da Lya... Lya... este... que es entrevista biste? de
 113 familias assim que veim com problemas biste?... eu gosto
 114 Doc: te considerás una persona bilingüe?
 115 L1: como é... más ou menos ((risos)) um pouquinho de cada uma
 116 Doc: cuál de las dos crees que hablás mejor? el español o el portugués o
 117 el portuñol?
 118 L1: el portunhol
 119 Doc: conocés alguna familia que impida el uso del portugués en la casa?
 120 L1: assim que tenha esa regla aquí nunca... não vi... não sei
 121 Doc: e a Mabel?
 122 L1: a Mabel não deixa as criansas falar em brasileiro... a M não
 123 deixa agora me do conta aão que a M tampoco não deixa a ()
 124 em brasileiro... e eu tenho uma amiga que não deixa que a guriinha
 125 fale ... reta ela cuando ela tá falando...
 126 Doc: e ela fala?
 127 L1: cum a guriasinha ela fala ... este em espanhol pero claro entre nós
 128 assim ... falemo e claro a criansa pega tudo
 129 Doc: claro tá aprendendo
 130 L1: sim por iso
 131 Doc: considera correta essa atitude?
 132 L1: SIM eu aão que sim teim que sé assim

Entrevista No 27

INF. C13

Nome: IM

Idade: 65

Sexo: femenino

Profissão: cabelereira

Escolaridade: 1º grau completo

NSE: B

1 Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
 2 L1: portunhol
 3 Doc: e por quê chama de portunhol?
 4 L1: porque tá enteverado misturado u brasileiro cum uruguaio... eu por
 5 exemplo eu non consigo falá um espanhol perfeito y non consigo falá
 6 um portugués perfeito... então eu aão que é o portunhol
 7 Doc: e com quem aprendeu o dialeto esse portunhol?
 8 L1: na sociedadade em que vivo porque é assim porque meu pai era brasileiro
 9 e a mía mãe era uruguaia y:: a convivencia te fas.... pra mim a
 10 convivencia cum os otros te fas... ficá nesa manera que é não é um
 11 cosa neim otra... mas eu trato de me expresar según cumu me me fala
 12 a pessoa eu trato de me expresá o espanhol o brasileiro o melhor qui
 13 poso... mas sei qui non consigo beim direitinho
 14 Doc: mas o seu pai falava em português ou no dialeto?
 15 L1: português... português... não portunhol era porque tambéim foi criado
 16 aqui na frontera... eu aão que es um problema da frontera tá
 17 Doc: e ele nasceu onde aqui o em (...)
 18 L1: [() mas foi criado por aquí
 19 Doc: e que língua falava quando era pequena... portunhol também?

20 L1: só assim nomás
21 Doc: e a sua mãe que língua falava?
22 L1: ah oportunhol
23 Doc: já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não
24 falam o dialeto?
25 L1: NÃO mh:: ora a pesar de que uma ves em Montevidéu não sei quem
26 eu ouviu conversá e me dise me me perguntou se eu era da frontera
27 Doc: e aí sentiu alguma (...)
[
28 L1: não não porque eu aão que a pesoa vale por o que vale não por o que
29 fala o por a manera que conversa... trato de comportá o melhor que
30 poso mas não:: nese sintido não me sinto discriminada
31 Doc: mas não sentiu que outras a discriminassem
32 L1: não ah sim não... não porque eu me considero... que só por o que só
33 tenho um poco de complexo de/por não ter podido fasé uma Carrera
34 por não té podido estudá mas não por iso me sinto menos porque hože
35 em dia eu tó em melhor situação de que muitas que teim uma carrera...
36 entendeste?... eu sube levá a mía casa adiante eu:: pude me agarrá
37 num trabalho como tu viu seim seim preparasão nenhuma... nunca
38 esperei por dinheiro de marido... eu aźudo muito meus neto
39 económicamente que disé que eu me sinto uma pesoa que tenho
40 sertos valores que muintas não... não conseguiram não é? y dentro da
41 sosiedade sei que só apesiada de serto não só:: não tenho porque
42 té:: problema nese sentido por não não podé conversá dereito...
43 Doc: ah mas fala as duas línguas né? fala oportunhol e fala...
44 L1: falo me faso entendé... segúm como me falarem é como eu respondo
45 viste? () porque onté taba numa reunião em Santana em um
46 aniversário y tinha um matrimonio brasileiro totalmente brasileiro ele é
47 um enźenhero agrónomo y tinha a filha da cumpleanhera que... uma
48 profesora daqui que tu teim que conhesé a P.
49 Doc: aha
50 L1: A . e taba um de cada lado y um me disia cum que tinha que conversá
51 era como me expresaba como correspondia viste? y tanto que eles așaron
52 raro que eu não me atrapalhaba... mas muintas palabra não sei te disé
53 viste?
54 Doc: claro de repente não sai
55 L1: inclusive continuava lá diseRRo eles disiam eu dis disé pero eu to
56 disendo uma palabra mal mal
57 Doc: disé?
58 L1: diseR falaR... eu não completo a palabra no?
59 Doc: aha é mas isso é normal até no Brasil eles cortam o r final não é só do
60 dialeto... onde aprendeu o espanhol?
61 L1: na escola... y lendo muito lendo muito
62 Doc: tem problemas pra se expressar somente em espanhol?
63 L1: NÃO não... nenhum problema
64 Doc: sabe falar o português?
65 L1: corretamente não
66 Doc: você se considera uma pessoa bilingüe?
67 L1: não porque não falo corretamente as duas...se falase corretamente
68 posivelmente me considera-se pero não...
69 Doc: așa que não
70 L1: aão que não aão que não
71 Doc: qual das línguas você acha que fala melhor o espanhol o português ou o
72 dialeto?
73 L1: espanhol espanhol
74 Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-
75 brasileira?
76 L1: como eu moro no lado uruguaio considero que uruguaio... e so uruguaia
77 Doc: que língua acha mais bonita?
78 L1: espanhol

79 Doc: com que língua você se identifica mais?
80 L1: o espanhol
81 Doc: acredita que existem diferenças entre o português falado em Livramento
82 e o dialeto falado na fronteira?
83 L1: ah existem diferenças sim como não... é que o brasileiro que é brasileiro
84 mesmo te fala beim dereitinho fala o normal y o daqui fala como eu
85 Doc: ve programas de televisão brasileiros?
86 L1: sim vežo vežo
87 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou
88 uruguaiois?
89 L1: não uruguaiois
90 Doc: o que você acha do contrabando aqui na fronteira atualmente... a situação
91 atual?
92 L1: a situação atual u contrabando piqueno ese que a žente ta fasendo pra
93 uma melhor alimentação o pra ganhá algum peso eu ašo que é uma
94 žudiaria... agora us contrabando grande eses que fasem dinheiro y eses
95 que fasem iso sim eu ašo que ta mal eses é o que devem de
96 correží...porque eu na cualidade eu morando aquí eu cruso pra Santana e
97 vo comprá o que me serve então qué disé que ese que ta em Tacuarembó
98 em nos otros lados de Montevideú e de de du Uruguai aí diviam de té
98 ese mesmo dereitinho viste? deviam de té o que comé o alguma coisinha
100 com que fasé argum peso... eu não não porque não teim trabalho no é?
101 não teim y quem teim filho pra manté que teim que pagá aluguel de casa
102 que teim que pagá agua que teim que pagá lus y que teim que pagar
103 tudo... si pode fasé um rebusque agora este que tá fasendo dinheiro que
104 fiserum mansãos y cosas assim iso sim () inclusive eses empregado da
105 Aduana... tu te deu conta de que fiserum?
106 Doc: sim sim tem um monte
107 L1: por coima... iso tudo foi coima então esa parte eu ašo que ta mal
108 Doc: o resto...
109 L1: o resto ašo que não éste que vai cum um saquinho alí comprá
110 Doc: que toda a vida a gente...
111 [L1: que toda a vida sim inclusive žente que teim um bulišinho na beira da
112 estrada que leva pra revendé as mercaderia brasileira uma žudiaria que
113 não deizem
114 Doc: é... deveriam de fazer outras coisas antes de cortar
115 L1: TÁ... é o que eu penso mas não
116 Doc: é o que acha da integração aqui na fronteira?
117 L1: integrasão em que sentido?
118 Doc: a integração dos brasileiros e dos uruguaiois
119 L1; ah eu ašo que é boa eu ašo que é boa
120 Doc: tem muitos brasileiros aqui?
121 L1: tenho tenho...y considero que son umas pessoa nor/igual que nós... nese
122 sentido ašo que son igual pode sé que os demás do du du sentro du Brasil
123 que tenham diferenças nosotros eu ašo que nós aqui é tudo a mesma coisa
124 Doc: se identifica com os brasileiros...
125 L1: SIM SIM não tenho nada... nada me integro cum eles beim incluso nus
126 comersio inclusive nus comersio y na rúa a žente que eu cunheso como
127 esa pessoa que cunhesi o otro día ese matrimonio que adorei eles ah não...
128 Doc: a integração é boa aqui
129 L1: a minha é boa
130 Doc: e teim vantagens morar aqui na fronteira?
131 L1: teim... muita
132 Doc: quais seriam?
133 L1: žustamente o que taba te falando...quando tu presisa comprá uma coisa
134 brasileira tu vai alí y compra si os brasileiro presisam de vim comprá uma
135 coisa aqui nu Uruguai compram y::: não existe problema nese sentido eu
136 ašo que teim vantažem sim muita vantažem
137 Doc: que língua fala mais em casa l... o espanhol ou o dialeto?

138 L1: co a minha familia? na atualidade eu ašo que cum:: espanhol pelos
139 netos... pur por causa dos neto
140 Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos o netos?
141 L1: espanhol
142 Doc: e seus netos com você?
143 L1: espanhol porque žustamente falo espanhol cum eles porque eles foi
144 cum quem naseram aprenderam falavam espanhol agora teim um neto de
145 sete ano que te fala portugués correto correto correto
146 Doc: ah é? e ele é brasileiro?
147 L1: eh:: não é uruguaio mas us pai trabalhavam lá du otro lado eles
148 moravam lá ele escutava us pais falá por telefone e ele te fala erfeito ele
149 conversa cum a žente perfeito cum dialeto y tudo viste como é?
150 Doc: não é o dialeto daqui é o português de lá
151 L1: não não y u espanhol dele é perfeito também...mas eu ašo que é porque
152 ele aprendeu de pequeninho e eu de pequena foi só o portunhol ese o
153 entreberado... tá y este minino quando žá aprendeu a escutá u u
154 português foi beim falado porque era lá nu Brasil morava lá... ele te
155 pega o telefone e fala cum algum amigo brasileiro mas perfeito... tu olha
156 pra ele y não te parese que é () uma criansa... mas desde piquininho ele
157 foi escutando as duas cosa y o inglés dele que ele tá reseim aprendendo
158 também teim uma facilidade... y eu não eu cuando vim tratá de falá u
159 espanhol o melhor que pude žá era grande
160 Doc: em que região de campanha era?
161 L1: sim a vinte quilometros daqui na:::.... aí na parada Barón
162 Doc: aí todo mundo falava em dialeto?
163 L1: todo mundo falava todo ansim ese portunhol todo mundo
164 Doc: então... e com o seu esposo em que língua fala?
165 L1: ah espanhol
166 Doc: e os seus netos com ele?
167 L1: espanhol sim sim... nós tratamo de falá o espanhol por causa deles...
168 Doc: pra que não misturem
169 L1: pra que não misturem... además a žente habitua tu não sabe falá
170 português cum uma criansa () e ža te digo este mínino fala cum tras
171 pesoa não cum nós em espanhol não nos sai nenhuma palabra português
172 Doc: e com a empregada?
173 L1: ah portunhol e falemo igual as duas
174 Doc: e com os parentes?
175 L1: espanhol porque quase todos meus parente son espanhol
176 Doc: com as suas irmãs assim?
177 L1: ah cuas irmãs elas tão mas pro espanhol sim mas atualmente moram em
178 Montevidéu ela ža fiseram um hábito falando
179 Doc: las perderam o portunhol?
180 L1: não que perdese o portunhol mas o hábito...muintas veses nós sai o
181 portunhol ()
182 Doc: com os vizinhos?
183 L1: não espanhol meus visinhos espa... e as freguesa metade brasileira e
184 metade espa/uruguaio
185 Doc: algumas freguesas...
186 L1: algumas sim teim muita freguesa brasileira mesmo
187 Doc: brasileira aí... falam bom...
188 L1: sim sim como como ela teža cunversando trato de me expresá
189 Doc: o que acha do dialeto falado aqui na fronteira?
190 L1: ah um poco desprolijo um poco deso
191 Doc: não gosta
192 L1: não nós diviamos de té uma coisa más hum::: más correta... mas iso eu
193 ašo que é cuestión de hábito que a šente tinha que se corriží a um mesmo
194 ...y como é coisa que vai pasando que tu tu não dá bola viste?
195 Doc: mas então acha que é bom é ruim ou mais ou menos?
196 L1: é bom porque tu entende as duas coisa y tu te expresa das duas coisa...eu
197 ašo que é bom

198 Doc: defenderia o dialeto?
199 L1: defendo aqui na frontera defendo sim porque é necesario eu vo num
200 comersio im Santana sei me expresá y sei escutá o que qui me disem
201 y que eles veim aqui sabem tambéim
202 Doc: *((a seguir a informante ao falar sobre as vantagens de morar na fronteira
relata a história de uma senhora que veio de Montevideú para morar em
Rivera))*
203 L1: ah esa sinhora vinha de Montevideú acompanhá o esposo dela reséim
204 casado não sei... ele vinha a ganhá seu dinheiro aqui não é? crusavam pra
205 u lado de lá pra comprá porque les resultava tanto que se mudaron aqui
206 pra Rivera porque era tudo barato porque compraron želadera barata
207 porque compraron tud montaron a casa barato y estando aquí na minha
208 casa um dia ela relažó todos brasileiro...
209 Doc: e ela era de Montevideú?
210 L1: ela era de Montevideú y que era horrible que a manera de falar y que eh::
211 muintas () y eu ašei que ela era uma mala educada porque se ela tinha
212 vindo se serví du da frontera aqui ela tinha vindo vivé melhor na
213 frontera... alugaram pra lá cuma casa em plena Sarandí porque u salário
214 dele daba pra iso que lá em Montevideú não daba intão eu ašei que era
215 uma pessoa mal educada y desagradecida... então porque que eu ašo bom
216 tu morá aquí... porque žustamente eu tenho a mía casa as mías cosa que
217 te di/iso que tu me preguntaste as cosa que eu tenho ma a metade é
218 brasileiro as vantažé que eu te tenho... y ža te digo não não
219 faso desperdisio não faso na/mas eu vivo cómoda eu vivo beim eu tenho
220 de tudo dentro da mía casa... mas porque vivo aquí na frontera se eu/
221 tenho uma irmã que mora em Montevideú não consegue... A tá beim mas
222 cada ve que ela veim é iso “mas como se vebe más barato aquí... como se
223 vebe melhor... que boba que eu fui té ido me embora pra lá ” entendeste?
224 intão eu ašo que teim vantažé aquí y eu quero muito u Brasil eu a pesar
225 de que só uruguaia que moro deste lado mas eu quero muito u Brasil
226 Doc: mas nós aqui temos as duas patria né? eu me sinto...
227 L1: as duas patria por iso mesmo
228 Doc: eu acredito que o fronte/ o ser fronteiriço já é uma nacionalidade
229 L1: ža iso mesmo
230 Doc: porque nós somos as duas coisas... tem momentos que a gente puxa pra
231 lá...outros...
232 L1: iso mesmo... cuando tu presisa de lá tu teim lá ... porque tu crusa a rúa y
233 tu ta alí... que iso.. nu pra u sentro du Brasil no acreditam que é uma rúa
234 que te separa... tu te das conta que tu crusá pra lá caminha meia cuadra
235 tu averigua um um preso dum uma mercadoria lá y veim meia cuadra pra
236 aquí tu vai comprá donde te conveim dóndi é que tu consegue iso?

Entrevista Nº 28

INF. C14

Nome: SC

Idade: 59

Sexo: masculino

Profissão: Delegado de educação

Escolaridade: 3º grau completo

NSE: B

- 1 Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
2 L1: nós šamamos portunhol porque::: é uma mistura de::: português com
3 espanhol... entonses šamamos portunhol
4 Doc: ay tá... tá bem e com quem aprendeu o dialeto?
5 L1: y aprendí... em casa com mía mãe porque eu fui criado na sona
6 rural do departamento de Rivera... só cum cara porque meu pai
7 trabalhava fora ele:: era pu/da pulisia... y tinha sonas pra saí a
8 trabalhar recorré e nós ficaba im casa com a:: a nosa mãe...
9 com a mãe... ela falava só:: im portunhol
10 e bom nós também... fuimo criado a falá em portunhol
11 Doc: e o espanhol? aprendeu o espanhol de pequeno ou aprendeu (...)
12 L1: então o espanhol eu vim cunhesé ele cuando entrei nu coléžio... que:: me
13 truserom da sona da sona rural pra sidade y:::.. aí foi donde eu fui/ eu
14 vim cunhesé o idioma espanhol não cunhesia pra nada
15 Doc: ay tá... e teve alguma dificuldade na escola?
16 L1: ah muita muita dificuldade... éh no primer ano que eu cursei na na nu
17 coléžio aquí na sidade... eu não falaba com a profesora ni com os
18 colegas... porque tinha::: não não sabia falá... tinha vergonha de de abrí a
19 boca y me expresar enm::: portunhol intonse não falaba... pra nada
20 Doc: tinha vergonha por não falar...
21 L1: não... eu tinha vergonha de errá no? tinha vergonha de errá y não falaba
22 mesmo
23 Doc: e aí as dificuldades foram no início assim...
24 [sim os primeros ano...despós
25 L1: nu coléžio por esemplo eu falaba poco no não era daqueles alumnos
26 que... que se expresaban constantemente em forma:: oral... nas parte
27 escrita sim me defendia beim pero na parte oral não falaba de/tinha medo
28 sempre de dá uma errada não é? ((risos))
29 Doc: e já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o
30 falam?
31 L1: não de parte das pesoas não porque eu šegaba du coléžio šegaba em
32 casa que era na casa dos meus avó que eu moraba cum us avó y:: era
33 todo portunhol im casa... y šegaba nu coléžio y era otra coisa no?
34 entonses ma::s:::.. não despóis não fui aprendendo fui fui fui... despós
35 vendo que... dificultades não pe/mas...uma certa burla... da du dus colegas
36 cuando fui fasé curso im Montevideú
37 Doc: ah é... fez facu/magistério lá em Montevideú?
38 L1: não eu fis... não u magistério fis aquí... mas cuando fui fasé us curso de
39 posgrado... todo o mundo falaba beim u espanhol y se expresaban beim
40 eu falaba o espanhol mas cum um asiento... de frontera da frontera
41 entonse iso šamaba atensão... mas eu não eu neim...
42 Doc: se sentia mal por isso?
43 L1: não não não seguía pra adentro/prá frente ((risos))
44 Doc: pra frente nomás... pois é... você se considera uma pessoa bilíngüe?
45 L1: não eu ašo que bilíngüe não purque pra sé bilíngüe eu tinha que cunhesé
46 beim o conhesé o português beim não cunheso... não cunheso o

47 portugueses... por iso penso que bilingüe não
48 Doc: mas pode sé bilingüe no dialeto e no...

49 L1: ah sim no dialeto sim no dialeto não teim problema bilingüe é dialeto
50 sim
51 Doc: qual das línguas acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira
53 uruguaio-brasileira?
54 L1: eu penso que as duas no é? as duas línguas português y o espanhol
55 purque::...eu como pasei dificuldades em sim... ao meu meus filhos... eu
56 fis eles estudarem português... eles eles estudaram us dois estudaram
57 português...
58 Doc: ah é? onde eles estudaram?
59 L1: aquí em Livramento foi o:: ra/ o minino fes em Livramento na:: no
60 Instituto Livramento ele fes português...
61 Doc: português pra estrangeiros... curso de português?
62 L1: ele fes curso de português sim fes aí y y a mia filha na facultade lá que
63 ela faz este:: comunicação teve este um ano teve português
64 Doc: ah que bom
65 L1: sí y aprovó cum exselentes calificações ((risos)) claro viste... eles sabim
66 falá corretamente y sabim escrevé que eu não sei escrebé...
67 Doc: claro que tu não passou pela escrita né?
68 L1: não... não fis iso
69 Doc: tem vontade de aprender hoje de de...
[
70 L1: não hoje eu aão que ža não...
71 Doc: não dá
72 L1: não não
73 Doc: qual das línguas acha que fala melhor o espanhol o
74 português ou o dialeto?
75 L1: eu aão qui... eu não sei porque o espanhol eu falo beim o espanhol não
76 tenho errores de ortografia... y::: u:: dialeto... também me defendo
77 no?((risos)) as duas
78 Doc: e que língua acha mais bonita o espanhol ou o dialeto?
79 L1: ah eu gosto más do dialeto eu fui criado cum dialeto ((risos)) entonse
80 ... gosto más né? muito más
81 Doc: e com qual das duas você se sente mais a vontade falando?
82 L1: ah cum dialeto cum dialeto gosto muito más
83 Doc: ele flui facilmente?
84 L1: fasilmente porque cum o espanhol eu teim que/ falo beim mas me cuido
85 teim que cuidá no é? cuidar... sendo que eu tenho que dá um exemplo...
86 ma::s nos culéžios por exemplo...de sonas apartadas u sonas
87 limítrofes cum cum Brasil... um šega y as criansas as veses não não
88 falam não te intendem y te tão olhando... porque um falando espanhol
89 eles não não intendem muito... entonse enseguida troco falo im
90 portunhol cum eles y...
91 Doc: e eles?
92 L1: ca/cambiam totalmente no? cambiam totalmente totalmente
93 Doc: imagino
94 L1: qué disé/eu tenho uma cosa... por exemplo na no meu... meu trabaio
95 que eu so inspetor de escola... tanto no trabaio na inspesão nas escola eu
96 falo se teim que falá portunhol eu falo não tenho vergonha até cum as
97 autoridade si tão cum... que as ves querendo saber alguma cosa o donde
98 comprá isto pron insignida troco vai vai o portunhol beim de beim
((risos))
100 Doc: isso... mas éh:: tem uma coisa S. eu soube que as autoridades daqui de
101 educação reprimem o uso do portunhol ou reprimiam antes... atualmente
102 como está a situação?
103 L1: sim sim... não eles seguem reprimindo porque eles... quiserum y tão
104 fasendu um estudo pra::: pra incluir... não sei como se šama não pra:::
105 que na na nos programa de estudo haġa/tenha português u u português

106 beim falado no é? este::

107 Doc: como segunda língua

108 L1: como segunda língua o espanhol u u que as criansas fasam a opsão por

109 inglés ou por português... é o que eles tão querendo implantar agora

110 viste? em em Montevidéu ža teim coléžios que::: que a segunda língua é

111 o português em forma experimental

112 Doc: e agora... mas já está isso?

113 L1: não não não tá reglamentado ofisializado ainda não

114 Doc: porque eu soube também de um projeto que queria fazer isso mesmo

115 implantar o bilinguismo né?

116 L1: o bilinguismo sim português e espanhol aqui na frontera eu vi muitos

117 profesores que fiseram prožetos pra::: implantá as duas línguas y não

118 teve::: andamento não ficó

119 Doc: [a política né?. ..

120 L1: da política não permitiū ((risos))

121 Doc: tá bem... com que língua você se identifica mais com o dialeto ou com o

122 espanhol?

123 L1: ah eu penso que:: eu me sinto más a vontade cum o dialeto no? cum u

124 dialeto más a vontade ()

125 Doc: e com as maestras fala em dialeto?

126 L1: ah com algumas sim com algumas que eu sei que que elas... q'habituam a

127 falá eu falo com elas tranquil/muito beim y cum us colega na inspesão eu

128 tenho colegas alí que são amigos que antes de de nós sé profesores nós

129 ža era amigos y falaba em dialeto y cada ves que nos vemos seguimo

130 falando dialeto

131 Doc: não têm problemas diante de outros inspetores... eles nunca falaram pra

132 vocês nenhuma coisa assim contra?

133 L1: não não não de žeito nenhum não não... eu eu entrei na inspesão de

134 escola por esemplo no ano oitenta e sinco... reséim tinha terminado o

135 proseso::: militar o::: a ditadura militar... uma y todo mun/ todas as

136 professoras que taban us inspetores eram se cuidavam falavam todas finas

137 todas na vestimenta na na na língua tudo tudo tudo... y eu taba

138 acostumado a usá u Źean não é? u mocasin u žean y siguiú usando fui nu

139 trabalho ansim primero me olhabam de sima pra baišo... y entre elas se

140 cutucabam porque viste? y eu eu me daba conta y não deišeí de usá ah

141 não deišeí de usá... siguiú usando tranquilamente bue se acostumbraron né?

142 Doc: claro sem dúvida... continua até hoje?

143 L1: continuo até hože de žeans ((risos)) y mais agora que eu uso este:::

144 championes como é us:::....

145 Doc: tenis

146 L1: tenis tambéim vó de tenis

147 Doc: e com o dialeto lá dentro?

148 L1: não teim problema falo tambéim falo falo... y acontese que::: pessoas que

149 não falam dialeto eu falando dialeto elas me contestam as veses...

150 Doc: ah é? que programas de teve ve mais? brasileiros ou uruguaio?

151 L1: indistintamente temo olhando us da Globo da SBT y programas aržentinos

152 também temo cable o vidéo cabo...tv a cabo bom ao té ah:::

153 na atualidade temo olhando aržentinos também programas que nós

154 veim... continuando a ver no é? aržentino da SBT y da Globo

155 Doc: acredita que tem melhorado o espanhol aqui em relação... antigamente se

156 falava mais o dialeto do que agora ou não?

157 L1: sim se falava muito más o dialeto...agora... se falava más... eu que re/que

158 vó por distintos partes do departamento teim varias sonas de de povos

159 tanto como do interior do departamento que siguen falando... falando

160 beim fešado u:: dialeto...

161 Doc: Vichadero?

162 L1: sim Vichadero não tanto más otras sonas y y u gra/a grasa que eu ašo

163 ambéim que departamentos du Uruguai ... que não não teim sona de

164 frontera como Tacuarembó este::: parte de Salto...que tu aša lugares que

165 falam só dialeto
166 Doc: ah é? isso atualmente
167 L1: é... atualmente... falam dialeto dialeto
168 Doc: e é parecido ao dialeto daqui ou tem alguma diferença?
169 L1: não é parecido cu daqui... penso que es más deformado más deformado
170 que o noso
171 Doc: claro porque eles não têm...
172 [
172 L1: não o contato com o português... más
173 deformado...de nos ver u::s alunos du coléio falando palavras que tu
174 não/ que não é comum aquí... no nosso dialeto no é comum
175 Doc: e não sabem nem o que é?
176 L1: a veses não temo que perguntar pro profesor o que é tal cosa porque::
177 Doc: que interessante
178 L1: rarísimo no eu pensei sempre qui era que era em Artigas Rivera
179 šuí...Cerro Largo toda esa sona mas não sonas du Uruguai que stão beim
180 dentro du país falando portunhol
181 Doc: e aí seriam que... zonas rurais?
182 L1: sonas rural sonas rural... área rural
183 Doc: que língua fala mais o espanhol ou o dialeto?
184 L1: más más u espanhol por u tipo de pesoas com queim eu me relasiono no
185 é? eu só:: supervisor du coléio por iso tenho que falá más u espanhol
186 que o portunhol
187 Doc: que língua aprendeu primeiro?
188 L1: o portunhol
189 Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos?
190 L1: com meus filhos em espanhol
191 Doc: e seus filhos com você?
192 L1: em espanhol também
193 Doc: com sua esposa?
194 L1: espanhol
195 Doc: seus filhos com sua esposa?
196 L1: espanhol sim... porque mía esposa não foi criada falando portunhol ela é
197 de uma sona de Tacuarembó donde falabam só espanhol
198 Doc: e com outros parentes?
199 L1: ah im portunhol... incluso a:: ainda cum os parentes que moram im
200 Montšidéu falemo/falamos em portunhol ((risos))
201 Doc: ah é?
202 L1: é ah sí ((risos)) beim de beim
203 Doc: e eles gostam?
204 L1: e eles comigo também... gostam gostam muito
205 Doc: com os vizinhos?
206 L1: sigún us visinhos sigún é com alguns em portunhol com otros em
207 espanhol
208 Doc: tem de tudo
209 L1: teim de tudo sí
210 Doc: nas lojas em Santana?
211 L1: ah em portunhol
212 Doc: no seu trabalho com seus colegas?
213 L1: sim depende dus colegas falo eu falo só espanhol entonse os que veim
214 de Montevidéu entonse falamos em espanhol cum eles
215 Doc: o que você acha do dialeto falado na fronteira?
216 L1: eu aão bom...eu gosto sim é bom é bom
217 Doc: você acha que se deveria erradicar o dialeto?
218 L1: não... eu penso que u dialeto tinha que ser admitido não é? es desir tomar
219 como uma tersera língua porque tanto tá a pesoa que fala espanhol que
220 fala u português e o que fala o dialeto asept/aseitar como uma terseira
221 língua... não tinha no hay porque::: eliminar este šamar atensão das
222 pesoas que falam
223 Doc: discriminar

224 L1: discriminá não não qui esperança
225 Doc: o que você acha do contrabando atualmente aqui na frontera? ta muito
226 bravo?
227 L1: ay u contrabando... ta tão reprimendo a represão é grande... mas ainda
228 nosa sona de frontera sempre houve contrabando no é? sempre hove...
229 eu antes moraba nua sona rural donde é beim no límite com Brasil eh:: y
230 Uruguai perto de Bagé y sempre veia veia pasaba us contrabando mas
231 agora que pasa que a represão foi muito grande por a sona esta nova
232 sona
233 franca de de importação de coisas importadas do exterior que trassem pra
234 cá y as ves fasm um negociado muito grande entonses...aí tiveram que...
235 porque u robo era muito grande ((risos))... mas u otro tipo de
236 contrabando que sempre hove de Uruguai pro Brasil de Brasil pra
237 Uruguai de de cosas este:: eletrodomésticos e iso iso não teim problema
238 não teim que privar não é?
239 Doc: é mas atualmente tão...
240 [
241 L1: tão tão reprimendo sim tá em represão
242 Doc: e pra passar coisas assim... encomendas
243 L1: não não nós todas todas as semanas mandamos encomendas pros filhos
244 qui tão em Montividéu... y uma caísa caísa grande de comestible y vai
245 otras cosa que não son comestibles y não temos problema de mandar...
246 porque eles consideram que iso não é pra revenda que é pra uso
247 doméstico entonses não tiram nada
248 Doc: ainda bem se não os estudandes não iam estudar mais
249 L1: ah sim y comprar tudo im Montevideu tá carísimo tá muito caro temo
250 que mandar daqui sempre
251 Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaios e dos brasileiros... a
252 integração?
253 L1: penso que é boa a integrasão teim que habé integrasão porque como te
254 digo nu meu caso que pai urguai y mãe brasileira y hay tantos casos na
255 frontera que son mãe urguai y pai brasileiro... o o uruguaios que tão
256 morando im Livramento y brasileiros que tão morando im Rivera teim
257 que té uma integra teim que haber uma integrasão não é? é necesario
258 e é boa aqui a integração?
259 Doc: sim teim boa integrasão sim sim
260 L1: só no futebol né?
261 Doc: não quando problema de futzibol cambi/troca tudo ((riso)) não teim
262 frontera aberta não
263 Doc: e tem vantagens morar aqui?
264 L1: teim teim sim pro tipo de cambio da frontera no é? das compra que nós
265 fisemo im Livramento que disé com noso:: soldo no como é que tu šama
266 noso salário... aqui rende más u salário... na frontera rinde mais na
267 frontera rinde mais na frontera... nós temos colegas que moram notros
268 lugares du Uruguai que ganham o mesmo que nós y não teim o que
269 nós podemos comprar y:: té no es? us ventazes que um teim que eles não
270 teim por aí
271 Doc: voltando ao dialeto se fala que o uso do dialeto trazia problemas no
272 processo de aprendizagem das crianças... atualmente continua?
273 L1: claro tras...bue/ falabam muito que teim que us as criansas este:: tinham
274 dificultade na escritura por por falar u dialeto... mas eu ašo que não...
275 não não a criansa que teim dificultade teim us que estudam inglés u que
276 estudam fransés também é otra língua que tão aprendendo mas eles
277 quando vão escrevé im espanhol escrevem im espanhol no hay confusão
278 de:: com inglés o com o fransés y o mesmo com o otro no? a cosa beim
279 orientada/as criansa sabem discriminá šega um momento que eles
280 sabem discriminá o que o portunhol e o que é o espanhol... no inisio um
281 poquinho em primer ano asim hay probleminha mas depós ša não
282 quer dizer que atualmente não é visto mais porque antigamente se falava
283 muito desses problemas que repercutiam ...

282 L1: sim sim falaba y vinha šente de Montevidéu fasé conferensias y vinham
 283 ditá cursos y fasiam investigação sobre...
 284 Doc: e atualmente como é que ta? tem vindo gente...
 285 L1: não não agora não
 286 Doc: agora ta mais livre então.. ou seja que até pros maestro ta mais...
 287 L1: ta ta mais libre...até pros profesores também ta más libre
 288 Doc: eles se sentem mais a vontade em falar o dialeto
 289 L1: podim falá tudo y com as criansa mesmo que nós a nivel de inspetores
 290 tamó aconselhando... quando a criansa não fala que tu ve que não fala
 291 que a criansa:: é intelišente capas tro/fala u:: que eles falam važan falá
 292 u:: portunhol
 [

293 Doc: a língua materna deles
 294 L1: a língua materna y y hay um cam/uma diferenša na criansa... sim se
 295 sente más a vontade y vai falando... porque aos pocos ele vai adquirindo
 296 u espanhol...claro não teim problema

Entrevista No 29

INF.B14

Nome: JS

Idade: 37

Sexo: masculino

Escolaridade: 2º grau completo

Profissão: Auxiliar contável

NSE: C

- 1 Doc: como tu chama o dialeto falado na fronteira?
2 L1: u::: dialectos que:: que se fala na frontera pra mí é a mistura du::
3 espanhol cum o português... só que não é beim o espanhol neim tampoco
4 beim o português... asim de simple
5 Doc: mas tu chama da algum nome pra esse...
6 L1: portunhol
7 Doc: portunhol
8 L1: não por mim sinão por u que eu escuto falá escuto falá o que as otras
9 pessoas disem
10 Doc: aha e já escudou outros nomes a não ser o chamado portunhol... as
11 pessoas chamam de alguma forma diferente?
12 L1: sim...ehm::: gaúso ... brasileiro este:: tu é de Rivera...seim saber que
13 muitas vezes a pessoa pode sé de Livramento entonses este é por aí
14 Doc: bem... com quem aprendeu o dialeto?
15 L1: na rúa...cum us amigos cum us visinhos com este:: cum pessoas que
16 simplesmente foram:: falando y eu fui:: seguindo
17 Doc: e na tua casa... falavam?
18 L1: na mía casa sempre se faló o que siria o dialeto u::: portunhol
19 Doc: aha então quer dizer que a tua mãe falava contigo em dialeto?
20 L1: exatamente o meu pai ža era o que levaba a vos cantante no tema du: de
21 que ali teria que sé falado espanhol
22 Doc: ah:: o teu pai não queria que falassem...
23 L1: mais ele falaba... ele não quiria que nós os filhos falase o portunhol mas
24 ele falaba o portunhol y: este pra nós taba como que proibido... y eu ašo
25 que como mais proibia mais a žente falaba... porque a nesiedade de se
26 comunicar era muito más fácil este cum o dialeto
27 Doc: mas você já taba na escola nessa época... quando proibia?
28 L1: sim sim... não taba na escola...žustamente capás que uma das das rasões
29 fose esa que como um estava na escola nu Uruguai falando u espanhol
30 como nós ia tá... falando português
31 Doc: claro e:: a tua mãe falava contigo em em dialeto... sempre falou?
32 L1: em dialeto... sempre sempre falo em dialeto... tanto é asim que era na::
33 dificuldade de ela falá espanhol ela imediatamente voltaba a falá o
34 dialeto porque era a manera de nós entender
35 Doc: claro... e já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que
36 não o falam?
37 L1: prinsipalmente das pessoas que::... eh:: que::: elas supõem porque eu não
38 elas supõem que teim um nível intelectual maior entonse elas disem que
39 um que um tá falando não é o português y este mais só que eu:: perto
40 dela eh:: com toda a intelectualidade desa desa pessoa que se dis ser
41 superior eu me faso entender y ela não
42 Doc: claro... porque eles não aceitam o dialeto
43 L1: eles não aseitam o dialeto... mais son pocas esas pessoas mas se da em::
44 algum lugares espesíficos
45 Doc: aqui em Rivera se dá isso?
46 L1: e se dá eu tenho estado eh:: eu tenho estado em algumas ofisinhas por
47 exemplo que eu me comunico muito melhor cum u dialeto do que cum
48 espanhol mais teim pessoas que simplesmente este::: falta só por um

49 cartel na porta disendo que:: “aquí sólo se habla en español”...

50 Doc: ah::: não querem não aceitam

51 L1: não quereim neim... esatamente

52 Doc: mas tu acha que isso é agora... atualmente ou era mais antigamente

53 e não era tão assim como é que tão as coisas?

54 L1: eu eu aão eu aão eu separo um pouco porque de oitenta e cinco pa atrás

55 por exemplo eh::: nós tivemos aqui pra não disé sofremo um réñime

56 militar muito forte entonses toda a cuestión patriotismo y entre eles u::

57 asunto du:: u asunto du:: du idioma eh u espanhol tinha que sé falado...

58 beim si nos pegabam eu vo te dá um exemplo de segundo ano de

59 secundaria que son oito anos né? seis de primária más dois de secundaria

60 por exemplo uma ves a profesora de idioma espanhol me encontró

61 falando im portugués y paso iso com otros colegas de de de:: aula este::

62 eu estaba falando portugués ela me mandó escrever seim veses “não

63 debo falar em portugués” quando eu ašaba que não debo falar u dialeto

64 porque nu caso seria u dialeto neim portugués eu taba falando entonses

65 nós falabamos escondido nu horario du que nós šamábamos u recreio que

66 é u horario entre uma aula y a otra nós tinha sinco minutos pra conversá...

67 entonse ninguem ninguem conversaba im:: espanhol

68 Doc: nu recreio

69 L1: nu recreio nu nu ninguem

[

70 Doc: ninguem falava... todo mundo falava em dialeto

71 L1: ah não...eles falava u dialeto... qui era uma maneira muito simple muito

72 fásil de a žente se entendé y não tinha rodeio não fasia nenhum esforso

73 em pensar o que tu taba falando

74 Doc: claro e atualmente como...

75 L1: atualmente iso existe ma::s o que eu tenho notado se beim eu não tenho

76 uma vida:: sosial muito... que que važa a eh como é que vo te disé...tenho

77 comunicación com a žente sim mas foi na época este:: eleitoral com a

78 política a žente mas a žente ta atrás de um voto y não ta atrás () mas o

79 que eu noto agora é que u a ... na minha idade a diferensia entre quando

80 eu estive nu coléžio com:: a žente que tá nu coléžio us rapases y mosas

81 que tão nu coléžio agora eles utilisam muito ža ni o dialeto ža son žirias

82 o que nós šamamos aqui de žirias y não é neim u dialeto qué disé que

83 pra mim ainda té uma piquena deformasão no dialecto não falam

84 espanhol não falam portugués não falam u dialecto y utilisam žirias que é

85 uma maneira de eles se comunicarem sem argum por exemplo... que teim

86 ums anos este pra sima entender o que eles falam

87 Doc: mas essas gírias são daqui da fronteira ou são gírias que provêem do

88 português... que escutam na teve por exemplo?

89 L1: esatamente y não son žirias inventadas por eles son žirias que eles

90 escutam por exemplo na:: na teve prinsipalmente que é um meio de

91 comunicação muito forte que entra muito direto neles né? exemplo

92 “Maurisinho” y asim vai né?

93 Doc: claro claro e na escola teve alguma dificuldade quando entrou na escola

94 pra aprender o espanhol ? teve alguma dificuldade nos primeiros anos?

95 L1: não não tive eu u que::: este eu separava eu separava este seim muito

96 sforso y seim me dar conta eu este:: falava u espanhol na escola porque

97 sabia que tinha que falá na escola u espanhol mas imediatamente eu saia

98 da escola eu voltava ao dialecto era como se fose uma pessoa cuando taba

99 na escola enquanto ao idioma se refere y otra quando saia da escola

100 como que había uma presão subžasentes este:::que que fasia com

101 que um tivese cuidado tinha que falá u espanhol bom ()

102 Doc: e a maestra reprimia... o uso do português?

103 L1: antes sim antes sim era um::a coisa este:: como te contei como acontecia

105 nu li/em secundaria também y em primaria este era uma coisa que u

106 portugués numa escola... este não... en/eu asimilaba muito iso a bandeira

107 uruguaia u que a::: a a maestra ... este nos disia que nós tinha que falá u

108 espanhol y que pobre de nós que nós falase u:: u português elas nos

109 falavam nos disiam não falem u dialeto que não falassem u português
110 entonses asosiaba a bandeira uruguaia a iscola a túnica a
111 maio/uniforme todo ia falando nu nu dialeto o u português que elas
112 disiam entón no...
[
113 Doc: tu não associava o dialeto com os símbolos
114 L1: exatamente exatamente
115 Doc: são bastante fortes
116 L1: son bastante fortes y:: eu aão qui::que iso se:: é muito arraigado nas
117 pesoas que que se a pesoa leva...
[
118 Doc: nu Uruguai
119 L1: nu Uruguai a leva muito adentro... eles u uruguaio é tão ansim que ele
120 é... nu: numa partida de fútbol ele pode grita no dialecto... mais ele é
121 uruGUAIO... eu fui fas beim poquinho oiá um jogo Brasil y Uruguai y foi
122 muita šente de Rivera por esemplo entonse a žente de Rivera falaba u
123 dialeto... em Montevideu... entonse a žente nós gritaba pru Uruguai y as
124 pesoas de Montevideu pensabam que nós era brasileiro... não entendiam
125 brasileiro inšando por um:: torsendo pru um uruguaio entonse não
126 entendiam eles “não nós semo de Rivera... frontera cum Brasil teim uma
127 rivalidade muito grande” entonse pra aqueles brasileiros que tabam perto
128 noso escuta/ y nós fasia eles entender eles y foi žustamente cuando u u
129 Brasil tomó um gol y um irmão meu pergunto “Deus é brasileiro” se é
130 brasileiro tomarom gol ((risos))
131 Doc: incrível né? beim tu te considera uma pessoa bilingüe?
132 L1: não porque eu não tenho beim qual é u:: conseito este por esemplo du
133 que se eu to falando () / primer lugar eh:: conceitualmente este
134 bilingue pra mim seria falar perfeitamente beim um idioma y outro
135' seriam dois y eu aão que eu não falo beim... este perfeito u u espanhol
136 um u português entonses eu não me considero bilingüe... eu aão qui eu
137 me faso entendé que iso é importante mas do que sé bilingüe
138 Doc: hay tá... qual das línguas acha que fala melhor?
139 L1: eu aão que u dialecto porque é muito más natural...pur por a rasão
140 anterior que era este que ums se fasen entendé melhor também este y
141 porque quando eu falo espanhol eu tenho que fasé todo um proseso este
142 interior de:: será que o que eu to disendo ta serto não ta este mas tudo
143 iso em fracson de segundos antes de eu disé
144 Doc: pensa mais em espanhol
145 L1: penso exatamente
146 Doc: y agora tu ta pensando?
147 L1: to
148 Doc: falando... quando tu fala u dialeto tu não pensa tanto não te preocupa
149 L1: ah não agora não exatamente não não me preocupo y não me preocupo
150 pur mais que a palavra que eu esté::disendo seža lá u maior disparate até
151 nu mesmo dialeto mas eu sei que si a otra pe/porque eu to mais
152 acostumado a falá cum pesoas que falam também u dialeto ... porque eu
153 moro num bairro moro este:::
154 Doc: tu mora em Pueblo Nuevo?
155 L1: não eu moro num bairro que se šama Inchausti mas que é um:: uma uma
156 fotocópia du Povo Novo este mas eu me criei vinte anos eu morei no no
157 Novo Novo y eu tenho ta
158 Doc: e me diz uma coisa... tu tem falado com outras pesoas de outros bairros
159 por exemplo do Rivera Chico?...
160 L1: sim
161 Doc: é diferente o dialeto... tu acha diferente?
162 L1: não digo que seža diferente o dialecto eu digo que nu Rivera šico se fala
163 más hay más žente falando espanhol que dialeto... ža por esemplo nu
164 Povo Novo tu encontras este pesoas que falam más u dialeto que este:: u
154 espanhol
166 Doc: mas tu não acha diferenças assim palavras que sejam diferentes?

167 L1: não
168 Doc: não acha... acha que é a mesma coisa?
169 L1: é a mesma coisa eles este eu me entendo perfeitamente () não diferença
170 tão grande ansim no podrá haber deTAhes piquenos detalhes
171 Doc: que língua acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-
172 brasileira... português espanhol ou o dialeto?
173 L1: bom...este partindo da premisa porque si não vo entrá em contradisção
174 partindo da premisa que eu me sinto melhor falando u:: dialeto... que eu
175 tenho como língua este::: minha pela nasionalidade u espanhol eu aão
176 que eu deveria profundisá y aprendé a falá melhor o português pero o
177 português mesmo... ta quando digo mesmo o português mesmo porque eu
178 aão que o português que falam em Santana do Livramento não é
179 português é também uma mistura e só o que eu aão também EU este em
180 primera pesoa no? este eu aão que u noso dialecto aquí du du de Rivera
181 da da frontera pra u para u Uruguai é muito más rico du... eu eu aão...
[
182 Doc: tu acha aqui desculpa que o dialeto da fronteira é mais rico que o
183 português falado na...
[
184 L1: não o dialeto eh:: se nós fosemos marcar um linha
185 imažinaria divisória que seria a propia frontera... u dialeto que se fala nu
186 Uruguai é mais rico que u dialeto se fala nu Brasil... porque nós temu
187 muito mais este:: palabras términos este::: que sei eu muito más medios
188 de saí adiante porque porque como nós sabemos espanhol y sabemos
189 muita cosa de português eu aão que us português sabem muito
190 portuguêsmas poco espanhol
191 Doc: ou seja que a própria mistura das duas línguas enriquece e o lexico é
192 maior...
193 L1: deste lado aqui exatamente
194 Doc: eh::: que língua acha mais bonita o espanhol o
195 português ou o dialeto?
196 L1: eu aão asim não por uma cuestión de de estética porque u brasileiro eu
197 poiso por este comentário sempre de fora que um a žente este re/se
198 interesa não só sabé da sidade de otras partes ma sinão como fala como
199 son como é que vebe a pesoa... eu aão que u português beim falado ele é
200 muito lindo inclusive de::: de ouvir das pessoas... u espanhol também y
201 prinsipalmente eu:: este tomo como referencia iso este... a música... a
202 música brasileira este cantada não importa que sea du Nordeste não
203 importa que sea gaúša não importa que sea carioca mais a música
204 cantada ža nos seus diferentes este:: lugares com as suas diferentes
205 asentuasões este que sei eu... é uma cuestión de:::
206 Doc: regionais
207 L1: regionais no importa ela é::: é tão lindo tão eica como a que se hay
208 cansão muito lindas aqui de Rivera como teim de Tacuarembó como teim
209 de Montevideú y por ejemplo de:: Treinta y Tres como é os Olimareños
210 que els teim orižem de Treinta y Tres também... entonses eu vo muito
211 este si ela é beim falada pronto eu eu aão elas linda aão bunita
212 Doc: acha linda qualquer
213 L1: qualquer... qualque uma
214 Doc: qualquer uma bem falada
215 L1: beim falada... nu dialeto não aão linda mas si intende melhor
216 Doc: não acha linda por quê pela mistura?
217 L1: pela mistura sim y que muitas veses soa más mal aos aos ouvidos
218 Doc: mas soa mal porque tu compara com outras com as outras duas a mistura
219 né?
220 L1: exatamente se eu não tivesse este como comparar eu não podia disé que
221 uma era mais que a otra
222 Doc: ta bem.... e qual acha mais "cómoda"?
223 L1: ah u espanhol
224 Doc: da do:: o dialeto?

224 L1: ah no u dialeto primero tá neste ordem dialeto espanhol y portugués
225 Doc: e português tu acha que fala bem... tu tenta falar u português?
226 L1: eu tento que faso um esforso tremendo porque eu quero falá u português
227 u u este:: na sua máxima extensão cumu u disionario Aurelio este y eu não
228 vo conseguir y entonses este eu ža fica mais lenta a minha velocidade
229 de de diser as as palavras este y:: é totalmente diferente ao
230 espanhol... du espanhol eu dise há ums minutos atrás que se beim eu
231 tinha que pensá ele eu não tenho tantos problemas mas só tento pensá
232 um poquinho u português ža eu eu não sei se o que to disendo
233 Doc: mas no dialeto é diferente
234 L1: nu dialeto eu me sinto... como em casa
235 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência? brasileiros ou
236 uruguaiois?
237 L1: bom... este eu vežo mais este programas este brasileiros só que agora eu
238 to:: um poquinho emparelhando eles cum... primero u:: eu via antes cum
239 uma cuestión de:: era bunito olhá us programas brasileiro é muito tinha
240 muito né?... entretenimiento... eh:: este y u žornal brasileiro pero agora
241 us žornal uruguaio eles teim levantado muito u nivel u nível entons
242 entonses eu tenho agora pasado a olhar muito us uruguaiois y tenho visto
243 que eles im muita coisa as ves ža não tão tão lonže du:: por esemplo em
244 materia žornalística du brasileiro mas também veim aí otra coisa que ta
245 eu ašo que tá influenciando também poquinho mais eles tão se que é por
246 exemplo... a CNN através da teve a cabo ela ta entrando... y a CNN
247 fala us us este us::... us periodistas da da teve eles falam u:: espanhol
248 cum sotaque americano y aí também de a poquinho a žente vai pegando
249 algumas coisinhas que não tão no esquema né?
250 Doc: quer dizer que agora estão olhando mais os canais urugua/em espanhol?
251 L1: us uruguaio sim porque eu ašaba eu ašaba que por uma cuestión de
253 cultura como é que eu sei o que ta pasando eh:: na Bahia y eu não sei o
254 que ta pasando a sem quilometros aquí no meu país entonse esa é a
255 propia este:: y querendo impor uma disciplina de ordem mas que teim
256 conhesimento de žeral este do que ta pasando nu mundo porque antes
257 por esemplo: hay personas en Rivera que sabiam quem era que sabem
258 quem é o presidente e os ministros du Brasil y não sabim quem
259 son do Uruguai y eles vebem no Uruguai ... entende... eles falabam
260 muito antes nu FCM y nu PCF y não falabam não sabiam
261 quem era o vise presidente du Uruguai pra mí iso é um...
261 Doc: e agora como ta?
262 L1: não não eu ašo que é asim...porque...
263 [
264 Doc: a teve a cabo ajudou muito então?
265 L1: a teve a cabo ažudo muito mais também hay otros factores y um dos
266 actores por esemplo é a dificuldade de vida a crise que nós estamos
267 atravesando y que inclusive pra žingá o cara nós temo que se lembra do
268 nome do cara
269 Doc: o que tu pode me falar sobre a integração aqui da fronteira?
270 L1: eh:: eu ašo que deša muito a desežar nós podia se integrá realmente...
271 mais está faltando muita cosa y eu ašo que ta faltando muito nu aspecto
272 mais que otra cosa é pulítico porque si si se solusionara u problema
273 pulítico como resultado nós vamo ter eh nós vamo solusioná u problema
274 cultural também... porque... porque si as cabezas que tão a frente dus
275 Ministerios por esemplo de Educação y Cultural nu Brasil y du Uruguai
276 ašam que debe haber realmente uma integrasão ela vai existí... de hecho
277 y de derecho tá? mas mentras esté:: eh eles pasem iso para um sigundo
278 plano este:: y nós este:: na teoria y na dialéctica nós teža integrado/nos
279 estéžamos integrado iso não existe realmente... sabe por quê? eu te do
280 um esemplo beim fásil... eu... deišo trabalhar aqui e vo queré trabalhá nu
281 Brasil eu não trabalho nu Brasil... eu vo estudá nu Brasil eu tenho
282 ivalidá tudo y eu sei qui uma desa o meu maior problema a pesar de que
283 eu debo estar falando contigo agora nese dialecto eu vo perdé o examem

284 de português... to siguro diso... entonses esa integrasão teim varios
 285 pontos... eu te sitei alguns são são muitos y é um tema muito profundo
 286 também entende?... entonses eu aão que falta muito y iso não vai
 287 acontecé de um dia pro otro
 288 Doc: e atualmente tem esse tema do contrabando que também ta custando
 289 muito né?
 290 L1: também também eu:: te sito uma frase du ex Ministro de du Interior que
 291 é o de que teim que ve cum a pulisia né? ex diputado ex senador y atual
 292 Vise Presidente da República Oriental du Uruguai šamado... um
 293 avogado LHG... que disé que::: u:: português tinha que sé eliminado da
 294 frontera... iso ele dise iso ta escrito y está gravado
 295 Doc: m relação à forma de vida dos uruguaiois e dos brasileiros... com qual
 296 delas tu te idenfica mais? em relação a à fronteira aqui te sente
 297 fronteiro?
 298 L1: tu sabes que a:: acontese isto aqui que a nosa dependensia rinsipalmente
 299 us que vebem vamo vamo botá num radio de des quilometros na
 300 redonda porque depóis eu não sei... ža o que acontese... nós temo uma
 301 dependensia...cuaše que total du du Brasil nós sabemos nu Uruguai é
 302 pagá imposto ta? mandá us gurí na escOla nós temos a nosas coisas ()
 303 tudo beim saúde este y tá... ponto mas nós temos a dependensia total du
 304 Brasil tanto é ansim que a dependensia šega a sé nu caso do que nos
 305 temo falando cultural é que... u cara o::: prinsipalmente du sexo
 306 feminino não olha novela ele ta desactualisado () ele teim que ta
 307 sabendo da novela... entendeste? entonses eu aão que:: u este... no
 308 subžetivo aão que u Uruguai ta mais integrado ao Brasil porque este
 309 žustamente nós falamos iso de que é uma potensia y de que us meios
 310 masivos de comunicação du Brasil eles entram aqui pru Uruguai por u
 311 Uruguai é muito poco qui u brasileiro sabe...
 312 Doc: ta bem... e pra ti o que significa ser “fronteiro”?
 313 L1: bom ser fronteiro pur uma cuestão de de da palabra mesmo ta
 314 relasionado cum a fronteira mais pra mim este::: a mim a fronteira une é
 315 uma porta que une y não uma porta que separa só que ela ta sendo muito
 316 mal explotada neste momento... eu aão que cada um ta querendo fasé a y
 317 não tão fasendo nada pra que a žente sea auténtico fronteriso

Entrevista No 30

INF. B15

Nome: WDM

Idade: 48 anos

Sexo: masculino

Profissão: médico

Escolaridade: 3º grau completo

NSE: B

1 Doc: como você chama o dialeto falado na fronteira e por quê?
 2 L1: brasileiro... aqui u nome é brasileiro eu falo brasileiro
 3 Doc: com quem aprendeu o dialeto?
 4 L1: na rúa na escola nu liseo u liseo pra nós é u::: a secundaria no? y na rúa
 5 nu liseo y no clube
 6 Doc: os seus pais não falavam?
 7 L1: não falavam... não falavam qué disé não falavam com nós... conmigo em
 8 particular não falavam mas falavam cum otras pessoas sí
 9 Doc: entre eles falavam?
 10 L1: entre eles falavam espanhol... cum otras pessoas podiam falá::: u brasileiro
 11 te problema mas com nós no com nós era::: em espanhol
 12 Doc: e eles permitiam que vocês falassem u:: dialeto?

13 L1: sim... não sensurabam não sensurabam
14 Doc: já sentiu algum tipo de discriminação de parte das pessoas que não o
15 falam?
16 L1: sim sim ah::... censura censura inclusive até de colegas ao tá falando
17 esta língua... de profesores nu liseo sentia censura eh discriminação
18 cuando taba im Montšividéu porque falaba um::: nesa língua porque::
19 era como perder a nasionalidade y::: sim y sentia a discriminação
20 Doc: e se sentia muito mal nessa época o::: como se sentia?
21 L1: não beim pelo contrário bos sab é uma cosa sempre fis forsa pra pra falá
22 asim
23 Doc: continua a falar
24 L1: sim sim porque é a minha língua minha língua mãe é
25 Doc: onde aprendeu o espanhol?
26 L1: coléžio nu Uruguai cums pais
27 Doc: teve alguma dificuldade na escola quando estava aprendendo o espanhol
28 por falar o dialeto?
29 L1: eu ašo que não eu ašo que não... poso disé uma mentira mas () por
30 falá iso y teim dificuldade eu ašo que não tinha
31 Doc: tem problemas para se expressar somente em espanhol?
32 L1: ah no no no tenho u sutaque diferente que tudo mundo sabe que eu so
33 daqui mas
34 Doc: sabe falar o português?
35 L1: bastante
36 Doc: onde o aprendeu?
37 L1: na rua y melhorando portunhol comparando as duas línguas y aí vai
38 melhorando só pero curso nenhum
39 Doc: você se considera uma pessoa bilíngüe?
40 L1: sim sim
41 Doc: em que línguas?
42 L1: português espanhol y portunhol ((risos)) trilingüe
43 Doc: qual das línguas você acha que fala melhor o espanhol o português ou o
44 dialeto?
45 L1: melhor... espanhol y o portunhol
46 Doc: e qual acha que é mais útil conhecer hoje na fronteira uruguaio-
47 brasileira?
48 L1: útil? uma só?
49 Doc: qual delas acha mais útil?
50 L1: ah todas todas porque son muito útil todas... ah sim
51 Doc: qual acha mais bonita?
52 L1: portunhol
53 Doc: o portunhol por quê?
54 L1: porque se identifica conmigo no? hay um/existe uma identificação
55 conmigo com esa língua... a minha infansia a minha adolesensia u u a
56 escola u liseo tudo tudo iso pur iso
57 Doc: sempre cum us amigos na turma de amigos sempre falavam
58 L1: sempre sempre sí sí
59 Doc: e atualmente também?
60 L1: sí sí sí
61 Doc: que programas de televisão vê com mais freqüência brasileiros ou
62 uruguaiois?
63 L1: no en žeral só a Globo en žeral é a Globo vira vira pasa como é? o
64 sapping vira vira e termina na Globo... pero é de boa qualidade y im
65 comparasão com o resto da televisão
66 Doc: que programas de rádio escuta com mais freqüência?
67 L1: agora aqui no onde to não se escuta mais rádio mas en toda a mia
68 infansia e adolesensia escutaba Rádio Guaiba de Porto Alegre
69 Doc: ah se escutava?
70 L1: sim y em Motšividéu tambéim onda curta quarenta y nove metro eu pasei
71 toda a mia carrera escutando a Guaiba
72 Doc: o que você acha da forma de vida dos uruguaiois e dos brasileiros na

73 fronteira... a integração como é que é?

74 L1: de que ponto de vista?

75 Doc: do ponto de vista da integração... tem relações com brasileiros?

76 L1: sim sim eu sempre () sim sim existe iso uma relação bastante... de tudo

77 no é?

78 Doc: e em relação à língua os brasileiros falam em espanhol com os

79 uruguaios?

80 L1: não... difisil agora aquele aquele eh::: entre aspas menos ignorante ese

81 tenta falá u otro medio ese não que falá porque aśa que é uma

82 de gradasão falá otra língua o falá a mistura... pero éh::: baiśo

83 Doc: então acha que é uma questão cultural então que não falem?

84 L1: ah sim ...sim () y otra é a penetrasão porque que nos falamos português

85 y eles não falam porque nós fomos conquistados pelos brasileiros a

86 potensia brasileira foi aqui eles foram donos du do:: da metade do norte

87 du Uruguai foi brasileira us patrão falabam brasileiro y us empregado

88 tinham que falá a língua dus patrão...daí é que ficó

89 Doc: claro é histórico né? bem e o que acha do contrabando hoje na fronteira?

90 L1: sim sim sempre foi igual... enquanto a limitá?

91 Doc: e as medidas novas do Presidente

92 L1: teim que limitá é u:: grande contrabando piqueno não da pra limitá não

93 da y não deve u grande sim

94 Doc: e a situação hoje como ta aqui em Rivera por isso?

95 L1: mas não é pur contrabando que muda a coisa e pela crise económica

96 žeral na Aržentina nu Brasil nu Uruguai e iso que ta dificultando ma não

97 é pelos piqueno contrabando... é pela crise

98 Doc: mas as medidas novas tem prejudicado aqui o comercio uruguaio aqui de

99 Rivera?

100 L1: não não muda niso não vai niso... não vai im:::....pegá u piqueno

101 contrabando ese comum corrente que esite aqui não muda nada... aqui o

102 problema é da crise económica qui é aqui y do lado de lá... é ese o

103 problema não é o problema do contrabando... a não ser o grande

104 contrabando... contrabando de gado contrabando de de ropa contrabando

105 de desas cosas así no

106 Doc: bem o que acha que significa ser fronteiriço? tem vantagens morar aqui?

107 L1: sim sim super... culturais... económicas... mh:::.... sí y eu aśo que é são

108 esas no? económicas e culturais

109 Doc: bem agora para acabar eu vou fazer umas perguntinhas em relação à

110 língua que fala mais então que língua fala mais?

111 L1: nu trabalho de espanhol pelo trabalho espanhol

112 Doc: que língua aprendeu primeiro?

113 L1: espanhol

114 Doc: que língua fala nestas ocasiões: com seus filhos?

115 L1: espanhol

116 Doc: seus filhos com você?

117 L1: espanhol

118 Doc: com a sua esposa

119 L1: espanhol

120 Doc: sua esposa com você

121 L1: espanhol

122 Doc: com outros parentes

123 L1: a é variado depende depende do parente

124 Doc: com os vizinhos?

125 L1: mh::: também ta dependendo de quem seža

126 Doc: aqui no prédio tem vizinhos que falam?

127 L1: falam falam... aqui nu prédio... eu falo cum por cum como é que šamam

128 portero pra nós é o:::

129 Doc: zelador

130 L1: selador ehm::: y quem más sim eu aśo que no hay más

131 Doc: é porque há poucas/ antigamente me falava o seu irmão que as pessoas

132 daqui du bairro que vocês moravam...

133 L1: desa sona?
 134 Doc: é dessa zona falavam mais o dialeto mas atualmente já não se encontra
 135 né?
 136 L1: sim ele... esa é a teoria dele ele fala que ta... ta saindo pra fora vivendo
 137 na maržem na periferia... sim é beim possível
 138 Doc: e nas lojas com os empregados?
 139 L1: sempre comeso em espanhol si é uruguaio comeso em espanhol depós vo
 140 Doc: e do lado brasileiro?
 141 L1: portugués portugués
 142 Doc: com os colegas de trabalho?
 143 L1: com pocos em:: portunhol u resto em espanhol
 144 Doc: mas tem alums médicos que falam em portunhol
 145 L1: sim sim hay/teim alguns com queim eu não poso falar em espanhol a
 146 pesar de que tamos tratando um tema médico y que muitas veses eu não
 147 domino u:: us termos médicos do portuguéis no entanto falamos a
 148 mistura... son tres o cuatro médicos son
 149 Doc: mas são riverenses?
 150 L1: sim son son daqui
 151 Doc: o que acha do dialeto falado na fronteira?
 152 L1: bom bom... iso neim não não da pa disé que é bom o ruim é é ele esiste
 153 ele é y portanto não é bom neim é ruim no é nada ele é
 154 Doc: mas é que tem pessoas que falam mas não aceitam não é? e como se
 155 sente falando com pessoas que não o falam?
 156 L1: se a pessoa não fala eu não falo... se ela não fala u dialeto eu não falo
 157 Doc: tá bem

3. Anexo: Normas para Transcrição (NURC/SP)*

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo de tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas TÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para:::: ou mais	ao emprestarem os... éh::::... o dinheiro
Silabação	–	por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três os motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as [linhas	A . na casa de sua irmã [B. sexta – feira? A. fizeram lá.. [B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. No seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

*Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No 338 EF e 331 D2.

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: tá? você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Normas extraídas de: PRETI, D. (org) (1993). *Análise de textos orais*. São Paulo, Projeto NURC/SP – FFLCH/USP.